UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Gustavo Santa Roza Saggese

**Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e
transformação social na cidade de São Paulo**

[Versão corrigida]

São Paulo

2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e
transformação social na cidade de São Paulo**

[Versão corrigida]

De acordo:

Júlio Assis Simões

Gustavo Santa Roza Saggese

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Julio Assis Simões

São Paulo

2015

Para Bruno, meu irmão (*in memoriam*). Sua falta é imensa.

AGRADECIMENTOS

A história deste trabalho se confunde com minha chegada em São Paulo. Vivia um momento especialmente atribulado, e me mudar para uma cidade conhecida pela “dura poesia concreta de suas esquinas”, como diz Caetano, teria tudo para tornar essa vinda ainda mais complicada. Felizmente, fui muitíssimo bem recebido e meu “difícil começo” foi aos poucos dando lugar a um sentimento de pertença que hoje me permite chamar Sampa de *lar*. Meu primeiro agradecimento, portanto, vai para todos os paulistanos e demais habitantes dessa selva de pedra que gentilmente me acolheram.

Sou extremamente grato à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelas bolsas de estudo que possibilitaram a realização desta pesquisa. À segunda, especialmente, agradeço pelos recursos da reserva técnica que me permitiram ir a congressos em várias partes do Brasil e do mundo discutir versões preliminares desta investigação. Meu profundo obrigado, também, ao/à parecerista que me acompanhou desde o início, suscitando reflexões de suma importância para a tese.

Ao meu orientador, Julio Assis Simões, não tenho palavras suficientes para agradecer a amizade e o apoio que me foram ofertados durante esses mais de quatro anos em que estive às voltas com o doutorado. Desde que decidi tentar o processo seletivo, Julio esteve ao meu lado e foi muito além do papel de orientador, sempre presente e me incentivando a continuar nos momentos em que fui acometido por frustrações acadêmicas ou pessoais. O convite para auxiliá-lo com a monitoria de duas disciplinas de graduação foi também uma enorme dádiva e colaborou enormemente para minha formação.

Aos professores Vagner Gonçalves da Silva, Laura Moutinho, Guita Grin Debert, Lilia Schwarcz e Heloísa Buarque de Almeida, agradeço pelas oportunidades de interlocução, tanto a partir de textos quanto em contextos mais informais. O agradecimento se estende a Sérgio Luís Carrara (meu orientador de mestrado, com quem também tenho enorme dívida acadêmica e afetiva), Horácio Sívori e Adriana Vianna, professores que ministraram disciplinas cursadas em 2010 e 2011 no Rio. Ao professor Edward MacRae, um agradecimento especial por abrir as portas de sua casa e me permitir entrevistá-lo quando ainda tinha muitas dúvidas sobre os caminhos que a

pesquisa iria percorrer. Agradeço, por último, a todos os professores que coordenaram e debateram os grupos de trabalho nos quais tive o privilégio de participar.

Aos meus colegas do NUMAS, sou grato pela amizade e pelo carinho que sempre permearam nosso trabalho, especialmente nas leituras mútuas e nos eventos que organizamos juntos. Não há como não citar nomes: Marisol Marini, Michele Escoura, Bruno Cesar Barbosa, Marcella Betti, Pedro Lopes, Márcio Bressiani Zamboni, Gibran Teixeira Braga, Ramon Reis, Laís Miwa Higa, Luiza Ferreira Lima, Isabela Venturoza, Mariane Pisani, Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado, Ane Talita da Silva Rocha, Gleicy Mailly Silva, Renata Guedes Mourão Macedo e Bruno Puccinelli. A esse último, não tenho como deixar de destacar a presença companheira quando ainda tateava a capital paulista.

Aos demais colegas da USP, agradeço igualmente pelo afeto. O companheirismo de vocês foi inestimável e me ajudou sobremaneira a me sentir em casa nesse novo ambiente acadêmico. Sou grato a toda a turma de mestrado e doutorado de 2010, especialmente a Leonardo Bertolossi, Rebeca Campos Ferreira, Jacqueline Moraes Teixeira, Camila Mainardi, Denise Pimenta, Julia Goyatá, Ana Fiori, Marina Barbosa, Milena Estorniolo, Carlos Filadelfo de Aquino e Juliana Blasi Cunha (minha conterrânea e ex-vizinha de bairro, com quem troquei muitos lamentos sobre a mudança para São Paulo em nosso primeiro ano de curso). Agradeço, além disso, a João Henrique Custódio e Eros Sester Prado, além de todos os que fizeram parte da Comissão Editorial da Cadernos de Campo em 2012: Diana Mateus, Vitor Grunvald, Milton Bortoleto, Amanda Brandão, Yuri Bassichetto Tambucci, Rafael Pansica, Ypuan Garcia e, novamente, Ramon Reis, Gleicy Mailly Silva e Pedro Lopes.

Isadora Lins França e Regina Facchini, professoras e amigas, merecem um obrigado à parte. Não só por terem aceitado, respectivamente, o convite para a arguição e suplência, mas pelo apreço com que sempre me trataram e discutiram meu trabalho em diversas outras ocasiões. A amizade de ambas é algo que cultivo e que espero manter ao longo de toda a vida.

Aos funcionários da secretaria do Departamento de Antropologia, minhas mais sinceras congratulações. Sem a ajuda e dedicação de vocês, tenho certeza de que esses últimos anos teriam sido infinitamente mais árduos. Peço desculpas pela insistência em esclarecer algumas dúvidas e agradeço a atenção invariavelmente dispensada. Ivanete

Ramos, Soraya Gebara, Rose de Oliveira, Celso Gonçalves e Edinaldo Faria Lima, meu muito obrigado.

Aos amigos de outros círculos acadêmicos (especialmente a UERJ, minha casa durante sete anos), não poderia deixar de agradecer pelos momentos de aprendizado e interlocução em disciplinas, congressos, conversas de bar e encontros dos mais variados tipos. São eles: Carmem Rocha, Raphael Bispo, Marcos Carvalho, Fabíola Cordeiro, Marina Nucci, Gabriel Cid, Leandro de Oliveira, Paula Lacerda, Silvia Aguião, Milton Ribeiro, Thiago Soliva, Guilherme Passamani, Ana Paula Silva, Vanessa Leite, Guilherme Almeida, Lucas Freire, Marcelo Natividade, Vivian Zahra, Luiza Meyer e Ruy Massato. Daniel Barros e Maria Amélia Veras, os mais recentes, foram dois grandes presentes que ganhei em 2014.

Os amigos de fora da academia que acompanharam o processo de elaboração desta tese desempenharam, sob diversas formas, um papel fundamental na minha vida, escutando minhas angústias sobre a penosa tarefa que é escrever e oferecendo seu apoio incondicional. Lilian Tanaka, Ana Carolina Fontoura, Jérôme Florent, Mariana von Oertzen, Iara Conrado, Gabriela Puccinelli, Aline de Leo, Rosa Chacon, Sabrina Binenbojm (*in memoriam*), Sima Ghelfond e Suely Bercovici, vocês me ajudaram mais do que provavelmente imaginam.

À minha família, tanto a biológica quanto a que a vida foi delineando, também só tenho a agradecer. Ao meu pai, Edson, sou imensamente grato por todo o amor que tem por mim e pela confiança que sempre depositou no sucesso deste projeto. A Joyce, tia Cyrene, tio Alfredo, tio Fernando, tia Maricy, tia Zezé, tia Otília, minha madrinha Neyza, Isabela e Oneida, agradeço pelas mesmas coisas. Minhas primas Palloma, Yanne, Flavia e Fernanda também contribuíram, cada uma ao seu modo, para a concretização do que há não tanto tempo parecia muito distante. À minha mãe, Eliza (*in memoriam*), e à minha afilhada Letícia, a quem dediquei, respectivamente, minha monografia de graduação e minha dissertação de mestrado, vocês continuam a ocupar um lugar privilegiado no meu coração. A Bruno, agradeço o amor e a parceria que marcaram grande parte desse trajeto. Não poderia, é claro, esquecer dos meus filhos felinos, Midi e Minuit, testemunhas vivas desse processo e companheiros de todas as horas. A Austin (*in memoriam*) e Ziza, filhos que infelizmente não pude ver com tanta frequência, saibam que foram – e são – igualmente importantes para mim.

Marcia e Anna Elisa, a paciência e o cuidado que me dedicam foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui. Sem eles, não sei se teria conseguido finalizar esta tese. Muitíssimo obrigado, de coração.

Agradeço, finalmente, àqueles sem os quais não haveria pesquisa *in the first place*: meus interlocutores. Creio que minha gratidão está implícita nas muitas linhas que constituem este trabalho, mas me permitam ser redundante e agradecê-los mais uma vez neste espaço. As informações que partilharam, a abertura que me proporcionaram às suas vidas e a confiança que depositaram em mim não serão esquecidas jamais.

“A dor foi grande, foi grande a mortificação, mas o pior estava por vir. Clive irmanara-se tanto com seu amado que passou a abominar a si mesmo. Toda a sua filosofia de vida ruía, e o senso do pecado renasceu nesses escombros, rastejando pelos corredores. Hall dissera que ele era um criminoso, e devia estar certo. Era maldito. Nunca mais ousaria ser amigo de um jovem de novo, por medo de corrompê-lo. Não fizera Hall perder a fé na cristandade, atentando além do mais contra sua pureza?” (FORSTER, E. M. *Maurice*. São Paulo: Ed. Globo, 2006).

RESUMO

Baseada em pesquisa etnográfica envolvendo observação participante e entrevistas em profundidade realizadas entre 2011 e 2013, a proposta deste trabalho consiste em investigar a maneira pela qual homens de meia-idade provenientes de camadas médias e residentes na cidade de São Paulo experimentam e percebem transformações relativas à visibilidade homossexual ao longo de suas vidas e, mais especialmente, das últimas três décadas. A partir de uma análise dos discursos, tento construir junto aos interlocutores uma dialética que leva em conta tanto a experiência subjetiva de pertencimento a um grupo tradicionalmente marginalizado quanto a posição sócio-histórica que ocupam. Aqui, entram em jogo vários marcos, como o final da ditadura militar e a abertura política do Brasil, os pânico morais suscitados pelo advento da epidemia de HIV/AIDS em meados da década de 1980 e a participação de alguns deles em movimentos sociais. Alvo de discussões acaloradas no cenário político nacional, exploro também suas posições sobre acontecimentos mais recentes, como o surgimento das Paradas do Orgulho LGBT e os embates envolvendo o reconhecimento das uniões homoafetivas e a criminalização da homofobia no país. Ao mesmo tempo, problematizo o marcador “geração” e procuro entender as diferenças que apontam entre eles e os “mais jovens”.

Palavras-chave: homossexualidade masculina, geração, transformação social, movimento LGBT

ABSTRACT

Drawing on ethnographic research involving participant observation and in-depth interviews conducted between 2011 and 2013, this study investigates the way by which middle-class, middle-aged men from São Paulo experience and perceive transformations of homosexual visibility throughout their lives and most especially over the last three decades. Analyzing their discourses, I try to build with interlocutors a dialectic that takes into account both the subjective experience of belonging to a traditionally marginalized group and the socio-historical position they occupy. Various landmarks come into play, such as the end of the military dictatorship and the political openness in Brazil, the moral panics brought on by the emergence of HIV/AIDS epidemic in the mid-1980s and the participation of some in social movements. Subjects of heated debates in the national political scene, I also explore their positions on more recent events such as the emergence of LGBT Pride Parades and the clashes involving the recognition of same-sex unions and the criminalization of homophobic discrimination in the country. At the same time, I question the label “generation” and try to understand the differences they point between themselves and the “younger”.

Keywords: male homosexuality, generation, social transformation, LGBT movement

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	12
 Tateando o campo: percursos, (des)caminhos e aproximações	16
Das redes.....	20
1. Entre a proximidade e a distância.....	20
2. Mapeamento – Rede 1	22
3. Mapeamento – Rede 2	25
Das entrevistas	26
Caracterizando os interlocutores	30
Organização dos capítulos	36
 <u>CAPÍTULO I – A HOMOSSEXUALIDADE DESCOBERTA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS CONTEMPORÂNEAS</u>	38
 Do ativismo radical ao assimilacionismo: Steven Seidman e a vida “além do armário” nos Estados Unidos do século XXI	42
“Os últimos homossexuais”?: Ernesto Meccia e as transformações da homossexualidade masculina em Buenos Aires	52
 <u>CAPÍTULO II – DE AFETOS, DIFERENÇAS E SUPERACÕES: SEIS HISTÓRIAS</u>	63
 Traumas de infância, segredos e o testemunho das primeiras lutas: a história de um ‘sobrevivente’	68
Da “pegação” ao ‘gay normal’: percursos de um casamenteiro	75
‘Juntando as pontas soltas’: sexualidades possíveis e amadurecimento pessoal	83
Pais, irmãos, sobrinhos: família de origem e negociações do privado	90
Terror, medo, culpa: AIDS e a reinvenção de si	96
Da arte de se tornar senhor de si: homossexualidade, existencialismo e independência.....	102
Algumas considerações.....	108

<u>CAPÍTULO III – ALARGANDO O TERRITÓRIO: SOCIABILIDADES E VISIBILIDADE EM PERSPECTIVAS ESPACO-TEMPORAIS</u>	114
Circulando pela cidade: apontamentos sobre a cena gay paulistana	117
Juventude e visibilidade (homos)sexual.....	131
Um ponto sensível: a Parada do Orgulho LGBT.....	150
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	161
<u>PÓS-ESCRITO: BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS ELEIÇÕES DE 2014</u>	168
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	173
<u>APÊNDICE – PERFIL DOS INTERLOCUTORES</u>	183

Introdução

Mais de uma década atrás, quando me preparava para prestar vestibular para Ciências Sociais, alimentava a ideia romântica de que minha escolha por um curso tão focado na compreensão da humanidade teria papel significativo na solução das injustiças do mundo. Embora não estivesse certo quanto ao rumo que daria aos meus estudos, acreditava ser preciso, antes de qualquer outra coisa, apreender o máximo de conhecimento possível para depois atuar em alguma área onde pudesse contribuir com a sabedoria adquirida ao longo dos quatro anos que me aguardavam. À época muito menos cético do que viria a me tornar, fiquei feliz ao ler em algum anuário astrológico que aquarianos tendiam a se realizar em profissões que buscassem o bem-estar da sociedade. Era o ano do 11 de setembro e a islamofobia que se seguiu aos ataques às torres gêmeas me convencia cada vez mais de que, na pior das hipóteses, cabia a mim fazer algo para apaziguar a hostilidade contra determinados segmentos sociais.

Ao ingressar na graduação na UERJ, uma torrente de autores – alguns dos quais ainda desconhecidos por mim – se tornaria companhia inseparável durante grande parte dos meus dias. Marx, Weber, Polanyi e Tocqueville estavam entre os primeiros, enquanto Durkheim e os grandes clássicos da Antropologia – Malinowski, Boas, Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss, dentre muitos outros – só me seriam apresentados um pouco depois. Ainda que a carga de leitura fosse pesada, seguia firme no propósito de aprender para por meus conhecimentos em prática na primeira oportunidade que aparecesse. No primeiro semestre, meu desempenho acadêmico não foi dos melhores e cheguei mesmo a pensar em pedir transferência para outro curso da área de humanidades – talvez História ou Psicologia. Não sabia ao certo, contudo, se o problema residia na opção de carreira que havia feito ou simplesmente na falta de familiaridade com aquele tipo de literatura. Se mudasse para outro curso – e meu leque de possibilidades era restrito, já que carreiras disputadas como Direito ou Jornalismo só seriam alcançáveis através de um novo vestibular –, correria o risco de deparar com a mesma dificuldade. Ainda havia muito chão pela frente e decidi insistir.

Com resultados ligeiramente melhores do que no semestre anterior, cursei as disciplinas do segundo período um pouco mais tranquilamente, talvez já adaptado ao teor carregado das dezenas de textos que semanalmente xerocava. Nesse mesmo

semestre, um fato que transformaria minha vida aconteceu: depois de anos hesitando, resolvi ter minha primeira experiência homossexual. Clichê dos clichês, me apaixonei e logo fui rejeitado. Em uma sala de bate-papo do então popular mIRC¹, conheci, não muito tempo depois, aquele que viria a ser meu primeiro namorado. Através dele, estabeleci contato com pessoas engajadas na luta pela defesa dos direitos dos homossexuais e cheguei a frequentar, também ao seu lado, as reuniões de sexta-feira do Grupo Arco-Íris, cuja sede era bem próxima à minha casa. Apesar de pouco assíduo, comparecer àqueles encontros, que muitas vezes funcionavam como uma terapia de grupo para os participantes, teve uma repercussão gigantesca na maneira pela qual passava a enxergar experiências de preconceito e discriminação vividas por gays e lésbicas. À exceção do *bullying* sofrido no ensino médio – quando eu mesmo ainda não me identificava como gay –, passara minhas primeiras duas décadas de vida relativamente livre desse tipo de problema.

Em 2003, quando já cursava o terceiro período da faculdade, fiz amizades importantes que me auxiliaram em meu processo de *coming out* para familiares e outras pessoas próximas, além de se tornarem confidentes de vivências que naquele momento não me sentia à vontade para compartilhar a torto e a direito. Minhas notas melhoraram vertiginosamente e me tornava, pouco a pouco, confiante de que escolhera a carreira que mais se adaptava a meu tipo de personalidade. As leituras haviam se tornado extremamente prazerosas e me sentia mais à vontade para participar das discussões promovidas em sala de aula. Mesmo em Ciência Política, matéria na qual nunca me destacara, encerrei o semestre elogiado e satisfeito. Efeito catártico da liberação de desejos reprimidos? Freud provavelmente teria se interessado em analisar meu caso.

Ainda em 2003, participei pela primeira vez da Parada do Orgulho LGBT² – na época GLBT – do Rio de Janeiro, ocasião em que o evento contou com o apoio de artistas da música e da dramaturgia que ofereceram suas imagens para serem expostas

¹ Criado em 1995, o mIRC é um software que permite a utilização do serviço de Internet Relay Chat (IRC), onde há canais temáticos que funcionam de maneira semelhante ao bate-papo UOL. Apesar de ainda ativo, conta hoje com um número reduzido de usuários. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_Chat (Acesso em 08 de novembro de 2014).

² Sigla internacional adotada atualmente para se referir ao movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Discute-se, em alguns contextos, a incorporação das letras “Q” e “I”, referentes às categorias queer/questioning e intersex, respectivamente.

em grandes outdoors nos trios elétricos. Embora fosse minha estreia ali e não tivesse qualquer base de comparação, fui positivamente surpreendido por constatar que uma causa aparentemente tão marginal no Brasil poderia ter o suporte público de nomes que eu admirava. Mal sabia, àquela época, de toda a trajetória da luta pela igualdade de direitos no país: o mais longe que minha memória alcançava era uma reportagem exibida em algum momento da década de 1990 mostrando o drama de Toni Reis e David Harrad para que o segundo, estrangeiro vivendo ilegalmente no Brasil há vários anos, pudesse permanecer com o companheiro em território nacional³.

No ano seguinte, já bastante afetado pela aproximação, ainda que tímida, com uma luta que até não muito tempo antes enxergava como menor, comecei a procurar, de maneira independente, alguma base bibliográfica que me iniciasse no campo de estudos da sexualidade. Comecei, além disso, a prestar mais atenção nos eventos acadêmicos direcionados a essa temática e me inscrevi em dois que julguei serem proveitosos para quem ainda tateava nesse meio: o seminário “Relações Familiares, Sexualidade e Religião”, organizado, dentre outras pessoas, pela minha ex-professora e então chefe de estágio Clarice Peixoto, e o 28º Encontro Anual da ANPOCS, onde viria a conhecer mais pesquisadores renomados da área na sessão temática “Corpo, Sexualidade e Identidade”. Somente em 2005, no entanto, ficou claro para mim que gostaria de desenvolver alguma investigação própria a partir do que observava e aprendia. Naquele ano, cursei uma das poucas disciplinas oferecidas na graduação a contemplar uma literatura específica sobre gênero e sexualidade e decidi sondar Claudia Rezende – professora que a ministrava – acerca da possibilidade de me orientar em minha monografia. Sem qualquer hesitação de sua parte, obtive uma resposta positiva e dei início a uma pesquisa envolvendo homossexualidade masculina e consumo de drogas, algo que naquele período me despertava particular interesse. Por vezes da vida, demorei um pouco mais do que previa para finalizá-la e só em 2006 consegui apresentá-la à banca. No mesmo ano, fui aprovado no processo seletivo para o mestrado em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da UERJ e me introduzi a Sergio Carrara, professor que viria a orientar minha dissertação. Começava aí minha imersão na área do

³ Mais informações sobre o caso, cujo desfecho foi favorável ao casal, podem ser encontradas em Mello (2005).

conhecimento que me trouxe até aqui: a partir desse ponto, acrescentaria Judith Butler, Gayle Rubin, Donna Haraway e uma infinidade de outros nomes ao rol de teóricos que me acompanharia nos anos seguintes.

Mais do que um mergulho na erudição que me permitiria elaborar um trabalho minimamente apresentável para a banca, contudo, o ingresso na pós-graduação me ofereceu a oportunidade de expandir minha percepção sobre direitos sexuais e reprodutivos e reforçou o desejo de integrar, da maneira que me fosse possibilitada, o debate político a esse respeito. Além de me dedicar à pesquisa individual que conduzia, me reaproximei do movimento LGBT e fui apresentado a uma miríade de discussões que caminhavam paralelamente à demanda de gays e lésbicas por direitos civis, como a despatologização da transexualidade, a legalização do aborto e o problema da violência de gênero. Pouco após o término do mestrado, enfrentei, pela primeira vez, o desafio de abordar alguns desses temas na posição de professor ao integrar o time de tutores on-line do curso Gênero e Diversidade na Escola⁴. Com a aprovação no doutorado alguns meses depois, retornaria à minha formação original e me conectaria, através dos contatos estabelecidos em São Paulo, ainda mais intimamente a causas envolvendo a reivindicação de liberdades pessoais.

Embora o leitor possa estranhar o tom excessivamente autobiográfico que utilizo para a reconstrução desta pequena trajetória, não é sem motivo que o faço. Por mais que se trate de um trabalho delineado por contornos formalistas tão caros ao *modus operandi* da academia, esta tese é resultado de um longo percurso onde acontecimentos pessoais se interligam à minha inserção acadêmica e exercem forte influência sobre a maneira como lido com meus objetos de pesquisa. De modo parecido com Altman (1981) ao ponderar sobre seus escritos, acreditar em uma objetividade que separasse por completo minha experiência biográfica do que apresento como resultado de uma

⁴ Direcionado a profissionais de educação da rede pública do Ensino Fundamental, o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) teve várias edições e foi fruto de uma articulação entre diversos ministérios do Governo Federal Brasileiro (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação) e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ), contando também com o apoio do British Council. Seu sucesso levou à criação de um curso de especialização em Gênero e Sexualidade (EGeS), oferecido atualmente pelo CLAM. Mais informações em <http://www.e-clam.org/egs.php> (Acesso em 08 de novembro de 2014).

investigação à qual me dediquei durante anos seria não só ingênuo como também indesejável. Em se tratando de um campo no qual me implico diretamente pela história pessoal e militância independente que sempre procurei conduzir, arriscaria acrescentar o adjetivo *irresponsável* caso me eximisse da problematização de minha própria trajetória. Não apagá-la significa, também, uma ferramenta de análise e interpretação que me permitirá confrontá-la com as histórias que aparecerão mais adiante.

Tendo acumulado, em um intervalo de tempo relativamente curto, uma bagagem epistemológica e empírica que me possibilitou, se não um entendimento pleno dos problemas da humanidade e a descoberta de uma saída eficaz para as desigualdades do mundo, uma reflexão crítica acerca de alguns de seus empecilhos, encontrei na área da sexualidade meu caminho de atuação política e intelectual. Concomitantemente, esse período foi responsável por um amadurecimento pessoal que me despertava, cada vez mais, a vontade de contextualizar historicamente um cenário social que eu mesmo via sendo transformado, tema que acabou sendo escolhido como foco central do doutorado. A própria experiência pela qual se constituía minha identidade individual e meu devir-pesquisador me apresentava, como salienta Scott (1999), a necessidade de realizar certos questionamentos sobre suas bases, levando-me a buscar um entendimento mais profundo dos processos sociais que possibilitavam aos LGBT – e, mais especificamente, a homens gays – viverem de modo progressivamente menos cerceado. Nos próximos itens, me proponho a reconstituir o mais precisamente possível o percurso que me conduziu à formulação do problema de pesquisa.

Tateando o campo: percursos, (des)caminhos e aproximações

Quando optei, no doutorado, por investigar as interfaces entre homossexualidade masculina, geração e visibilidade, meu objetivo inicial era fazer da pesquisa uma espécie de extensão do que havia sido trabalhado no mestrado, momento em que explorei os sentidos sociais e aspectos subjetivos do “assumir-se” a partir de entrevistas realizadas com homens do Grande Rio (SAGGESE, 2009). Dispondo de mais tempo, me parecia interessante estabelecer dois vieses comparativos: o primeiro dizia respeito a um confronto geracional, levando em conta principalmente diferenças etárias. O segundo, por sua vez, estava relacionado a uma hipótese da qual me ocupava desde que

tomara contato com a cena gay de São Paulo, em meados dos anos 2000: suas potenciais idiossincrasias frente ao Rio de Janeiro. Na época em que formulei o projeto, acreditava que houvesse diferenças importantes em virtude das distintas trajetórias de cada lugar: enquanto em São Paulo a fundação do grupo *Somos* em finais da década de 1970 conferiu um pioneirismo histórico para o que hoje é conhecido como movimento LGBT brasileiro (MACRAE, 1990, SIMÕES & FACCHINI, 2009), no início dos anos 80 a cidade começava a perder espaço para grupos organizados em outros estados (FACCHINI, 2005) – entre eles o Rio –, ainda que tivesse alcançado, em anos recentes, o posto de sede da maior Parada LGBT do país (FRANÇA, 2006). Paralelamente, a partir da década de 1990, São Paulo construía um sólido mercado de consumo voltado ao público homossexual, algo menos visível no Rio de Janeiro.

Em meados de 2010, quando ainda pensava no projeto original, dei início a um mapeamento exploratório em alguns espaços de sociabilidade homossexual em São Paulo. Através de amigos, fui apresentado à Rua Vieira de Carvalho e seus arredores, *point* gay tradicional retratado em épocas diversas através de pesquisas realizadas na capital paulista (BARBOSA DA SILVA, 2005; FRANÇA, 2010; PERLONGHER, 2008; SIMÕES & FRANÇA, 2005). Para um pesquisador carioca, ainda pouco familiarizado com a noite paulistana, foi interessante ter contato com essa área, que me chamou a atenção em virtude da quantidade de pessoas que por ali circulavam e, mais especialmente, pela relativa frequência com que via casais de homens e mulheres de mãos dadas, trocando carícias e às vezes até mesmo beijos mais picantes. Ainda que conhecesse lugares similares no Rio, como a Rua Farme de Amoedo, em Ipanema, e pequenos pedaços da Lapa, tradicional bairro boêmio na região central da cidade, em nenhum deles percebia a dimensão da visibilidade que observara no centro de São Paulo. Tendo percorrido bares e boates da região, fiquei particularmente interessado no *ABC Bailão*⁵, lugar onde realizei incursões pontuais até meados de 2013.

Em janeiro de 2011, fui apresentado, através de um amigo próximo, a uma rede de sociabilidade paulistana composta por homens acima de 40 anos. Como ainda não havia feito nenhuma entrevista, decidi testar o roteiro que pensava em aplicar aos meus

⁵ Por ter como proposta promover um “encontro de gerações”, o local me despertou curiosidade imediata. Mais informações sobre a casa podem ser encontradas em <http://www.abcbailao.com.br/> (Acesso em 03 de janeiro de 2014).

futuros interlocutores em um deles. Pouco tempo depois, fiz uma breve etnografia virtual em comunidades do Orkut voltadas à discussão da visibilidade homossexual⁶, o que me permitiu conhecer mais pessoas e entrevistar algumas delas presencialmente. Em paralelo, me aproximei de uma rede composta por adolescentes e jovens gays na Baixada Fluminense, oportunidade que me foi proporcionada através da empregada doméstica que trabalhava na casa de meu pai. Nesse momento, tudo possuía caráter experimental e encontrava-me aberto a qualquer possibilidade de entrada em campo.

No segundo semestre daquele ano, minhas idas ao Rio ficaram cada vez mais esporádicas em virtude do estágio docente que precisava cumprir como ex-bolsista da CAPES. Desse modo, acabei optando por centrar meu trabalho na capital paulista e retomei contato com a rede da qual já me aproximava desde o início do ano. Ao longo dos meses seguintes, ampliei meu contato com ela e passei, além disso, a procurar entrevistados em um grupo virtual do *ABC Bailão* no Facebook. Ainda que inicialmente pouco promissora em virtude do baixo retorno que obtive, tal ideia se mostrou, em longo prazo, eficiente: através do grupo, estabeleci contato com uma pessoa que me introduziu a grande parte daqueles que viriam a se tornar meus interlocutores.

Com duas redes⁷ consistentes começando a se delinear em São Paulo, decidi não só deixar de lado as aproximações de campo que havia feito no Rio, como abandonar – ainda que temporariamente – a ideia de entrevistar homens mais jovens, algo que me foi posteriormente incentivado durante o exame de qualificação. Dessa maneira, direcionaria meus esforços a um único eixo etnográfico e estaria mais apto a conduzir uma análise eficiente. Em pouco mais de um ano, já havia realizado quinze longas entrevistas.

⁶ Entre elas, “Assumo Q Sou Gay Numa Boa =)”, “SER ASSUMIDO NÃO TEM PREÇO”, “Arrombe o armário e saia” e “Gay não é ofensa!”. O que na época parecia um campo promissor se tornou pouco interessante com o “esvaziamento demográfico” sofrido pelo Orkut, que perdeu grande parte dos seus usuários para o Facebook. Em setembro de 2014, a rede social saiu do ar (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/09/1524498-orkut-sai-do-ar-hoje-apos-10-anos-e-da-lugar-a-museu-digital-de-comunidades.shtml>, acesso em 10 de outubro de 2014).

⁷ O conceito de “rede” que adoto aqui se aproxima do de *social network* elaborado por Bott (1976) quando enfatiza a inexistência de um limite preciso no grupo com o qual trabalha. Além de não formar um todo organizado, as relações estabelecidas entre os membros dessas redes variavam entre uma amizade extremamente forte e uma aproximação superficial uns dos outros. Como mostrarei mais adiante, nem todos se conheciam, embora conexões imprevistas tenham se revelado no decorrer da pesquisa.

Além da consolidação do campo, estabelecia-se, ao longo desse período, um deslocamento no tema. Embora a questão do “assumir-se” e os manejos da visibilidade continuassem a se fazer presentes nas conversas, com o tempo percebi que meu interesse se direcionava cada vez mais para as transformações socio-históricas que pareciam estar fazendo da homossexualidade masculina algo gradualmente mais “palatável”. Para isso, dois fatores foram de fundamental importância: em primeiro lugar, as próprias colocações dos interlocutores, que em vários momentos enfatizavam as diferenças entre uma homossexualidade vivida “no seu tempo” e as liberdades das quais hoje usufruíam; em segundo, o espantoso crescimento da importância dada ao assunto pela opinião pública. Entre o final de 2010 e meados de 2011, diversos acontecimentos tornavam claro que os LGBTs estavam na pauta do dia: uma sucessão de ataques homofóbicos amplamente divulgados pela grande mídia⁸, eleições presidenciais permeadas por discursos conservadores envolvendo a criminalização da homofobia no país⁹ e o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal. Transmitida ao vivo, a votação unânime pela extensão de direitos conjugais a casais homoafetivos provocou intenso debate após sua conclusão e parecia indicar o início de uma nova etapa na história do movimento LGBT no Brasil¹⁰.

⁸ Provavelmente o mais famoso, o episódio em que um grupo de três jovens foi agredido com lâmpadas fluorescentes na Avenida Paulista em uma manhã de domingo teve grande repercussão devido a sua brutalidade e por ter sido captado através de uma câmera de segurança. Dias após o ataque, um ato contra a homofobia foi realizado no vão livre do MASP, quando a morte de Edson Nérís, assassinado dez anos antes por um grupo de *skinheads*, foi lembrado. Informações sobre o caso estão disponíveis em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/grupo+usou+lampada+fluorescente+para+agredir+jovens+em+sa+ao+paolo/n1237827050487.html> (Acesso em 22 de janeiro de 2014).

⁹ Elaborado a partir de uma série de outros projetos que visavam combater a discriminação por orientação sexual, o PLC 122/06, de autoria da deputada Iara Bernardi, tem sido motivo de discórdia no plano político por muitos acreditarem que ele fira a liberdade de expressão. Em dezembro de 2013, o projeto foi apensado no Senado e tramita atualmente junto à reforma do Código Penal. Informações atualizadas podem ser obtidas em http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604 (Acesso em 22 de janeiro de 2014).

¹⁰ Com base no julgamento de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) e uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), a votação ocorreu no dia 05 de maio de 2011 e teve como relator o ministro Carlos Ayres Britto, que defendia a inclusão de casais homoafetivos na concepção de entidade familiar. Seguindo sua interpretação, todos os nove ministros presentes se manifestaram favoravelmente ao que solicitavam os documentos. Fonte:

Das redes

1. Entre a proximidade e a distância

A pesquisa em contextos urbanos tem sido alvo de calorosos debates nas ciências sociais desde pelo menos os primeiros estudos da Escola de Chicago, no início do século XX. No campo da antropologia, encarada por muito tempo como uma área do conhecimento essencialmente voltada ao estudo de comunidades geográfica e culturalmente distantes, somente em tempos recentes a investigação urbana teve sua legitimidade reconhecida. Mesmo consolidada, a disciplina continua a refletir sobre si mesma, vítima que ainda é do que Magnani caracteriza como uma “discriminação doméstica” (MAGNANI, 2003, p. 81), isto é, uma marginalização dentro da própria antropologia.

Entre os problemas recorrentemente evocados, está a questão da alteridade, a distância “necessária” entre pesquisador e objeto, por vezes menos óbvia nas ditas “sociedades complexas”. Como demonstra Velho, no entanto, em contextos urbanos é possível identificar “descontinuidades vigorosas entre o ‘mundo’ do pesquisador e outros mundos” (VELHO, 1987, pp. 126-127), permitindo ao antropólogo uma experiência de estranhamento tão grande quanto a das tradicionais viagens a lugares longínquos (VELHO, 1987). Escrevendo no início da década de 1990, Heilborn (2004) já apontava para o crescente consenso de que “exótico” e “familiar” são conceitos altamente relativizáveis.

Uma vez instalado em São Paulo, percebi o quanto essas concepções estão sujeitas a constantes ressignificações – pela primeira vez em minha trajetória acadêmica, havia optado por desbravar uma cidade que não a minha natal. Ainda que meu conhecimento acerca de sua divisão territorial fosse suficiente para impedir aventuras demasiadamente perigosas, não foram poucas as vezes em que me senti um estrangeiro. Se por um lado era oriundo de uma metrópole próxima e igualmente

<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931> (Acesso em 09 de novembro de 2014).

multifacetada, por outro, um estranhamento mútuo era visível em situações aparentemente triviais: enquanto eu custava a incorporar a necessidade de descer até o térreo para pagar a pizza que havia encomendado, os paulistanos tinham dificuldade em entender minha indignação com o beijo único como forma de cumprimento. Além disso, o clichê da diferença de sotaques denunciava o tempo todo certo exotismo da minha figura, enunciado repetidas vezes na pergunta “Você é carioca?”.

Um obstáculo potencialmente mais grave tomou forma na situação de pesquisa: ao eleger homens mais velhos como objeto, a transposição simbólica (e também objetiva) da barreira etária tornou-se uma preocupação permanente durante o começo do trabalho de campo. Apesar de ter tido uma recepção bastante calorosa nas duas redes que adentrei, me perguntava até que ponto minha investigação seria realmente levada a sério. Cientes da temática que tinha por intuito explorar, era comum que os interlocutores me confrontassem com questões relativas à minha faixa etária, tendo sido algumas vezes manifestamente classificado como ‘jovem’ e até mesmo ‘bebê’¹¹. Por outro lado, acredito que minha pouca idade tenha constituído uma vantagem sob pelo menos dois aspectos. Em primeiro lugar, pode ter contribuído para que determinados assuntos fossem desenvolvidos com maior riqueza de detalhes, uma vez que grande parte da entrevista referia-se a um contexto histórico que eu não havia vivenciado. Somado a isso, o fato de estar vinculado a um programa de doutoramento em uma universidade reconhecidamente prestigiada e ainda não ter completado trinta anos era ocasionalmente motivo de surpresa: em uma das primeiras entrevistas que realizei, após perguntar em que ano eu havia nascido, meu interlocutor comentou: ‘Nossa, nascido em 83 e já tá fazendo doutorado!’.

Como elementos de maior familiaridade com o grupo, atuaram, acredito, tanto meu pertencimento de classe¹² quanto minha própria homossexualidade – esse último, quando não previamente conhecido, ficava subentendido em decorrência do tema ou era gradualmente desvelado no decorrer das conversas¹³. De maneira semelhante a Velho

¹¹ A fim de me diferenciar dos interlocutores, utilizarei, ao longo de toda a tese, aspas simples para falas e expressões nativas.

¹² Mais à frente, abordarei a importância desse marcador para o recorte etnográfico que estabeleci.

¹³ Somente uma vez fui diretamente confrontado com a pergunta ‘Você é gay?’, à qual respondi afirmativamente. Acredito, contudo, que o interlocutor já tivesse conhecimento sobre o fato e quisesse

(1998) e Heilborn, me aproximei de um universo muito próximo a mim, composto essencialmente por “segmentos intelectualizados e psicanalisados” (HEILBORN, 2004, p. 70), onde a autorreflexividade parece ocupar espaço privilegiado: tanto na primeira quanto na segunda rede, um altíssimo número de interlocutores afirmou ter feito terapia em algum momento da vida; na maioria dos casos, psicanálise. Além dos marcadores sociais da diferença sobre os quais pretendia me debruçar – sexualidade e geração, principalmente –, estavam em jogo, também, “marcadores sociais da igualdade” que me colocavam em uma posição menos distanciada.

Diferente dos estudos antropológicos mais clássicos (inclusive dentro da antropologia urbana), em que a utilização da observação participante – marcada local e temporalmente pelo intenso convívio entre pesquisador e “nativos” – constitui ferramenta metodológica imprescindível, as possibilidades de interação das quais dispus foram extremamente variadas: em alguns casos, limitaram-se a uma única oportunidade de entrevista, mesmo após insistentes tentativas de um segundo contato. Com a maior parte dos interlocutores, porém, consegui realizar duas entrevistas formais, além de estabelecer uma relação mais próxima com os que se mostraram abertos – invertendo, de certa forma, a lógica habitual de entrada em campo. Em algumas ocasiões, acompanhei-os em jantares, saídas noturnas, protestos de rua e festividades. Já próximo ao encerramento da pesquisa, um deles me convidou para a celebração de seu casamento, o que me deixou particularmente emocionado¹⁴. Apresento, a seguir, um retrospecto dos caminhos que me levaram até eles.

2. Mapeamento – Rede 1

apenas confirmá-lo para falar com maior tranquilidade sobre uma suposta peculiaridade do relacionamento entre dois homens. Em sua pesquisa com frequentadores de clubes de sexo masculinos, Braz (2012) explora como a revelação de sua orientação sexual funcionava de modo a legitimar, nas entrevistas, a colocação de determinadas questões.

¹⁴ Antes de enviar o convite impresso, o interlocutor me escreveu um e-mail para pedir meu endereço e disse que seu companheiro e ele gostariam muito que eu comparecesse, pois havia feito ‘parte desse processo’ – referindo-se, presumo, ao sucesso da relação recém-construída, alvo de longas elucubrações durante nossas conversas. No segundo capítulo, explorarei esse evento de maneira mais detida.

Era uma véspera de feriado em 2010 e eu ainda dava meus primeiros passos como doutorando. Um neófito em São Paulo, ansiava por explorar a cidade que me acolhera, e, se possível, aproveitar algumas das minhas andanças para coletar informações que me ajudassem a pensar sobre a pesquisa. Com um círculo restrito de amizades – algumas das quais estabelecidas previamente à minha mudança –, aceitava de pronto qualquer convite para sair. Nesse dia, me chamaram para conhecer o *ABC Bailão*.

Encontrei uma amiga na porta de sua casa por volta das 21 horas e pegamos carona com um conhecido dela até um estacionamento próximo ao local. Chegamos à porta e a bilheteria ainda se encontrava fechada. Como planejavamos fazer um “esquentar” no *Chopp Escuro*¹⁵, não nos importamos em esperar. Mais tarde, chegaram outras pessoas – entre elas, Matheus e Eriberto¹⁶, amigos mais velhos que naquele momento não esperava serem tão importantes no delineamento da primeira rede. Por volta das 23 horas, pagamos a conta e finalmente seguimos para a boate.

O *ABC Bailão* estava num dia especial em virtude da exibição de um documentário filmado no próprio local¹⁷, que eu já havia tido a chance de assistir em sua estreia oficial alguns dias antes. Além disso, encontrava-se em um clima mais festivo do que o usual, pois se preparava para a 14ª edição da Parada do Orgulho LGBT, que ocorreria proximamente. Apesar da presença de pessoas bem jovens, o público majoritário era composto por homens acima dos 40, chegando, pelo que pude perceber, até a faixa dos 70 anos.

Logo após o término do filme, Matheus, Eriberto e eu subimos para a parte de cima do local, onde havia um ambiente menos barulhento. Eriberto, que eu conhecera algum tempo antes através de Matheus, me contou sobre sua experiência no local, que começara a frequentar quando ainda se chamava *Homo Sapiens*, em 1981. Prestes a completar 50 anos, relembra o final de sua adolescência em São Paulo e fazia

¹⁵ A poucos passos do *Bailão*, o *Chopp Escuro* é um misto de bar e restaurante tradicional na região da República e amplamente frequentado pelo público homossexual, especialmente nos finais de semana.

¹⁶ Todos os nomes citados aqui são fictícios.

¹⁷ Dirigido por Marcelo Caetano, o filme é um curta centrado nas histórias de homens homossexuais idosos (alguns dos quais foram atores no *Somos*) e tem como cenário o centro de São Paulo. Pode ser encontrado na íntegra em <http://filmebailao.wordpress.com/> (Acesso em 07 de janeiro de 2014).

comparações entre épocas, destacando o medo que sentia ao se expor na fila de entrada, algo sem muito sentido para a maioria das pessoas quase três décadas depois. Talvez aí meu interesse em entender a importância de certas transformações para alguém que havia experimentado um período de visibilidade muito mais tímida estivesse começando a aparecer com mais força.

Ao longo dos meses seguintes, a convivência com Matheus e Eriberto se intensificava e tive, especialmente com Matheus, a oportunidade de conversar longamente sobre a “vida gay” de uma São Paulo bastante diferente dos tempos atuais; conversas em que mudanças políticas, AIDS, suas redes de amizade e a participação no *Somos* – fato ainda desconhecido por mim – quase sempre se faziam presentes. Ciente do meu interesse em traçar comparações etárias na pesquisa, sugeri que eu entrevistasse Thomaz, um amigo de longa data com quem eu havia dialogado brevemente em sua casa. Na mesma época, um jantar a três me proporcionaria mais uma entrevista: ouvindo minha conversa com Matheus sobre Thomaz, Eriberto falou de Antonio, amigo de sua adolescência que talvez se interessasse em me dar um depoimento.

Como ainda me alternava entre duas cidades, algum tempo se passou entre a entrevista com Thomaz, realizada em janeiro de 2011, e a com Antonio, que só foi ocorrer em maio¹⁸. Nesse meio-tempo, contudo, Matheus me apresentou a Ronaldo, que entrevistei dias antes de Antonio, e Wilson, com quem vim a conversar em outubro, após abandonar por completo minhas incursões etnográficas no Rio. A partir daí, passei a pedir indicações aos previamente entrevistados¹⁹ e a rede foi crescendo exponencialmente: até o final de 2012, já contava com onze interlocutores.

¹⁸ Na época, Eriberto chegou a sugerir que eu entrevistasse Antonio e ele ao mesmo tempo, de modo que um estimulasse a memória do outro. A ideia me pareceu interessante, mas achei que minha relativa intimidade com o primeiro fosse comprometer o desenrolar da conversa.

¹⁹ Conhecida como “bola de neve”, a técnica pressupõe um “processo de saturação”, isto é, um ponto em que novos entrevistados comecem a repetir o conteúdo de entrevistas anteriores e o trabalho se torne passível de generalização (DEBERT, 1986; PEREIRA, 1991). Na prática, contudo, acredito ser um tanto complicado definir o momento em que isso acontece, se é que de fato acontece. Concordo portanto com a postura crítica de Debert quando afirma ter a sensação de que o que ocorre é exatamente o oposto: novas entrevistas podem sempre suscitar um novo leque de questões (DEBERT, 1986).

3. Mapeamento – Rede 2

O uso da internet como ferramenta de pesquisa tem sido empreendido em larga escala nas mais diversas áreas do conhecimento e a antropologia não constitui exceção. No início dos anos 2000, Amaral (2001) já falava sobre o tema fazendo referência a um trabalho ainda mais antigo, conduzido por ela própria na década anterior. No campo da sexualidade, essa utilização é intensa e pode ser observada em investigações recentes, como as de Zilli (2007), Silva (2008) e Braga (2013). Ainda que em meu caso o uso dessa tecnologia não tenha estado no cerne da etnografia, seria injusto se não reconhecesse sua relevância para a composição da segunda rede de interlocutores.

Mais uma vez, o *ABC Bailão* aparece como personagem: interessado em encontrar outro grupo com o qual pudesse comparar os achados da primeira rede, passei a frequentar o local com alguma assiduidade, sem no entanto lograr uma aproximação satisfatória de seus frequentadores²⁰. Na tentativa de facilitar esse contato, pedi para ingressar em seu grupo virtual no Facebook, onde consegui interagir mais livremente com algumas pessoas após uma postagem pública em que expunha meu interesse em conduzir entrevistas. Apesar do retorno escasso considerando o tamanho do grupo (na época, cerca de 120 pessoas), uma quantidade não desprezível de participantes entrou em contato comigo demonstrando interesse na pesquisa. No entanto, muitos deles se encontravam distantes da capital, o que dificultava a realização de entrevistas presenciais.

Em janeiro de 2012, comecei a conversar com duas pessoas que residiam em São Paulo e consegui, através de contato telefônico, agendar um encontro presencial. Poucos dias depois de entrevistar Alcides, o primeiro com quem falei, entrevistei também seu namorado da época, frequentador assíduo do *ABC Bailão*. Em seguida, foi a vez de Samuel, que descobri, na ocasião, conhecer Alcides. Uma coincidência menos esperada me surpreendeu: Alcides conhecia Matheus, ainda que o contato entre os dois se restringisse na época a uma amizade virtual.

²⁰ Alguns fatores contribuíram para isso. Em primeiro lugar, o ambiente excessivamente ruidoso dificultava conversas prolongadas – apenas uma vez consegui explicitar que estava fazendo uma pesquisa e desejava conhecer pessoas para entrevistar. Além disso, era comum que aproximações mais incisivas viessem acompanhadas de cantadas, algo que minha timidez fazia com que eu logo rechaçasse.

Em março do mesmo ano, conheci no grupo um rapaz bem jovem e achei que pudesse ser proveitoso entrevistá-lo, pois ainda pensava em me aproximar de sujeitos com menos idade. Apesar de tê-lo encontrado, decidi me dedicar a expandir a rede introduzida a partir de Alcides, que desde o primeiro momento se mostrou extremamente solícito e interessado em colaborar com a pesquisa, me oferecendo também sua amizade pessoal ao saber que eu me encontrava há relativamente pouco tempo na cidade. Além de seu namorado, Alcides me passou o contato de três amigos, dois dos quais tive sucesso em entrevistar.

Assim como na primeira rede, solicitei indicações à medida que ia conduzindo as entrevistas, totalizando oito interlocutores. Mais uma conexão foi encontrada entre a primeira e a segunda rede, indicando talvez que o universo com o qual estivesse lidando fosse menor do que eu imaginava. Em março de 2013, Samuel me apresentou à nona e última pessoa que viria a fazer parte do rol de entrevistados.

Das entrevistas

Descrever um trabalho etnográfico constitui, no mais das vezes, tarefa ingrata. Parafraseando Malinowski, que ressalta “a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador” (MALINOWSKI, 1976, p. 19), depreendemos que se trata, na melhor das hipóteses, de um caminho tortuoso cujo destino pode não corresponder completamente às expectativas iniciais: além do processo de sistematização do que o autor chama de “material bruto”, há o penoso exercício da escrita, que implica, inevitavelmente, traduzir a experiência para a forma textual (CLIFFORD, 2011).

Em um estudo realizado majoritariamente com entrevistas gravadas – como é o caso aqui –, poder-se-ia supor que o problema se coloca de maneira menos controversa, dado que as transcrições garantiriam, pelo menos em tese, uma visão mais “fiel” do que se pretende relatar. Este caráter de “verdade”, no entanto, está comprometido por uma série de vicissitudes comuns a qualquer pesquisa que envolva uma relação de intersubjetividade; entre elas, a discutível autoridade daquilo que está sendo dito. Conforme aponta Clifford ao problematizar a estratégia dialógica nas etnografias como forma de driblar um possível questionamento da veracidade da investigação,

“[...] se a autoridade interpretativa está baseada na exclusão do diálogo, o inverso também é verdadeiro: uma autoridade puramente dialógica reprimiria o fato inescapável da textualização. Enquanto as etnografias articuladas como encontros entre dois indivíduos podem com sucesso dramatizar o dar-e-receber intersubjetivo do trabalho de campo e introduzem um contraponto de vozes autorais, elas permanecem *representações* do diálogo.” (CLIFFORD, 2011, pp. 43-44)

Como parte dessa representação, poderíamos assinalar o trabalho do tempo sobre os dados, que traz consigo múltiplas possibilidades hermenêuticas. Ao mesmo tempo em que há o registro fixado de uma interação, o modo pelo qual nos reaproximamos dele estará sempre contaminado pelo acúmulo de experiência adquirida entre o início da pesquisa e o momento de retornar às transcrições. Além disso, há que se levar em conta os caminhos percorridos entre um encontro e outro, normalmente permeados por acontecimentos impossíveis de serem inteiramente memorados. Ainda que não façam parte das entrevistas *per se*, constituem, sem dúvida, um componente importante de sua construção.

Em que pesem os desafios impostos por essas observações, as entrevistas em profundidade têm o mérito de permitir uma imersão biográfica dificilmente alcançável através de outra técnica de pesquisa. Se o método possui limitações que não devem passar despercebidas – não se pode supor, como assinala Debert, que relatos biográficos nos ofereçam “um quadro real ou verdadeiro de um passado próximo ou distante” (DEBERT, 1986, p. 142), nem mesmo a ideia de uma vida como “um conjunto coerente e orientado [...] de um projeto” (BOURDIEU, 1998, p. 184) –, qualquer corpo de conhecimento que se disponha a passar pelo crivo da interpretação está fadado a ser não mais do que uma representação, uma das muitas formas de se construir e compreender determinada “realidade” (BERGER & LUCKMANN, 2004).

Uma das vantagens do trabalho com histórias de vida reside em sua capacidade de captar a maneira pela qual certos acontecimentos são percebidos e vivenciados, revelando processos sociais subjacentes às experiências relatadas (BECKER, 1986). Aliado a isso, seu potencial reflexivo nos convida a reformular hipóteses e refinar grandes conceitos explicativos (DEBERT, 1986). Se a narrativa biográfica é uma

interpretação da realidade, também o são pressupostos teóricos; nada impede que ambos dialoguem entre si.

Inspiradas em um roteiro semiestruturado utilizado em uma pesquisa conduzida por meu orientador²¹, as primeiras entrevistas foram marcadas por um leque abrangente de questões. Naquele momento, me interessava principalmente traçar uma retrospectiva das histórias dos interlocutores, procurando, na medida do possível, estimulá-los a falar do lugar da homossexualidade em suas vidas pelo viés que considerassem ter maior relevância. Como tópicos espontaneamente priorizados, estavam as relações afetivo-sexuais, os conflitos com a família, as dificuldades passadas para uma “autoaceitação” e o impacto da epidemia de AIDS no Brasil. De modo unânime, havia o reconhecimento de mudanças sociais significativas no que concerne à abertura social para o tema da homossexualidade, algo que decidi incorporar como mote das entrevistas seguintes.

Realizadas, à exceção de algumas ocasiões, em minha casa ou na dos próprios interlocutores²², as entrevistas foram agendadas previamente via internet ou telefone. Em nenhum caso houve desistência, embora algumas vezes o encontro tenha sido remarcado em virtude de imprevistos de ambas as partes. Quando era necessário que me deslocasse até o local combinado, aproveitava o percurso para fazer uma espécie de “mini etnografia”, anotando informações sobre as características do bairro em que estava, nem sempre familiar. Procurava, além disso, escrever um pequeno diário após o término das conversas, onde registrava os aspectos que mais haviam me chamado a atenção.

Com duração extremamente variada, os diálogos raramente seguiram um formato linear, assemelhando-se, muitas das vezes, a um bate-papo entre amigos. Não obstante, é certo que a presença intimidadora do gravador não era totalmente esquecida:

²¹ Intitulada “Sexualidade, corpo e geração: envelhecimento e trajetórias homossexuais masculinas”, a pesquisa propunha-se a examinar as experiências e representações da maturidade e envelhecimento de homens homossexuais, tomando como ponto de partida a ideia de que a construção cultural das pessoas de idade avançada é um processo, carregado de tensões e caracterizado por limitações, liberdades e estereótipos positivos e negativos, em que podem se desenvolver sentidos e práticas não previstas nos scripts sexuais masculinos e femininos tradicionais. Resultados parciais dessa investigação podem ser encontrados em Simões (2011).

²² Quatro entrevistas foram conduzidas na residência de namorados ou amigos e duas no escritório particular do entrevistado.

em mais de uma circunstância, a entrevista não foi encerrada no momento do desligamento do aparelho, sendo necessário que eu memorizasse o que me havia sido dito para posteriores apontamentos²³. Nas entrevistas mais longas, era comum que o interlocutor se cansasse e uma pausa breve tivesse que ser feita, momento em que geralmente conversávamos sobre trivialidades e eu o oferecia um café (ou, quando me encontrava em sua casa, um café me era oferecido). Com alguma frequência, emoções vigorosas vinham à tona e eu me defrontava com uma situação bastante delicada, precisando apelar para minha sensibilidade a fim de captar se o interlocutor se mostrava disponível para o desenvolvimento do tópico. No único caso em que um choro prolongado se fez presente, perguntei ao entrevistado se ele gostaria de encerrar o diálogo, ao que respondeu negativamente. De todo modo, achei prudente mudar de assunto.

Assim como em Heilborn (2004), alguns interlocutores disseram ter se sentido em uma sessão de psicanálise, enquanto outros, mesmo sem afirmá-lo, pareciam me encarar como um terapeuta ao discorrer com detalhes sobre eventos e angústias sem relação com o tema da pesquisa. Se por um lado tais situações geravam certo constrangimento, por outro me fizeram pensar tanto a posição que ocupava como entrevistador quanto a própria situação de entrevista: ao mesmo tempo em que tentava esclarecer meus objetivos logo no primeiro contato, não podia desprezar o fato de estar diante de uma pessoa como outra qualquer, detentora de uma história em que a questão da homossexualidade não podia ser descolada de outras características pessoais e acontecimentos importantes. Além disso, era esperado que vissem em mim alguém em que pudessem confiar – do contrário, sequer concordariam em compartilhar informações de caráter tão particular²⁴.

²³ Em pelo menos duas ocasiões, ficou claro que o gravador era um intruso. Em uma delas, o interlocutor me pediu, de maneira muito semelhante a uma situação relatada por Debert (1986), que uma determinada informação não fosse transcrita. Na outra, meu entrevistado expressou uma opinião “politicamente incorreta” imediatamente após o aparelho ter sido desligado. Não considero, no entanto, que esse último estivesse se desmentindo – apenas se aproveitava do momento menos cerimonioso para reforçar um ponto de vista que já me fora demonstrado.

²⁴ Em relação a esse ponto, é importante atentar mais uma vez para a relação de intersubjetividade entre pesquisador e objeto. Como aponta Pereira, ela não é exclusiva do documento oral, mas aparece de maneira mais explícita nas situações de entrevista. Dessa forma, é preciso que o entrevistador esteja ciente de que fatores como idade, sexo e aparência, bem como o local onde a entrevista foi realizada,

Diferente do mestrado, quando prescindi de um termo de consentimento informado temendo que os interlocutores se intimidassem diante de tantas cláusulas minuciosas, dessa vez optei por utilizá-lo, sem encontrar resistências à sua assinatura. Ainda que poucos tenham se mostrado verdadeiramente preocupados em não serem identificados, fiz questão de garantir que o anonimato seria preservado. Para isso, alterarei, além dos nomes, informações pessoais que possam vir a comprometê-los.

De um total de trinta e quatro entrevistas, vinte e oito foram realizadas com interlocutores a quem consegui retornar, em intervalos de tempo que variaram entre três meses e um ano. As demais foram fruto da única vez em que nos encontramos presencialmente, à exceção de um caso em que já havia tido a oportunidade de conversar informalmente com a pessoa antes de entrevistá-la com o gravador. Em nenhuma ocasião houve recusas declaradas ao meu pedido de um segundo encontro, mas em alguns casos percebi que o interlocutor não tinha disponibilidade de tempo ou simplesmente não desejava mais falar. Tentei, com um deles, fazer uma entrevista virtual através de um questionário enviado por e-mail, mas acabei desistindo da ideia por acreditar que a ausência de uma interação presencial impediria um retorno satisfatório.

Caracterizando os interlocutores

Elaborar o desenho de um grupo consiste necessariamente em selecionar algumas de suas características. Por mais que nos esforcemos para contemplar toda a sua diversidade, sempre esqueceremos algum dado que futuramente poderia se revelar importante, bem como uma aparente idiossincrasia que talvez representasse um pensamento mais geral. Acredito, contudo, que as informações priorizadas neste tópico ajudarão o leitor a se situar.

Uma primeira observação pertinente diz respeito à orientação sexual dos interlocutores. Em que pese a importância de sua homossexualidade como pré-requisito

tendem a interferir no relato obtido (PEREIRA, 1991). Além do que já mencionei sobre minha própria homossexualidade e o fato de pertencer a uma instituição de ensino conceituada, acredito que o ambiente reservado, geralmente sem a presença de terceiros, colaborou positivamente para que os interlocutores se sentissem tranquilos.

para a participação na pesquisa, tenho ciência de que relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo encontram-se permeadas por variações individuais e contornos históricos específicos, tornando a aplicação de categorias classificatórias – tanto à homossexualidade quanto a outros marcadores – altamente dependente de contingências e contextos (SIMÕES et al., 2010). Dessa forma, esclareço desde já que utilizo o conceito menos como *identidade* e mais como um *denominador* de experiências em comum; isto é, como uma das muitas possibilidades de *localizar* o ponto de vista a partir do qual se experimenta e se compreende certos fatos. Se, para alguns, parece haver um senso identitário mais proeminente, procuro pensá-lo, tal qual Brah, como “uma multiplicidade relacional em constante mudança” (BRAH, 2006, p. 371).

Como supunha acontecer, encontrei nas entrevistas uma vasta gama de experiências no campo dos afetos. Mais da metade dos interlocutores declarou já ter tido relacionamentos heterossexuais – dentre eles, três haviam sido casados com mulheres, dois chegaram a noivar e quatro tinham filhos provenientes das relações anteriores. Um aspecto interessante é o contato amigável que muitos mantinham com as ex-namoradas e ex-esposas, quase sempre cientes de que seu antigo companheiro se engajara em relacionamentos com outros homens. Filhos adultos também o sabiam, embora conflitos significativos em decorrência desse fato tenham marcado suas trajetórias²⁵.

Apesar de não ter solicitado que se autot classificassem, as palavras “gay” e “homossexual” eram as mais utilizadas para se referirem à própria orientação sexual, estando presentes em todas as entrevistas. Mais raramente, os termos “bicha” e “viado” desempenhavam esse papel, embora fossem usados, na maioria das vezes, de maneira pejorativa – acusando ou parafraseando um comentário ofensivo²⁶. Ainda que alguns já tivessem se envolvido com mulheres – em dois casos, paixões heterossexuais intensamente vividas me foram relatadas –, praticamente todos os entrevistados se

²⁵ Em um dos casos, o filho mais velho (na época com pouco menos de trinta anos) ainda se mostrava reticente em reconhecer a homossexualidade do pai, algo que meu interlocutor justificava como consequência de uma forte influência religiosa. Não obstante, os dois mantinham uma relação bastante próxima. No capítulo 2, adentrarei mais a fundo nessa análise.

²⁶ Entre os interlocutores da rede 1, principalmente, “bicha” aparece em algumas ocasiões como forma jocosa de autorreferência coletiva.

sentiam confortáveis em identidades que não apontavam para uma possível bissexualidade ou ausência de rotulação.

Conforme exposto anteriormente, o grupo é composto, em termos etários, por homens que uma classificação genérica possivelmente situaria como estando na meia-idade²⁷, havendo uma diferença de até vinte anos em suas datas de nascimento. À época da primeira entrevista, o mais novo contava 39, e o mais velho, 57 anos. Dezoito já haviam ultrapassado os 40 e oito deles os 50. Metade se encontrava na parcela intermediária.

Entre os vinte interlocutores, apenas sete nasceram na capital paulista – seis dos quais tendo passado a vida inteira nessa cidade. Dez eram do interior de São Paulo, dois de outro estado do Sudeste e um deles de uma capital do Nordeste. Como razões para a mudança – efetuada geralmente no início da idade adulta, embora alguns tivessem vindo ainda na infância com os pais –, a maioria falava na maior oferta de oportunidades acadêmicas ou profissionais. A vontade de viver longe da família de origem e a possibilidade de experimentar uma liberdade maior também foram mencionadas, o que evoca as vantagens do “anonimato relativo” proporcionado pelas grandes metrópoles (VELHO e MACHADO DA SILVA, 1977)²⁸.

No campo profissional, há uma diversidade importante de ocupações, com a significativa maioria trabalhando como autônomo ou profissional liberal. Há dois médicos, dois jornalistas, dois editores, um advogado, um administrador de empresas, um contador, um agente de viagens, um publicitário, dois professores (um deles aposentado), um designer de interiores, um geólogo, um produtor de eventos, um biólogo, um terapeuta corporal e duas pessoas que trabalham em projetos

²⁷ Embora me proponha a utilizar a noção de “meia-idade” para caracterizar o grupo com o qual trabalho, reconheço que ela é problemática e pode ter sentidos diferentes dependendo do contexto em que se insere. Como coloca Heath, que remete as origens de sua disseminação à era vitoriana, o conceito refletia, já naquela época, uma antecipação das angústias no que concerne à decrepitude iniciada com o fim da juventude. Ao longo do século XX, essa ideia tem continuidade com o surgimento da “crise da meia-idade”, marcada por uma obsessão em se preservar eternamente jovem (HEATH, 2009). Ao mesmo tempo, diversas outras categorias são criadas para separar a juventude da velhice e encorajar a variabilidade de experiências que esse estágio intermediário pode proporcionar (DEBERT, 1999). Voltarei mais adiante à questão do recorte etário-geracional que delimitei para a pesquisa.

²⁸ Sobre essa questão, ver também Eribon (2008) e Guimarães (2004), que a discutem a partir de perspectivas envolvendo o universo homossexual.

governamentais. À exceção de três, todos possuem curso superior e alguns são pós-graduados. Mudanças de carreira foram relatadas com alguma frequência, sendo comum entre os interlocutores mais jovens.

A participação em ONGs e/ou movimentos políticos em algum momento da vida se mostrou recorrente, ainda que eu não procurasse pessoas especificamente com esse perfil. Na primeira rede, três foram membros do *Somos*, algo que não me surpreendeu dada a amizade prévia com Matheus. Desses três, um atuou, entre o final da década de 1980 e o início da de 1990, em uma ONG voltada à assistência de soropositivos. Ainda nessa rede, havia um ex-militante de partido político (o que vim a saber em uma conversa fora do contexto da entrevista) e mais um ex-participante de uma ONG/AIDS²⁹. Na segunda rede, encontrei similaridades: um também havia sido filiado a um partido político e dois deles tiveram alguma participação em grupos de defesa dos direitos LGBT. Um quarto interlocutor foi bastante atuante na mesma ONG/AIDS em que um dos ex-membros do *Somos* trabalhou, alguns anos depois de sua saída. Na época em que os conheci, nenhum deles mantinha qualquer tipo de vínculo com essas entidades.

Seria precipitado traçar um perfil de identificação política, visto que nem todos falavam abertamente sobre suas preferências partidárias e escolhas eleitorais. Apesar de observar, em parte das entrevistas, uma tendência à esquerda, alguns interlocutores eram enfáticos em condenar os rumos atuais do Governo Federal, criticando duramente a gestão petista. No que diz respeito às ações voltadas para a população LGBT, figuras emblemáticas como o deputado federal Jean Wyllys (sempre muito elogiado) e a ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy (alternando entre vilã e heroína) eram frequentemente evocadas. Como algumas entrevistas foram conduzidas em época de eleições municipais, o então prefeito Gilberto Kassab e os candidatos Fernando Haddad, Celso Russomano e José Serra também foram alvo de comentários. Em algumas

²⁹ As ONGs/AIDS surgiram no Brasil em meados da década de 1980 como parte da resposta coletiva à epidemia, que começava a se alastrar pelo país. A primeira delas foi o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS), fundado na capital paulista em 1985 e abrindo filiais em outros estados posteriormente. Outras iniciativas foram o Grupo Pela Vidda (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS), que também se originou em São Paulo, e a ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS), no Rio de Janeiro (FACCHINI, 2005). propositalmente, não identifico os nomes das ONGs em que meus interlocutores atuaram.

ocasiões, esse último foi lembrado como o responsável pela quebra de patente dos medicamentos antirretrovirais durante sua atuação como Ministro da Saúde no Governo Fernando Henrique Cardoso.

No que concerne à posição social, já indiquei se tratar de um universo pertencente a camadas médias. Sem dúvida alguma, esse recorte configura certas distinções simbólicas (BOURDIEU, 1983), que se manifestavam, por exemplo, nas referências a pensadores renomados, filmes *cult* e artistas da pintura. Em certas ocasiões, pude observá-las *in loco*: uma entrevista foi conduzida ao som de música erudita, e na outra, o interlocutor saboreou uma taça de vinho tinto enquanto conversávamos. Igualmente indicativo de uma distinção social era o local de moradia: salvo algumas exceções, os interlocutores residiam dentro dos limites do centro expandido de São Paulo³⁰, com maior concentração em bairros da região central e da zona sul. Mesmo entre aqueles que não cumpriam tal requisito, os bairros onde moravam pertenciam a regiões valorizadas das zonas norte e leste.

Isso não significa, contudo, que houvesse uma homogeneidade absoluta de classe. Em primeiro lugar, as famílias dos pais apresentavam múltiplas origens: algumas eram bastante humildes e outras possuíam bom poder aquisitivo. De maneira geral, percebia-se um processo de estabilização financeira relativamente consolidado: uma parcela considerável já possuía apartamento próprio e relatava viagens de lazer à Europa e aos Estados Unidos. Quando indagados sobre sua autopercepção, no entanto, muitos ainda se viam como ‘pobre’ ou ‘classe média baixa’, argumentando que precisavam se esforçar para manter a renda estável e ainda buscavam melhorias profissionais. Apenas um declarou ter tido seu padrão de vida drasticamente reduzido e relembrou nostalgicamente sua infância e adolescência, período em que a família tinha muitos bens e a casa contava com diversos empregados. Quando o entrevistei, disse se considerar ‘um burguês decadente’.

A autoclassificação em termos de cor ou raça não foi alvo de grandes problematizações e apresentou poucas variações, com a maioria esmagadora declarando-se branca. Somente um se recusou a se autoclassificar, alegando ser fruto de

³⁰ Região delimitada pelos rios Tietê e Pinheiros, o “centro expandido” concentra o maior número de serviços, atividades culturais e de lazer da cidade, sendo habitado, em sua maior parte, por camadas médias.

uma miscigenação muito grande: entre seus ascendentes, havia índios, portugueses e alemães. Três se declararam não-brancos – um ‘pardo’, um ‘misturado’ e um ‘negro’. Esse último, porém, havia sido adotado recém-nascido por uma família de brancos e afirmou só ter se percebido como negro a partir dos 18 anos³¹.

Uma nota sobre a situação conjugal pode ser importante. Quando os conheci, a maioria dos interlocutores encontrava-se envolvida em um relacionamento estável, fato que facilitou a ampliação da rede: além do então namorado de Alcides, entrevistei o companheiro de outro interlocutor. Entre os que estavam solteiros, boa parte afirmou ter saído da relação recentemente. Em quase todas as entrevistas, muitos minutos foram dedicados a reflexões sobre as próprias experiências amorosas, tanto as passadas quanto as atuais.

Ao interpelá-los com questões que versavam, em grande parte, sobre o pertencimento a uma determinada “geração”, procurei ser cauteloso para não deixar que essa variável fosse naturalizada. Ainda que compartilhassem trajetórias de vida relativamente parecidas, havia diferenças importantes em relação ao grau de proximidade com que haviam testemunhado determinados eventos. Primeiramente, pelo fator etário, dada a diferença de duas décadas entre o mais novo e o mais velho. Em segundo lugar, o maior envolvimento de alguns em causas sociais intimamente relacionadas com o que me interessava investigar conferia a eles um ponto de vista “privilegiado” em relação aos demais.

Ao mesmo tempo, viviam todos na mesma cidade e haviam acompanhado, sob um pertencimento de classe não tão díspar, as mudanças que a questão da homossexualidade atravessara no período de tempo que era caro à pesquisa analisar. Além disso, participavam de uma rede de relações composta por indivíduos de variadas faixas etárias, o que permitia um intercâmbio de informações entre os mais novos e os mais velhos. Como observa Mannheim (1982), uma geração não pode ser definida somente por um marcador etário, devendo também compartilhar circunstâncias

³¹ O caso é muito particular e envolve uma trama complexa de segredos familiares. Segundo o interlocutor, seus pais adotivos nunca quiseram conversar a esse respeito e justificavam sua aparência diferente como herança de um bisavô mulato. No entanto, ele já havia descoberto que era fruto de um relacionamento extraconjugal entre um estrangeiro e uma empregada doméstica. Interessante notar que sua homossexualidade também era um tabu: embora soubessem e mantivessem um bom relacionamento com o filho, os pais se recusavam a tocar no assunto.

históricas e sociais. Se as diferenças de idade poderiam atuar como fator complicador do recorte etnográfico que estabeleci, as características que os aproximavam se sobrepuseram, creio eu, a eventuais distanciamentos etários. Em relação ao segundo problema, a posição “privilegiada” de alguns atuou antes como possibilidade comparativa nas questões que ia formulando ao longo do campo do que como impedimento para uma apreensão agrupada dos dados.

Tomadas em conjunto, as características que privilegiei nesta descrição servirão de norte para acompanhar as trajetórias e discursos que serão problematizados no decorrer da tese. A despeito de disparidades potencialmente comprometedoras à delimitação de uma unidade investigativa, acredito que encerrem certo *ethos* que me permitirá explorar a questão central deste trabalho: como os interlocutores percebem e experimentam, a partir de um ponto de vista espacial e temporalmente localizado, algumas transformações envolvendo a visibilidade homossexual em diversas esferas de suas vidas. Antes de prosseguir com o que constitui a tese propriamente dita, porém, cabe traçar um panorama que familiarize o leitor com a maneira pela qual ela está organizada.

Organização dos capítulos

No primeiro capítulo, faço uma apresentação dos principais marcos teóricos que orientam este trabalho, delineando algumas considerações acerca das mudanças sociais que impactaram a forma de viver a homossexualidade em grande parte do ocidente. Ainda que meus argumentos se sustentem, principalmente, em dois pesquisadores advindos de contextos estrangeiros, procuro articular suas ideias às de autores brasileiros, estabelecendo um diálogo que permita pensar questões pertinentes à realidade nacional – e, mais especificamente, à cidade de São Paulo.

No segundo capítulo, que inicio com a descrição do casamento de um de meus interlocutores, privilegio seis histórias obtidas a partir das entrevistas em profundidade para serem dissecadas mais a fundo. Embora não tenha a intenção de que representem a totalidade do grupo, são narrativas marcadas por experiências familiares e afetivas que apontam para certas transformações na maneira pela qual a homossexualidade é vivida nesse âmbito, além de estarem perpassadas por acontecimentos da história recente

testemunhados por grande parte dos entrevistados. Ao final, recupero traços que têm em comum e proponho uma análise mais abrangente a partir de alguns marcos que apresento.

O terceiro capítulo tem por objetivo discutir transformações no que concerne à visibilidade homossexual a partir das mudanças que os interlocutores observam em espaços públicos e privados. Dividido em três partes, o capítulo inicia com uma reconstituição da cena gay paulistana desde meados da década de 1970 – quando ambientes destinados exclusiva ou predominantemente a homens homossexuais ainda eram escassos em São Paulo – até a atualidade, marcada pela profusão de bares e boates “GLS” ou *friendly*. Na segunda parte, exploro alguns discursos sobre a ocupação da cidade por jovens gays e lésbicas, alvos de opiniões bastante conflitantes no que diz respeito ao modo como se apresentam e se comportam publicamente. Dando continuidade à divergência de pontos de vista, encerro o capítulo com uma análise sobre as percepções dos interlocutores acerca da Parada do Orgulho LGBT, evento singular para a afirmação da visibilidade homossexual no Brasil.

Nas considerações finais, retomo os argumentos expostos ao longo da tese e faço uma síntese do que foi discutido a partir das ideias de *respeito*, *tolerância* e *aceitação*, categorias que permeiam certas reflexões e ajudam a entender como os interlocutores organizam suas percepções e experiências. Há ainda um pós-escrito, onde me aventuro em algumas elucubrações sobre o cenário político que coincide com o encerramento desta pesquisa.

Capítulo 1

A homossexualidade descoberta: perspectivas teóricas contemporâneas

Em um dos principais trabalhos já produzidos sobre a história da homossexualidade no Brasil, o pesquisador norte-americano James Green traça um desenho bastante rico do período que vai desde o final do século XIX até o final do século XX, quando o país sediava, no Rio de Janeiro, a 17ª edição da Conferência Anual da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA)³², uma das mais importantes organizações do mundo no combate à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero³³. Celebrando-a como um fato que colocava o país em um patamar de importância próximo a de outras nações do mundo ocidental, rememora a previsão feita por um dos editores do jornal *O Snob*³⁴, que em 1964 antecipava a realização, em território nacional, de um “Festival de Entendidos” para o qual convergiriam representantes de diversos países (GREEN, 2000). Os prognósticos que trinta anos antes eram classificados pelo próprio colunista como uma “utopia” haviam se mostrado, nas palavras de Green, “incrivelmente premonitórios” (GREEN, 2000, p. 459).

Se uma certa tradição de estudos sobre a sexualidade – e a homossexualidade em particular – tende a caracterizar o Brasil, como Carrara & Simões (2007) assinalam, de maneira “orientalizada” (SAID, 2002) e distante dos padrões que moldaram, na América do Norte e na Europa, a construção de uma identidade sexual moderna, uma investigação ligeiramente mais profunda parece apontar no sentido contrário: assim como em países tidos tradicionalmente como berços da sexologia e dos primeiros movimentos de defesa das minorias sexuais, o Brasil também fez parte do processo de modernização que propiciou a emergência de identidades gays e lésbicas comuns a

³² Sobre esse encontro, ocorrido em 1995, ver também Facchini (2005) e Simões & Facchini (2009).

³³ Em funcionamento desde 1978, a ILGA atende hoje pelo nome International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association. É financiada por órgãos públicos e privados e possui membros em 110 países. Site oficial: <http://ilga.org/> (Acesso em 11 de novembro de 2014).

³⁴ Fundado por um grupo de amigos residentes no Rio de Janeiro, o jornal circulou durante a década de 1960 e trazia uma visão bem-humorada de acontecimentos relacionados à vida homossexual da época (GREEN, 2000).

várias regiões do mundo. Embora dotado de algumas idiossincrasias, o cenário brasileiro – especialmente o das grandes metrópoles – não parece diferir de modo tão abismal daquele observado em outros contextos. Já na virada do século XIX para o XX, uma “subcultura” homossexual³⁵ similar à que florescia em Nova York e Buenos Aires, por exemplo, podia ser observada em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (GREEN, 2000).

Com a abertura política que ocorreria no Brasil no final da década de 1970, o país foi contemplado com a primeira grande oportunidade de levar à discussão questões que já se faziam presentes, ainda que de forma pouco explícita, vários anos antes. Pelo menos desde a década anterior, manifestações artísticas e culturais vindas de cantores da MPB e de grupos como os Dzi Croquettes³⁶ e os Secos e Molhados brincavam com os papéis de gênero e afrontavam a restrição de liberdades imposta pelo governo ditatorial (FRY & MACRAE, 1983). Uma contestação mais incisiva, contudo, só viria a aparecer quando os ares se mostraram suficientemente amenizados para permitir um respiro emancipatório mais profundo. Além do fortalecimento de movimentos sociais como o dos metalúrgicos, que encabeçaram as famosas greves do ABC, uma revolução comportamental se delineava com maior vigor: buscando inspiração nos movimentos da contracultura vindos da Inglaterra e dos Estados Unidos, estudantes e intelectuais se voltavam para questões envolvendo o corpo, o erotismo e a subversão de valores (MACRAE, 1990). O hedonismo individualista, frequentemente encarado como um “mal” da moderna sociedade de consumo, era reivindicado como parte da rejeição que se construía aos paradigmas em vigor. Como coloca MacRae,

“[...] uma forma importante de contestação cultural ocorria a nível da sexualidade e do questionamento dos papéis sexuais tradicionais. A total desvinculação entre a sexualidade e a procriação, possibilitada pelo advento da pílula anticoncepcional, aliada a uma crescente contestação da moral até então vigente e uma maior complacência

³⁵ No que se refere à homossexualidade, o uso clássico do termo “subcultura” provém dos estudos interacionistas sobre “desvio”, especialmente com o trabalho de Plummer (1975). Como apontarei mais adiante, o autor se utiliza do conceito para caracterizar uma rede de relações sociais e significados constituída através da afirmação de um sentimento coletivo de diferença associado à sexualidade.

³⁶ Para mais detalhes sobre o grupo, ver Lobert (2010).

familiar, tornava a vida sexual dos jovens brasileiros mais aberta e mais livre” (MACRAE, 1990, p. 23).

Foi na esteira dessa valorização das liberdades individuais – manifesta, além do plano da sexualidade, em experimentações como o uso de psicoativos – que iniciativas como o Grupo *Somos*, fundado em 1978, surgiram. Herdeiro direto do movimento feminista, que já vinha, inclusive no Brasil, pautando discussões relacionadas ao direito de dispor sobre o próprio corpo, o então embrionário Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) abraçava ainda mais fortemente o hedonismo como estratégia para a reivindicação de sua causa (MACRAE, 1990; FACCHINI, 2005). Se a tão conclamada visibilidade homossexual não se inaugurava com o *Somos*, foi no período de sua criação – e juntamente a outros grupos fundados nos anos seguintes – que começava a se ampliar e adquirir contornos claramente políticos.

Para um certo número dos que viviam esse momento de transição, o arrefecimento da rigidez que marcara o controle dos costumes durante grande parte do regime militar facilitava uma autoexposição que possibilitou, em alguns contextos, a revelação da própria homossexualidade para além do “gueto” constituído por círculos restritos de relações e determinados redutos da cidade. Mesmo entre aqueles que compunham a frente mais “ousada” dessa liberalização, no entanto, não havia um consenso quanto ao grau de exposição a que estavam dispostos a se submeter: no próprio *Somos*, o “assumir-se” era uma questão recorrentemente problematizada e nem todos os seus integrantes se sentiam confortáveis, por exemplo, em comparecer a manifestações carregando faixas ou dar entrevistas (MACRAE, 1990). Ainda incipiente, a política de visibilidade que se instalava no Brasil teria um longo caminho a percorrer até que se tornasse, como tudo indica ser o caso hoje, algo que ultrapassa em muito a esfera dos movimentos sociais.

Conforme apresentado na introdução, as transformações que atravessaram a experiência de uma determinada coorte geracional parecem ter sido suficientemente relevantes para que apontamentos sobre as disparidades entre a homossexualidade que se vivia algumas décadas atrás e as possibilidades das quais se pode desfrutar atualmente tenham aparecido de maneira espontânea em várias das entrevistas realizadas para esta pesquisa. Especialmente para os interlocutores que testemunharam, na adolescência ou juventude, os anos anteriores ao início do processo de

redemocratização, comparar os tempos de outrora com o cenário contemporâneo era praticamente inevitável: de modo semelhante ao que ocorrera nos Estados Unidos com aqueles que fizeram da homossexualidade uma bandeira de luta a partir da revolta de Stonewall³⁷, os entrevistados que chegaram a uma idade mais avançada advindos de circunstâncias bem menos favoráveis à expressão plena de uma sexualidade heterodoxa comumente relatavam uma trajetória de vida marcada pelo sofrimento no que concerne ao manejo de sua orientação sexual. Isso não significa, porém, que o relato de interlocutores mais jovens fosse necessariamente mais feliz nesse quesito: mesmo na ausência de uma experiência permeada pela fase mais crítica da ditadura, discursos que apresentam a própria homossexualidade como um fardo longamente carregado – ou, pelo menos, como um empecilho importante em certas esferas da vida – eram frequentes. Em ambos os casos, está presente uma estrutura narrativa próxima à que Simões (2004) identifica como a marca de uma coorte que se apresenta como protagonista de uma trama em que o estigma social responsável por reprimir desejos incontrolláveis é o grande vilão a ser enfrentado.

Embora não constitua uma exclusividade daqueles que experimentaram, durante certo período da vida, uma atmosfera significativamente menos receptiva que a de hoje, a angústia decorrente de um autorreconhecimento que poderia trazer consequências negativas se compartilhado abertamente contava com um suporte social muito menor para sua amenização, o que aparece não só no discurso de meus interlocutores, mas em um conjunto de trabalhos recentes que exploram a trajetória de homens homossexuais de meia-idade e idosos no Brasil (PASSAMANI, 2013; HENNING, 2014; ZAMBONI, 2014). Em que pesem as possibilidades de exposição que começavam a se delinear no final da década de 1970, muitos deles ainda deparavam – ou deparariam logo mais – com dificuldades importantes em diversos segmentos de suas vidas. O aparecimento da AIDS e sua vinculação inicial com a homossexualidade, pouco tempo depois, não colaboraria para que esses obstáculos fossem facilmente superados.

³⁷ Os motins de Stonewall tiveram lugar em junho de 1969 depois de inúmeras incursões policiais ao bar de mesmo nome, frequentado majoritariamente por gays, lésbicas e travestis. Cansados da repressão, os clientes decidiram reagir e confrontar a polícia, o que veio a dar origem ao Dia Internacional do Orgulho Gay e ao Gay Liberation Front (GLF). A iniciativa inspirou, ao longo dos anos seguintes, outras associações similares em diversos países do mundo (D'EMILIO, 1998; WEEKS, 1985).

Antes de adentrar o trabalho de campo que servirá de base para uma problematização aprofundada dessas questões – e sobre como certas transformações se produziram no contexto que me proponho a analisar –, trago à baila duas discussões que podem auxiliar a compreensão desse processo de mudança em um nível mais global. Não se trata aqui de desprezar as particularidades do Brasil nem de encarar o cenário nacional como uma mera reprodução de outras realidades, mas de uma tentativa de diálogo com conjunturas, a um só tempo, distantes e contíguas. Como procurarei demonstrar no decorrer dos próximos parágrafos, esse exercício de aproximação, com todas as limitações que possui, pode se revelar promissor.

Do ativismo radical ao assimilacionismo: Steven Seidman e a vida “além do armário” nos Estados Unidos do século XXI

Embasadas em uma investigação meticulosa que mistura análise de discursos e etnografia cinematográfica, as discussões empreendidas por Steven Seidman em seu livro *Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life*, publicado originalmente em 2002, foram de grande inspiração conceitual desde minhas primeiras elucubrações teóricas sobre o tema em que me debruço neste trabalho. Ao problematizar os efeitos das mudanças decorrentes de uma política de visibilidade em curso na sociedade norte-americana, o autor se questiona, ao longo de toda a obra, sobre seu real significado: se, por um lado, haveria pouca discordância com relação à tangibilidade de uma transformação no modo pelo qual gays e lésbicas eram vistos e conduziam suas vidas nos Estados Unidos entre o final do século XX e o começo do XXI, a direção que essa mudança viria tomando não seria única nem de todo desprovida de contradições. Certamente, há que se considerar que o cenário analisado por Seidman já não é mais o mesmo de hoje: em pouco mais de dez anos, diversos estados norte-americanos aprovaram uniões civis ou casamentos entre pessoas do mesmo sexo e uma lei antidiscriminatória similar à que vem se tentando implementar no Brasil foi assinada pelo presidente Barack Obama³⁸. Como acredito, no entanto, vários aspectos de suas ponderações seguem sendo atuais.

³⁸ Atualmente, são quinze os estados que autorizam variadas formas de união entre casais homossexuais. A legislação antidiscriminatória, por sua vez, está em vigor desde 2009 e acrescentou gênero, orientação

Ao introduzir a questão que vai conduzir sua argumentação, Seidman aponta para o que acredita constituir o movimento predominante em termos de visibilidade homossexual nos Estados Unidos dos anos 2000: a *integração social* de gays e lésbicas em um mundo que antes lhes era restrito, ainda que de forma lenta e gradativa. Com isso, se estaria observando um fenômeno novo: o desejo crescente, por parte dessa camada, de viver o que ele chama de “vidas comuns de classe média” (*ordinary middle class lives*), processo acompanhado de uma renegociação das antigas distinções entre público e privado, uma vez que o “armário” no qual muitos se escondiam como forma de evitar represálias perderia cada vez mais importância. Por outro lado, a incorporação à sociedade *mainstream* estaria condicionada à manutenção de um padrão de “gay normal” – alguém ajustado às normas de gênero e comprometido com a casa, a família, a carreira e a nação, além de praticante de um sexo conformado à dicotomia de gênero, privado, carinhoso, genitalmente centrado e ligado ao amor, ao casamento e à monogamia³⁹.

Partindo dessa constatação, Seidman destaca duas visões diferentes acerca do que estaria ocorrendo no contexto norte-americano da época: uma delas, mais radical e que parece rejeitar por completo o que considera uma mera assimilação homogeneizante, vê nessa integração uma “igualdade virtual”, pois a discriminação e a vergonha continuariam sendo mais a regra do que a exceção. Para os partidários desse ponto de vista, a única saída seria um retorno ao ativismo radical do liberacionismo gay presente nos movimentos que se seguiram aos motins de Stonewall, questionando as instituições predominantes como o casamento, a família e uma cultura organizada em torno de identidades de gênero dicotômicas e um ideal heterossexualista de amor e romance. A outra visão, da qual Seidman claramente compartilha, adotaria uma espécie

sexual, identidade de gênero e deficiência a outras motivações previamente contempladas (raça, cor, religião e origem) que podem vir a caracterizar um crime de ódio (*hate crime*). Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/LGBT_rights_in_the_United_States (Acesso em 14 de outubro de 2014).

³⁹ Tal aceção remete à “escala” elaborada por Rubin (1993) em seu famoso ensaio, no qual “bom” e “mau” sexo são diferenciados a partir de uma hierarquia que vai desde valores mais tradicionais (sexo heterossexual, monogâmico, reprodutivo e restrito ao lar) até o que é tido como “não natural”, “doente” e “pecador” (sexo com travestis, fetichista, por dinheiro e/ou transgeracional). Em uma zona fronteira, estaria o que Rubin considera “área principal de contestação”: casais heterossexuais não-casados ou promíscuos, masturbação, casais gays e lésbicas estáveis, lésbicas em bares (categoria que parece conter uma ironia aos espaços restritos ocupados por mulheres homossexuais) e homens gays promíscuos.

de “caminho do meio”: ao mesmo tempo em que os avanços obtidos em termos de conquista de direitos e visibilidade são inquestionáveis, seria preciso continuar problematizando uma normatividade ainda presente na maior parte das instituições. Se, na época de sua pesquisa, muitos já podiam optar por viver uma vida “fora do armário” – o que certamente já representava um alargamento das possibilidades –, certas limitações permaneceriam, uma vez que mesmo as pessoas teoricamente mais “libertas” ainda viveriam e participariam de um mundo onde a maior parte das convenções sociais relacionadas à heterossexualidade se mantém intacta. Contrapondo o antigo *closet* – definido por Sedgwick como “a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p. 26) – com o que chamei em minha pesquisa de mestrado de estratégias de manipulação (SAGGESE, 2009; SAGGESE, 2012), Seidman estabelece uma distinção entre um padrão social que, no passado, seria determinante de um certo estilo de vida (*life-shaping social pattern*) e um presente mais maleável que exigiria apenas “esconderijos pontuais”.

Tomando como base as entrevistas que realizou para sua pesquisa – que incluem não só gays e lésbicas, mas parentes e amigos heterossexuais desses últimos – Seidman sugere que a importância decrescente do “armário” estaria fazendo com que a questão da sexualidade também adquirisse uma relevância cada vez menor, aproximando pessoas de orientações sexuais distintas de uma maneira até então inédita. Nas entrevistas com heterossexuais jovens, no entanto, o autor percebe um movimento de mão-dupla: ao mesmo tempo em que existiria uma menor necessidade de evitamento dos pares gays, alguns de seus interlocutores parecem fazer questão de reafirmar explicitamente sua heterossexualidade, colocando-se contra qualquer possibilidade de serem vistos como não-heterossexuais. Uma reação, talvez, ao que Seidman considera o efeito mais visível do crescimento de um senso de autointegridade e merecimento social: uma mudança na agenda do movimento LGBT norte-americano, que teria passado de uma reivindicação à simples *tolerância*, quando a homossexualidade ainda era criminalizada nos Estados Unidos⁴⁰, ao requerimento de igualdade civil, momento

⁴⁰ Vale notar que no Código Penal Brasileiro a homossexualidade nunca foi formalmente criminalizada por ter como inspiração o Código Napoleônico (GREEN, 2000, FIGARI, 2007).

em que começa a haver grande demanda por direitos que equiparem gays e lésbicas às famílias heterossexuais “tradicionais”.

Ainda esmiuçando as nuances do “armário”, Seidman destaca seu caráter histórico: se é possível afirmar que a existência do que Rich denomina “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2010) é antiga, o surgimento do “armário”, pelo menos tal qual o concebemos, seria relativamente recente, ligado ao contexto social do pós-guerra e à ideia de uma homossexualidade como identidade nuclear, algo que não faria muito sentido antes da década de 1960. Embora a homossexualidade já fosse recriminada nos Estados Unidos previamente à Segunda Guerra Mundial, somente na década de 1950 teria se tornado alvo de campanhas persecutórias efetivas, período em que o medo da “desordem” – reflexo de um ideal de moralidade pautado na família nuclear que rejeitava estilos de vida “alternativos” – atingiu, de acordo com o autor, um pico quase febril. Diante desse contexto, a figura do homossexual – bem como a dos “delinquentes juvenis” e a das “garotas promíscuas” (*juvenile delinquents e loose girls*) – se apresentava como ameaçadora e era invocada para defender um ideal bastante estreito de uma “heterossexualidade respeitável”. Como Seidman sugere, a partir de então o homossexual passava a simbolizar, para o cidadão norte-americano médio, um obstáculo ao casamento, à família e até mesmo à civilização⁴¹.

Um ponto-chave para o qual o autor chama a atenção é o fato de frequentemente vitimizarmos aqueles que preferem se manter “escondidos”, dando pouca atenção às suas possibilidades de agência. Ainda que sob circunstâncias limitadas pelo estilo de vida que escolhem levar, homossexuais que não declaram abertamente sua orientação sexual não poderiam – ou ao menos não deveriam – ser encarados simplesmente como vítimas passivas de uma normatividade que os força a manterem seus desejos e práticas em segredo. Alternativamente, Seidman propõe que mesmo essas pessoas seriam capazes de forjar vidas satisfatórias e laços sociais importantes, negociando ativamente o terreno social em que circulam. Se o *passing* – estratégia de manejo identitário exaustivamente trabalhada por interacionistas simbólicos como Garfinkel (1984) e

⁴¹ Mais uma vez me remeto ao trabalho de Rubin (1993), que refaz a trajetória histórica da perseguição aos homossexuais nos Estados Unidos e destaca a “caça às bruxas” de que foram alvo entre o final da década de 1940 e o início da década de 1960, período em que o macartismo imperava e grupos minoritários viam seus direitos civis ameaçados.

Goffman (1988) – é uma constante em suas relações, isto não significa que ele seja exercido sem esforço, de maneira parca e pouco cuidadosa, mas ao contrário: para quem está no “armário”, a vida cotidiana adquiriria um senso de performatividade ainda mais acentuado.

Conforme anunciado anteriormente, Seidman analisa casos de pessoas que se dispuseram a ser entrevistadas para sua pesquisa. Embora não pretenda se estender nas minúcias das histórias, é importante frisar que o autor procura dissecá-los à luz de uma perspectiva pautada em marcadores como classe, raça, idade e religião, analisando como cada um deles influiria na experiência do “armário”. Se algumas de suas considerações me parecem um pouco reducionistas e talvez reflitam mais o modo como hierarquias e discriminações provenientes de determinados marcadores operam especificamente nos Estados Unidos, não tenho dúvida de que certas variações sociais podem ter um peso importante na decisão de expor ou não a própria homossexualidade: Seidman fala, por exemplo, do impacto de fatores socioeconômicos a partir da experiência de dois interlocutores pertencentes à classe operária norte-americana, afirmando que, para esse estrato, a interdependência econômica entre parentes seria uma expectativa vitalícia, tornando o *coming out* uma experiência mais arriscada do que nas camadas médias, onde a valorização da independência financeira e de um maior individualismo ofereceria um leque mais amplo de opções àqueles que se decidem se assumir⁴².

No que concerne a fatores etário-geracionais, que Seidman acredita serem cruciais para modelar a experiência da visibilidade homossexual, sua perspectiva caminha no sentido de apresentar os entrevistados mais velhos como pessoas bem mais suscetíveis a terem tido que abraçar, em algum momento da vida, as expectativas sociais de casamento heterossexual e constituição de família, além de um constante autoexame que não deixasse transparecer qualquer traço corporal de “feminilidade”. Uma experiência oposta, sentida principalmente por quem começava a vivenciar sua

⁴² Em artigo de 2012, a jornalista Lúcia Guimarães trata desse tema associado à questão da raça, afirmando que “são principalmente os brancos afluentes que insistem no burguês direito de se casar. Um negro que vive abaixo da linha da pobreza terá mais dificuldade de apresentar um companheiro à família e esta é uma fonte de distorção estatística”. O texto completo está disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/arteeazer,gays-raca-classe-e-religiao,872743,0.htm> (Acesso em 15 de outubro de 2014).

homossexualidade no período pós-Stonewall, é observada pelo autor: com o maior reconhecimento da homossexualidade como variação legítima da sexualidade humana – e, conseqüentemente, sua maior integração à sociedade –, o peso de se manter “no armário” poderia aumentar na medida em que homossexuais “enrustidos” passariam a ser vistos como pessoas que vivem uma vida pouco autêntica⁴³, tornando o antigo conforto trazido por esse “esconderijo” algo potencialmente constrangedor⁴⁴. Expressão típica de uma geração nascida nos anos do pós-guerra, que incorporaria, também na esfera da sexualidade, o projeto de autorreflexividade que lhe permitiu questionar certos valores e estilos (FEATHERSTONE, 1995, DEBERT, 1999).

Embora muitas pessoas ainda possam optar por manter sua orientação sexual escondida – e, por vezes, totalmente separada de seus círculos principais de relações –, Seidman argumenta que o mundo do enrustimento estaria em declínio, cedendo lugar a espaços mais democráticos onde a homossexualidade deixaria de ser invisível. Dessa forma, a escolha contemporânea não estaria mais pautada em uma dicotomia viver negando o próprio desejo *versus* levar uma vida dupla, mas, de maneira alternativa, em definir o significado e o lugar de viver a homossexualidade de modo relativamente livre ao mesmo tempo em que se permaneceria navegando em um mundo que continua a impor certos riscos para aqueles que se assumem. Nos casos que apresenta, Seidman destaca preocupações e anseios de quando já se está, ao menos em parte, livre do fardo do segredo: o cuidado que uma interlocutora tem com a mãe ao fazer com que seu *coming out* para amigos e conhecidos da família sempre passe por seu crivo, evitando assim “sobrecarregá-la”; a saída do “armário” como busca de *respeito* (o que Seidman enxerga como um caso-modelo de uma geração mais jovem, portadora principal desse sentimento de autovalorização e merecimento dos mesmos direitos dos quais desfrutam cidadãos heterossexuais); as diferenças de percepção entre *tolerância* e *aceitação* no ambiente do trabalho, fazendo com que a homossexualidade fosse mantida em um plano

⁴³ Tal qual sugere Trilling (1972) em seu famoso ensaio sobre a importância da categoria *autenticidade* no mundo moderno, deixar de reconhecer esse “sentimento de ser” (*sentiment of being*) poderia acarretar, em um plano subjetivo, conseqüências negativas ou até mesmo impedir a aquisição de um bem-estar integral.

⁴⁴ Por outro lado, o autor aponta que a ansiedade por se esconder pode ter adquirido, para alguns, contornos ainda mais marcados, uma vez que a valorização de um senso identitário teria feito com que a sociedade passasse a observar mais detidamente sinais que pudessem “denunciar” gays e lésbicas.

mais “pessoal” – não tanto como um “armário”, mas como uma estratégia de cuidado em um ambiente que não trata hetero e homossexuais da mesma forma; e, finalmente, o *coming out* no trabalho como busca de integridade social e respeito *como gay* por parte dos colegas. Nesse último caso, a fala de um de seus interlocutores chama a atenção por sua veemência: “Não quero que ninguém suponha que eu *não* sou gay” (*I don’t want anybody to assume that I’m not gay*).

À medida que os constrangimentos ligados à homossexualidade diminuem, o espaço que a orientação sexual passa a ocupar no cotidiano não estaria mais restrito à vida em “guetos”, podendo se expandir para além de círculos sociais fechados e ambientes exclusivamente destinados a gays e lésbicas. Mesmo que alguns passassem a enxergar a própria homossexualidade como identidade nuclear – algo que acredito ser fruto não apenas dos avanços nos direitos da população LGBT, mas do mesmo projeto autorreflexivo que valoriza a *autenticidade* e incentivou a “saída do armário” a partir da requalificação de segmentos sociais previamente estigmatizados (GIDDENS, 2002) –, isso não significa que suas atividades girariam necessariamente em torno de “ser gay”, mas estariam combinadas a várias outras esferas da vida. Contudo, mais uma vez é preciso atentar para os obstáculos difíceis de serem ultrapassados – como Seidman aponta, assumir-se na família e falar abertamente da própria homossexualidade no ambiente profissional, por exemplo, não implicaria uma aceitação social automática nem o desfrute de oportunidades iguais às dos pares heterossexuais.

Nos estudos de caso direcionados a familiares de gays e lésbicas, que expõem suas dificuldades e conquistas em relação a esses últimos, Seidman os convida a problematizar os sentidos de sua própria heterossexualidade, que também entrariam em pauta a partir do momento em que homossexualidade passa a ser vista, ainda que com limitações, como algo potencialmente “normal”. Partindo de histórias em que a religião parece exercer um peso negativo sobre a maneira pela qual se encara o *coming out* de um parente, o autor defende a tese de que, na ausência de convicções religiosas importantes e do suporte da comunidade ao redor, a intolerância em relação à homossexualidade seria cada vez mais difícil de ser sustentada. A despeito de concordar com o argumento, me pergunto até que ponto demais tipos de valores morais – não necessariamente pautados na religião – ainda poderiam exercer influência sobre a manutenção do preconceito e da discriminação no âmbito familiar. Se, como Seidman

sugere, muitas famílias se “acomodam”, mas não necessariamente *aceitam* seus parentes homossexuais mesmo que não tenham qualquer tipo de vínculo religioso, outros fatores de impedimento a uma convivência mais tranquila possivelmente permanecem.

Em que pese a reserva que algumas famílias poderiam manter no que concerne à homossexualidade de um parente, Seidman reconhece uma transformação crucial: se num passado não muito distante era comum que gays e lésbicas deixassem sua família de origem para viver com amigos e/ou companheiros – a “família de escolha” (WESTON, 1991) –, nos Estados Unidos da contemporaneidade, “sair do armário” e manter laços fortes com pais e irmãos (compartilhando, inclusive, o mesmo lar) não seria mais uma possibilidade tão remota. Como efeito desse movimento, surgiria também uma luta pela conquista não apenas de uma *tolerância*, mas de um verdadeiro senso de *pertencimento, cuidado emocional e respeito*. A partir do momento em que o “assumir-se” deixa de significar, necessariamente, uma ruptura, uma negociação prolongada da *aceitação* dentro da família de origem viria à tona⁴⁵.

Na obra de Seidman, há uma análise de filmes interessante para pensar transformações na retratação midiática de gays e lésbicas entre o início da década de 1960 e o final da de 1990, período que o autor elege por considerar o de maior representatividade desse processo⁴⁶. Mantendo seu argumento-chave – a necessidade de relativizar a maior integração da homossexualidade no contexto norte-americano, levando em conta que a proeminência de uma maior respeitabilidade não significa que ela ocorra de maneira contínua e uniforme –, Seidman problematiza, a partir dos filmes analisados, a construção social de um “gay normal”, que tornaria possível uma vida “além do armário” ao mesmo tempo em que imporia certas regras que mantêm um ideal normativo de heterossexualidade. Aqui, a ideia de um “homossexual poluído” (*polluted*

⁴⁵ Como indicarei mais adiante, as entrevistas realizadas para esta pesquisa apontam semelhanças com o que Seidman acredita ser mais a regra do que a exceção no contexto norte-americano: em pouquíssimos casos, há relatos de abandono do lar em virtude da orientação sexual e, mesmo quando isso ocorre, o contato com a família de origem não é completamente perdido.

⁴⁶ Um período ainda mais longo é analisado no documentário *The celluloid closet* (lançado no Brasil com o título “O outro lado de Hollywood”), que tive a oportunidade de assistir graças à indicação de um dos meus interlocutores. Dirigido por Rob Epstein e Jeffrey Friedman, o filme é uma produção de 1995 e reconstrói o percurso de personagens homossexuais no cinema norte-americano desde 1912. Trailer disponível em https://www.youtube.com/watch?v=JL_vrb4-6_0 (Acesso em 17 de outubro de 2014).

homossexual) é contraposta a um modelo mais recente de “adequação”: no primeiro caso, haveria uma forte ligação entre homossexualidade e poluição a partir de uma noção de “contágio moral”, retratando um contexto social em que se pregava que homossexuais, vistos como portadores de transtornos psíquicos potencialmente epidêmicos⁴⁷, deveriam ser excluídos da esfera pública através de medidas repressivas; no segundo, embora já existisse maior espaço para sua integração na sociedade, certos limites seriam estabelecidos, pois apenas aqueles que se adequassem às normas de gênero, ligassem sexo ao amor e monogamia e defendessem valores familiares tradicionais seriam dignos de *respeito* – ideal que começa a aparecer de modo mais recorrente nos filmes da década de 1990.

Como Seidman acredita, um lado reativo a essa maior integração que encontra respaldo no cinema – mesmo com todas as ressalvas que a acompanham – seria o receio de que outras sexualidades “desviantes” (profissionais do sexo, sadomasoquistas, pedófilos e adeptos da poligamia) pudessem vir a reivindicar respeitabilidade ou até mesmo direitos específicos – discurso corrente no plano político brasileiro, especialmente por parte da chamada “bancada evangélica”, que vem estabelecendo uma verdadeira “cruzada moral” contra a aprovação de leis que beneficiem a população LGBT (LA DEHESA, 2010). Reforçando sua preocupação com um ideal moralizante que estaria se tornando cada vez mais presente na sociedade norte-americana, o autor antecipa que a superação desse modelo só seria possível a partir do momento em que gays e lésbicas representassem rotineiramente papéis principais em filmes do grande circuito e fossem apresentados devidamente sexualizados e engajados em relações amorosas, além de retratados a partir de um ponto de vista que criticasse o privilégio heterossexual. Caso contrário, as representações midiáticas promoveriam, no máximo, um tipo bastante limitado de *tolerância*, e não de igualdade – visão crítica com a qual concordo e acredito ser possível estender à maioria das novelas, filmes e outros produtos ficcionais brasileiros que, salvo raras exceções, continuam a relegar

⁴⁷ Essa perspectiva aparece com frequência na filmografia dos anos 60, com personagens deprimidos ou até mesmo suicidas cujos destinos são invariavelmente marcados pela tragédia.

personagens homossexuais a papéis coadjuvantes e pouco condizentes com a realidade⁴⁸.

Para concluir seus argumentos, Seidman refaz o percurso histórico que teria promovido o lugar de marginalidade ocupado durante muito tempo pela homossexualidade nos Estados Unidos. Ainda que, até certo momento do século XX, o controle de práticas tidas como moralmente condenáveis como o aborto, casamentos inter-raciais e prostituição fosse corrente, com o passar das décadas teria havido um afrouxamento da coerção envolvendo práticas heterossexuais, uma vez que o sexo teria passado, pouco a pouco, a ser visto como uma esfera importante da expressão individual. Ato homossexuais, por sua vez, não teriam tido o mesmo destino: de acordo com o autor, na medida em que o Estado relaxava o controle sobre a heterossexualidade, práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo se tornavam alvo de regulações consideráveis, especialmente entre as décadas de 1930 e 1960 – justamente o que ajudou a modelar o que hoje chamamos de “armário”, posteriormente colocado em xeque pelos movimentos que reivindicavam legitimidade social a gays e lésbicas. Aqui, Seidman aproveita para discutir a divisão interna do movimento LGBT norte-americano, segmentado, grosso modo, entre os “assimilacionistas” e os “liberacionistas”: enquanto os entusiastas do primeiro modelo procurariam ampliar a noção de “bom cidadão sexual”, adequado às normas de gênero e restringindo o sexo a um ato privado e ligado aos ideais de intimidade e amor, os “liberacionistas”, que teriam se tornado uma voz marginal desde meados da década de 1970, defenderiam formas públicas de sexualidade e a possibilidade de um sexo desvinculado da intimidade romântica, além de uma ruptura com as convenções de masculinidade e feminilidade e formatos tradicionais de família.

Para além dessa disputa, no entanto, o cenário contemporâneo indicaria uma busca pela *igualdade* em contraposição a uma mera *tolerância*, algo que Seidman entende como uma luta que deve ultrapassar a demanda por direitos e exigir uma equiparação mais profunda que se paute nas ideias de *respeito* e *representação*. Ainda

⁴⁸ Ainda que, recentemente, o tão aguardado “beijo gay” tenha sido exibido em uma novela do horário nobre da Rede Globo (Cena disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KzZw5cYg39E>, acesso em 17 de outubro de 2014). Para uma análise sobre representações da homossexualidade em telenovelas brasileiras, ver os trabalhos de Colling (2007) e Beleli (2009).

que defenda propostas como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo em virtude de seu peso simbólico (além dos óbvios benefícios materiais), o autor acredita que a crítica “liberacionista” que vê nele uma instituição organizada em torno de papéis de gênero convencionais não deveria ser de todo descartada. Para Seidman, uma alternativa seria levantar a bandeira do casamento civil igualitário não só com base no argumento da igualdade de direitos, mas como parte da defesa de uma instituição que possibilite a união entre duas pessoas independentemente de seu sexo biológico, o que poderia abarcar, segundo ele, uma crítica ao próprio sentido do casamento⁴⁹ – argumento próximo daquele utilizado por Butler (2003) ao problematizar as uniões homossexuais a partir da aprovação do PaCS na França⁵⁰. Sem repensar o ideal do “bom cidadão” reproduzido pelas instituições e pelos meios de comunicação, não haveria qualquer possibilidade de igualdade plena.

“Os últimos homossexuais”?: Ernesto Meccia e as transformações da homossexualidade masculina em Buenos Aires

Pesquisando um cenário que, assim como o Brasil, esteve marcado por vários anos de uma ditadura que reprimiu fortemente as liberdades individuais, outro autor cujas ponderações inspiram este trabalho é Ernesto Meccia, sociólogo argentino que explora a interface entre homossexualidade masculina e geração no contexto bonaerense contemporâneo. Embora a análise que empreendo neste item esteja centrada em apenas um capítulo de seu livro *Los últimos homosexuales: sociología de la homosexualidad y la gaycidad*, a discussão travada por Meccia em *El viaje de las catacumbas al ágora: los períodos homosexual, pre-gay y gay* se articula, tal qual como Seidman, com o tema

⁴⁹ É curioso que Seidman não desenvolva, em nenhum momento, uma análise sobre os impactos da AIDS nas transformações que são alvo de sua investigação. Especialmente no que concerne à reivindicação pelo casamento civil, é de se notar como a epidemia, no contexto norte-americano, parece ter colaborado para que essa luta se tornasse cada vez mais urgente: diante da vulnerabilidade dos laços entre casais do mesmo sexo, o adoecimento de um companheiro implicava, frequentemente, em consequências negativas para o viúvo, como o impedimento de visitas no hospital e a ausência de direitos de partilha (CHAUNCEY, 2004).

⁵⁰ Aprovado em 1999, o PaCS (*Pacte Civil de Solidarité*) é uma forma de união civil que possibilita uma parceria contratual entre duas pessoas maiores de idade, implicando, como no caso do Brasil, em direitos e deveres comuns. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/PaCS> (Acesso em 17 de outubro de 2014).

que me proponho a investigar. Ao longo da tese, retomarei alguns dos argumentos expostos aqui e me utilizarei de ideias desenvolvidas pelo autor em outros momentos de sua obra.

Conforme sugerido pelo título, Meccia subdivide o intervalo de tempo que se dispõe a analisar em períodos que demarcariam distintos momentos sócio-históricos na construção de uma política de visibilidade homossexual em Buenos Aires. Antes de dar início à sua empreitada, contudo, problematiza alguns conceitos para tentar escapar de uma perspectiva que reduzisse cada uma dessas fases (os períodos “homossexual”, “pré-gay” e “gay”) à experiência de uma única “geração”: como Mannheim (1982), o autor propõe um exercício de contabilidade geracional que não esteja baseado em um mero indicador cronológico de nascimento, além de refutar a “lógica etápica” a partir da qual se costuma pensar os cursos biográficos. Tomando emprestado o conceito sociológico de *timing* (GASTRON & ODDONE, 2008), que encara o curso de vida não como uma segmentação da existência em etapas estanques, mas como uma *transição* dos indivíduos de um estado a outro, Meccia o adota como ferramenta para investigar as mudanças no imaginário social, nas representações coletivas e nos vínculos sociais concernentes à experiência da homossexualidade entre aqueles que viveram e ainda vivem esse processo de transformação.

Delimitado entre o final da década de 1960 e o final da de 1980, o primeiro período⁵¹ analisado por Meccia corresponde a uma época em que teria havido uma participação quase inevitável dos homossexuais em uma mesma coletividade de destino, caracterizada, em linhas gerais, pela experiência não-voluntária do compartilhamento de valores e situações comuns. Durante essa fase, quando um desejo eventual de se mostrar abertamente não encontrava qualquer tipo de amparo social, a homossexualidade seria ainda uma experiência pré-reflexiva, uma vez que não havia à disposição um capital cognitivo alternativo ao do discurso heterossexual. Ainda que nesse momento não fale em “armário”, Meccia se aproxima da ideia de *closet* desenvolvida por Seidman (2002) ao destacar que, nessa época, a vida era pautada no segredo e na fixidez de lugares de

⁵¹ Como espero deixar claro, a datação desses períodos não corresponde exatamente ao contexto brasileiro. Se, conforme vimos, uma política de visibilidade mais incisiva acontece nos EUA cerca de uma década antes do Brasil, na Argentina isso vai se dar ainda mais tarde.

socialização, limitando a experiência “desviante” à clandestinidade e às mesmas representações relacionais e existenciais.

Sob o ponto de vista do autor, a experiência predominante no “período homossexual” teria tido como pauta relacional um sentimento de pertença tendencialmente uniforme, desligado de quaisquer convenções ou atributos sociais específicos. Como consequência, qualquer um que sentisse atração por pessoas do mesmo sexo ou com elas mantivesse relações erótico-afetivas poderia ser enquadrado nessa coletividade, embora Meccia faça uma ressalva: esse “qualquer” deveria ser, como diria Weber (2007) ao caracterizar os membros de seitas protestantes, alguém “eticamente qualificado”. Apesar das limitações metodológicas – como o próprio Meccia aponta, a entrada nas seitas ocorria de maneira voluntária, diferente do que se passava no segundo caso –, a ideia é estendida eficazmente pelo autor ao seu objeto de estudo, já que, assim como aqueles que se convertiam às seitas, os “homossexuais” do período analisado também obedeciam a um princípio centralizador e sistemático. Suas experiências cotidianas, marcadas pelo sofrimento de viver em uma sociedade que os rejeitava por completo, seriam compartilhadas e os acompanhariam todo o tempo.

Como Meccia acredita, a experiência da dor nesse contexto teria adquirido um valor ético, tratada quase como um dogma que preenchia silenciosamente a vida cotidiana. Na ausência de uma retórica que permitisse questionar as convenções vigentes, tomaria forma o que o autor denomina “coletividade sofredora”, caracterizada pela presença de um conjunto de racionalizações que exaltavam o suportar desse mal-estar. Como as falas de interlocutores mais velhos parecem apontar, durante esse período era impossível pensar a própria homossexualidade sem a experiência do sofrimento. Por outro lado, não havia ainda uma ideia claramente formada de luta contra a discriminação, uma vez que ser membro de uma “coletividade sofredora” não implicava em pertencer ao que teria se seguido ao “período homossexual”: o surgimento de uma “coletividade discriminada” que podia começar a contemplar a verbalização de sua dor e, com isso, denunciar a exclusão social a que estava sujeita.

Conforme acredita o autor, a transição da “coletividade sofredora” à “coletividade discriminada” esteve marcada por uma política de visibilização de amplo alcance da homossexualidade que teria dado origem ao “período pré-gay”, quando a geração socializada no período anterior se viu convivendo com as primeiras gerações

que viriam a institucionalizar demandas por direitos civis. Na fase em questão, que só teria sido possível alguns anos após a abertura democrática da Argentina (ocorrida em 1983) e perdurado até a primeira metade da década de 1990, a consciência de fazer parte de uma minoria discriminada já constituía uma realidade para muitos, o que aprofundava a urgência de adotar medidas que promovessem o recuo da hostilidade com relação aos homossexuais. Com as mudanças advindas do processo de redemocratização no plano dos direitos civis básicos, como a liberdade de expressão e circulação – algo que ocorreu, como previamente assinalado, de maneira bastante semelhante no Brasil (MACRAE, 1990) –, a possibilidade de maior integração social de formas não-heteronormativas de sexualidade começava a se delinear como algo concreto.

Outra característica marcante do “período pré-gay” teria sido, de acordo com Meccia, o advento da epidemia de AIDS. Em concordância com inúmeros outros autores que trabalharam o tema em contextos diversos (BASTOS, 2002; ERIBON, 2008, POLLAK, 1990), Meccia destaca o caráter dual do fenômeno: se, por um lado, a chegada de uma doença desconhecida, mortal e contagiosa pode ter reforçado ainda mais o ideal fatalista do infortúnio homossexual, por outro, a tragédia teria acelerado a implantação de políticas de visibilização por organizações que já vinham reivindicando a linguagem da não-discriminação. Para o autor, o legado mais importante da AIDS teria sido, em virtude da visibilidade forçada que impulsionou, converter a homossexualidade em uma “profanação intencional” (BOURDIEU, 2001): ao ameaçar certos ideais da sociedade através de uma plataforma política que tencionava, mesmo que de modo tímido, subverter a ordem dominante, os impactados pela doença começavam a desconstruir a ideia da “ameaça homossexual” reforçada pelo Estado nos primeiros anos da epidemia. Como assinala, esse período teria sido o momento em que uma coletividade – antes “sofredora” e abstrata – se tornava mais visível do que nunca, cristalizando um grupo maior e mais concreto. Ainda que não completamente homogêneo – Meccia é cuidadoso ao destacar a ausência de afinidades particulares que pudessem caracterizar esse grupo –, o “período pré-gay” teria promovido uma mudança indiscutível nas condições de vida dos homossexuais argentinos, conferindo a eles uma legitimidade cada vez mais reforçada pelas demandas dos movimentos sociais. Para os “últimos homossexuais” – representantes do período prévio –, a era “pré-gay”

representaria uma espécie de ressarcimento ou redenção, transformando a experiência do sofrimento em uma política que vislumbrava a emancipação.

Como produto de uma conjuntura mais favorável ao discurso, a geração que viveu o “período pré-gay” poderia ser considerada, segundo Meccia, a primeira “geração Stonewall” (SIMÕES, 2004) argentina, utilizando, tal qual os pioneiros do movimento gay norte-americano, a narrativa do *coming out* como elemento central de uma política de visibilização. De acordo com o autor, essa estratégia trazia como novidade um convite a “sair”, de diversas maneiras, de uma posição acomodada e se engajar numa luta onde o “dizer” era protagonista e o segredo deveria ser reduzido ao máximo. Retomando Simões (2004), Meccia se apoia na ideia de que a narrativa do *coming out*, em suas primeiras manifestações, teria contribuído de maneira substancial para moldar a figura do “herói-vítima”, representada por aqueles que tiveram a coragem de assumir a homossexualidade num momento em que sua validação social era alvo de disputas acirradas. O “armário”, finalmente, começava a se configurar, no cenário argentino, como um obstáculo a ser atravessado por aqueles que desejassem uma existência livre da coerção heteronormativa.

O “período gay”, que teria se seguido a esse primeiro momento de estímulo ao discurso e que Meccia denomina “réquiem para a coletividade e reconhecimento social” –, teria tido início na segunda metade da década de 1990, recrudescendo a partir dos anos 2000. Segundo o autor, a chave sociológica para compreender o que ele chama de “gaycidade” seria a “des-diferenciação” – “um processo de atenuação generalizada na percepção das diferenças sociais de alto impacto no imaginário e nas relações sociais”⁵², resultado direto da política de visibilidade do momento imediatamente anterior. Tal processo, por sua vez, se apoiaria em uma lógica de “abertura” (*desenclave*)⁵³ dividida em três planos distintos: a “abertura espacial”, a “abertura relacional” e a “abertura representacional”.

⁵² “[...] un proceso de atenuación generalizada en la percepción de las diferencias sociales de alto impacto en el imaginario y en las relaciones sociales” (p. 122)

⁵³ É possível que o termo tenha alguma inspiração no conceito de “desencaixe” (*disembedding*) formulado por Giddens (1991), quando sugere que, na modernidade, as relações sociais seriam deslocadas de seus contextos locais de interação em outras extensões de espaço e tempo, embora não haja em Meccia qualquer referência direta a essa ideia.

No plano da “abertura espacial”, o principal indicador de mudança seria o aumento considerável do número de estabelecimentos destinados a homens gays, mas também uma maior diversificação do público frequentador. Em paralelo, seria possível verificar uma redução significativa dos pontos de encontro clandestinos, além da dispersão espacial dos ambientes de socialização em Buenos Aires. A “abertura relacional”, por sua vez, seria marcada por um borramento gradual das fronteiras que, no passado, teriam limitado fortemente as possibilidades de trânsito social dos homossexuais. À exceção de alguns poucos “sábios” – e aqui Meccia se apropria da terminologia goffmaniana (GOFFMAN, 1988) para caracterizar aqueles que, apesar de não fazerem parte do grupo estigmatizado, encontravam-se próximos e ofereciam algum tipo de solidariedade –, a comunidade de apoio era restrita a seus próprios companheiros de “desvio”, cenário que não corresponderia à realidade atual, especialmente entre as camadas mais jovens. Por outro lado, com a mistura dos vínculos sociais, outro fenômeno estaria tomando forma: a morte do que Meccia chama de “ecumenismo social homossexual”, predominante nas décadas anteriores ao advento da “gaycidade”. De modo inverso ao que ocorria, estaríamos observando uma segmentação territorial pautada em determinados marcadores (origem social, apresentações corporais e faixa etária) muito mais estrita, acompanhada de uma procura por contatos externos mistos – isto é, possibilidades de encontros sociais harmoniosos entre hetero e homossexuais. Como é possível inferir, o processo de “abertura relacional” parece caminhar junto ao de “abertura territorial”, alinhados ao terceiro e último plano de *desenclave*: a “abertura representacional”.

De acordo com Meccia, mais do que um simples espelho dos dois outros processos, o mecanismo de “abertura representacional” seria tanto seu resultado como condição, conformando uma lógica retroalimentativa mais complexa do que poderia parecer à primeira vista. Dando como exemplo os espetáculos das casas noturnas destinadas ao público gay, o autor destaca as transformações relativas às imagens de masculinidade e feminilidade incorporadas pelos artistas: enquanto no passado seria comum que o protagonista se vestisse de mulher e dedicasse esforços a conquistar o que seria considerado um “homem de verdade” – másculo, viril e ativo –, no contexto atual, esse tipo de representação teria se tornado mais escasso, dando lugar, principalmente, à

figura dos *strippers*, que encarnariam um ideal de masculinidade desejado – não só como objeto sexual, mas também como modelo para si – pelo público espectador.

No que concerne a esse ponto, considero pertinente fazer dois apontamentos. Em primeiro lugar, é interessante notar como o exemplo do passado lembra muito a descrição de MacRae (1990) de um espetáculo realizado durante o primeiro EGHO (Encontro de Grupos Homossexuais Organizados) em 1980, duramente criticado por militantes do movimento brasileiro⁵⁴, o que reforça a possibilidade de traçar comparações entre as mudanças ocorridas nos contextos do Brasil e da Argentina. Além disso, essas transformações imagéticas apresentam forte semelhança com a análise empreendida por Seidman sobre os filmes norte-americanos e com o que é possível observar nas novelas brasileiras, especialmente quando Meccia direciona seu foco às representações presentes nas séries e filmes argentinos. Na esteira das transformações relativas às convenções de gênero, Meccia acredita que a presença ou ausência de elementos como ambientes, costumes e humor ligados a um estilo *camp* (NEWTON, 1972) seriam determinantes na aceitação desses produtos pelos telespectadores. Embora não explore as ideias de “bom” ou “mau” cidadão que Seidman esmiúça de maneira mais detida, o autor apresenta dados que parecem indicar, no contexto argentino, a existência de um conflito de representações bastante próximo ao que ocorreria nos Estados Unidos.

Um marcador fundamental da “abertura representacional” seria, segundo Meccia, o início do uso da “linguagem de direitos”: diferente dos tempos da “coletividade discriminada” do “período pré-gay”, no contexto contemporâneo se abandonaria progressivamente a reivindicação pela não-discriminação em prol de uma agenda menos genérica, pautada pela demanda por direitos civis. Nesse caso, os movimentos sociais passariam a ter como meta não só a denúncia de rechaço em virtude da orientação sexual, mas também uma política de cidadania plena, mobilizando todo um aparato institucional com vistas a mudanças na legislação. Meccia, no entanto, ressalta a heterogeneidade dos atores envolvidos: ainda que a inserção social tenha se

⁵⁴ No referido episódio, ocorrido em uma discoteca gay, havia no palco dois personagens: um homem de porte másculo e corpo de halterofilista e uma conhecida travesti, que encenava um jogo de sedução no qual mostrava passividade e subserviência. A plateia militante ficou revoltada com a representação estereotipada dos papéis e o espetáculo acabou sendo encerrado.

tornado algo mais palpável para muitos homossexuais, ela não aconteceria da mesma maneira para todos. Conforme apontado, no período da “gaycidade” tomaria forma um movimento que teria proporcionado aos antigos “sofredores” uma possibilidade de inclusão que os aproximaria do corpo social maior, ao mesmo tempo em que abriria portas para uma diferenciação biográfica interna, principalmente entre os jovens gays: o *coming out*, anteriormente de caráter coletivo, iria se individualizando e permitindo a esses últimos a construção de uma trajetória mais singularizada. Com relação aos primeiros, contudo, Meccia se pergunta de que maneira, apesar de uma diminuição do sofrimento resultante de um passado opressor, seriam afetados pelas mudanças ocorridas ao longo das três últimas décadas. Mais uma vez, entra em jogo a questão etário-geracional: seria a idade suficiente para definir o lugar que os “últimos homossexuais” ocupam na era da “gaycidade”?

Ainda que não negue o peso do envelhecimento como potencial limitador das relações e da circulação por determinados lugares, o autor acredita que, para além de um hedonismo juvenil que excluiria automaticamente homossexuais mais velhos, estaríamos frente a um mal-estar mais vasto e profundo, derivado do desaparecimento de um mundo que não pode mais ser recuperado. Utilizando-se do conceito de *hysteresis* – tal qual cunhado por Bourdieu (2009) quando fala sobre a permanência de determinados condicionamentos que impediriam uma adaptação plena a um presente transformado –, Meccia o aplica à situação dos “últimos homossexuais”, afetados por um conflito entre as disposições apreendidas no passado e as oportunidades oferecidas pelos tempos atuais. Sustentando seu argumento, estão dados de campos que parecem se opor mutuamente: de um lado, entrevistas com homens maduros que se queixam da ausência de uma predisposição para identificar e aproveitar ocasiões abertas pelo presente; de outro, depoimentos de jovens que discursam eloquente e otimistamente sobre suas redes de amizade, vínculos familiares e projetos de vida.

Além de uma tristeza que contrasta com as falas otimistas dos mais jovens, Meccia aponta, entre os mais velhos, uma espécie de “ideia fixa” que sempre direcionaria as entrevistas para assuntos que dizem respeito a sua vida sexual. Tal característica, atribuída por ele a uma “vida fixa” que teria relegado, durante muito tempo, a homossexualidade a uma experiência clandestina, seria proeminente entre os “últimos homossexuais”, fruto que são desse enclausuramento prolongado. Embora

pareça subestimar as possibilidades de agência e ressignificação de seus interlocutores ao estabelecer uma relação de causalidade entre suas limitações discursivas e as restrições impostas pela invisibilidade a que estiveram sujeitos, o argumento do autor não se encerra aí: se é possível, por um lado, traçar uma aproximação generalista no que concerne à sensação de deslocamento experimentada por essas pessoas, a construção de uma existência compatível com os avanços sociais da “gaycidade” não é uma impossibilidade para todos – em alguns casos, aliás, mostra-se bastante viável. Explorarei essa questão proximamente, mas, antes disso, me detenho em alguns apontamentos sobre o que foi visto até aqui.

A tentativa de estabelecer uma articulação com autores oriundos de contextos diferentes daquele em que se dá a própria investigação nem sempre constitui tarefa fácil. Em acréscimo ao cuidado que é preciso ter para não transpor de forma simplificada certas ideias a uma pesquisa produzida sob circunstâncias distintas, há que se levar em conta a possibilidade de ousadias interpretativas que às vezes mais prejudicam do que auxiliam o diálogo que está se querendo construir. Sem dúvida alguma, foram riscos que corri ao propor essa conversa com Seidman e Meccia, mas me mantenho firme na convicção de sua proficuidade.

Ao se empenhar no delineamento de uma espécie de “narrativa mestra” para situar a emergência do “armário” e do *coming out* como produtos de uma política de visibilização que procurava tornar, nos Estados Unidos, cada vez mais urgente a discussão pública da homossexualidade, o primeiro autor traça um panorama valioso de certas transformações ainda em curso no cenário norte-americano. Enquanto avalia positivamente muitas das mudanças que tiveram lugar entre meados do século XX e o começo do XXI, não deixa de lamentar a manutenção de um padrão de “normalidade” que ainda imporia limitações significativas a gays e lésbicas. Para Seidman, o questionamento de paradigmas heteronormativos deveria continuar a existir de modo a não haver uma resignação a partir das conquistas já obtidas.

O segundo autor, ainda que menos preocupado em explorar as permanências que conservam certos padrões de heteronormatividade, também faz um desenho interessante

da cronologia de transformações que foram se instalando em um cenário onde a homossexualidade foi vivida de maneira oculta durante um longo período de tempo. Circunscrevendo-as em períodos que se seguem uns aos outros e conformam uma visibilidade progressiva de uma minoria que viria a demandar direitos específicos, Meccia fornece ao leitor uma orientação eficaz para acompanhar a trajetória de avanços no que concerne a sexualidades não-heterossexuais na Argentina. Concomitantemente a isso, discute como a passagem do tempo – e as mudanças que a acompanham – reorganizam identidades e relações sociais.

Ambos os autores trazem em suas argumentações elementos úteis para retomarmos algumas reflexões sobre a maneira pela qual transformações na visibilidade homossexual foram se construindo no Brasil. Como indiquei no início deste capítulo, se precisamos levar em conta a inevitabilidade de certas idiossincrasias, nos aproximamos, sob diversos aspectos, de contextos internacionais que vêm observando, há um tempo considerável, a existência de uma “subcultura” homossexual. Assim como neles, a homossexualidade “à brasileira” atravessa um período prolongado de marginalidade até que seja vista como algo passível de reconhecimento social, processo que se intensifica a partir do início de nossa abertura democrática. Também testemunhamos, conforme pontuei ao longo do texto, resistências e progressos no que diz respeito a representações midiáticas, relações familiares, reconhecimento de direitos e possibilidades de circulação nos espaços urbanos.

Na medida em que mudanças sociais se tornam palpáveis, refletir sobre o impacto que podem acarretar na vida de quem as experimenta é parte essencial do ofício de qualquer pesquisador que queira compreendê-las em suas diversas manifestações. Tanto Seidman quanto Meccia são eficientes em realizar esse trabalho, esforçando-se para articular suas elucubrações de cunho mais teórico com o que encontram no discurso de seus interlocutores. É a partir de tal junção que suas pesquisas ganham relevância para serem cotejadas frente a outras investigações.

Ao longo dos próximos capítulos, me utilizarei dessa estratégia como fio condutor para as discussões que pretendo empreender. Começarei, como acredito ser mais adequado, apresentando casos particulares que trazem à baila uma miríade de subsídios para a análise de processos sociais mais amplos. Em seguida, examino

algumas percepções de meus interlocutores sobre esses processos, onde retomo mais detidamente questões abordadas neste diálogo autoral.

Capítulo 2

De afetos, diferenças e superações: seis histórias

Havia acabado de voltar de um congresso em Fortaleza e estava preocupado porque ainda não tinha comprado o sapato, item indispensável para o evento que me aguardava. Graças à indicação de uma amiga, fui até o Shopping Metrô Tatuapé e descobri uma loja vendendo pares a 60 reais, algo que nem a mais generosa das ofertas no Pátio Higienópolis, shopping mais próximo da minha casa, me permitiria encontrar. Como provavelmente não voltaria a usá-lo tão cedo, achei o preço mais do que justo. Faltava apenas uma camisa social, que meu namorado emprestaria – as que estavam em meu armário tinham marcas amareladas na gola, tamanho o tempo que ficara sem usá-las.

No dia seguinte, a difícil tarefa de vestir o terno. Pouquíssimas vezes o havia feito e sempre me sentia ridículo. A gravata era um problema à parte: das outras vezes, meu pai estava por perto e me ajudou a dar o nó. Felizmente, meu sogro⁵⁵ se sensibilizou com a precariedade da situação e o deixou semipronto – bastava apenas que eu o apertasse logo antes de sair. Por via das dúvidas, favoritei o link de alguns vídeos no YouTube ensinando técnicas passo a passo para o caso de alguma coisa dar errado.

Um tanto desengonçado, peguei o metrô (felizmente vazio, por ser um domingo) e desci algumas estações depois. Caminhei até o ponto combinado e Matheus já estava à minha espera, acompanhado de seu ex-companheiro e Thomaz. Percebi que apenas eu vestia passeio completo, mas como o convite não especificava o traje, preferi pecar pelo excesso. Como eu, os três pareciam entusiasmados e compartilhavam comigo a expectativa de assistir a um evento ainda inédito para todos. Era um casamento gay – mais precisamente, o casamento de Wilson.

Chegando ao local onde ele aconteceria, vimos outros convidados que entravam no prédio, um famoso edifício na região central da cidade. Entre eles, algumas senhoras idosas muito bem apresentadas que especulei mentalmente serem parentes dos noivos – talvez tias? Não conhecia a mãe de Wilson, mas sabia que ela ainda era viva e dificilmente não estaria presente – muito provavelmente já se encontrava no interior do

⁵⁵ Embora não fosse casado nem morasse com meu namorado, tinha o costume de me referir aos seus pais como “sogros”.

salão com o filho. Segurei minha curiosidade e segui calado até o espaço onde a cerimônia seria realizada.

Cumprimentei Wilson e seu namorado, de quem muito já ouvira falar, mas que ainda não tivera a oportunidade de conhecer pessoalmente. Logo que sentei, avistei Guilherme e Roberto – interlocutores que também havia entrevistado para a pesquisa –, mas o salão já começava a ficar cheio e preferi aguardar até a hora da festa para conversar com os dois. Um pouco mais ao longe, vi uma moça com uma criança de colo, que presumi ser a filha de Wilson com seu neto, que sabia ter nascido há pouco tempo. Ao seu lado, uma senhora que a ajudava – a julgar pela semelhança física, se tratava de sua mãe, ex-namorada de Wilson. Estranhei a ausência de outras pessoas da primeira rede de interlocutores, embora não soubesse quão próximos de Wilson eles eram para terem sido convidados. Além disso, havia a possibilidade de que não estivessem em São Paulo naquela data.

Cerca de uma hora após nossa chegada, a cerimônia começou. Os quatro padrinhos já haviam se posicionado em seus lugares e foram convidados, um a um, a proferir seus discursos. Dentre eles, estava Roberto, que disse estar lisonjeado por Wilson tê-lo chamado a ocupar uma função tão importante e exaltou a felicidade do casal. Assim que as falas dos padrinhos terminaram, perguntou-se se alguém mais gostaria de ir até a frente discursar, ao que convidados de ambos os lados corresponderam. Apesar da formalidade do ambiente, um clima descontraído predominava e lembranças engraçadas se mesclavam a falas permeadas por uma maior emotividade.

Finalmente, chegou a vez dos noivos. Além das já esperadas declarações mútuas de amor, ambos aproveitaram o momento para falar sobre o marco histórico que aquela união representava. Wilson fez um breve retrospecto sobre a possibilidade de casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, lembrando-se de quando o estado de São Paulo – e depois o Conselho Nacional de Justiça – passou a autorizá-lo⁵⁶. Foi curioso observar

⁵⁶ Em São Paulo, o casamento gay se tornou possível em dezembro de 2012, quando o TJ-SP publicou uma norma que o regulamentava. No país, a decisão sobre seu reconhecimento data de maio de 2013, obrigando todos os cartórios do país a converter as uniões homoafetivas em casamentos civis (Fontes: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/12/tribunal-divulga-norma-que-regulamenta-casamento-gay-em-sp.html> e <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,cnj-obriga-cartorios-a-celebrar-casamento-entre-homossexuais,1031678,0.htm>, acesso em 26 de março de 2014).

o comportamento do juiz de paz, que parecia, ele mesmo, um pouco surpreso em celebrar uma união homossexual. Provavelmente já havia um protocolo a ser seguido, mas não pude conter minha estranheza ao ouvi-lo declarar uma das partes “marido”, e a outra, “esposo”. Mantendo a tradição de qualquer outro casamento, um beijo selou o compromisso.

Da cerimônia, seguimos para a festa, que seria realizada em um salão ao lado. Não havia mesas pré-determinadas, então sentamos na primeira que percebemos estar vaga, próxima a uma das janelas que permitiam uma visão panorâmica da cidade. Ao tomar meu lugar, percebi que havia um cardápio com as iniciais dos noivos gravadas informando o que seria servido naquela noite. Uma banda composta por um baterista, uma guitarrista e uma vocalista que Matheus descreveu como ‘uma Ana Carolina menos chata’ já se apresentava quando o casal, que havia se ausentado momentaneamente para fotografias, reapareceu, sendo recebido com aplausos. O espumante foi servido e todos levantaram suas taças para brindar ao amor dos dois.

Vi Guilherme novamente em uma mesa na outra extremidade e levantei para conversar com ele. Me dei conta de que estava acompanhado pelo namorado e por isso decidi não me prolongar. Guilherme comentou que não havia conseguido segurar as lágrimas e disse a ele que eu também havia chorado um pouco, especialmente no momento em que os votos de amor recíproco haviam sido proferidos. Voltando ao lugar onde Thomaz e Matheus estavam sentados (a essa altura, o ex-companheiro de Matheus já havia ido embora), ambos teceram comentários parecidos e concordamos que era impossível não se emocionar com a ocasião. Um rápido giro pelo salão permitia constatar que um sentimento coletivo de vitória pairava no ar – talvez mais forte entre os amigos gays do casal, mas compartilhado também pelos parentes e pelo número não desprezível de casais heterossexuais que se encontravam presentes ali. Estávamos vivendo, possivelmente, um momento que Turner (1974) chamaria de *communitas*.

Thomaz se levantou para dançar e passei bastante tempo conversando trivialidades com Matheus – especulávamos, dentre outras coisas, quanto uma festa daquela dimensão teria custado. Algum tempo depois, a banda parou de tocar e uma coletânea de fotos do casal em momentos felizes como em viagens foi exibida em um telão, arrancando assovios e aplausos. Thomaz retornou à mesa e disse achar engraçado como aquilo tudo lembrava um casamento heterossexual “tradicional”, ao que rimos e

concordamos. Após a exibição, um DJ entrou em cena. Bastante animado, Thomaz seguiu novamente para o meio do salão. Ao voltar, contou que encontrara a mãe de Wilson, que parecia feliz com a união do filho. Chegou a perguntar se ela se recordava dele, mas respondeu dizendo que sua memória não era mais a mesma.

Em um pequeno hall que dava acesso aos elevadores, encontrei Roberto e finalmente conseguimos conversar. A essa altura visivelmente afetado pelo efeito do álcool, me perguntou como andava a pesquisa e disse a ele que já havia finalizado as entrevistas, mas que ainda havia um longo caminho até que a tese estivesse pronta. Alguns minutos depois, Matheus apareceu e se juntou a nós. Nesse momento, Roberto teceu um comentário sobre o fato de Wilson ter decidido fazer de seu casamento um grande evento, marcado por declarações de caráter político e em um local onde são normalmente realizadas comemorações mais tradicionais – ‘bem coisa dele’, nas palavras de Roberto. Thomaz surgiu com um casal de amigas e um pequeno grupo se formou, mas estávamos cansados e decidimos procurar os noivos para nos despedirmos – não sem antes surrupiarmos um punhado de bem-casados.

Comparecer ao casamento de Wilson me pareceu uma maneira particularmente interessante de encerrar minhas atividades de campo. Tendo estado dedicado, por dois anos e meio, a entender como certo grupo de pessoas percebia e vivenciava uma série de transformações relacionadas à visibilidade homossexual, nada mais apropriado para um fechamento do que testemunhar uma delas fazer uso de uma conquista tão significativa nesse processo de mudança. Constituindo, talvez, uma forma contemporânea do que Gluckman (1986) denominaria *situação social*, o casamento me permitiu refletir mais detidamente acerca da importância de determinados avanços sociais na vida afetiva dos meus interlocutores. Sem dúvida alguma, foi um evento elitizado que poucos poderiam custear, mas representava a possibilidade concreta do exercício de um direito coletivo. Coincidentemente, tanto o início quanto o final da pesquisa estiveram marcados por decisões judiciais que beneficiariam os casais de mesmo sexo.

Dado que quase todos os interlocutores estiveram, em algum momento da vida, envolvidos em relacionamentos homossexuais estáveis, as experiências amorosas –

incluindo casamentos, ainda que não oficializados – eram pauta recorrente nas entrevistas e em muitas ocasiões ocuparam uma parcela importante do nosso tempo de conversa. Em associação com essa temática, estavam presentes as relações com a família de origem, bem como com ex-namoradas, ex-esposas e, como no caso de Wilson, com os filhos. Por mais que o foco da investigação não se centrasse em conjugalidade, parentalidade ou experiências afetivo-sexuais, ficou claro que esses tópicos tinham uma relevância muito grande para a maior parte dos entrevistados. Mesmo que já fosse minha intenção explorá-los, o “ouvir” – no sentido que Cardoso de Oliveira (2000) lhe confere na pesquisa etnográfica⁵⁷ – fez com que os valorizasse cada vez mais nas conversas.

Se por um lado sua abordagem, fosse espontânea ou provocada, funcionava como uma espécie de disparador para falarmos sobre temas mais amplos como união homoafetiva e adoção de crianças por casais homossexuais, por outro, as histórias familiares e afetivas particulares pareciam conter, em si mesmas, elementos interessantes para pensar processos coletivos de transformação. Atravessadas por discursos que indicavam uma segurança subjetiva cada vez maior em relação à experiência da homossexualidade na esfera das relações pessoais, essas histórias me convenceram de que precisaria dedicar pelo menos um capítulo à exploração de seus pormenores. Tanto em suas semelhanças quanto em suas diferenças, fui pinçando pouco a pouco o que poderiam contribuir nessa empreitada.

Uma vez sendo impossível contemplar a totalidade das entrevistas, elegi seis casos a serem dissecados mais a fundo. Essa escolha não se deu aleatoriamente, seguindo alguns critérios para que sua utilização como objeto de análise fosse, ao mesmo tempo, fidedigna e proveitosa: em acréscimo ao fato de estarem entre as pessoas a quem pude retornar para uma segunda rodada de conversa, busquei selecionar a maior variabilidade de experiências possível a partir das duas redes que adentrei. Desse modo,

⁵⁷ Segundo o autor, a partir do momento em que encaramos o “nativo” não como *informante*, mas como *interlocutor*, uma relação dialógica pode ser estabelecida e a entrevista etnográfica é capaz de criar o que ele chama de “espaço semântico partilhado” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 24). Em minha pesquisa, fiz todo o esforço possível para permitir que os entrevistados desenvolvessem temas que julgassem importantes, como foi o caso das relações afetivas. Se gozava, como antropólogo, de certa “vantagem epistemológica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 15) sobre eles, procurei problematizá-la de maneira a não desprezar a reflexividade de seu discurso.

levo em consideração fatores como idade, origem socioeconômica, local de criação e escolhas profissionais, além de dividir os interlocutores em dois grupos – três provenientes da primeira rede e três provenientes da segunda. Embora não sejam determinantes, acredito que essas variáveis tenham alguma contribuição na modelagem de um certo tipo de vivência, o que procuro analisar na medida em que apresento as histórias. Elencados em ordem cronológica considerando a entrevista inicial, os casos expostos contêm elementos das duas entrevistas, ainda que a primeira seja geralmente privilegiada nesse retrato.

Traumas de infância, segredos e o testemunho das primeiras lutas: a história de um ‘sobrevivente’

Meu primeiro entrevistado, Thomaz fazia parte do círculo pessoal de amigos de Matheus, como apontei no primeiro capítulo. Embora esse último já o tivesse informado sobre o que pretendia investigar em minha tese, aproveitei um encontro na casa de um amigo em comum para explicar mais detalhadamente a pesquisa, ocasião em que agendamos nossa entrevista. Três dias depois, fui até seu apartamento, localizado em um bairro de classe média da zona oeste. No final de 2011, quase um ano após a primeira conversa, retornei lá.

Thomaz nasceu em 1953, o que faz dele o mais velho dos interlocutores. Em nossa primeira entrevista, dedicou muitos minutos à rememoração de sua infância, vivida quase integralmente em uma pequena cidade no oeste do estado de São Paulo⁵⁸, onde desde muito cedo se experimentava sexualmente com outros meninos. Apesar de descrevê-las como bastante prazerosas, algumas dessas experiências tiveram um efeito negativo sobre ele, algo que atribui à sua preferência pela passividade no ato sexual: especialmente entre os garotos já adolescentes, que normalmente desempenhavam o papel ativo, sua fama de ‘viadinho’ começou a se espalhar. Uma experiência em particular contribuiu para o que se tornaria um trauma cultivado até a vida adulta: durante uma brincadeira sexual com um dos vizinhos em uma casa abandonada, a avó

⁵⁸ Como mais uma forma de dificultar a identificação dos interlocutores, não revelarei o nome de suas cidades de nascimento ou criação quando não forem a capital. Fornecerei apenas informações geográficas que localizem minimamente suas origens.

de um deles irrompeu pela porta e os questionou sobre o que se passava. Além do medo de que a história chegasse até seus pais – uma possibilidade acentuada pela presença de um dos seus irmãos no local –, Thomaz acredita que a vergonha de ter sido pego em flagrante ‘dando’ para outro menino abriu caminho para que mais colegas alimentassem a má reputação que o estigma de passivo lhe conferia⁵⁹.

Filho de um comerciante e de uma professora, tinha três irmãos, sendo o segundo mais velho da prole. Aos 9 anos de idade, se mudou para um bairro periférico da capital com a família, que procurava melhores oportunidades de trabalho. Diferente do que ocorria em sua cidade natal, contatos íntimos com outros garotos foram raríssimos até o final de sua adolescência, em grande medida por conta do receio que Thomaz tinha de que voltassem a estigmatizá-lo. Seu desejo pelo mesmo sexo, contudo, se tornava cada vez mais evidente, fazendo com que a adolescência fosse um período permeado por intenso sofrimento psíquico. Vale notar, na fala abaixo, como ele elabora essa espécie de trauma, dando destaque ao peso exercido pela categoria *viado* numa época em que o termo *gay* ainda não havia aterrissado no Brasil⁶⁰:

⁵⁹ Sobre essas lembranças, é impossível deixar de notar a força que a dicotomia *bicha/bofe*, analisada por Fry (1982) em seu clássico texto acerca da construção histórica da homossexualidade no Brasil, parecia exercer no contexto de experimentação sexual vivido por Thomaz quando criança, relegando à *bicha* – ou ‘viadinho’, como o interlocutor conta ter sido chamado – uma posição de menor prestígio. Escrevendo contemporaneamente a Fry, Misse (2007) também chama a atenção para a inferiorização social que o passivo sofreria na sociedade brasileira, o que o autor acredita ser o reflexo de uma misoginia generalizada na cultura ocidental. Ainda debruçado sobre o caso de Thomaz, vale a pena atentar para a distribuição de papéis nas brincadeiras das quais participava, que parecem marcados pelo fator etário: guardada a devida distância cultural, seu relato remete aos rituais de iniciação observados por Herdt (1993) entre os Sambia, povo da Papua Nova Guiné cujos garotos, para atingir a masculinidade plena – incluídos aí os caracteres sexuais secundários e a possibilidade de engravidar mulheres –, deveriam ingerir o sêmen de rapazes mais velhos em cerimônias secretas.

⁶⁰ Segundo Green (2000), que refaz o percurso das palavras utilizadas no país para designar homens homossexuais e/ou identificados com algum tipo de afeminação, o termo *gay* só começa a aparecer em território brasileiro em algum momento da década de 1960, embora fosse frequentemente traduzido como “alegre” em matérias jornalísticas. Até o final da década de 1970, no entanto, a palavra *entendido* era muito mais utilizada entre aqueles que se autoidentificavam como o que hoje provavelmente chamaríamos *gays* (GUIMARÃES, 2004). A palavra *viado* (ou *veado*) que, diferente de *gay* e *entendido*, carrega até hoje conotação pejorativa, parece ser usada desde a primeira metade do século XX, aparecendo, por exemplo, na obra *Homossexualismo e endocrinologia*, publicada em 1938 pelo médico carioca Leonídio Ribeiro (GREEN, 2000).

T: [...] A impressão que eu tinha era que quando a gente foi embora, soltaram rojão, alguma coisa desse jeito, e eu achava que era por causa dessa história de “Tá indo embora o viadinho”, ou sei lá, alguma coisa desse tipo. E quando a gente foi pra São Paulo, então, já foi... esse, essa coisa, [vamos] chamar de trauma, sei lá, mas essa experiência de... não podia mais se repetir, então a adolescência toda foi de travação [...]

G: Em termos de prática sexual, então, depois que você veio pra São Paulo, foi completamente diferente, ao menos ao longo da sua adolescência?

T: Total. Durante a adolescência, era...

G: Não tinha nada parecido com o que acontecia lá na sua cidade natal?

T: Foi totalmente diferente. E ao mesmo tempo [em] que o desejo, né, foi... foi crescendo [...] E isso me fazia sofrer muito, né? Durante a adolescência foi um sofrimento só, porque o desejo cada vez mais ficava explícito... e o medo de ser... de ser identificado, de ser... de assumir, de... de ser gay, de ser viado, né? Porque na verdade era “viado”, não tinha, não conhecia essa palavra, “gay”. De ser viado, né, era muito forte.

Além das dificuldades na esfera da sexualidade, brigas familiares por motivos diversos o levavam a evitar progressivamente o ambiente doméstico – sua grande válvula de escape era uma amizade que manteve, durante alguns anos da escola, com colegas de uma classe social mais elevada, cuja casa os pais permitiam que frequentasse durante os finais de semana. Sua existência vem à tona para explicar também o ingresso de Thomaz em uma terapia de grupo com um renomado psiquiatra, algo a que só teve acesso em virtude da influência exercida por esses amigos, que já se consultavam com ele. Depois de dois tratamentos menos bem sucedidos com outros médicos, Thomaz começava a se desvencilhar da ideia de que seria impossível ficar confortável com o fato de se interessar sexualmente por outros homens. Aqui, é possível fazer um paralelo com o que relatam os interlocutores de Velho (1998): alvo de pesquisa no mesmo período em que Thomaz se submetia aos cuidados desse psiquiatra, consideravam a terapia – mais especificamente a psicanálise – um “processo de descoberta interior que abria novas perspectivas de vida” (VELHO, 1998, p. 119). Como veremos na análise de outros casos, a decisão de iniciar uma terapia como forma de abrandar uma relação conflituosa com a própria homossexualidade é frequentemente relatada.

Ao terminar seus estudos no colégio, que concluiu um pouco tardiamente, Thomaz ingressou na faculdade de Letras e desenvolveu uma forte amizade com duas colegas homossexuais, aproximando-se de uma rede de pessoas com a qual se sentia mais à vontade para falar sobre sua sexualidade e vivenciá-la sem grandes amarras. Embora constituído por rapazes que se relacionavam com meninas e separado da primeira rede, o grupo de amigos da escola se manteve e não demonstrou ter problemas com a homossexualidade de Thomaz, revelada pela primeira vez em uma das sessões de terapia que faziam juntos. A única ocasião em que relata ter enfrentado problemas decorrentes disso foi em uma festa de aniversário na qual tentou integrar as diferentes turmas, encontrando resistência por parte de um dos amigos mais antigos, que afirmou temer a possibilidade de ser alvo da paquera de algum homem.

Já durante a faculdade, Thomaz começou a trabalhar dando aulas e algum tempo depois saiu de casa, indo morar com amigas em uma região bem mais central da cidade. Anos mais tarde, conheceu um rapaz que se tornaria seu primeiro namorado e que o apresentou ao *Somos*, onde permaneceu atuando nos grupos de identificação⁶¹ até o “racha” que o dividiu⁶². Ainda que nunca tenha sido um militante no sentido estrito do termo, preferindo evitar ações de panfletagem e discussões de caráter político, Thomaz acompanhou de perto alguns dos eventos mais importantes em que o grupo esteve presente, como I EGHO (Encontro de Grupos Homossexuais Organizados), em 1980⁶³. De forma geral, sua lembrança sobre esse tempo é extremamente positiva: além das

⁶¹ Os grupos de identificação marcaram intensamente a fase inicial do *Somos*, permitindo aos participantes que chegavam compartilhar suas experiências individuais e percepções acerca da própria homossexualidade (MACRAE, 1990).

⁶² O “racha” do *Somos*, descrito em várias obras que reconstituem sua trajetória, teve como causa principal divergências internas em relação à sua atuação em organizações político-partidárias: enquanto alguns membros achavam interessante que o grupo participasse ativamente delas, outros eram adeptos da ideia de que o *Somos* deveria se manter independente. Insatisfeita com os rumos tomados pela maioria, a segunda ala decidiu fundar um novo grupo, que intitularam *Grupo de Ação Homossexualista*, mais tarde renomeado como *Outra Coisa* (MACRAE, 1990; GREEN, 2000; SIMÕES & FACCHINI, 2009; TREVISAN, 2011).

⁶³ Ocorrido logo antes do “racha”, o I EGHO reuniu grupos de diversos estados brasileiros e foi marcado por um clima de grande emotividade devido ao seu ineditismo. Entre as discussões mais acaloradas, estavam justamente as questões envolvendo a adesão dos grupos a movimentos partidários, como se daria, por exemplo, no comparecimento de alguns aos atos públicos em apoio à greve dos metalúrgicos do ABC (MACRAE, 1990; SIMÕES & FACCHINI, 2009; TREVISAN, 2011).

muitas amizades que lá desenvolveu e até hoje cultiva, a participação no grupo lhe despertava uma forte sensação de pertencimento e autonomia.

Ainda no início da década de 1980, Thomaz decidiu passar um tempo na Europa, onde acabou vivendo dois anos. Embora os motivos de sua mudança não fiquem claros nas entrevistas, esse tópico veio à baila quando conversávamos sobre as vicissitudes do “assumir-se” entre os familiares, pois foi no período em que morou no exterior que essa questão começou a assombrá-lo. Sua irmã, para quem já havia feito o *coming out*, não apresentou grandes dificuldades com o fato de ter um irmão homossexual, mas Thomaz temia que sua mãe, para quem se sentia impelido a compartilhar o que considerava, nos termos de Pollak (1990), uma “identidade indizível”, não lidasse bem com a revelação. É interessante, contudo, que as figuras masculinas não lhe despertassem a mesma preocupação, pelo menos em termos de uma eventual rejeição afetiva: ao indagá-lo sobre o pai, Thomaz se refere a ele como alguém ‘desencanado’, que jamais perguntaria, por exemplo, se o filho era homossexual. Os irmãos, por sua vez, aparecem apenas como potenciais delatores – como temia que acontecesse após o episódio do flagrante em sua cidade natal – ou agressores físicos (possibilidade representada principalmente pelo irmão mais velho, caracterizado como alguém dotado de um temperamento forte).

Ao retornar para o Brasil, Thomaz voltou a morar na casa dos pais, ainda que mais tarde viesse a comprar seu próprio apartamento. Junto ao regresso, a tão temida revelação para a mãe aconteceu, embora de maneira involuntária: tendo mantido, durante sua estadia na Europa, um relacionamento com um rapaz estrangeiro, Thomaz continuou a se corresponder com ele através de cartas, e uma delas – escrita parcialmente em português – acabou sendo encontrada por sua mãe, que o confrontou. Em um primeiro momento, Thomaz negou que fosse homossexual, mas dias depois a mãe o procurou outra vez e finalmente teve a suspeita confirmada⁶⁴. Bastante abalada,

⁶⁴ Destaco a semelhança que esta situação guarda com um dos casos analisados por Oliveira (2013) em sua tese, embora a carta em questão tivesse sido escrita pelo próprio filho. Nas pesquisas que abordam a questão do *coming out*, situações em que a revelação se dá por intermédio de documentos que “denunciam” a homossexualidade de seus autores ou destinatários não parecem ser raras: em minha própria pesquisa de mestrado (SAGGESE, 2009), um dos interlocutores conta ter tido sua homossexualidade exposta à mãe a partir de fotos tiradas durante uma Parada do Orgulho LGBT em que aparecia beijando outro rapaz.

passou um longo período sem conversar com o filho, que em determinado momento propôs a ela desaparecer de sua vida. Diante da possibilidade de perdê-lo, mudou radicalmente sua atitude, tornando-se, de acordo com Thomaz, uma grande amiga, além de ajudá-lo a manter, frente ao pai e aos irmãos, um silenciamento absoluto em relação à sua homossexualidade.

O retorno de Thomaz ao Brasil fez também com que tivesse contato com uma realidade que começava a preocupá-lo: o aparecimento dos primeiros casos de AIDS no país. Embora a doença já estivesse sendo comentada quando de sua temporada no exterior, ainda era vista como algo distante, transmitida apenas por ‘bichas americanas’. Nos anos seguintes, porém, notícias de pessoas conhecidas atingidas pela epidemia começaram a surgir⁶⁵ e os primeiros amigos morreram. Desesperado com a possibilidade de se contaminar (ou já ter sido contaminado), Thomaz passou a utilizar camisinhas em todas as suas relações sexuais e afirma hoje se sentir, como alguns entrevistados de Gorman & Nelson (2004), um ‘sobrevivente’ – já que havia, até então, se engajado nas mesmas práticas que seus amigos contaminados, vindo inclusive a fazer sexo com pessoas que mais tarde morreriam em decorrência da AIDS. Um ponto alto de sua narrativa em relação a esse período diz respeito a um debate no teatro Ruth Escobar – mesmo local onde, alguns anos antes, o I EGHO havia tido lugar –, quando médicos se reuniram para discutir os impactos da AIDS e informar o público leigo sobre métodos de prevenção. De maneira oposta ao que ocorrera no encontro de 1980, pico da sensação de pertencer a uma luta que visava a legitimação social da homossexualidade, a conferência com os médicos marcava, segundo Thomaz, um momento de destruição da esperança de dias melhores para os homossexuais. Contrapondo um período ao outro, Thomaz utiliza o termo *decadência* para caracterizar o que sentiu durante o segundo, além de relemburar as perdas que vieram em decorrência do HIV:

⁶⁵ A primeira pessoa citada por Thomaz é Luiz Roberto Galizia, ator e diretor paulistano falecido em 1985. Com o pseudônimo de Joca, Galizia é um personagem presente no romance *Risco de Vida*, escrito por Alberto Guzik (1995), de quem era amigo próximo. O romance é interessante por retratar o impacto que a epidemia de AIDS provocou na cena gay paulistana durante a década de 1980 e chegou a ser mencionado por Thomaz em nossa segunda entrevista, embora meu primeiro contato com ele tenha sido por intermédio de meu orientador. Samuel, interlocutor cuja história será abordada neste capítulo, também comentou sobre o livro em um encontro informal que tivemos no início de 2013.

[...] Eu me lembro que logo quando começou essa história, teve uma palestra, uma conversa, com médicos, no teatro Ruth Escobar [...], e eu me lembro que eu tive uma sensação muito estranha, porque... justamente lá naquele teatro, o primeiro... o primeiro congresso de grupos homossexuais que teve no Brasil foi em São Paulo, acho que foi em 1979, ou 80, por aí, e terminou justamente no Ruth Escobar. E foi uma coisa incrível, e tal... tava fortíssima essa história, o *Somos* tava no auge. E aí eu me lembro [que] a sensação que eu tive lá no Ruth Escobar foi horrível, porque há uns anos atrás [sic] tava todo mundo lá, feliz, alegre, contente, comemorando uma política de afirmação, e de repente tava todo mundo lá ouvindo falar de prevenção à AIDS, e... vendo aquela decadência toda; senti uma coisa totalmente decadente, assim... uma impressão muito triste, que a gente tava falando de vida, de afirmação, e de repente a gente tava falando de morte. E o que se passou a partir daí foram os amigos que começaram a ir embora. Foi um, foi outro, foi outro, foi outro, enfim, perdi muitos amigos. Dez, por aí, no mínimo. Tem que fazer as contas.

Definindo-se como alguém pouco disposto a manter relacionamentos amorosos, Thomaz não relata nenhum outro namoro após seu período no exterior. Ainda que inicialmente se pudesse suspeitar que a escolha por ficar solteiro (e talvez sem sexo) tivesse alguma relação com o aparecimento da AIDS, essa possibilidade cai por terra quando diz ter continuado a manter uma vida sexual tão ativa quanto antes, embora alguns de seus amigos tenham preferido se abster sexualmente na fase mais crítica da epidemia – opção adotada por muitos homossexuais masculinos diante da influência do poder médico e do catastrofismo veiculado pela grande mídia na época (PERLONGHER, 1987)⁶⁶. Thomaz apresenta, contudo, duas teorias para explicar sua solteirice: a primeira delas está ligada ao ‘coito interrompido’ de sua infância, que faria dele um eterno frustrado sexual, sempre em busca de uma experiência que o satisfizesse por completo. A outra diz respeito ao pai, alguém com quem nunca conseguiu manter uma boa relação e que considerava ‘um fraco’: nesse caso, também existiria uma busca mal sucedida, mas por uma figura masculina forte – ‘o cara’ – que fosse o oposto do pai.

⁶⁶ De acordo com Perlongher, nem mesmo grupos como o GAPA, criado com o objetivo de auxiliar os atingidos pela doença, escaparam, em um primeiro momento, do terrorismo moralista que permeava o discurso da medicina e dos veículos de comunicação de massa. A promoção da abstinência sexual como método de prevenção ao HIV chegou a ser publicamente proclamada por um porta-voz do GAPA em 1985, que dizia: “Entre transar e viver, minha opção é viver” (PERLONGHER, 1987, p. 54).

Apesar do tom melancólico que marca boa parte de seu discurso acerca das relações mais íntimas, Thomaz conta ter se empenhado, a partir de seus 40 anos, em um processo de autoexploração com o objetivo de amenizar alguns de seus traumas afetivos, decidindo, entre outras coisas, retornar à sua cidade de origem em uma viagem de trem e rememorar lembranças dolorosas com o auxílio de seu terapeuta da época. Com o passar do tempo, ele mesmo começou a por em xeque suas teorias sobre os porquês de estar solteiro há décadas e parece enxergar um saldo positivo em seus afetos, mencionando amizades de longa data e uma proximidade importante com alguns de seus familiares, especialmente a irmã e a mãe – com essa última, falecida pouco tempo antes de nossa primeira entrevista, Thomaz relata ter mantido, desde a grande crise que quase fez com que cortassem laços, uma cumplicidade incomparável a qualquer outra de suas relações.

Da “pegação” ao ‘gay normal’: percursos de um casamenteiro

Segundo interlocutor a quem tive acesso, Ronaldo também pertencia à rede de amizades introduzida por Matheus. Ainda que os dois não mantivessem um contato muito próximo, Ronaldo havia vivido maritalmente com Alfredo, interlocutor de quem Matheus era bastante amigo desde o tempo do *Somos*. Separados há mais de dez anos, Alfredo e Ronaldo ainda mantinham uma relação amigável, encontrando-se regularmente em um coral do qual ambos participavam e que tive a oportunidade de assistir se apresentando⁶⁷.

Realizadas em seu escritório, localizado em uma importante avenida da região central de São Paulo, as duas entrevistas com Ronaldo foram agendadas através de e-mails, com um intervalo de aproximadamente cinco meses entre elas. Como ocorrera com Thomaz, Matheus já havia comentado brevemente sobre minha pesquisa com ele, embora os pormenores da investigação só viessem a ser explicitados no momento em que o entrevistei pela primeira vez. Nessa ocasião, Ronaldo discorreu longamente sobre

⁶⁷ Ainda em fase de explorar as possibilidades de campo, eu mesmo me convidei, na segunda entrevista com Ronaldo, para assistir a algum evento em que o coral fosse cantar, no que fui chamado a comparecer a uma apresentação intimista realizada na casa de um de seus integrantes. Assisti também ao final de um ensaio antes de uma das entrevistas que fiz com Rodrigo, atual companheiro de Alfredo.

suas experiências sexuais e relações amorosas, conferindo à conversa um caráter quase confessional. Na segunda entrevista, bem mais curta e pontual, o foco recaiu sobre sua atuação em uma ONG/AIDS, tema sobre o qual falara apenas de maneira tangencial em nossa primeira conversa.

Natural da zona norte de São Paulo, Ronaldo passou a vida inteira na capital, mudando-se com bastante frequência a partir do início de sua idade adulta em virtude de flutuações financeiras e transformações em sua situação conjugal. Nascido em 1964, vinha de uma família de classe média baixa e possuía sete irmãos, número alto até mesmo para a época. Aos 18 anos, saiu de casa para se casar com uma mulher que conhecera um ano antes e com quem viria a ter dois filhos.

Embora já tivesse tido experiências com outros homens antes de conhecer sua futura esposa, Ronaldo relutava em reconhecer a própria homossexualidade e enxergava o casamento como uma possibilidade de evitar a homofobia que viria a sofrer – como acredita, o fato de viver em um bairro da periferia acentuava a pressão social para que se adequasse a um padrão heterossexual⁶⁸. Menos de um ano depois de se casar, no entanto, Ronaldo se apaixonou por um colega de trabalho e separou-se da esposa para viver esse romance, que se estendeu por alguns meses. Após o rompimento, procurou a ex-mulher que, mesmo ciente do que havia acontecido, aceitou reatar. Logo depois, engravidaram do primeiro filho.

Determinado a investir na família que começava a estabelecer, Ronaldo se converteu, acompanhado pela esposa, a uma denominação protestante tradicional. Na igreja, se envolveu em um grupo de jovens onde veio a assumir uma posição de liderança, dando aulas de evangelização e participando ativamente de encontros. Embora não houvesse, como em algumas denominações mais recentes, uma proposta clara de reorientação para a heterossexualidade⁶⁹, o grupo contava com outros rapazes que esperavam encontrar ali algum tipo de “libertação” de seus desejos homossexuais.

⁶⁸ Infelizmente, desconheço pesquisas na área da Antropologia que analisem a experiência da homossexualidade em bairros periféricos da capital na época em que Ronaldo se casou. Vale indicar, no entanto, trabalhos recentes como os de Facchini (2008) e Reis (2014), que investigam sociabilidades homossexuais nas zonas sul e leste de São Paulo. No Rio de Janeiro, há as pesquisas de Aguião (2007) e Lopes (2011), desenvolvidas em favelas distantes do centro da cidade.

⁶⁹ Sobre o tema da “cura” da homossexualidade em perspectivas pastorais evangélicas, ver o trabalho de Natividade (2006).

A despeito do esforço, contudo, Ronaldo se via cada vez mais angustiado, percebendo-se atraído pelos próprios membros da igreja:

R: [...] Na época, a gente acreditava que Deus tinha o poder de mudar as pessoas, né? Então a gente acreditava que eu ia ficar diferente. Por uma intervenção divina, eu ia ficar diferente. E a gente acreditou nisso por um tempo.

G: E você saberia precisar, assim, quando isso começou a falhar, digamos assim?

R: Olha, na verdade eu tenho convicção de que nunca funcionou. Né? Então, por exemplo, eu era do grupo de jovens, e eu sei que nunca funcionou porque eu desejava os jovens. O pessoal da minha idade, a gente fazia esporte – eu via homem bonito, gostoso, com o corpo bonito e gostoso, eu ficava com tesão! Então eu sabia que não tava funcionando. Mas tudo bem, eu tentava sublimar, falar em outras coisas e tal, mas... era constante, né? Eu tinha... e fora que eu também dava as minhas escapadas, né? Mesmo na igreja, eu saía, ia pra sauna – nunca fui em boate, mas ia caçar em cinema; lugar[es] onde as coisas aconteciam, eu tava lá.

G: Na própria igreja aconteciam coisas?

R: Nunca aconteceu na própria igreja, mas eu conheci na igreja outras pessoas que tavam enfrentando essa mesma luta interna.

Um dos locais que Ronaldo frequentava em suas ‘escapadas’ é o parque Trianon, *point* tradicional de “pegação” e prostituição masculina em São Paulo durante a década de 1980⁷⁰. Um acontecimento em particular naquele espaço foi responsável por alimentar o medo que sentia de ter suas práticas reveladas aos parceiros de congregação: enquanto participava de uma orgia, uma batida policial no parque lhe rendeu um longo sermão homofóbico e Ronaldo foi obrigado a fornecer informações pessoais a um dos policiais, que disse pertencer, como ele, a uma denominação protestante. Temendo que a história fosse parar nos ouvidos de seu pastor, ele mesmo decidiu procurá-lo e

⁷⁰ O local se tornou ainda mais conhecido depois de uma onda de assassinatos de homens homossexuais ocorridos na cidade entre 1986 e 1989, que Arruda (2001) analisa em seu livro. Supostamente cometidos por Fortunato Botton Neto, um michê que trabalhava nos arredores do parque e foi apelidado de “maníaco do Trianon”, os assassinatos despertaram a atenção da mídia pelos seus métodos brutais, que envolviam estrangulamento e golpes de faca. É possível, no entanto, que Botton Neto não tenha sido o autor de todos eles: dos treze crimes dos quais fora acusado, confessou apenas sete e foi condenado por três. Faleceu na prisão em 1997, vítima da AIDS (ARRUDA, 2001).

confessar o que havia acontecido, sendo estimulado a persistir em sua tentativa de abandonar a homossexualidade.

Alguns anos após esse acontecimento, seu segundo filho nasceu, mas uma nova paixão por outro homem fez com que Ronaldo desistisse, de uma vez por todas, de manter uma família nos moldes heterossexuais convencionais. Como na primeira vez, sua esposa tomou conhecimento do que se passava e os dois decidiram se divorciar. Naquele mesmo ano, Ronaldo abandonou a religião e foi morar com o namorado que, coincidentemente, também era egresso de uma igreja protestante.

Ainda que a relação com a ex-mulher se mantivesse razoavelmente pacífica – Ronaldo via os filhos regularmente, chegando mesmo a passear com eles junto ao então companheiro –, o ressentimento provocado pela separação fazia com que ela não enxergasse com bons olhos seu novo relacionamento, repetindo insistentemente que Ronaldo morreria de AIDS, algo reforçado pelo contexto social do momento: era 1987 e a epidemia se encontrava em seu auge no Brasil. Apesar de não cumprida, a “profecia” teve um efeito devastador sobre ele, que acreditou estar contaminado após o companheiro lhe revelar que possuía o vírus. Meses antes, os dois haviam feito um teste – com resultado supostamente negativo para ambos, embora Ronaldo só tivesse visto o seu – e decidido manter relações sexuais sem o uso de preservativo. Felizmente, exames realizados posteriormente descartaram a possibilidade de sua soroconversão.

Com o desgaste que o diagnóstico e a mentira acarretaram, o rompimento se tornou inevitável, mas Ronaldo continuou a viver com o ex-companheiro até conhecer outro rapaz, com quem também veio a dividir um apartamento durante alguns meses. Nessa época, cursava uma faculdade particular de direito e estagiava, esforçando-se para custear seus estudos e pagar pensão para os filhos. Como forma de complementar sua renda, começou a trabalhar em uma boate gay, onde exerceu vários cargos. Além do dinheiro extra, o emprego lhe proporcionou um contato intenso com esse meio, algo que ainda não havia tido a oportunidade de experimentar. Na boate, conheceu aquele que viria a ser seu terceiro namorado.

Os anos seguintes foram marcados por acontecimentos importantes na vida profissional de Ronaldo, que finalmente se graduou e abriu seu escritório com dois colegas de faculdade. Já atuando como advogado, foi procurado pelo primeiro companheiro, que se encontrava bastante debilitado pelo HIV e desejava elaborar um

testamento. Acreditando que pudesse haver procedimentos específicos no caso de pessoas soropositivas, Ronaldo procurou o departamento jurídico de uma ONG/AIDS, cuja existência descobrira através de uma matéria de jornal. Interessado em auxiliar outros portadores da doença, ofereceu-se para integrar a equipe, mas foi obrigado a enfrentar o ciúme do namorado com quem estava, que não aceitava sua convivência cotidiana com outros homossexuais e a ausência frequente em viagens. Mais uma vez, Ronaldo protagonizava o término de um relacionamento amoroso.

Através de sua atuação na ONG, Ronaldo estabeleceu vínculos fortes de amizade e conheceu uma pessoa com quem veio a ter mais um romance, embora de curta duração. Pouco tempo depois, contudo, um encontro realizado no litoral lhe apresentou a Alfredo, que na época também trabalhava em uma entidade voltada à prestação de assistência para soropositivos. Ao retornarem para a capital, se apaixonaram e permaneceram juntos por quase dez anos, fase que Ronaldo considera uma das melhores de sua vida. Apesar disso, foi um período marcado por dificuldades afetivas, quando, pela primeira vez desde que pusera um fim no casamento, via sua homossexualidade surgir como uma questão no âmbito familiar.

Se a relação com a mãe e os irmãos⁷¹ não é alvo de grande problematização em sua narrativa – Ronaldo os apresenta como pessoas ‘maleáveis’ em relação à maneira como encaravam a existência de um homossexual na família, mencionando, inclusive, uma convivência tranquila com seus namorados –, o mesmo não ocorre quando os filhos entram em jogo na conversa. Ao discorrer sobre o relacionamento com os dois, Ronaldo centra sua fala nos conflitos que tiveram ao longo de sua adolescência, quando moraram no mesmo apartamento que ele. Embora parte desses atritos possa ser atribuída a dificuldades próprias do que Le Breton (2007) denomina “crise da entrada na vida” (*crise de l’entrée dans la vie*), proveniente de frustrações comuns a qualquer adolescente ocidental, alguns deles são apresentados por Ronaldo como tendo origem clara em uma não-aceitação de sua homossexualidade.

Primeiro a chegar, o mais velho foi para a casa do pai aos doze anos, fato motivado por problemas disciplinares com a mãe. Nessa época, Ronaldo e Alfredo

⁷¹ O pai não foi mencionado em nenhum momento das entrevistas. Por acreditar que pudesse ser um tema sobre o qual Ronaldo não desejava falar, optei por não questioná-lo a respeito desse silêncio.

viviam juntos e acreditavam que seu comportamento poderia melhorar com a mudança. No entanto, o efeito não foi o esperado: além de destruir objetos do apartamento (o que incomodava principalmente Alfredo, mais preocupado do que Ronaldo em manter a ordem da casa), o filho começou a fumar e foi pego roubando um supermercado com amigos. Como a rebeldia continuou após um ano vivendo com o pai, Ronaldo e Alfredo decidiram – ‘com muita tristeza no coração’, segundo o primeiro – que o menino teria de sair. Até o momento, entretanto, a homossexualidade de Ronaldo ou o fato de formar um casal gay com Alfredo não haviam sido postos em questão.

Passados cerca de dois anos, Ronaldo e Alfredo resolveram morar em casas separadas (embora continuassem a manter a relação) e Ronaldo recebeu o primogênito de volta, algum tempo depois de já estar vivendo com o caçula. Ainda que tivesse um temperamento mais tranquilo e convivesse de maneira pacífica com seu companheiro, o filho mais novo também trouxe problemas quando se tornou evidente que não estava totalmente à vontade com a homossexualidade de Ronaldo, escrevendo uma carta em que dizia não querer mais tê-lo como pai em virtude dele ser homossexual. Através desse “silêncio relativo ao que não se é capaz, ou não se deseja dizer”, como diria Simmel (2002, p. 426) sobre o papel desempenhado pela carta nas sociedades modernas, o caçula expressava um descontentamento provavelmente já guardado há tempos, o que deixou Ronaldo profundamente abalado: logo após lê-la, teve uma crise de choro e mais tarde a compartilhou com Alfredo.

O filho mais velho, por sua vez, voltou a apresentar comportamentos rebeldes quando dividia a casa com o pai e o irmão, vindo a se envolver com o que Ronaldo chama de ‘uma turma barra pesada’. Além de fazer uso de drogas na rua, o grupo reunia-se para espancar homossexuais na região do Largo do Arouche, o que parecia demonstrar, como Ronaldo acredita, que parte de sua revolta vinha de uma raiva muito grande de ter um pai gay. Em nenhum dos dois casos, encontrou-se uma solução imediata, mas alguns fatores facilitaram um convívio mais harmonioso: o caçula iniciou uma terapia que aos poucos o reaproximou do pai e o mais velho começou a se estabilizar profissionalmente, tomando contato com um novo círculo de pessoas. Além disso, uma das irmãs de Ronaldo passou a auxiliá-lo nas tarefas domésticas, o que acabou por conferir uma maior disciplina aos sobrinhos. Interessante notar aqui a convergência de dois segmentos da família – a de origem e a de descendência – como

fator coadjuvante no restabelecimento de uma relação estremecida pela homossexualidade do genitor.

No período em que se separou de Alfredo, o que Ronaldo atribui a um desgaste natural do relacionamento, a convivência com os filhos já havia melhorado substancialmente e um gesto inusitado do mais novo parece ter sido uma das provas: testemunhando o luto da separação, foi uma das pessoas mais presentes na consolação da perda que o pai havia sofrido. Sobre os relacionamentos amorosos seguintes, Ronaldo relata a continuidade de uma boa relação entre os namorados e os filhos, atribuindo eventuais conflitos a outras razões que não sua homossexualidade. Destaca, em acréscimo, o quão importante Alfredo permanecia sendo na vida dos dois.

Morando há algum tempo com Rafael, namorado que conhecera sete anos antes de nossa primeira entrevista, Ronaldo mantinha um contato próximo com os parentes, algo potencializado pelo seu retorno ao bairro de origem, onde grande parte da família ainda vivia. Bastante querido pela mãe, pelas irmãs e até mesmo pela ex-mulher, seu companheiro estava presente em todas as festas de família. Embora esse tipo de convivência não fosse exatamente inédito, Ronaldo aponta diferenças com relação ao passado, quando seu estilo mais festivo – apesar de quase sempre monogâmico – parecia limitar a legitimidade de suas escolhas amorosas. De acordo com suas palavras, ele havia se tornado, especialmente a partir de seu envolvimento com o grupo do coral do qual Alfredo também participava, um ‘gay normal’, longe de qualquer estereótipo associado à boemia ou à promiscuidade:

R: [...] Depois do coral, a minha vida gay foi tendo outro desdobramento: o coral me levou para uma vida social, assim, mais familiar, então tem... eu acho que até por isso que a minha convivência com a minha família...

G: Mais familiar, que você diz... no sentido de “menos gay”?

R: Menos balada, menos saída na noite...

G: Menos festiva, assim?

R: Isso, mais caseira. Então, minha vida social [se tornou] mais caseira, com festas, jantares ou viagens, com um grupo mais caseiro⁷². E esse grupo, então, eu acho que acabou, sei lá, legitimando a minha normalidade: eu sou gay, mas eu sou um “gay normal”, eu não sou um gay que sai, que vai pra balada, não tenho uma “vida gay”.

G: E você acha que a percepção dos outros em relação a você foi uma coisa que mudou muito também por conta disso?

R: Eu acho que mudou. Eu acho que a minha família convive mais harmonicamente comigo por causa disso, por eu não ter uma “vida gay”. E eles aceitam o Rafael, imagina, adoram o Rafael, convidam; meu sobrinho casou e mandou convite: “Ronaldo e Rafael”. Então eu sou totalmente aceito [...] Agora teve a festa do dia das mães, foi um almoço lá com a minha mãe, e veio todo mundo, e todo mundo: “Cadê o Rafael?”, Rafael tava com a minha família, não tava lá com a mãe dele, tava com a minha família, e tava todo mundo: “Cadê o Rafael?”; ele é da família. E ele tem uma cumplicidade com todo mundo, então ele conversa com todo mundo, conversa com a minha mãe, sai com a minha mãe, com as minhas irmãs; ele liga pras minhas irmãs mais do que eu ligo. Ele conversa com a minha ex-mulher, e ela liga pra ele e não liga pra mim.

Apesar da proximidade que mantinha com a maioria dos familiares, uma pendência afetiva que restava dizia respeito ao filho mais velho que, mesmo distante da rebeldia que marcara sua adolescência, ainda se mostrava resistente a encarar com naturalidade a homossexualidade do pai. Para Ronaldo, a homofobia explícita de antigamente teria dado lugar a uma insatisfação mais camuflada, fruto provável de sua conversão a uma igreja evangélica – ironicamente, algo do qual o interlocutor “fugira” décadas antes. Isso não impedia que os dois mantivessem uma excelente relação – o filho vivia no exterior e se falavam diariamente via Skype⁷³ –, mas a tristeza de Ronaldo quanto ao fato de sua homossexualidade permanecer sendo um problema na esfera familiar era visível em seu discurso.

⁷² Formado por homens e mulheres com idade superior a 45 anos, como pude perceber nas duas vezes em que vi o grupo reunido, o coral transmite certa assepsia em virtude da boa aparência de seus membros e de um repertório bem pouco “alternativo”, o que certamente contribui, em associação com sua opção por uma conjugalidade estável, para a construção dessa imagem “caseira” que Ronaldo acredita transmitir à família. Retornarei a essa questão mais à frente.

⁷³ Administrado pela Microsoft, o Skype é um software popular que permite a comunicação com imagem e voz entre dois ou mais computadores e também a realização de chamadas para telefones comuns. Site oficial: www.skype.com (Acesso em 18 de novembro de 2014).

‘Juntando as pontas soltas’: sexualidades possíveis e amadurecimento pessoal

2011 se aproximava do fim e eu começava a retomar minhas buscas por potenciais interlocutores após um hiato de alguns meses, época em que me dediquei a transcrever as primeiras entrevistas e repensar estratégias para sua condução. Matheus já havia feito comentários acerca de algumas possibilidades além das pessoas que eu entrevistara e pedi a ele que me passasse seus contatos. Um deles era o de Wilson, amigo antigo que Matheus reencontrara ao acaso poucos meses antes, depois de vários anos sem vê-lo.

Como fiz com grande parte dos interlocutores, entrei em contato via e-mail e fiz uma breve apresentação da pesquisa, ressaltando que a entrevista seria gravada e anônima. Wilson me retornou prontamente e se mostrou entusiasmado com a possibilidade de participação, afirmando que vivia uma fase bastante propícia para discutir o assunto que me interessava explorar. Dentre todos com quem conversei, foi um dos poucos a me questionar sobre a metodologia que utilizaria. Abaixo, sua resposta:

Olá, Gustavo, tudo bem?

Passo por um momento da minha vida em que o tema de sua pesquisa ganha muito em abrangência e intensidade.

Ou seja, existe de minha parte uma curiosidade natural de saber como ela, sua pesquisa, é e vem se desenvolvendo, e claro, se puder ajudá-lo, gostaria muito de conversar com você.

Tenho disponibilidade de tempo à noite, após as 20h, e fins de semana, desde que possamos combinar a entrevista com certa antecedência.

Dúvida: não sei se uma das intenções da entrevista é captar certo grau de improviso nas respostas. Se isto não for relevante, preferiria ter acesso às perguntas antes, para poder encaminhar uma possível linha de reflexão na hora da entrevista. O que você acha?

Escrevi a ele de volta e esclareci que meu roteiro era bastante aberto, ainda que tivesse algumas questões mais pontuais. Enfatizei que em qualquer momento ele estaria livre para intervir, questionar ou fazer sugestões e que, caso tivesse interesse, poderia

encaminhar posteriormente a entrevista transcrita. Pedi seu telefone para combinarmos nosso encontro e em menos de uma semana ele foi até minha casa, ocasião em que conversamos por duas horas ininterruptas. Cerca de um ano depois, nos reencontramos para uma segunda rodada, novamente em minha casa.

Nascido em uma capital do Sudeste, Wilson tinha 56 anos quando de nossa primeira entrevista. Mudou-se para a capital paulista – onde morou sua vida inteira desde então – ainda na primeira infância, acompanhando os pais e os irmãos. Filho de um escritor e de uma dona-de-casa, afirmou ter crescido em um ambiente intelectualizado, tendo contato, desde cedo, com personalidades do meio literário. Não à toa, trabalhava como editor, carreira que seguia desde o início de sua vida profissional. Morava, na época, em um bairro bastante valorizado da zona sul de São Paulo.

Embora o período da infância não tenha sido aprofundado em nenhum dos dois encontros, sua adolescência foi alvo de constantes reminiscências, especialmente na primeira conversa. Tendo mantido, durante esse período da vida, uma relação conflituosa com os pais, Wilson mencionou uma série de enfrentamentos ocasionados pelos mais variados motivos. Um deles, ocorrido quando tinha 17 anos, foi deflagrado em decorrência de queixas constantes da mãe sobre a infidelidade do pai: cansado de ser interpelado por algo que acreditava não lhe dizer respeito, Wilson revelou, provocativamente, sua homossexualidade à genitora, algo que considerava um problema muito mais grave. O assunto, no entanto, não foi bem digerido e ela lhe pediu que não contasse a mais ninguém, especialmente o pai. De maneira parecida com o que ocorreu com Thomaz, a mãe de Wilson se tornou uma espécie de “cúmplice” na preservação de seu segredo perante outros membros da família, ainda que nesse caso ela própria continuasse a encarar com muita reserva o fato de ter um filho homossexual.

Aos 21 anos, quando já cursava a faculdade, uma briga de grandes proporções com o pai fez com que Wilson decidisse sair de casa e ir morar com amigos. Embora já tivesse tido experiências homossexuais, somente nessa época começou a adquirir, com o auxílio de uma terapeuta reichiana⁷⁴, uma autoconfiança que o permitiu vivenciar mais

⁷⁴ Psiquiatra e psicanalista austríaco, Wilhelm Reich se destacou pelo desenvolvimento de uma técnica terapêutica baseada na expressão corporal, o que incluía o livre exercício da sexualidade (Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_Reich, acesso em 18 de novembro de 2014). Wilson parece recordar com ternura as ‘mexidas’ que a terapeuta promovia em seu corpo.

livremente sua sexualidade. Nesse mesmo período, deu início às suas incursões por espaços de sociabilidade predominantemente frequentados pelo público homossexual – segundo ele, algo ainda escasso em São Paulo em meados da década de 1970. Um grande marco que relata é a montagem da peça *Os rapazes da banda*⁷⁵ em um teatro da Rua Santo Antônio, onde teve a oportunidade de interagir com outros homens e, pela primeira vez, estender uma paquera até a casa de um deles⁷⁶.

Ao mesmo tempo em que dava vazão a seu desejo homossexual, Wilson conheceu uma mulher com quem manteve, entre idas e vindas, um longo relacionamento amoroso. Nada, no entanto, era ocultado: ciente de seu interesse por outros homens, a namorada tratava o fato com naturalidade, vindo a se tornar, inclusive, companhia frequente em suas andanças por lugares gays. Ainda assim, Wilson não estava plenamente confortável em manter a relação e sentia falta de amigos próximos com quem pudesse compartilhar suas experiências.

Em 1979, quando tinha 23 anos, Wilson compareceu com a namorada à semana de debates sobre movimentos de emancipação realizada na Faculdade de Ciências Sociais da USP, onde a questão da homossexualidade foi posta em pauta por integrantes

⁷⁵ Escrita por Mart Crowley e originalmente dirigida por Robert Moore, *The Boys in the Band* (título original em inglês) estreou no circuito off-Broadway em abril de 1968 e foi trazida ao Brasil pela primeira vez em 1972, tendo sido censurada quando passou pelo Rio de Janeiro. Seu enredo é centrado em um apartamento do Upper East Side, onde o protagonista, um homossexual que teme envelhecer, comemora seu aniversário junto a seis amigos e um michê. Fontes: [http://en.wikipedia.org/wiki/The_Boys_in_the_Band_\(play\)](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Boys_in_the_Band_(play)) e <http://acapa.virgula.uol.com.br/cultura/ciclo-de-leituras-em-sp-apresenta-pecas-sobre-homoerotismo-e-sexualidade/3/17/9660> (Acesso em 19 de abril de 2014). Há também um longa-metragem, lançado em 1970 (Trailer disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WleQwDRHrKc>, acesso em 18 de novembro de 2014).

⁷⁶ Como relatam muitos interlocutores, a experiência da paquera – ou “xaveco”, como a gíria paulistana às vezes prefere chamar – era um dos meios mais eficazes, entre as décadas de 1970 e 1990, de conhecer potenciais parceiros para sexo e/ou relacionamento, tanto em lugares marcadamente gays quanto em espaços públicos como rua, praças e parques. Com o advento da internet, muitos passaram a utilizar chats e sites de “pegação” com esse intuito, embora a maioria, pelo que pude perceber, continue a preferir o “olho no olho” como forma de encontrar novas pessoas. Os aplicativos geolocalizados para celular, como Grindr e Scruff, pareciam ainda completamente desconhecidos por eles. Não estou seguro, contudo, de que isso seja uma marca geracional – quando dei início às entrevistas, eu mesmo não estava familiarizado com esses aplicativos, vindo a conhecê-los apenas em meados de 2011. De lá para cá, houve um *boom* em sua utilização no Brasil (dentre outros motivos, pelo fato de poderem agora ser baixados na plataforma Android, presente na maioria dos smartphones), o que significa que, se refizesse as entrevistas hoje, provavelmente seriam citados.

do recém-fundado *Somos*⁷⁷. Além de levá-lo a por um fim em sua relação heterossexual, fazer parte desse momento histórico marcou o início de uma fase muito intensa, pois decidiu se juntar ao grupo, onde desenvolveu fortes vínculos de amizade e pôde finalmente falar sobre si para pessoas com vivências semelhantes – Wilson cita Thomaz e Matheus como algumas delas. Menos de um ano depois, contudo, o caráter excessivamente militante do grupo começou a ser um fardo e Wilson decidiu abandoná-lo – para ele, a verdadeira revolução teria que ser feita ‘de dentro para fora’, algo que, passada a fase inicial dos grupos de identificação, Wilson acredita ter sido posto em segundo plano por seus membros:

W: [...] O que rolou foi que eu fiquei nove meses no *Somos* e vivendo todas as experiências do *Somos*, que foram... foi uma gestação realmente, foi uma coisa muito forte [...] Houve uma intensidade muito forte de vivência, até de relação, relação de amigo; era a época pré-AIDS, então todo mundo transava com todo mundo sem... sem se preocupar, entendeu, e isso era meio... libertário, era legal, sabe, e aí a coisa... e depois de nove meses, eu falei: “Ai, que saco, não aguento mais”, entendeu? “Chega (risos), quero uma coisa menos... mais, menos pra fora, menos intensa nesse lado social” [...]

G: Então a sua saída do *Somos*, ela se deveu muito a essa coisa do aspecto mais, assim, libertário, solto, e...?

W: É, que na verdade, assim, chegou uma época [em] que, sabe, essa, essa coisa, né, da convivência, de você conviver com caras que tavam passando mais ou menos pelo que você tava passando, é... a gente realmente exercitou bastante isso, né? Então tinha, era legal a estrutura do *Somos*, que tinha uma coisa pra fora, tinha uma estrutura de fora, que você ia, vamos dizer, panfletar, né, vender... vender *Lampião*⁷⁸ em restaurante, e fazer umas coisas que era legal [sic], e tinha o lado de identificação, naqueles grupos de identificação, [em] que [se] falava mais das experiências, de como que rolaram, muitos com experiências traumáticas, outros menos, enfim... e isso daí foi muito legal, funcionou durante um certo tempo, né? Acho que funcionou pra mim,

⁷⁷ Além do *Somos*, o encontro reuniu representantes de movimentos negros, indígenas e feministas. Para mais informações, ver MacRae (1990) e Trevisan (2011).

⁷⁸ Idealizado por um grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo após um encontro com Winston Leyland, fundador da *Gay Sunshine Press*, *Lampião da Esquina* foi um jornal de circulação mensal que visava discutir assuntos relacionados ao universo homossexual da época. Encerrou suas atividades em 1981, com 37 números publicados (TREVISAN, 2011). Recentemente, teve todas as edições digitalizadas pelo grupo Dignidade, que podem ser encontradas em http://www.grupodignidade.org.br/blog/?page_id=53 (Acesso em 20 de agosto de 2014).

e deve ter funcionado pra muita gente também, mas eu acho que com data de validade, entendeu? [...] Talvez a coisa mais importante, que eu acho – e aí é menos pessoal, uma percepção menos pessoal e mais social –, é que: “Opa, a revolução não se faz só com movimento social pra fora”. Isso eu percebi, eu percebi militando em um movimento gay: a revolução é aquela que você faz com você mesmo [...]

Por mais que a terapia e sua participação no *Somos* tivessem lhe ajudado a expandir os horizontes no que concerne ao modo como vivia sua sexualidade, alguns conflitos permaneciam. Com a saída do grupo, Wilson procurou a ex-namorada e os dois voltaram a se encontrar: saindo inicialmente de maneira descompromissada, depois de algum tempo o relacionamento foi retomado. Como já ocorria anteriormente, Wilson continuou a manter, com o aval da outra parte, relações homossexuais paralelas. Cerca de dois anos depois, a namorada descobriu que estava grávida – uma surpresa para ambos, pois Wilson acreditava, até então, ser estéril.

Tendo decidido, entre muitos diálogos e hesitações, levar a gravidez até o final, o casal acabou ficando feliz com a ideia de se tornarem pais. Com o nascimento da filha, Wilson acreditou que sua homossexualidade poderia ser sublimada de uma vez por todas e permaneceu com a namorada por mais alguns anos. Sua percepção atual, no entanto, é a de que vivia um processo incompleto de “autoaceitação” – talvez estagnado na fase que Plummer (1975) chama de “subculturalização”⁷⁹ –, que só começou a se resolver no momento em que se apaixonou por outro homem. Apesar de longa, a relação que estabeleceu com esse último foi permeada por inúmeras brigas e Wilson retornou à terapia para tentar compreender as razões de sua insatisfação emocional.

Enquanto se esforçava para trabalhar questões ligadas ao reconhecimento de uma homossexualidade contra a qual não queria mais lutar, Wilson se via diante de uma tarefa que até poucos anos antes não esperava ter que exercer: a necessidade de criar,

⁷⁹ De acordo com o autor, haveria quatro “estágios característicos” pelos quais um homossexual necessariamente teria de passar até uma “autoaceitação” total: a “sensibilização” (*sensitization*), quando o indivíduo identifica a possibilidade de ser diferente; a “significação” (*signification*), quando ele atribui um sentido de desenvolvimento a essas diferenças; a “subculturalização” (*subculturalization*), estágio de reconhecimento subjetivo a partir do envolvimento com outras pessoas; e, finalmente, a “estabilização” (*stabilization*), estágio em que os próprios sentimentos e um modo de vida “alternativo” ao padrão heterossexual seriam plenamente reconhecidos (PLUMMER 1975). Embora essa perspectiva interacionista ainda possa ter alguma validade para quem “se descobre” gay ou lésbica nos dias de hoje, acredito que fazia mais sentido numa época em que a homossexualidade era vivida de maneira bem mais apartada.

junto à (novamente) ex-namorada, sua filha. Ponto sensível em ambas as conversas que tivemos, esse tópico foi um disparador para que elucubrasse sobre as mudanças que foram se constituindo, no decorrer dos anos, em suas relações familiares e afetivas.

Como anunciado ensaisticamente no e-mail e reforçado na primeira entrevista, Wilson experimentava um período em que rememorar a própria trajetória frente a determinados eventos era um trabalho que lhe aprazia, tendo em vista sua tentativa atual de ‘juntar as pontas soltas’ de sua vida. Dizendo-se perto de encontrar o equilíbrio que tanto buscara, falava constantemente de um processo de amadurecimento pessoal, cujas consequências mais nítidas eram percebidas na maneira como viera a se relacionar com as pessoas mais próximas. Em paralelo, atribuía a um cenário social mais flexível a possibilidade de botar em prática determinadas decisões.

Embora a passagem de tempo que marca essa transformação não fique muito bem delimitada em sua fala, Wilson retorna algumas vezes ao passado de dificuldades para compará-lo à situação bem mais confortável que vivia no presente, enfatizando o quanto havia conseguido vivenciar e expor sua homossexualidade sem que isso o atormentasse como em sua juventude. No que diz respeito ao círculo mais íntimo, três conquistas entram em jogo: uma maior abertura com sua família de origem, uma relação mais harmoniosa com a filha e o engajamento no relacionamento estável que o conduziu ao casamento, contrapondo-se a um histórico de encontros fugazes e frustrações amorosas. Interligando-se em muitos momentos, esses três marcos parecem revelar uma espécie de “ápice” da trajetória transformativa de Wilson, ainda que nem tudo estivesse completamente desprovido de problemas.

Tendo perdido o pai ainda jovem, Wilson lamentava que esse não pudesse fazer parte da fase boa que experimentava, lembrando um acontecimento recente que dizia muito sobre seu momento de vida atual: a comemoração do último aniversário, quando decidiu reunir, em um almoço de confraternização, seu companheiro, sua mãe, os irmãos, a futura sogra e os amigos mais próximos. Até pouco tempo inexistente, esse tipo de interação provocou um efeito duplo: ao mesmo tempo em que pôs à prova a resistência da mãe em reconhecer abertamente a homossexualidade de Wilson, surpreendeu a ele mesmo quando viu essa última conversando sozinha com o companheiro. Um convite feito por seu cunhado ao final do encontro para que o casal

passasse o Natal em sua casa reforçou a impressão de que Wilson finalmente começava a conquistar o lugar que por tanto tempo desejava:

W: Eu fiz uma festa de aniversário [...] pela primeira vez, cara... peguei meu companheiro, peguei a mãe dele [...], foi ótimo [...] O que que eu reivindicava até pouco tempo atrás? Eu ficava falando; minha mãe dava almoço na casa dela, chamava meus irmãos, e eu queria que ela chamasse, eu falava: “Pô, mãe, você não vai chamar meu companheiro, que tá comigo?”, aí ela: “Não, mas como que eu vou chamar, tem a Fulana”, que é empregada dela, que tá há 30 anos com ela. “O que que ela vai achar disso aí?” [...] Aí o que eu mudei? Eu falei: “Ou eu banco a minha história, ou eu vou ficar eternamente batendo na casa da mamãe pra ela aceitar o cara que tá comigo” [...] Peguei a minha família mais chegada, peguei irmãos, peguei meus amigos mais chegados, e fui comemorar o meu aniversário, chamando o meu companheiro, a irmã dele, a mãe dele, aí fiz uma confraternização [...] Fiz textos, mandei textos de convite pra todo mundo falando: “Olha, eu tô passando por um momento muito feliz”, não tô dizendo assim: “Ó, tô comemorando um estado legal com uma pessoa”, mas ficou claro, ficou evidente [...] Então você vê, as pontas vão se juntando, né? [...] Numa determinada altura lá, minha mãe conversou com o meu companheiro sozinha, eu conversei com a mãe dele, entendeu? E aí a coisa acontece [...]

G: E com os seus irmãos, isso também, é uma coisa tranquila...?

W: Meus irmãos, eles aceitam também, eles aceitam muito mais facilmente que a minha mãe, mas a conversa não é uma conversa solta e tranquila. Hoje eu consigo mais, eu consigo falar com a minha irmã, a festa que eu dei foi no buffet dela, né? E ela fala com todo mundo, fala com meus amigos, tem amigos meus, gays, que ela considera bastante, ela tem amigos gays, mas é uma coisa que... a minha mãe, como ela é meio... a minha mãe é muito matriarca, ela tem um... ela tem um poder grande ali, então ela... mas meu cunhado, por exemplo, ele chegou pra mim e no fim da festa ele falou: “Natal já sabe, Natal estamos esperando vocês dois lá” [...]

Apesar de não ter participado, por se encontrar no exterior, da reunião promovida por Wilson, sua filha também é destacada nesse processo de integração. Embora mantivessem atualmente uma relação tranquila, Wilson relata, de modo similar a Ronaldo, um histórico de grandes desentendimentos em virtude de sua homossexualidade, algo que constituiu, especialmente ao longo da adolescência da menina, um entrave a uma convivência tranquila. Por sorte, Wilson sempre pôde contar com a ajuda de sua ex-namorada, que colaborou de modo substancial para que os dois viessem a se acertar. Ainda no que tange à filha, Wilson destaca a excelente convivência

entre ela e aquele que viria a se tornar seu esposo, o que pude confirmar pelo que observei no casamento.

Como o próprio interlocutor chama a atenção, é importante ressaltar que todas essas mudanças foram lentas e não significam o desaparecimento de empecilhos, ainda presentes em uma certa homofobia materna ou na dificuldade com os pais do companheiro que, a despeito de o tratarem bem, ainda não conseguiam – de maneira quase idêntica ao que fazia a própria mãe, como aparece em sua fala – convidá-lo para um almoço de família no domingo. Ao que tudo indicava, contudo, tais dificuldades eram pouco a pouco superadas – e, talvez, tenham se amenizado ainda mais com a oficialização de sua união.

Pais, irmãos, sobrinhos: família de origem e negociações do privado

Sem dúvida alguma o interlocutor de quem mais me aproximei durante a realização do campo, Alcides foi um generoso contribuidor na pesquisa. Além de me apresentar a várias pessoas que viriam a compor meu rol de entrevistados, me acompanhou em diversas saídas e sempre se mostrou interessado acerca do andamento do trabalho⁸⁰. Nosso primeiro contato se deu por intermédio do Facebook, quando me escreveu uma mensagem privada após minha postagem no grupo virtual do ABC *Bailão*. Em seguida, telefonei a ele e agendamos nossa primeira entrevista, que aconteceu nos primeiros dias de 2012 em seu apartamento, localizado em um bairro de classe média da região central da cidade. Exatamente nove meses depois, retornei lá.

Alcides possui uma fala tranquila e é muito bem humorado, o que facilitou o desenvolvimento das conversas e permitiu a abordagem de questões delicadas sem a necessidade de muitas firulas. Marcadas por pequenos intervalos em que o acompanhava até sua varanda para que fumasse – ação para a qual educadamente me

⁸⁰ Um fato curioso que demonstra sua prestatividade marcou o dia seguinte ao primeiro encontro: tendo esquecido de levar o termo de consentimento informado para que assinasse, Alcides me propôs que o enviasse por e-mail e passasse em seu trabalho – uma instituição ligada à área da educação, onde atuava há quase dez anos – para buscá-lo. Ao chegar lá, me deu várias cópias impressas para serem utilizadas com os futuros interlocutores.

pedia permissão –, as entrevistas que conduzi junto a ele estiveram entre as mais dinâmicas que realizei, com constantes intervenções de ambas as partes.

Nascido em uma cidade de médio porte do interior paulista, Alcides é filho de imigrantes mineiros e se mudou para a Grande São Paulo ainda bebê, estabelecendo-se com a família em um pequeno município ao norte da capital. Caçula de dez filhos (alguns dos quais já falecidos), era fruto do segundo casamento do pai, de onde veio a maioria de seus irmãos. À época de nossa primeira entrevista, tinha 43 anos.

Encantado desde criança com os atrativos oferecidos pela capital – para onde ia, na direção inversa do que seus habitantes costumam fazer, passar as férias –, Alcides realizou seu sonho de lá viver aos 14 anos, quando conseguiu seu primeiro trabalho e foi morar com duas irmãs já radicadas em São Paulo. Perguntado sobre o peso que a vontade de viver mais livremente sua orientação sexual teria tido sobre o desejo de ir para a cidade grande, disse já haver alguma clareza em relação a isso: embora não completamente consciente, acreditava que na capital a possibilidade de se experimentar sem a necessidade de ‘prestar muitas contas’ à família era significativamente maior⁸¹.

Ainda cursando o que seria hoje classificado como Ensino Fundamental, foi na escola onde havia se matriculado em São Paulo que Alcides teve seu primeiro contato com um rapaz da mesma idade que também se considerava gay – ou ‘entendido’, como vimos ser (e ele confirma) mais comum naquele período. No ano seguinte, contudo, trocou de colégio e se envolveu romanticamente com meninas, vindo inclusive a namorar algumas. Nesse mesmo local, se apaixonou por Jaime, um colega com quem veio a desenvolver uma relação e que mais tarde se tornaria o estopim de conflitos importantes envolvendo as irmãs com quem morava: ao perceberem que Alcides se

⁸¹ Aqui, vale a pena retomar a ideia que Eribon (2008) chama de “fuga para a cidade”, esboçada no primeiro capítulo. De acordo com o autor, tal fenômeno teria sido reforçado na década de 1960, quando levas de imigrantes gays começaram a chegar em São Francisco em busca de segurança e anonimato, algo inacessível no ambiente hostil de suas cidades de origem. No entanto, ele apresenta essa tendência como algo que remonta aos idos do século XIX, quando “a reputação de certas cidades, como Nova York, Paris ou Berlim, atraía ondas de ‘refugiados’ vindos de todo o país e, com frequência, do exterior, reforçando, portanto, o que os havia determinado a vir: a existência de um ‘mundo gay’ ao qual se agregavam e ao qual traziam o entusiasmo dos que acabam de chegar” (ERIBON, 2008, p. 32). No caso do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo parecem desempenhar esse papel de “meca gay”, como apontam estudos de diversas épocas (WHITAM, 1995; GREEN, 2000; GUIMARÃES, 2004; FIGARI, 2007). Mais recentemente, outras capitais do país vêm disputando, ainda que com enorme desvantagem, esse título (PARKER, 2002).

tornara muito próximo de um rapaz que consideravam possuir trejeitos femininos, passaram a proibir encontros entre os dois, além de restringir a convivência com amigos “suspeitos”. Ainda que de início tivesse negado sua homossexualidade para as irmãs, uma segunda paixão depois de um ano por um rapaz mais velho fez com que acabasse se assumindo para uma delas – a qual, por sua vez, revelou o segredo à outra. Encarada com bastante reserva pela segunda, a situação gerou desentendimentos que perduraram vários anos:

A: [...] Logo depois desse fato [a excessiva proximidade de um rapaz com trejeitos femininos] complicou bastante o relacionamento com todos os amigos; minhas irmãs não queriam que eu saísse com eles mais. Foi um trabalho muito grande de convencimento, aí aponteí quem era gay, quem não era, quem era lésbica, quem não era – que nesse momento tinha uma diferença grande, a palavra “gay” não era usada pra todo mundo. E, no final, as minhas irmãs acabaram permitindo – porque eu era muito novo – que eu continuasse na mesma escola, embora elas quisessem que eu tivesse saído no começo, e que eu teria [sic] amizade com algumas das pessoas que elas tinham mais confiança. Mas eu tive que...

G: Mas aí, assim, a questão da sua homossexualidade já era explicitamente colocada por elas?

A: Não. Nesse momento, o que aconteceu? Quando eu... depois de ter conversado com a Maria [amiga lésbica que sugeriu a ele não contar que era homossexual], eu pensei: “Então tá, não vou assumir”, dizendo que: “Não, não sou gay, aconteceu, imagina, é um amigo. Não vai acontecer mais, não quer que frequente aqui em casa, tudo bem”. Eu estava amando o Jaime, né? Na minha cabeça não existia outra pessoa. Eu tava completamente entregue. Mas já que era uma decisão que pelo menos a maioria dizia que era melhor – em particular aquela amiga tinha dito que era melhor –, eu resolvi tomar então essa decisão. Só que essa situação é insustentável, pelo menos foi pra mim. Assim... dois meses depois, três meses depois, a minha relação com o Jaime foi por água abaixo, porque a gente não tinha mais espaço, a gente não podia se encontrar, a gente ficou proibido de se ver [...] Terminada a minha relação com o Jaime, é claro que eu sofri muito, e passado um certo tempo... vamos dizer, entre eu ter contado e até o que eu vou contar agora, passou um ano, cerca de um ano, aí eu já estava com 17 anos, e eu conheci um segundo Jaime. Esse tinha 27 anos e eu tinha 17. E foi uma paixão enorme... e aí eu comecei novamente, depois de um ano, a sair, devagar, a sair um pouco mais de casa, fui ganhando espaço. Uma noite eu dormi na casa dele, voltei de manhã, antes das minhas irmãs acordarem. Até que um dia, depois de uns dois meses que a gente tava saindo, ou cerca disso, a minha irmã mais velha virou pra mim e falou: “Escuta, aonde você tem ido? Aonde você tá indo agora?” Aí eu falei: “Ah, eu tô indo pra casa da

Isabel”, eu inventei esse nome. E ela disse: “Isabel?” Eu falei: “É”. Ela falou: “Mas essa Isabel é mulher mesmo?”. Aí eu sorri e disse: “E se eu disser que não, qual a sua reação?” Ela falou: “Experimenta dizer”. Aí eu falei: “Olha, a Isabel não é uma mulher, eu tô sim namorando um cara chamado Jaime, não aguento mais, tô sufocadíssimo com essa história, vocês sabem que eu não gosto de mentir, a gente tem isso em casa. Não tô dizendo que eu nunca minto, mas a gente não pauta a vida em mentira, e eu tô sofrendo demais de ter que esconder. E eu tô apaixonado, o Jaime é uma pessoa ótima” [...] Dez minutos depois, ela já tinha contado pra minha outra irmã – o que eu acho [sic], naquele momento, que foi uma atitude desrespeitosa, mas eu também não condeno. E levou mais ou menos uns três anos pra essa minha outra irmã aceitar. Aceitar porcamente – eu vou usar esse termo –, porque é um aceitado tipo: “Não tem outro jeito”.

Como começou a trabalhar muito cedo, com menos de 18 anos Alcides já possuía renda própria, o que o ajudou a se desvencilhar do controle das irmãs e começar a conquistar sua independência. Logo após se separar do segundo namorado, conheceu aquele que seria seu terceiro, com quem veio a dividir um apartamento pouco tempo depois. A história ganha importância em sua fala devido ao fato de ter sido essa união a responsável pela revelação de sua homossexualidade a outros membros da família, à medida que Alcides foi incorporando o companheiro em sua esfera. Ainda que seja incisivo em relatar uma recepção majoritariamente positiva por parte dos parentes, dificuldades significativas persistiram e foram sendo desveladas já em nosso primeiro diálogo: além de uma das irmãs com quem havia morado, que continuou a reagir negativamente ao interesse de Alcides por outros homens e só muito timidamente veio a reconhecê-lo como legítimo, outros dois irmãos também apresentaram barreiras, com um deles chegando a ameaçar fazer seu *outing*⁸² aos pais durante uma visita coletiva à residência dos genitores⁸³.

⁸² Diferente do *coming out*, que pressupõe uma revelação espontânea, o *outing* ocorre quando a homossexualidade é revelada aos outros de maneira involuntária, geralmente por intermédio de terceiros (SAGGESE, 2009). No filme *In & Out*, analisado por Seidman (2002) e exibido no Brasil com o título *Será que ele é?*, o personagem central é vítima de um *outing* por parte de um ex-aluno que, ao ganhar o Oscar de melhor ator por sua interpretação de um soldado gay, dedica o prêmio ao ex-professor, fazendo questão de ressaltar a origem de sua inspiração para o papel. Trailer disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fxD7Ty5ZhQE> (Acesso em 09 de setembro de 2014).

⁸³ Apesar de conviverem bem com seu companheiro da época, o pai e a mãe ainda não estavam oficialmente informados acerca da verdadeira natureza daquela relação. Aproveitando-se disso, o irmão começou a provocá-lo: primeiramente, sugeriu estar ciente de que Alcides mantinha um relacionamento

Tendo mantido, ao longo de sua vida, outros relacionamentos estáveis em que morou com os parceiros ou, pelo menos, fazia questão de que participassem ativamente de sua vida familiar, a questão da convivência com os parentes é um dos pontos mais recorrentes no discurso de Alcides e traz à tona uma trajetória interessante de adversidades e conquistas. Como acontece em outros relatos, às vezes é difícil precisá-la cronologicamente, mas, também como em grande parte deles, sua fala passa a ideia de uma diminuição gradativa das dificuldades relativas à sua homossexualidade e de um estreitamento de laços com a família de origem. Em sua história, há três acontecimentos que parecem marcar essa transformação.

O primeiro deles, envolvendo o outro irmão que desde o início ofereceu resistência a enxergar com bons olhos sua homossexualidade, teve como gatilho uma circunstância aparentemente banal: estando em casa com o sobrinho adolescente, Alcides foi cumprimentar o companheiro que acabara de chegar, dando-lhe um abraço e um beijo no rosto. Após testemunhar o fato, seu sobrinho percebeu que o tio era homossexual e contou o que havia visto ao pai, que reagiu cobrando explicações. Embora desagradável, o desentendimento foi a oportunidade para que Alcides dissesse ao irmão que já passava da hora de amadurecer, pois não havia nada de extraordinário naquela manifestação de afeto e Alcides sempre o havia tratado de maneira respeitosa. Fica evidente, aqui, uma situação que perpassa dois aspectos analiticamente interessantes: o primeiro diz respeito ao *covering*⁸⁴ exigido pelo irmão que, mesmo ciente de que Alcides era homossexual, não admitia que ele o demonstrasse na presença

homossexual ('Tô de olho em você, tô sabendo que tem alguma coisa aí entre vocês'). Logo em seguida, a provocação se tornou mais agressiva, com o irmão perguntando, em tom irônico, sobre o papel de cada um no sexo ('E aí, quem tá comendo quem?'). Alcides respondeu aos ataques com uma contra-ameaça, dizendo ao irmão que revelaria aos pais segredos que sabia sobre ele caso não cessasse a picardia.

⁸⁴ Para Yoshino (2006), que toma emprestado de Goffman (1988) o conceito de *covering* (traduzido na versão em português de *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* como "acobertamento"), este revelaria a opressão sofrida por uma minoria face ao *mainstream* (isto é, a "corrente dominante" que mantém os valores hegemônicos de determinado grupo social), na medida em que torna quase obrigatório um comportamento de assimilação semelhante ao que observa Seidman (2002), como, por exemplo, a impossibilidade de manifestar afeto em determinados contextos, no caso dos homossexuais. Mesmo que a pessoa se encontre numa situação em que aqueles ao seu redor saibam dela, algum tipo de dissimulação pode ser necessário ou desejável.

de outras pessoas. O segundo é uma espécie de “pânico moral”⁸⁵ em relação à influência que tal ato poderia ter sobre o sobrinho, algo que remonta, como exposto no primeiro capítulo, às “cruzadas” anti-homossexuais empreendidas por Joseph MacArthur nos Estados Unidos durante a década de 1950 (RUBIN, 1993) e reeditadas no discurso de alguns setores religiosos na política brasileira de hoje (LA DEHESA, 2010). Ainda que gerasse um afastamento provisório, a conversa de Alcides com o irmão acabou por reaproximá-los depois de alguns anos.

O segundo acontecimento marcante envolveu também um irmão e um sobrinho, embora de maneira bastante distinta – o próprio Alcides fala dele como forma de se contrapor à situação anterior. Com a mesma idade do primeiro sobrinho, o filho desse outro irmão, de quem já era bem mais próximo, esteve certa vez em sua casa e demonstrou interesse em se matricular em um curso na capital, mas deparava com o empecilho de viver no interior. Sensibilizado com a situação, o tio o convidou para morar com ele, onde acabou permanecendo durante quatro anos. Segundo Alcides, os dois desenvolveram uma relação de pai e filho e durante todo esse tempo a convivência do sobrinho com o companheiro foi extremamente amistosa, sem qualquer necessidade de ocultar o que os dois possuíam. Seu irmão, por sua vez, demonstrava contentamento em ver o filho feliz, sem manifestar, diferente do primeiro, preocupação com a possibilidade de que este viesse a testemunhar beijos ou carícias entre dois homens. É interessante, no entanto, que Alcides faça um adendo voluntário para relativizar a tranquilidade desse último, mencionando uma ocasião em que comentou sobre sua relação com o companheiro na presença de sua filha mais nova, gerando alguma inquietação no irmão. Talvez aqui presenciemos uma versão mais amena (embora marcada por um fator etário e possivelmente generificada) da manifestação de um “pânico moral”, do qual o sobrinho, sendo homem e já adolescente, escaparia:

Meu pai tinha falecido tinha poucos dias; eu lembro que estávamos, meu irmão dirigindo, eu do lado dele, atrás tavam meus sobrinhos. E aí, em um dado momento, eu comecei a falar alguma coisa, eu falei do

⁸⁵ Uso aqui a expressão de acordo com seu significado original, cunhada por Cohen (1972). Segundo o autor, um pânico moral pode ser definido quando “uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge e é apontado como uma ameaça a valores e interesses sociais” (COHEN, 1972, p. 9, tradução livre).

meu parceiro, [e] meu irmão pôs a mão na minha perna. E nessa hora ele pôs no sentido de [dizer]: “Escuta, o que que você tá falando? Cuidado com o que você tá falando”. Aí eu ri e disse pra ele: “Você tá preocupado com a Diana [a sobrinha]?” Ele falou: “Poxa, né? Você sabe”. Então, a preocupação dele naquele momento era com a Diana, que é muito mais nova. A Diana agora está com 13. Meu pai faleceu já tem cinco anos; ela era bem mais nova.

Além das situações em que irmãos e sobrinhos estiveram implicados, Alcides inclui a mãe em sua trajetória de mudanças, para quem falar abertamente sobre sua homossexualidade parece sempre ter sido algo mais delicado. Com o pai que, como conta, era falecido há alguns anos, Alcides nunca conseguiu expor completamente o assunto, ainda que, conforme dito anteriormente, ambos sempre estivessem estado a par da existência de seus companheiros. Sobre a mãe, todavia, Alcides conta de uma circunstância recente – algo que data entre um ano e um ano e meio antes de nossa primeira conversa – em que, aproveitando um momento difícil que vivia em decorrência de problemas no trabalho, incluiu no desabafo algumas angústias em relação aos seus relacionamentos amorosos. Nesse instante, o fato de que Alcides mantinha relações com outros homens era verbalizado sem meias-palavras.

Pouco surpresa com a revelação, sua mãe passou a incentivá-lo a compartilhar de maneira mais frequente suas inquietações, ao mesmo tempo em que ela própria se sentiu mais à vontade para falar sobre as suas, num movimento de confiança mútua. Como acredita Alcides, essa cumplicidade materna – que mais uma vez aparece nas histórias – teria derrubado qualquer barreira de segredo que ainda pudesse existir entre os dois. Um exemplo da maior liberdade que havia conquistado em relação à genitora era sua preocupação constante com Leandro, interlocutor que namorava na época em que nos conhecemos: sempre que cozinhava para o filho quando este ia visitá-la, insistia para que Alcides separasse uma porção de comida para o primeiro: ‘Põe mais um pouquinho, porque chegando [em casa], o Leandro come’.

Terror, medo, culpa: AIDS e a reinvenção de si

Como Alcides, meu primeiro contato com Samuel se deu por intermédio do interesse que demonstrei em encontrar interlocutores no grupo virtual do *ABC Bailão*.

Também como o primeiro, Samuel me escreveu uma mensagem privada e passou seus números de telefone para que combinássemos uma entrevista. Agendar um encontro, no entanto, não foi fácil: sucessivos imprevistos de sua parte fizeram com que tivéssemos de remarcar-lo três vezes. Quando finalmente acertamos um dia, decidimos que nos encontraríamos no SESC Bom Retiro, próximo ao prédio onde eu morava na época. Samuel chegou primeiro e me mandou um SMS avisando que o local estava fechado, ao que sugeri que viesse até minha casa. A segunda entrevista, realizada oito meses depois, foi mais fácil de ser agendada e também ocorreu em minha residência.

Como havíamos tido uma prévia da conversa por telefone, algumas informações sobre Samuel já me eram familiares antes de nos encontrarmos pessoalmente, embora não suficientemente detalhadas para que abrisse mão de explorá-las mais a fundo na entrevista presencial. Em acréscimo às conversas mais formais, estabelecemos diálogos em algumas outras ocasiões, sendo ele um dos interlocutores com quem tive a oportunidade de desenvolver atividades de campo para além das entrevistas.

Samuel tinha acabado de completar 41 anos quando nos encontramos pela primeira vez, embora aparentasse ligeiramente menos devido à sua maneira jovial de se vestir. Nascido na capital paulista, residia há dois anos em um bairro da zona norte da cidade, tendo morado, durante grande parte de sua vida, na região central. Era filho de pais separados que o tiveram muito jovens, tendo sido criado desde pequeno pelos avós paternos – em relação a esses últimos, Samuel demonstrava nutrir um afeto profundo. Apesar disso, conta sempre ter mantido contato com os primeiros, ambos ainda vivos. Conta também possuir muitos irmãos, ainda que não forneça um número exato – alguns deles haviam sido igualmente criados por seus avós, enquanto outros eram provenientes de casamentos posteriores dos pais. Um aspecto que destacou logo no início de nossa primeira entrevista é o fato de ter crescido em um meio com muitas mulheres, entre tias, primas e irmãs.

Tal qual Alcides, Samuel começou a trabalhar quando ainda era adolescente, algo sobre o qual falava com um tom visivelmente orgulhoso. Tendo iniciado sua vida profissional em uma agência de viagens, trocou de carreira algumas vezes até se firmar como produtor de eventos, trabalho que exercia há relativamente pouco tempo e do qual dizia gostar muito, ainda que exigisse deslocamentos constantes. A despeito das mudanças profissionais, em nenhum momento relata ter enfrentado crises importantes

nesse âmbito, tendo apenas procurado oportunidades melhores em outras áreas. Indagado a respeito de seu relacionamento com os colegas de trabalho, conta sempre ter mantido um contato amistoso, falando abertamente sobre sua homossexualidade sem que isso o trouxesse problemas. Sobre os tempos de faculdade, que não chegou a concluir, fala muito vagamente.

A infância é um período a respeito do qual Samuel praticamente não comenta, silêncio que talvez se justifique por sua ânsia em me falar sobre as primeiras experiências com a “vida gay”, que se deu por volta dos 15 anos de idade. Ao ingressar no que hoje se entende como Ensino Médio, Samuel foi para uma escola próxima de seu trabalho como tentativa de conciliar os estudos com a vida profissional que se iniciava, estabelecendo uma rede de amizades composta por meninos e meninas. Em determinado momento, um de seus amigos, um rapaz mais velho que Samuel já conhecia desde criança, revelou a ele ser homossexual e o apresentou a lugares gays que frequentava na cidade, onde eram acompanhados por colegas que também começavam a explorar sua sexualidade. Ainda que relembre carinhosamente desse período, sua fala assume um tom pesaroso quando começa a me contar sobre as perturbações que o acometeriam pouco tempo após o início de suas incursões noturnas.

Vivendo a adolescência em um período coincidente com a emergência da AIDS, Samuel, que diz ter sido desde cedo um ávido consumidor de informação, começou a acompanhar as notícias sobre o alastramento da epidemia, passando a despender grande parte de seu salário na assinatura de jornais e revistas. Apavorado com o que lia, decidiu se retrair do convívio social e abandonou seus parceiros de balada, dando início a um processo de intensa autocondenação por sua própria homossexualidade. Alguns anos mais tarde, ainda bastante atormentado, deparou com uma informação que acentuou seu estado aflitivo: um vizinho de rua, rapaz jovem que se suspeitava estar contaminado pelo HIV, havia acabado de falecer. Poucas semanas após esse fato, uma segunda perda viria a impactá-lo – dessa vez, o irmão de uma amiga, que Samuel conhecera meses antes, já doente:

S: [...] A minha adolescência foi em pleno 85, 86, quando explodiu a AIDS no mundo. E aquilo era uma coisa... pra mim, era uma coisa assustadora. Muito assustadora [...] Eu sempre fui uma pessoa que li [sic] muito, a informação pra mim nunca chegava muito de: alguém

veio e me falou. Então, eu gastava o meu dinheiro de adolescente assinando jornal, assinando revista, eu lia, lia, lia, compulsivamente, eu gostava muito de ler. E, naquele momento, a imprensa era uma imprensa meio complicada, porque não tinha... eles falavam errado porque eles não sabiam falar certo⁸⁶ – aliás ninguém sabia falar certo –, e aquilo me apavorou muito, me apavorou, me apavorou, me apavorou, [e] e eu falei assim: “Eu não quero isso pra mim, não” [...]

G: Aí você tinha mais ou menos quantos anos?

S: Tinha... isso foi em 80 e... eu me afastei – eu frequentei [a noite] em 86. Em 86, 87, eu tinha 16, 17 anos. Minto, 14 anos: eu tava no primeiro ano do colegial [...] Aí começou [sic] a explodir as notícias todas, aquela coisa toda, aquele negócio pesado, barra pesada, que aquilo foi muito barra pesada [...] Mais ou menos [em] 90 e... 89, 90... 91, 92 [...], eu fui viajar. Quando eu voltei dessa viagem, o menino da minha rua, que era o João, morreu, tinha morrido. Aquilo mexeu comigo: “Putz, o cara morreu, não sei o quê, cresceu comigo”. Umas duas semanas depois, tô andando na rua e encontro essa minha amiga que morava no mesmo bairro, mas não próximo, e pergunto do irmão dela. Aí ela falou: “Foi viajar”. “Foi viajar? Ele não tava doente?” “Ah, ele viajou pra outra dimensão, ele morreu”. Aí eu pirei. Que eu achava assim: “Meu, isso tá muito perto de mim”.

Embora não relate ter perdido amigos íntimos e não caracterize nenhum dos conhecidos falecidos como homossexual – um deles era usuário de drogas injetáveis e o outro Samuel não especifica como contraiu o HIV –, a proximidade dessas mortes foi suficiente para deflagrar uma crise que culminou em um delírio hipocondríaco: além de se culpar constantemente por seus desejos, Samuel tinha certeza de que havia se tornado

⁸⁶ Como Perlongher (1987), já citado, Sontag (1988) problematiza a histeria criada em torno da AIDS pela mídia, mencionando matérias da *Time* e do *The New York Times* da década de 1980 em que a infecção pelo HIV é descrita como uma guerra perdida. No Brasil, metáforas desse tipo também eram utilizadas, como em uma matéria de 1983 exibida pelo *Fantástico* na qual, ao som de uma música instrumental provavelmente retirada de algum filme de Hitchcock, a AIDS é apresentada como sendo “mais implacável do que a leucemia e mais contagiosa do que a hepatite”. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QYt61wcerQs>, acesso em 12 de setembro de 2014). O teor apocalíptico e sensacionalista que permeava a cobertura da imprensa com relação à epidemia persistiria por muito tempo: em 1989, pouco após assumir publicamente sua condição de soropositivo, Cazuza era capa da revista *Veja*, numa foto em que aparece extremamente magro. Intitulada “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”, a matéria contém trechos de uma entrevista com o cantor e fala também sobre a suposta soropositividade do ator Lauro Corona, que veio a falecer poucos meses após a veiculação da reportagem. Ironicamente, a própria *Veja* faz uma crítica ao sensacionalismo com que a AIDS era tratada na época, tentando se isentar de sua parcela de responsabilidade com a mensagem “positiva” transmitida por Cazuza ao enfrentar abertamente a doença. A versão digitalizada dessa edição, de 26 de abril de 1989, pode ser encontrada em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> (Acesso em 12 de setembro de 2014).

soropositivo, apesar de nunca ter se engajado, até o momento, em comportamentos que pudessem expô-lo ao vírus. Chegando ao cúmulo de jogar no lixo qualquer notícia sobre AIDS que saísse no jornal para que não começasse a somatizar, foi procurar ajuda em uma ‘análise freudiana pesadíssima’ com uma psicóloga que o atendia três vezes por semana. Chama a atenção na narrativa um silenciamento quase total no que concerne à sua relação com a família durante esse tempo, ainda que a isente de qualquer responsabilidade sobre a gênese de suas angústias: ao contrário do que se poderia pensar, diz ele, sua criação não foi religiosa e nenhum julgamento de valor relacionando a homossexualidade masculina à epidemia de AIDS era proferido em discussões familiares.

Passados cerca de alguns meses desde que dera início ao trabalho terapêutico, Samuel começou a melhorar da hipocondria e foi gradativamente permitindo a si mesmo se envolver afetivamente com outros rapazes, além de retomar suas incursões pelos ambientes gays de São Paulo. Sua maior conquista, no entanto, foi o ingresso na ONG/AIDS em que veio a trabalhar por muitos anos, ocorrido a partir de um convite feito a ele por um membro da entidade durante um festival de cinema. Vários anos já haviam transcorrido desde o começo da epidemia e Samuel tinha a sorte de integrar o grupo em um momento de menor assombro, pois o coquetel antirretroviral havia acabado de ser lançado⁸⁷. Lá, conta ter vivido uma fase extremamente entusiasmante em sua vida, dedicando grande parte do seu tempo ao trabalho voluntário. Embora não haja pormenores, fala também sobre paixões que experimentou nesse período. Outro ponto que destaca é a variação sociocultural e etária que existia na ONG, o que o forçou a ter contato com diferentes realidades dos atingidos pela epidemia:

S: [...] Quando eu cheguei lá, eles tavam no auge de cada um dar o seu depoimento, e como eles estavam sobrevivendo, porque eles estavam

⁸⁷ Os medicamentos antirretrovirais (ARV) consistem em um conjunto de remédios que evitam a multiplicação do HIV no organismo, apesar de não exterminá-lo por completo. O primeiro deles, a zidovudina (AZT), foi desenvolvido já na década de 1980, mas somente na década seguinte a terapia antirretroviral se tornou realmente eficaz, quando surgiram novos ARV que, utilizados em conjunto – o *coquetel* – passaram a fornecer uma sobrevida significativa aos soropositivos. No Brasil, são distribuídos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) desde 1996 (Fontes: http://en.wikipedia.org/wiki/Management_of_HIV/AIDS e <http://www.aids.gov.br/pagina/quais-sao-os-antirretrovirais>. Acesso em 12 de setembro de 2014).

morrendo, [e] de repente eles começaram a reviver. Então, eu vi depoimentos da menina falando “Eu tava com 45 quilos, hoje eu tô com 54, eu tô bem. Porque eu tava morrendo, tava tendo isso, isso e isso, começaram a administrar o coquetel em mim lá no Emilio Ribas⁸⁸, tô melhor...” [...] E eu tava num processo de recuperação muito ferrado na minha mente, né? Eu precisava muito recuperar o meu tempo perdido e aceitar aquela história toda ali⁸⁹ [...]

G: E as reuniões eram bem cheias?

S: Quando eu cheguei, no momento não; teve momentos da gente ter três, quatro salas. Aí eu ficava numa sala, outro coordenador na outra, outro coordenador na outra [...] E eu aprendi a lidar com muitas diferenças ali. Então, aprendi a lidar com travesti, com michê, com a prostituta, com a dona-de-casa, com a criança, com adolescente, com um médico PhD fodão [...], e aquilo foi me consumindo, e me consumiu com muita alegria. Em nenhum momento foi uma coisa pesada pra mim, nem triste. Eu vivi paixões lá dentro... eu consegui superar o medo, inclusive, [de] me relacionar com quem era soropositivo, e ter isso de uma forma... claro, com todos os devidos cuidados, mas de uma forma tranquila. Eu acho que a gente fez parte de um momento muito importante ali.

Os anos que se seguiram à sua atuação no grupo foram marcados por eventos de grande intensidade emocional que envolveram diferentes instâncias de sua vida afetiva. O primeiro deles, que Samuel não desenvolve a fundo, diz respeito a uma relação conjugal bastante longa, cujo término diz ter se dado em função da dependência química de seu companheiro. O segundo, por sua vez, foi o falecimento de seu avô, vítima de um câncer – em seus últimos dias, disse ao neto que torcia para que este encontrasse um rapaz que cuidasse dele e o fizesse muito feliz, o que fez com que Samuel se arrependesse de não ter compartilhado uma parte importante de suas vivências com o

⁸⁸ Administrado pelo Governo do Estado de São Paulo, o Emilio Ribas é um instituto de infectologia cujas origens remetem ao final do século XIX, quando ainda não recebia o nome do famoso sanitarista. Dedicado ao enfrentamento das epidemias de varíola e febre amarela na época de sua fundação, foi o primeiro hospital a tratar um paciente de AIDS no Brasil e se tornou referência no combate à doença (Fonte: www.emilioribas.sp.gov.br, acesso em 18 de novembro de 2014).

⁸⁹ É interessante constatar a semelhança entre Samuel e Alfredo no que diz respeito a esse processo de recuperação: o segundo, que atuou na mesma ONG/AIDS no início da década de 1990, também fala bastante sobre o pavor que tinha em relação ao HIV, encontrando no trabalho voluntário com pessoas afetadas pelo vírus uma espécie de “resolução” para seu medo. Na fala de Alfredo, como na de Samuel, há essa ideia de que, com a morte de pessoas próximas, a AIDS deixa de ser algo distante para se tornar uma ameaça concreta.

homem que havia lhe criado⁹⁰. O terceiro finalmente, foi um acontecimento sobre o qual havia falado apenas muito superficialmente em nossa primeira entrevista, vindo a esmiuçar de forma extensa no segundo encontro: uma tentativa fracassada de adotar uma criança⁹¹.

Fruto de um desejo que Samuel diz ter nutrido durante muito tempo, sua decisão de se tornar pai começou a ser posta em prática ao redor dos 30 anos, época em que já possuía certa estabilidade profissional e acreditava ser capaz de criar um filho por conta própria. Tendo entrado com um processo que julga ‘invasivo’ e ‘desgastante’ junto à Vara de Infância e Juventude, esperou dois anos até que a sentença final, contrária ao seu pedido, fosse proferida. Segundo ele, o indeferimento foi motivado por uma atitude preconceituosa vinda da psicóloga que o avaliava, afirmando ter sido essa a única situação em sua vida em que foi vítima de homofobia: como justificativa para negar a paternidade a Samuel, a psicóloga responsável pelo caso disse que ele não teria a capacidade de fazer uma criança amá-lo. Como já expusera quando o indaguei pela primeira vez sobre seu convívio com os familiares, Samuel reiterou em vários momentos possuir uma relação muito tranquila com eles, o que veio à tona novamente ao elaborar sobre o fracasso da adoção: tão decepcionadas quanto ele ficaram sua mãe, suas tias e suas irmãs, que acompanhavam o trâmite de perto e queriam ajudá-lo a criar o filho. Apesar de sua revolta com a decisão, que durava pelo menos até a ocasião de nossa primeira entrevista – quando disse não ter mais vontade de ser pai –, em nossa segunda conversa já considerava a possibilidade de uma nova tentativa.

Da arte de se tornar senhor de si: homossexualidade, existencialismo e independência

⁹⁰ Enquanto a avó, falecida um pouco antes, é apresentada como uma quase confidente – para quem Samuel sempre falou abertamente sobre seus relacionamentos e os lugares que frequentava –, com o avô nada era verbalizado. Apesar disso, a relação entre os dois sempre foi de extrema proximidade: daí, justamente, o arrependimento de Samuel.

⁹¹ Quando o contatei para que realizássemos uma entrevista de retorno, Samuel se mostrou entusiasmado e me disse que havia se lembrado de um assunto sobre sua vida que poderia ser de interesse à pesquisa. Na verdade, o tema já havia sido colocado em pauta e estava nos meus planos reintroduzi-lo em algum momento.

Apresentado a mim por Alcides, Felipe era o mais novo dos interlocutores até o momento de nossa primeira entrevista, no início de abril de 2012. Desde janeiro, vínhamos nos falando por telefone e tentamos algumas vezes agendar um encontro, mas por motivos de força maior – Felipe teve uma tia próxima hospitalizada e eu viajei pouco tempo depois – demoramos quase três meses até que conseguíssemos concretizá-lo. Na primeira vez, a conversa teve lugar em minha casa. Para a segunda rodada, realizada em novembro do mesmo ano, fui até o apartamento em que morava, num bairro de classe média da zona sul.

Possuidor de um discurso rebuscado e um semblante sério, Felipe aparentava, em decorrência da segunda característica, ser uma pessoa reservada e ter mais do que seus 39 anos de idade. Não obstante, se mostrou desde o início bastante disposto a colaborar com meu trabalho: antes mesmo de nosso primeiro contato telefônico, me escreveu espontaneamente para avisar que havia conversado com Alcides (seu ‘amigão, amigo-irmão mesmo’, segundo o descreveu na mensagem) e que poderia participar da pesquisa. No decorrer das entrevistas, pareceu estar à vontade e não hesitou em falar sobre assuntos delicados.

Felipe nasceu em uma cidade do interior paulista localizada a algumas dezenas de quilômetros da capital, que caracterizava como ‘extremamente provinciana’ apesar de sua relativa proximidade com a metrópole. Lá viveu até os 18 anos, quando foi aprovado no vestibular para arquitetura e se mudou para São Paulo a fim de cursar a faculdade. Ainda que centre sua fala no período que começa em sua fase adulta, retorna com frequência à infância, onde busca explicações para dificuldades que até recentemente o acompanhavam. Uma delas – e aparentemente a maior de todas – diz respeito à sua relação com o pai, falecido quando era pré-adolescente.

Oriundo de uma família sem grandes recursos financeiros, Felipe conta ter sido sempre estimulado a conquistar sua independência profissional, visto que não poderia contar indefinidamente com o apoio material dos pais. Seguindo à risca as expectativas que lhe haviam sido depositadas, concentrou seus esforços nos estudos e se tornou uma pessoa muito exigente consigo e com os outros, o que diz ter prejudicado seus relacionamentos até o final da adolescência. Aos 19 anos, todavia, começou a experimentar uma crise existencial que envolvia suas escolhas profissionais e sua orientação sexual: caracterizando-se, naquele momento, como um ‘CDF assexuado’ que

até então só havia se preocupado com a excelência acadêmica, passara a se enxergar como alguém com desejos e ambições em conflito com os ideais a que tentava corresponder – dentre eles, a expectativa de que algum dia viria a construir uma ‘família margarina’⁹² heterossexual.

Embora tenha dividido um apartamento com o único irmão em sua chegada à capital, em poucos meses este se mudou para uma cidade distante, o que viria a potencializar sua sensação de desamparo – era a primeira vez na vida que Felipe se via morando sozinho e longe de sua cidade natal. Em acréscimo a isso, a mãe começou a apresentar sinais de um transtorno psiquiátrico grave, cabendo a Felipe o papel de principal cuidador durante o período mais crítico. Com dificuldade de estabelecer laços afetivos na faculdade – algo que atribui a um preconceito de classe velado, acentuado pela sua origem interiorana –, conquistou a amizade de um único colega, também gay, junto a quem deu início às suas saídas noturnas e começou a se experimentar sexualmente.

Tendo se engajado no que qualifica como ‘comportamentos muito destrutivos’, Felipe adota uma autocrítica ferrenha para descrever a fase que viveu ao lado do amigo, caracterizada por incursões a lugares frequentados pelo que chama de ‘escória gay’, além do uso excessivo de álcool e parcerias sexuais anônimas. Como consequência, relata ter contraído hepatite B, que lhe rendeu um longo e caro tratamento financiado pela tia. Seu amigo, por sua vez, teve menos sorte e foi contaminado pelo HIV, vindo a

⁹² “Família margarina” é uma expressão que se tornou popular com o advento de propagandas televisas de margarinas e outros produtos alimentícios matinais, cujos personagens são geralmente membros de uma família biparental, além de brancos, provenientes de camadas médias/médias-altas e sempre bem-dispostos. Uma sátira muito bem-humorada a esse modelo está presente em um dos esquetes da peça *Cócegas*: interpretada por Ingrid Guimarães, a personagem central do quadro é uma balzaquiana que se queixa o tempo todo de seu insucesso amoroso e profissional, lembrando, dentre outras coisas, seus relacionamentos – um deles com um homem que “era tão bonito que parecia que ele tinha saído de dentro de um comercial de *Cornflakes*”. Em seguida, há um flashback do namoro, em que a personagem aparece dançando com o rapaz e diz: “A gente era aquele casal de cinema. Sabe aquele casal da propaganda do *Molico*? [...] Aquele casal que mora numa casa linda, em frente a um mar lindo, que acorda sem remela, com uma cara boa?” (Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=x4nSsFsZZ7M>, acesso em 15 de setembro de 2014).

falecer em 1994. Antes disso, porém, Felipe tentou visitá-lo no hospital, sendo impedido pela família⁹³.

A experiência de perder alguém tão próximo vitimado pela AIDS teve repercussões profundas na vida de Felipe, tanto no plano subjetivo quanto objetivamente. A primeira consequência, vivida no âmbito da faculdade, se manifestou em um julgamento muito forte dos colegas que, havendo testemunhado a intimidade entre os dois e cientes da *causa mortis* do amigo, logo supuseram que Felipe também padecia da doença – suspeita potencializada por sua aparência franzina na época⁹⁴. No entanto, este acredita que o mal-estar não advinha propriamente de um temor em relação a sua possível soropositividade, mas de uma homofobia que ainda pegava carona no pânico desencadeado pela epidemia:

F: [...] Foi a primeira vez que eu experimentei preconceito, mesmo. Como as pessoas podem ser, assim, terríveis quando elas querem. As pessoas viam que eu andava muito com ele, e nessa época, também, eu era muito esportista: eu nadava, eu corria, tava bem magro. Assim, muito magro. E o Guto, durante uns tempos, ele começou a sumir da faculdade. Daí um mês, ele desapareceu. Quando eu tive notícias, ele tava no hospital [...] E aí o Guto faleceu, né, aquela coisa horrível. Você é novinho, a época [em] que... enfim, tava atingindo o topo daquele pânico, né, do HIV. As pessoas tinham uma sobrevida pequena, né?

⁹³ Outros interlocutores – inclusive Wilson e Alcides – também relatam histórias envolvendo o isolamento promovido pela família de amigos atingidos pela AIDS, algo bastante comum nas décadas de 1980 e 1990. Chama a atenção, no entanto, um aparente paradoxo: se por um lado algumas famílias, como apontam Pollak (1990) e Weston (1991), se dispunham a cuidar do parente soropositivo em seu leito de morte, por outro, esse cuidado era acompanhado de uma reivindicação de exclusividade sobre ele, o que impedia, conforme apontado, até mesmo a visita de cônjuges (WESTON, 1991; CHAUNCEY, 2004). Pelo menos em alguns casos, especulo que o impedimento a certas visitas estivesse ligado aos “efeitos de ‘verdade’” produzidos por uma “AIDS conhecida” (POLLAK, 1990, p. 104): uma vez internado, o doente já teria, em alguma medida, sua condição desvelada para o mundo, provocando um sentimento de vergonha nos parentes. Tal sentimento, por sua vez, seria reforçado pela presença de qualquer pessoa que tornasse mais visível a associação, na época ainda muito forte, entre AIDS e homossexualidade – por exemplo, amigos gays e namorados/companheiros.

⁹⁴ O ‘emagrecimento agressivo’, como caracteriza um interlocutor, era uma das primeiras manifestações da AIDS e funcionava com frequência como um “delator” da infecção – ou *símbolo de estigma*, como diria Goffman (1988). Desse modo, era comum – como talvez ainda seja, embora em menor escala – que uma acentuada perda de peso em alguém muito próximo de um soropositivo e/ou pertencente ao que se considerava, no início da epidemia, “grupos de risco” – homossexuais masculinos e usuários de drogas intravenosas, principalmente (POLLAK, 1990; SONTAG, 1988) – deflagrasse esse tipo de desconfiança.

G: Foi antes do coquetel, né? Ainda...

F: É. E ele não chegou a tomar nada, então foi aquele horror. E aí na faculdade, algumas pessoas [...] começaram a falar: “Ah, não, porque eu andava com ele”, não sei o quê, então eu também tava com HIV. Eu achei uma maldade muito grande. Foi a primeira vez em que eu senti preconceito. O preconceito relacionado à homossexualidade. Acho que não foi relacionado à doença. Porque as pessoas mal sabiam o que era a doença, né? E isso durou um tempo. Foi bem difícil. Muito difícil.

Um segundo efeito do impacto que a morte do amigo lhe provocou foi sentido em sua família, para a qual decidiu revelar que era homossexual, já debilitado pela crise que vinha lhe atormentando há dois anos. Percebendo-se responsável pela mãe e sem ter com quem compartilhar suas angústias, contou primeiro para os avós, com quem tinha uma boa relação e de quem esperava obter alguma cumplicidade. Embora não entre em detalhes sobre sua reação, diferencia a avó do avô: enquanto a primeira seria dotada, como acredita, de uma capacidade de compreensão que a permitiu elaborar a questão de maneira relativamente tranquila, o segundo não demonstrou a mesma habilidade, fazendo com que Felipe ficasse culpado e arrependido por ter se exposto. Logo em seguida, fez seu *coming out* para o irmão, que também não viu com bons olhos a notícia e passou a rejeitá-lo em função disso. Sentindo-se ainda pior, entrou em depressão.

Estimulado pela tia que o ajudara a pagar o tratamento para a hepatite, Felipe deu início a um processo de análise para tentar resgatar sua autoconfiança, além de amenizar a culpa que carregava por ser homossexual e acreditar que decepcionava cada vez mais a família. Ainda que não tenha desenvolvido grande empatia pela analista, Felipe afirma que a terapia lhe deu alguma sustentabilidade emocional, fazendo-o compreender as origens da crise que o levava a se sentir tão angustiado com sua sexualidade e seus caminhos profissionais. Aqui, a figura do pai aparece com força para explicar, ao menos em parte, a gênese de seus problemas existenciais: ao relembrar a relação dos dois, caracteriza-o como um homem extremamente machista e autoritário, que esperava do filho um ideal de masculinidade ao qual este último era incapaz de corresponder. Ao mesmo tempo, ressalta a ausência de um modelo no qual poderia ter se espelhado para construir sua identidade masculina. Chamam a atenção, em sua fala, algumas similaridades com o que diz Thomaz sobre a relação conflituosa com a figura

paterna, marcada por uma percepção de fraqueza – no caso de Felipe, exacerbada pela inabilidade financeira do genitor, que deixou a família endividada após sua morte:

F: Eu acho que o que talvez tenha feito falta aí nessa nossa [relação], até pra eu me definir, que estilo de homem eu ia ser, independentemente da orientação sexual – se eu ia ser mais durão, mais afetivo, mais romântico, mais isso, mais aquilo –, foi a falta de um modelo masculino mais presente [...] Na percepção da minha mãe, ela acha que eu ameaçava o deslocamento do centro de atenções do meu pai pra mim. E ele não gostava disso. Então ele me desprezava. Por conta disso. E por eu não ser o modelo de moleque, molecão, que ele queria que eu fosse. Então, esse papel, meu irmão desempenhou: era o cara que jogava bola, era bom no esporte e tal. Eu fui jogar futebol de salão forçado. Eu odiava, jogava a bola, fazia gol contra, era um horror. Era um horror. E eu ia obrigado, a molecada queria me matar. Mas eu ia porque o meu pai queria. Eu comecei a fazer aula de pintura a óleo, eu tinha 9 anos. E eu pintava muito bem. Depois de um tempo, meu pai tirou. Imagina, me botou pra fazer judô! *What on earth*⁹⁵, sabe? Então, assim, eu não correspondia aos modelos de masculinidade que ele tinha na cabeça dele, né? E eu me lembro, uma ou outra vez, dele vir me chamar de “bicha” [...]

G: Mas aí você acha que essa ausência da afetividade do seu pai foi o que contribuiu pra sua dificuldade de formular uma certa identidade própria, e nessa sua crise...?

F: Eu acho, eu acho que contribuiu. Eu acho que contribuiu [...] Então eu acho assim, hoje eu penso: “Bom, foi melhor que ele morreu cedo”. Porque se o cara tivesse [vivido]... primeiro, ele ia se endividar até os córneos. Ia deixar a gente mais... em piores lençóis do que o que aconteceu. Segundo, que eu ia ter brigas homéricas com o cara. Né? Ele era um cara extremamente machista [...] Então, o meu referencial masculino era fraco. Tanto é que eu sinto muito mais a perda da minha avó do que do meu avô. Minha avó era muito mais representativa pra mim.

Com pouco dinheiro para se manter sozinho e ainda em processo de recuperação, Felipe trancou a faculdade que estava prestes a terminar e retornou para a casa da mãe, que a essa altura havia se mudado para São Paulo e já se encontrava melhor de sua doença. Cerca de um ano e meio depois, no entanto, esta deu um ultimato para que ele voltasse a se sustentar e Felipe começou a procurar empregos fora do ramo da arquitetura, vindo a ingressar no departamento cultural de uma famosa escola de

⁹⁵ Expressão em inglês que denota surpresa com uma situação aparentemente absurda. Poderia ser traduzida para o português como “Que diabo?”.

inglês. Pela primeira vez em sua vida, sentia que começava a se acertar, o que também se refletiu em seus afetos: distante dos encontros furtivos que afirma terem lhe causado tanto sofrimento, engajou-se em um relacionamento com um rapaz pelo qual se apaixonara.

Em que pese a presença de uma maior maturidade já nesse período, Felipe descreve um processo interno de mudança demorado e ainda em curso, cujos frutos mais sólidos só começariam a ser colhidos vários anos após o fim de sua crise. Entre eles, estão sua estabilidade profissional – com a mudança de carreira, acabou se enveredando pela área da publicidade, concluindo, inclusive, uma segunda graduação – e maior desenvoltura interpessoal, que o ajudou a manter relacionamentos amorosos mais gratificantes e melhorar seu convívio com a família. Como destaque dessa transformação, Felipe fala de sua relação com a mãe, que apresentou, por muito tempo, dificuldades significativas em lidar com sua homossexualidade. Mantendo à época o que Felipe considerava ‘uma distância saudável’, sua percepção em relação ao filho mudara bastante desde que o vira mais seguro e independente – ‘senhor de mim mesmo’, como se autoproclama.

Contrariando essa tendência a uma crescente diminuição de seus obstáculos relacionais estava o irmão, com quem havia cortado laços e não falava há muitos anos. Ainda que os motivos não residissem exclusivamente em sua homossexualidade – Felipe aponta, além disso, uma grande diferença de personalidade entre os dois –, a persistência de um comportamento homofóbico nada disfarçado teria contribuído sobremaneira para tal, como quando o irmão o proibiu de comparecer ao seu casamento usando brincos ou sequer mencionar para alguém na cerimônia que era gay. É interessante, porém, que Felipe ressalte a ausência de mágoas de sua parte: em lugar disso, diz nutrir profundo pesar pela situação, lamentando o afastamento de alguém que um dia foi tão próximo.

Algumas considerações

As experiências aqui reconstituídas dão conta de cenários oportunos para pensar em que medida histórias pessoais envolvendo homossexualidade, família, relacionamentos afetivo-sexuais e certo senso de amadurecimento proporcionado pela

bagagem de vida se articulam a transformações maiores. Levando em consideração que as narrativas percorrem intervalos de tempo relativamente longos e se encontram inseridas em um contexto social fortemente impactado pela crescente visibilidade do que um dia foi chamado de “o amor que não ousa dizer seu nome”⁹⁶, um olhar minimamente atento é capaz de depreender o que oferecem para uma análise indutiva. Muitas das vezes, o que me era descrito como um processo individual de mudança ecoava uma série de elementos acionados em entrevistas anteriores.

Atravessados por discursos que apresentam as relações familiares – tanto as de origem quanto as de descendência – como eixo em torno do qual giram suas principais experiências afetivas, os seis casos apresentados não são, sob nenhum aspecto, exceções ao padrão mais geral que encontrei durante a pesquisa: ainda que haja diferenças com relação ao grau de proximidade da família, todas as histórias incorporam-na como parte central da trajetória individual e rupturas definitivas com algum membro – como ocorreu entre Felipe e seu irmão – são raras. Nos casos em que a homossexualidade do interlocutor se tornou em algum momento conhecida pelos parentes mais próximos (em sua maioria, por todos ou quase todos), é possível observar uma paulatina caminhada em direção à “normalização” da diferença, seja no plano discursivo – como quando o avô de Samuel, em suas últimas palavras dirigidas ao neto, diz que quer vê-lo sendo cuidado por um rapaz –, seja em situações que testam, de alguma maneira, o reconhecimento pleno de uma relação homossexual – o casamento de Wilson, que contou com a participação de sua mãe, sua ex-mulher e sua filha constitui provavelmente o exemplo mais visível⁹⁷. Nota-se, além disso, uma maior facilidade de

⁹⁶ A expressão, que originalmente se lê *the love that dare not speak its name*, é bastante utilizada como sinônimo de homossexualidade e remete à era vitoriana, quando relacionar-se afetiva e/ou sexualmente com pessoas do mesmo sexo era muito mais proscrito do que hoje. Tem sua origem em um poema intitulado *Two Loves*, escrito por Lord Alfred Douglas, amigo e amante de Oscar Wilde (MURRAY, 2000). Pode ser encontrado na íntegra em <http://www.poets.org/poetsorg/poem/two-loves> (Acesso em 14 de agosto de 2014).

⁹⁷ Mesmo quando não há o relato de uma comunicação direta aos familiares, é comum que os interlocutores se recordem de situações em que parentes ensaiam, ainda que muito sutilmente, uma tentativa de se aproximar da questão. Cito aqui dois bons exemplos. O primeiro, relatado por Alcides, ocorreu durante uma visita de seus pais a sua casa: ao deparar com um quadro de um homem nu que um ex-companheiro havia lhe dado de presente, seu pai o olhou fixamente, virou para o filho e comentou: “Forte o rapaz, né?”. O segundo, mais recente e envolvendo também o pai, me foi contado por Henrique, um interlocutor de 51 anos: assistindo sozinho a um programa em que o casamento gay era debatido, seu

diálogo com familiares mais jovens, algo que Oliveira (2013) também percebe em seu estudo. Em muitos casos, como acontece com Alcides, há um grande destaque para a relação com os sobrinhos, frequentemente retratados como pertencentes a uma geração mais receptiva à diversidade sexual⁹⁸.

Embora seja um tanto precipitado afirmar que a monogamia e/ou relacionamentos estáveis constituem o ideal máximo de realização pessoal dos entrevistados, a busca por um companheiro parece estar entre as prioridades afetivas da maior parte deles – mesmo Thomaz, que se diz avesso a compromissos, lamenta em alguns momentos o fato de se encontrar solteiro, buscando em traumas de infância ligados a uma iniciação sexual frustrada explicações para sua opção por relações mais fugazes. Como já destacado, o papel da terapia parece imprescindível, tanto em seu caso quanto em outros, para a formulação de hipóteses que justifiquem determinadas dificuldades emocionais – dentre tais dificuldades, conflitos internos que impediam uma convivência pacífica com a própria homossexualidade. Talvez menos presente nos dias de hoje, essa “incitação aos discursos” (FOUCAULT, 2005, p. 21) no contexto terapêutico como forma de possibilitar a vivência de desejos homossexuais reprimidos parece ter marcado a experiência de um certo grupo⁹⁹.

Enquanto alguns interlocutores, como Wilson e Felipe, descrevem ter mantido, até certa fase da vida, um percurso “errático” em sua trajetória afetivo-sexual, mencionando relacionamentos conturbados e períodos marcados pelo sexo descompromissado (acompanhados, segundo o que contam, por certo desregramento em

pai não percebera que o filho se encontrava na sala. Assim que o viu, disse que não estava entendendo muito bem aquilo, foi até a cozinha pegar um pouco d’água e se sentou novamente no sofá.

⁹⁸ Isso não significa, certamente, uma ausência absoluta de conflitos com os mais novos, tendo em vista, por exemplo, as dificuldades enfrentadas por Wilson e Ronaldo com os filhos. No entanto, talvez apontem para uma incorporação menos problemática, por parte dos mais jovens, de certas mudanças sociais. Ressalto também que mesmo os filhos que um dia demonstraram resistência lidam hoje muito melhor com a homossexualidade dos pais.

⁹⁹ Refiro-me, unicamente, ao papel da terapia como facilitador desse *coming out* para si, possivelmente menos proeminente num período em que o fluxo de informações é muito maior e campanhas internacionais como o *It Gets Better Project* (<http://www.itgetsbetter.org/>, acesso em 16 de setembro de 2014) permitem que jovens em conflito com a própria sexualidade encontrem auxílio a um clique de distância. “A incitação aos discursos”, bem como o dispositivo da confissão – cujas origens Foucault (2005) localiza no cristianismo do século XVII –, certamente continuam atuando, sob diversas maneiras, na sociedade contemporânea.

relação ao consumo de álcool e outras drogas), outros parecem percorrer um itinerário mais “linear”, estabelecendo desde cedo parcerias estáveis – como é o caso de Alcides. Ainda que presente em ambas as circunstâncias, é especialmente na primeira que a ideia de um aprimoramento de si aparece com força nos discursos, como se a capacidade de conduzir um relacionamento estável e duradouro representasse um ponto culminante desse processo. Mais uma vez, as relações com a família biológica entram em ação: como Ronaldo afirma muito claramente, fazer parte de um casal – principalmente se “tranquilo” e estável – pode ajudar a “limpar” a imagem negativa de promiscuidade frequentemente associada à homossexualidade masculina (PERLONGHER, 2008), conferindo a ele um status privilegiado no âmbito familiar. Possivelmente, a essa imagem mais asséptica é acrescido o fato de Ronaldo ser um pai presente e dedicado, o que me parece ser o caso dos outros interlocutores com filhos¹⁰⁰.

Um aspecto que merece ser salientado diz respeito às relações de amizade estabelecidas pelos interlocutores durante o período em que davam início ao seu contato com o “mundo gay”, o que normalmente é relatado como algo que tem lugar entre meados da adolescência e o começo da idade adulta. Em muitos casos, tais relações são apresentadas como uma abertura importante para um universo ainda muito pouco conhecido, cujo acesso era facilitado pela companhia de alguém que já fosse razoavelmente familiarizado com ele. O ponto para o qual quero chamar a atenção, entretanto, não está ligado a essa espécie de “iniciação”, mas à existência de uma cisão em relação às amizades heterossexuais que parece ter sido muito mais marcada no passado: em pouquíssimas histórias envolvendo redes de amizade entre o início da década de 1970 e o início da de 1990, ouvi relatos sobre redes compostas por pessoas de orientações sexuais distintas, algo que se contrapõe de maneira significativa tanto ao que os interlocutores dizem sobre suas redes de amizade atuais quanto ao que percebem,

¹⁰⁰ Como também o de Samuel que, apesar de ter falhado como pai em potencial para o Estado, esteve disposto a levar o processo de adoção até o final e mobilizou sua família a esperar ansiosamente pela chegada da criança. Aqui, acredito ser interessante retomar o paralelo com o que diz Seidman (2002) sobre o crescente desejo, por parte de muitos homossexuais norte-americanos, de viver o que o autor chama, de “vidas comuns de classe média”, aproximando-se cada vez mais de um padrão heterossexual “tradicional” de família. É interessante notar que tanto Ronaldo quanto Seidman se utilizam da ideia de “gay normal” para falar a respeito disso.

conforme mostrarei no capítulo seguinte, com relação ao comportamento dos jovens gays de hoje.

Nas seis histórias, a AIDS exerce o papel de um inimigo invisível que delinea marcas profundas na modelagem de uma certa experiência de homossexualidade, ainda que não seja vivida de maneira exatamente igual por todos. Para Thomaz e Wilson, que puderam experimentar o que o segundo chama de ‘época pré-AIDS’, o aparecimento do HIV parece ter freado a continuidade de um movimento de libertação pessoal e política que atingia seu ápice entre o final da década de 1970 e o início da de 1980, momento em que ambos se encontravam, cada qual ao seu modo, à procura de uma estabilização identitária. Como aponta Zamboni (2014), o período inicial da epidemia constituiu, para determinada geração, uma ruptura brutal não só entre aqueles que se contaminaram, mas para todos os que se encontravam próximos e compartilhavam de alguma forma esse sofrimento¹⁰¹.

Ronaldo, Felipe e Samuel – como também Alcides, apesar de demonstrar menos explicitamente em sua fala –, por sua vez, revelam o quão significativo foi o impacto da AIDS para aqueles que se viam às voltas com suas primeiras investidas sexuais durante os anos em que a doença ainda não possuía um tratamento eficaz e vitimava desproporcionalmente homossexuais masculinos. No caso de Ronaldo, a proximidade da epidemia tem um impacto direto em seu relacionamento com o primeiro companheiro, além de colaborar para a manutenção de um vínculo frágil com a ex-mulher, que se utilizava do pânico em relação à doença para chantagear emocionalmente o ex-marido. Para Felipe, a contaminação (e posterior falecimento) de seu amigo mais íntimo está na origem de um episódio depressivo, alimentado por um rechaço dos colegas de faculdade e pela luta contra a hepatite B, que o recordava a todo tempo comportamentos que julgava tê-lo posto em risco, tal qual seu amigo, para o HIV. Samuel, por sua vez, é dono de uma história permeada por um terror a respeito da infecção que o acompanhou por mais de uma década, afastando-o do convívio com os amigos e postergando substancialmente o estabelecimento de relacionamentos amorosos.

¹⁰¹ De maneira distinta do que este autor constata entre seus interlocutores, uma soropositividade autodeclarada não aparece em nenhum momento nas entrevistas que conduzi.

Diferente de outros contextos como, por exemplo, o estudado por Hall (2009) em sua pesquisa com homens homossexuais na República Tcheca, acredito que aqui a experiência da AIDS pode ser considerada um evento crítico (SIMÕES, 2013) que delimita, em grande medida, o grupo analisado por mim. Em muitas narrativas, como as que destaco neste capítulo, elementos que evocam preconceito social e o medo de contágio são constantemente acionados, afetando diferentes esferas das relações pessoais. Mesmo sem impactar diretamente seus corpos, a proliferação do HIV parece constituir, tanto entre os interlocutores mais jovens quanto entre os mais velhos, um fator de importância considerável para compreender a maneira como rememoram suas trajetórias e organizam subjetivamente um percurso acidentado que culmina em uma percepção positiva da própria homossexualidade.

Capítulo 3

Alargando o território: sociabilidades e visibilidade em perspectivas espaço-temporais

Se é certo que as últimas décadas foram palco de transformações sem precedentes no que concerne à visibilidade homossexual em São Paulo, poucos segmentos sentiram tanto o impacto dessas mudanças quanto o dos espaços de sociabilidade¹⁰² frequentados por esse público. Restrita durante muito tempo a um número limitado de estabelecimentos localizados em regiões específicas da cidade, a cena gay¹⁰³ paulistana sofre forte expansão a partir de meados da década de 1990, momento em que o “mercado GLS”¹⁰⁴ brasileiro começa a se consolidar (FRANÇA, 2010). No próprio âmbito acadêmico, é notável como bares e casas noturnas destinados a esse público tornam-se lócus privilegiado de investigação etnográfica em diversas regiões do país¹⁰⁵.

Outra expressão desse processo transformativo diz respeito à maneira como o espaço público foi sendo ocupado. Escrevendo no início da década de 1980, MacRae já chamava a atenção para a “explosão de comportamento homossexual” nas áreas centrais

¹⁰² O termo “sociabilidade” tem sido amplamente utilizado na Antropologia sem uma definição homogênea, embora sua conceituação clássica – que é da qual tento me aproximar – tenha origem em Simmel (1983). Entendendo-a como resultado do processo social de “estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais” (SIMMEL, 1983, p. 168), o autor vê na sociabilidade uma consequência dos sentimentos provocados pelas sociações, cujos membros são impelidos, por impulso, a estabelecer parcerias que se destacam da sociedade maior. Para uma discussão mais recente sobre essa conceituação, ver Frúgoli Jr. (2007).

¹⁰³ Por “cena gay”, entendo a ocupação de espaços urbanos, sejam públicos ou privados, como lugares onde se desenvolvem “laços de sociabilidade, lazer e engates sexuais” (MOTT, 2000) entre homossexuais, embora alguns autores prefiram termos que problematizem delimitações espaciais muito marcadas, como faz Perlongher (2008) ao utilizar “territorialidade” ou Magnani (2012) com os conceitos de “mancha”, “circuito” e “pedaço”. Certamente, nenhum deles dá conta da complexidade em que consiste a ocupação desses espaços, mas para os fins deste capítulo, acredito que a noção de “cena”, tal como defini, seja suficiente.

¹⁰⁴ Sigla para gays, lésbicas e simpatizantes, cuja origem é atribuída aos organizadores do Festival MixBrasil (FRANÇA, 2010).

¹⁰⁵ Ver, entre outros: Silva, 2003; Lacombe, 2006; Oliveira, 2006; França, 2010; Reis, 2012.

e pontos boêmios de São Paulo, onde era possível “ver pessoas do mesmo sexo, geralmente homens, andando abraçados, às vezes de mãos dadas, às vezes se beijando como forma de saudação, beijos esses não raro dados na boca” (MACRAE, 1983, p. 53). De lá para cá, observa-se um alargamento significativo das “regiões morais”¹⁰⁶ onde manifestações de afeto entre casais homossexuais são comuns e geralmente não causam grande comoção.

Com o advento da Parada do Orgulho LGBT em 1997¹⁰⁷, a onda de visibilidade que já vinha ganhando força naquele período (FRANÇA, 2006) aumenta de maneira exponencial. Um dos efeitos desse crescimento é percebido no tamanho do público do próprio evento, que vai de alguns milhares em sua edição de estreia a mais de um milhão poucos anos depois (SIMÕES & FACCHINI, 2009). Em 2001, já na quinta edição, dois eventos ajudam a divulgá-la ainda mais: o *Gay Day*, realizado em um parque de diversões, e a Feira Cultural do Arouche, contando com a participação de comerciantes, entidades ativistas e artistas¹⁰⁸ (idem). Na esteira dessa visibilidade crescente, é sancionada, no mesmo ano, a lei estadual 10948/01, que prevê punição para a prática discriminatória em razão de orientação sexual¹⁰⁹.

O início dos anos 2000 vê também o desenvolvimento da “Web 2.0”¹¹⁰ e seus blogs, redes sociais e sites de compartilhamento de vídeos, que contribuíram de modo

¹⁰⁶ A noção de “região moral”, disseminada pelo sociólogo Robert Park na segunda década do século XX, refere-se a territórios da cidade onde gostos, temperamentos ou paixões pouco convencionais encontram um espaço de livre expressão (PARK, 1973). O conceito, um dos mais fundamentais da Escola de Chicago, é até hoje amplamente utilizado nas áreas de estudos urbanos.

¹⁰⁷ Conhecida em seu início como “Parada do Orgulho GLT”, o nome do evento acompanhou as mudanças na autodenominação do movimento (FRANÇA, 2006). Um histórico das Paradas pode ser encontrado no site oficial da APOGLBT, entidade responsável por sua organização em São Paulo (http://www.paradasp.org.br/quem_somos/paradas.html, acesso em 12 de março de 2014).

¹⁰⁸ Atualmente, a feira é realizada no Vale do Anhangabaú, como aconteceu na última edição. Fonte: <http://www.paradasp.org.br/noticia/13-feira-cultural-lgbt-tem-show-de-corona-diva-da-dance-music-internacional.html>, acesso em 01 de abril de 2014.

¹⁰⁹ A lei contempla homossexuais, bissexuais e transgêneros. A íntegra do texto pode ser conferida em <http://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/165355/lei-10948-01> (Acesso em 01 de abril de 2014).

¹¹⁰ O conceito de “Web 2.0” foi cunhado em 2004 por Tim O’Reilly, fundador da O’Reilly Media, uma editora norte-americana especializada na publicação de livros e websites sobre tecnologia da computação. Apesar de controverso, o termo se tornou referência quando se fala sobre a nova geração de serviços

substancial para a publicização de expressões não-normativas da sexualidade. Sem sombra de dúvida, os homossexuais estão entre os que mais desfrutaram dessa possibilidade inédita de vazão, especialmente aqueles que se encontravam distantes dos grandes centros, como aponta Silva (2008) em sua pesquisa com comunidades virtuais direcionadas a homens gays. Contudo, mesmo no caso de quem já residia em uma metrópole como São Paulo, o efeito visibilizador dessas novas ferramentas tecnológicas parece ser considerável.

Embora tais mudanças não representem, conforme discutido no primeiro capítulo, uma ruptura radical na estigmatização a que certas manifestações da sexualidade estão sujeitas, vivenciá-las de maneira mais aberta torna-se possível para muitos – o que poderia ser considerado, como colocam alguns interlocutores, uma ‘evolução’ social significativa: de um passado de ocultamento e discriminação generalizada, passa-se a uma sociedade mais democrática (objetiva e simbolicamente) que permite uma expressão ampla e relativamente despreocupada da homossexualidade. Mas até que ponto isso é encarado de maneira positiva entre aqueles que experimentaram essas transformações?

Como sugere Meccia (2011) em sua pesquisa com homens homossexuais em Buenos Aires, os efeitos das mudanças trazidas pelo advento do que o autor chama de “gaycidade” são múltiplos, manifestando-se de maneira bastante diversa nas subjetividades e relações sociais de seus entrevistados: se existe, como acredita, uma espécie de trauma coletivo que perpassa a experiência dos que testemunharam o ocaso dos períodos “homossexual” e “pré-gay”, este não resultaria, necessariamente, em uma rejeição absoluta do *modus operandi* da homossexualidade na esfera contemporânea, mas antes em uma infinidade de “reconfigurações subjetivas” (*re-configuraciones subjetivas*) que determinam diferentes graus de aderência aos processos de transformação a que essas pessoas foram expostas. Partindo de uma inspiração weberiana, Meccia se propõe um exercício sociológico e cria sete tipos ideais através dos quais poderíamos compreender essas reconfigurações: o *incorporado*, que seria o menos crítico e mais propenso a enxergar o presente como promissor; o *sensato*, que

virtuais. Em sua página oficial, O'Reilly discute seu significado em um artigo de 2005: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> (Acesso em 12 de março de 2014).

valoriza com ressalvas as conquistas que observa; o *extrañado* que, apesar de satisfeito com o ingresso da homossexualidade na agenda política, não maneja com destreza os códigos utilizados pelas novas gerações de homossexuais; o *neutralista*, que não festeja nem rechaça as transformações; o *desafiliado*, que tende a enxergar uma hipocrisia social onde muitos veem progresso; o *replegado* que, mais ainda do que o *extrañado*, se vê impossibilitado de conviver com os mais jovens e decide se retirar da vida pública; e, finalmente, o *contestatario*¹¹¹, um nostálgico de tempos passados que renega incisivamente a inclusividade que acompanha o período da “gaycidade”, muito embora manifeste, contrariamente ao *extrañado*, uma indignação aberta com relação ao que acredita estar errado no presente.

Tendo acompanhado, como os entrevistados de Meccia, mudanças que vêm impactando diretamente sua maneira de viver a própria homossexualidade, os homens com quem tive contato durante a realização do trabalho de campo também elaboram criticamente acerca delas, articulando suas experiências pessoais a percepções subjetivas. No presente capítulo, que divido em três partes com o objetivo de explorar diferentes cenários em que tais transformações se fazem presentes, me debruço sobre os elementos expostos nessa breve introdução e busco empreender junto aos interlocutores uma análise sobre como se implicam e percebem a emergência de uma “nova geração” frente a esse contexto cambiante. Ainda que não os enquadre, tal qual Meccia, em tipos ideais que delimitem por demais suas visões de mundo, estabeleço um diálogo com o autor fazendo uso de sua proposta sociológica. Ao longo do texto, outras perspectivas teóricas e etnográficas serão postas em pauta.

Circulando pela cidade: apontamentos sobre a cena gay paulistana

No filme *São Paulo em Hi-Fi*¹¹², que assisti no início de 2014 graças à indicação de dois dos meus interlocutores mais próximos, há uma cena em que a *drag queen* Kaká

¹¹¹ Em português, os tipos poderiam ser traduzidos, respectivamente, como *incorporado*, *sensato*, *assombrado* (ou *estupefato*), *neutralista*, *desafiliado*, *retraído* e *contestatário*.

¹¹² Dirigido por Lufe Steffen, o filme é um documentário sobre as boates gays de São Paulo entre as décadas de 1960 e 1980. Além de entrevistas com seus donos, frequentadores e *performers*, Steffen se utiliza de fotografias e filmagens para caracterizar o clima da época. Trailers disponíveis em

Di Polly solta uma fala marcante: “Aconteciam coisas nessa boate que são inimagináveis. A gente contando, as pessoas, vocês que são gays hoje, não acreditam, acham que a gente é mentirosa”. Ela referia-se ao *Medieval*, lugar icônico da noite gay paulistana da década de 1970 mostrado em destaque no longa.

Além de um claro componente intergeracional que me fez recordar muitos momentos da pesquisa, a fala de Di Polly me remeteu, ao menos em parte, à experiência dos interlocutores que tiveram a oportunidade de circular pelos lugares da moda durante esse período. O próprio *Medieval* aparece com alguma recorrência nas falas, embora fosse tido como um local pouco acessível em virtude de seu alto preço. Assim como no filme, suas festas luxuosas que angariavam a presença de famosos e o espetáculo paralelo que se observava na entrada são rememorados¹¹³.

Mais do que o *Medieval*, no entanto, o espaço da época evocado com maior frequência é o *Homo Sapiens*, boate que viria a se tornar o *ABC Bailão* na década seguinte ao encerramento de suas atividades. Ponto de convergência dos homossexuais paulistanos de classe média, o *HS*, como era comumente chamado, aparece nas entrevistas como um local que exalava *glamour*. Ainda que estivesse, como comenta Antonio, um pouco abaixo do *Medieval* em termos de sofisticação, era o mais parecido que havia em São Paulo com as boates da Nova York de então. Comparando-o ao que se vê no filme *Studio 54*¹¹⁴, ele relembra:

A *Homo Sapiens* era aquilo, guardadas as proporções. Até porque aquilo [o *Studio 54*] não era exatamente gay, mas aquela coisa, assim, mágica, aquele ar mágico, aquela gentalhada na porta pra entrar... não que houvesse alguém filtrando: “Você entra, você não”; isso não tinha, até porque não tinha tanto público assim. Mas era muito mágico

https://www.youtube.com/watch?v=fcC_F1zd2o, <https://www.youtube.com/watch?v=i938zqa7M8w> e <https://www.youtube.com/watch?v=Ujsa12jOd04> (Acesso em 12 de março de 2014).

¹¹³ Além de pessoas fantasiadas chegando em carros abertos, o dia em que a atriz Wilza Carla apareceu na porta sentada em um elefante também foi mencionado. Esse episódio, que já se tornou parte da memória coletiva sobre o *Medieval*, está presente no filme e é citado na tese de França (2010).

¹¹⁴ O *Studio 54* foi uma boate nova-iorquina cujo auge se deu na segunda metade da década de 1970. Tendo sido frequentada por grandes personalidades do meio artístico como Donna Summer, Andy Warhol e Liza Minnelli, o lugar se tornou mundialmente conhecido (Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Studio_54, acesso em 14 de março de 2014). Um filme homônimo sobre sua história foi lançado no final da década de 1990 (Trailer disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5sSqLmd1ux4>, acesso em 14 de março de 2014).

ir à *Homo Sapiens* nas noites de sábado. Era um evento. A *Medieval* era a mesma coisa, só que era... eu achava até um degrau acima da *Homo Sapiens*. (Antonio, 50 anos, maio de 2011)

A ‘mágica’ da qual Antonio fala está presente em outros discursos e aparece muitas vezes associada a um sentimento de pertença que surgia com a frequência a esses lugares. Embora os interlocutores que testemunharam a cena gay de São Paulo entre meados da década de 1970 e o início da de 1980 já tivessem, na época, redes de amizade relativamente consolidadas, a possibilidade de estar entre “iguais” nesses espaços parecia fornecer a eles uma segurança subjetiva inigualável. Mencionando sua primeira incursão ao *Gay Club*, boate de curta duração contemporânea ao *Homo Sapiens*, Thomaz rememora essa sensação. Vale atentar, no trecho selecionado, para o destaque que dá à ‘noite histórica’ com a presença de Claudia Wonder¹¹⁵, artista que desafiava os padrões do transformismo ao cantar músicas com a própria voz. A despeito de não deixar isso explícito, Thomaz dá a entender que havia ali um enfrentamento importante do estigma da feminilidade associado à homossexualidade masculina, representado por uma personagem que não se preocupava em ocultar uma voz “de homem” através da mímica, o que talvez potencializasse seu sentimento de ‘gay pride’:

[...] [N]a primeira vez [em] que eu [es]tive no *Gay Club*, por exemplo, eu fiquei... foi um encantamento, assim, foi uma euforia. Acho que fui no *Gay Club* antes de ir no *Homo Sapiens*, ou qualquer coisa assim. Inclusive nessa noite [em] que eu fui, foi uma noite histórica, porque vi o show da Claudia Wonder, imagina! E fiquei impressionado, porque ela cantava com a própria voz, ela não dublava. Então eu falei: “Nossa, travesti cantando com a própria voz, é incrível!”. E teve uma hora [em] que eu fiquei muito eufórico, falei assim: “Porra, mas todo mundo igual a mim, isso é incrível, posso estar num lugar onde tô seguro, tô bem”. Isso foi uma das primeiras... talvez uma das primeiras sensações de *gay pride*, assim, de me sentir orgulhoso de ser gay, de... não sei se orgulhoso de ser gay, mas de não ter vergonha de ser gay, de estar ali, estar me sentindo seguro, de estar bem. (Thomaz, 57 anos, dezembro de 2011)

¹¹⁵ Claudia Wonder foi uma travesti (ou transexual, como talvez a chamássemos hoje) muito conhecida por seus dotes artísticos e atuação na militância LGBT. Faleceu no final de 2010, vítima de complicações decorrentes do HIV (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/678325-morre-icone-da-cultura-gay-de-sp-conheca-a-biografia-de-claudia-wonder.shtml>, acesso em 14 de março de 2014).

Foco privilegiado dos interlocutores mais velhos, o centro de São Paulo, onde se localizava grande parte desses lugares, era peça fundamental desse encanto. Como aponta Antonio, que com frequência percorria o trajeto Praça da República-Largo do Arouche-Rua Marquês de Itu (onde ficava o *HS*), havia ali um *frisson* incomparável a outras regiões da cidade. Alfredo, interlocutor que viveu em pleno Arouche após sair da casa dos pais em 1976, também comenta a esse respeito: embora tenha levado algum tempo até que percebesse o real significado da concentração que observava na porta dos bares, foi no centro que deu início a suas saídas noturnas. Em um texto originalmente publicado em finais da década de 1970, Whitam (1995) traça um panorama interessante sobre o que se via ali durante esse período, comparando a região a tradicionais redutos gays em São Francisco e Nova York. Assinala, porém, a relativa ausência de mulheres lésbicas:

“Weekdays and nights are fairly quiet, but on weekends, thousands of gay people fill the downtown plazas and avenues – Largo do Arouche, Praça da República, Vieira de Carvalho, Avenida Ipiranga, or Praça Roosevelt. The Largo do Arouche, a pleasant plaza filled with flower stalls and sidewalk cafés, safely rivals on a Saturday night such famous promenades as Castro and Christopher Streets. Along all the streets extending out from the radius of Largo do Arouche, thousands of gay men – gay women are much less visible – stroll and cruise or stop to have a beer or eat Esfiha in one of the Arab restaurants that seem to be found at every turn. On weekends virtually every restaurant and café in this section of the city is transformed into a gay restaurant. Knots of three or four gay people crowd these streets, spilling over the curb, sometimes impeding traffic”¹¹⁶ (WHITAM, 1995, p. 231).

Como mostra Perlongher, que pesquisou na região em uma época bastante próxima a Whitam, a afluência do centro como reduto gay teve seu auge em 1979,

¹¹⁶ “Durante a semana, dias e noites são razoavelmente calmos, mas nos finais de semana, milhares de gays ocupam as praças e avenidas do centro – Largo do Arouche, Praça da República, Vieira de Carvalho, Avenida Ipiranga, ou Praça Roosevelt. O Largo do Arouche, uma praça agradável cheia de bancas de flores e cafés na calçada, facilmente rivaliza em uma noite de sábado com lugares famosos como as ruas Castro e Christopher. Ao longo de todas as ruas que estão no raio do Largo do Arouche, milhares de homens gays – mulheres lésbicas são bem menos visíveis – passeiam e caminham ou param para tomar uma cerveja ou comer esfiha em um dos restaurantes árabes que parecem existir por todo o canto. Nos finais de semana, praticamente todos os restaurantes e cafés nessa parte da cidade são transformados em um restaurante gay. Grupos de três ou quatro gays lotam essas ruas, se espalhando sobre o meio-fio, ocasionalmente atravancando o tráfego” (Tradução livre).

período em que o “desbunde” que acompanhou a abertura democrática surge com força (PERLONGHER, 2008). No ano seguinte, contudo, a “Operação Limpeza” liderada pelo delegado José Wilson Richetti provocou uma reorganização do território, tirando dali homossexuais, prostitutas e travestis (MACRAE, 1990, PERLONGHER, 2008). Como havia alguma complacência para com os gays de classe média – população que Richetti considerava, apesar de suas práticas sexuais pouco ortodoxas, “recatada, cordata e avergonhada” (PERLONGHER, 2008, p. 111) –, lugares como o *HS* foram poupados e um pequeno “gueto gay” – como chamavam seus próprios frequentadores – se estabeleceu no trecho da Marquês de Itu entre a Bento Freitas e a Rego Freitas, “sem travestis, michês estridentes nem ‘bichas’ pobres e ‘pintosas’” (PERLONGHER, 2008, p. 113).

Se a “Operação Limpeza” dizia ter como principal objetivo reduzir a criminalidade do local, um efeito inverso pôde ser observado com a destruição do que Perlongher chama de “formas grupais de solidariedade territorial” (PERLONGHER, 2008, p. 114), favorecendo um incremento significativo da violência em seus arredores. Um aspecto que chama a atenção nas conversas com os interlocutores que frequentavam a região do centro nesse período diz respeito justamente ao que alguns apontam sobre esse processo de “deterioração”, atribuído principalmente a um abandono por parte do poder público. Mesmo que muitos cite esse pedaço da cidade como um espaço que ainda frequentam de maneira esporádica, é possível notar certa nostalgia em relação a uma São Paulo que parece ter ficado para trás. Antonio, um dos mais críticos nesse sentido, expressa todo o seu saudosismo sobre um tempo em que a cidade era consideravelmente menor, estendendo sua queixa para além dos problemas observados hoje na região central. Digna de nota é a visão geracional de que sua juventude teve a sorte de conhecer uma cidade que desapareceu, ainda que não completamente desprovida de autocrítica:

A: [A Vieira de Carvalho] era um lugar gostoso. A Praça da República também. Não existia a Cracolândia¹¹⁷, o centro de São Paulo era muito

¹¹⁷ A Cracolândia é como ficou apelidada uma parte do centro onde usuários de crack fazem uso intenso da droga, além de conter pequenos focos de tráfico. Em artigo publicado há poucos anos, Frúgoli Jr. e Spaggiari (2010) desenvolvem uma análise sobre a região que, de lá para cá, já sofreu deslocamentos territoriais e foi alvo de inúmeras intervenções policiais.

habitável, era bonito, os cinemas de São Paulo eram todos frequentáveis. Que idade você tem?

G: 28.

A: 28. Você não faz ideia, por mais que eu te conte, como era diferente o centro de São Paulo do que é hoje. Essa coisa triste que é hoje, aqueles meninos cheirando [sic] crack, imagina que... a gente não podia sonhar naquela época que aquilo ia virar o que virou hoje. Aquela coisa totalmente degenerada, aquela coisa horrível que virou. Era impensável. Você vê o que faz a ausência de Estado e a falta de planejamento. A gente namorava, você podia conversar com alguém na Praça da República; hoje você com certeza é assaltado. Antes não era assim. Talvez a cidade não fosse tão grande, o índice de violência era com certeza menor. A cidade era bem menos agressiva do que é hoje... com certeza, a cidade não era essa selvageria que é hoje. Toda geração, toda a época, ao longo da história, se diz assim: “A minha época é a melhor”. Então quando eu digo isso, eu posso estar incorrendo no mesmo pecado. Mas eu digo isso para jovens da sua idade, ou até mais novos: eu conheci uma cidade que vocês não conheceram, nem conhecerão jamais, porque a cidade que eu conheci não existe mais. A São Paulo que eu conheci, onde não havia esses 6 milhões de automóveis que existem hoje, e que tudo para... onde esse metrô é impossível de entrar a qualquer hora do dia, especialmente das 4 da tarde em diante, onde qualquer hora do dia ou da noite é rush, onde em qualquer horário que você vá, tem sempre uma multidão incalculável de gente, isso não existia. Já era uma cidade grande, mas hoje a Grande São Paulo tem 18, 19 milhões de habitantes, deve ter... então tô falando de uma cidade que tinha metade desse tamanho. Eu pego metrô de um jeito que pra mim é inacreditável, porque eu morava na zona norte e vinha aqui, pra cidade, de metrô. Quando eu me lembro que eu vinha sentado, e que hoje você mal consegue entrar, dá pra você ter uma ideia. (Antonio, 50 anos, maio de 2011)

A fala de Antonio é representativa de uma percepção respaldada por uma grande transformação que começa a tomar forma ainda na década de 1980, intensificando-se substancialmente em meados da década seguinte. Como apontado na introdução deste capítulo, é nesse período que se inicia uma multiplicação dos lugares destinados ao público homossexual, impulsionada pelo reflorescimento do movimento LGBT no Brasil e do reaquecimento do “mercado GLS” (FRANÇA, 2010). Acompanhando esse processo, uma segmentação importante começa a se delinear: em um passado não muito distante chamada de “boca do luxo” (PERLONGHER, 2008), a região mais próxima ao centro, que já assistia à debanda de uma parcela de seus frequentadores, passa a ser ocupada por pessoas pouco estimadas em termos de estética, consumo e estilo de vida.

Em paralelo, a região dos Jardins é gradativamente valorizada, ainda que mais tarde essa configuração fosse novamente modificada¹¹⁸.

Entre os interlocutores cujo contato com a cena gay da cidade só se iniciaria entre a segunda metade da década de 1980 e o início da de 1990, um deslocamento espacial que faz eco a essas constatações pode ser observado: em lugar dos bares e boates localizados na região da Rua Vieira de Carvalho, Praça da República e Largo do Arouche, suas referências se concentram em regiões tidas hoje como nobres, especialmente o início dos Jardins. Isso não significa, porém, que referências cruzadas inexistam: assim como há interlocutores mais novos que frequentam ou frequentaram a região do centro, alguns dos que testemunharam seu tempo áureo acompanharam a proliferação dos espaços de sociabilidade em outras partes da cidade. Citando o *Malícia*, que a jornalista e consultora de moda Erika Palomino descreve como um lugar que “vai existir para sempre na memória afetiva de boa parte dos noturnos paulistanos” (PALOMINO, 1999, p. 151), Thomaz menciona a dicotomia que se criaria entre ‘bicha dos Jardins’ e ‘bicha do centro’:

[...] Tinha uma outra boate, na rua da Consolação, isso também já na década de 80, não sei quando – que aí a memória começa a embaralhar mesmo –, tipo 86, por aí, deve ter sido, que [se] chamava *Malícia*. Você já ouviu falar dessa boate? Era uma boate que ficava na Rua da Consolação, descendo pros Jardins. E era, assim, dessa coisa dos Jardins, era... era quando começou, na verdade, porque... não tinha essa coisa de separação entre bicha dos Jardins e bicha do centro da cidade, por exemplo, né? Não tinha essa história. (Thomaz, 57 anos, dezembro de 2011)

¹¹⁸ Como aponta França (2010), o *boom* dos Jardins como reduto gay sofre um arrefecimento nos anos 2000 com o fechamento de grande parte de seus bares e casas noturnas, algo normalmente atribuído à insatisfação dos moradores com a popularização do bairro. Embora ainda exista uma frequência “GLS” em estabelecimentos da região, poucos lugares direcionados exclusiva ou majoritariamente a esse público sobreviveram. É interessante notar, a partir dessa mudança, uma tendência a “empurrar” os gays de volta ao centro, que hoje formam uma grande concentração na esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide (PUCCINELLI, 2013). Mesmo naquela região, menos valorizada que os Jardins, há indícios de uma tentativa de expulsá-los, com constantes denúncias de tráfico de drogas e venda de bebidas alcoólicas para menores de idade (ver, por exemplo, <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,trafico-domina-rua-a-quatro-quadras-da-paulista-e-faz-feira-livre-das-drogas,1130758>, acesso em 24 de setembro de 2014). Ao que parece, a “Operação Limpeza” promovida por Richetti no início da década de 1980 tem sido reeditada de maneiras mais sutis.

Os arredores da Rua da Consolação, principalmente em seu trecho ao sul da Avenida Paulista, é um dos lugares mais frequentemente mencionados pelos interlocutores como *point* da efervescência gay de São Paulo durante toda a década de 1990. Embora já abrigasse, desde 1971, a famosa *Nostro Mondo*¹¹⁹, somente bem mais tarde viria a congregar um grande número de estabelecimentos direcionados ao público gay. Via de regra, era para lá que convergiam os “modernos”, sintonizados com as últimas tendências associadas à homossexualidade (SIMÕES & FRANÇA, 2005).

Localizados na própria Consolação, os bares *Paparazzi* e *Burger & Beer* são citados com bastante frequência. Esse segundo, embora do lado oposto à sofisticação dos Jardins, ficava próximo à divisa com a parte mais valorizada da rua e foi palco de experiências importantes na vida de vários interlocutores. Também na região, a boate *Massivo* aparece em algumas falas – sobre ela, é interessante assinalar que o local parece marcar, como afirma um *promoter* entrevistado por Palomino (1999), o início de um período em que muitas casas noturnas deixam de se considerar exclusivamente “gays”, ainda que seu público majoritário pudesse ser assim classificado. Corroborando essa ideia, Guilherme diz:

[...] O *Massivo* era um lugar que era aqui nos Jardins, na Alameda Itu [...], foi o auge das... da época das *drag queens* [...], que na época era uma coisa que atraía muito, que era aquele show de *drag queen*, aquele monte de *drag queen* na rua. Então era... tinha mais entrada na mídia, também. Então era muito comum você ver, por exemplo, casal de hetero na porta, as meninas querendo entrar loucamente, querendo conhecer, e os caras assim, meio arredios (risos). Mas acabavam entrando porque as meninas forçavam a entrar. Então, você vê, tinha uma frequência hetero também, apesar de ser conhecido como um lugar gay. (Guilherme, 53 anos, junho de 2013)

Além dos lugares situados nos Jardins, os interlocutores que estiveram a par da noite gay nesse período fazem menção a outras partes da cidade, como os bairros de Moema, Vila Nova Conceição e Santa Cecília – esse último bastante próximo ao antigo

¹¹⁹ A *Nostro Mondo* também é citada em *São Paulo em Hi-Fi* e se considerava a boate gay mais longa do país, ainda que esse título seja disputado com o *La Cueva*, boate carioca que aparece no trabalho de Mota (2012). Encerrou suas atividades no início de 2014, pouco mais de um mês antes do momento em que escrevo (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/02/1408677-nostromondo-primeira-boate-gay-do-brasil-fecha-as-portas-apos-43-anos.shtml>, acesso em 17 de março de 2014).

agito do Arouche. No primeiro, ficava a boate *Gent's* que, de modo semelhante ao que os mais velhos falam sobre a *Medieval*, era um lugar bastante caro, frequentável apenas em ocasiões especiais. No segundo, ficava o *Feitiço*, uma casa com música ao vivo descrita como um local mais reservado, bem distante da agitação observada na maior parte dos outros ambientes. No terceiro, finalmente, estava localizado o *Sra. Krawitz*, cuja inauguração é lembrada por Palomino (1999) como um dos acontecimentos mais aguardados do ano de 1992. Como o *Massivo*, o *Krawitz* tinha uma postura mais democrática em relação à orientação sexual de seu público-alvo, abrigando, nas palavras de Guilherme, ‘uma mistura de tudo’. Segundo Felipe, havia, no entanto, uma característica que o diferenciava dos demais espaços: a presença de uma mescla significativa de classes sociais, como se pode notar em sua fala sobre os *clubbers* provenientes da periferia:

[...] Tinha o *Sra. Krawitz*, que devem ter falado pra você, que ficava na Rua Fortunato, em Santa Cecília. E lá foi o auge da onda *clubber* na década de 90. Todos os moderninhos *clubbers* iam pra lá e tinha muita gente de periferia. Muita. Que era *clubber*. Muita mesmo. E assim, não tô falando isso no sentido de preconceito, mas você percebia¹²⁰. Eu cheguei a conviver com algumas dessas pessoas, porque foi o começo da minha vida gay noturna, então não conhecia ninguém. Então, tentei fazer amizade com algumas pessoas lá. (Felipe, 39 anos, novembro de 2012)

Se o encontro de classes era mais raro – e, no caso do *Krawitz*, talvez se explicasse pela adesão maciça à onda *clubber* de então –, uma maior “democratização sexual” desses lugares começa a se tornar bastante comum ao longo da década de 1990. Conforme aponta Meccia (2011), a partir desse período a experiência da homossexualidade estaria marcada pelo que chama de “desdiferenciação”, o que resultaria, no que concerne aos espaços de sociabilidade, em duas características proeminentes: além da já citada profusão e dispersão espacial, haveria um aumento da quantidade de estabelecimentos *friendly*, onde todos – gays e não-gays – seriam bem-

¹²⁰ Também conhecidos como *cybermanos*, os *clubbers* que vinham de regiões mais pobres e distantes do centro foram alvo de grande estranhamento no início de sua aparição, chegando a ser pejorativamente apelidados de “clubbers-favela” (PALOMINO, 1999). Nesse sentido, a fala de Felipe é bastante ilustrativa, pois chama a atenção, ao mesmo tempo em que se isenta, para o preconceito que existia com relação a eles.

vindos. Mesmo que o *Massivo* e o *Krawitz* não seguissem exatamente essa proposta, aproximando-se mais do conceito à brasileira “GLS” (já que, ao contrário dos lugares *friendly*, eram espaços predominantemente gays *também* frequentados por heterossexuais), estão provavelmente entre as primeiras boates de São Paulo onde uma interação harmoniosa entre pessoas de distintas orientações sexuais era possível. Obviamente, essa convivência já existia, mas em contextos que não permitiam a livre expressão de afeto entre pessoas do mesmo sexo¹²¹.

A emergência de ambientes mais “descolados” não significa o desaparecimento de lugares voltados para a prática de sexo, como as saunas, “cinemões” e os mais modernos *cruising bars*¹²². As boates exclusivamente gays também continuam a existir, permeadas cada vez mais pela segmentação por idade, classe, estilo e cor/raça sobre a qual fala França (2010) – uma espécie de “re-diferenciação” (ou diferenciação interna) a partir do processo maior de “des-diferenciação” apontado por Meccia (2011). Com o avanço dos anos, contudo, um sem-número de iniciativas similares às do começo da década de 1990 vão surgindo na cidade. Presente em várias entrevistas, um desses exemplos é *A Lôca*, boate sucessora do *Krawitz*¹²³ que até hoje sobrevive como uma das casas noturnas mais conhecidas da capital paulista¹²⁴. Para Wilson, que confere a esse espaço lugar de destaque, a noite de São Paulo teria adquirido um caráter ‘libertário’,

¹²¹ Citado algumas vezes, o *Ritz*, um bar dos Jardins inaugurado em 1981, seria um bom exemplo. Como bem define Antonio, “todo mundo que tá lá é gay ou simpatizante, mas não era permitido beijar, como não é até hoje. Eu me lembro mais de uma vez, assim, de um casal mais afoito dar um beijo e o garçom vir discretamente: ‘Olha, aqui não dá pra fazer isso’” (maio de 2011).

¹²² *Cruising bars*, ou “bares de caça”, numa tradução livre para o português, são locais em que, como nas saunas e “cinemões”, é possível paquerar e eventualmente conhecer alguém para sexo no próprio local, embora o ambiente permita uma interação similar à de bares comuns – sem a necessidade de enrolar uma toalha na cintura, como nas saunas, ou ficar completamente nu, como nos clubes de sexo. Para mais informações sobre esse tipo de lugar, ver Braz (2012).

¹²³ Antes de ser batizado com seu nome atual, o lugar funcionou por seis meses como *Samantha Santa*, tendo sido inaugurado em virtude da “decadência” progressiva do *Krawitz* que, além de financeiramente prejudicado pelo público cativo que não queria mais pagar a entrada, entrara em crise por disputas diversas entre seus frequentadores – uma delas diretamente ligada ao preconceito com relação aos que vinham da periferia (PALOMINO, 1999).

¹²⁴ A história do lugar encontra-se disponível em seu site oficial (http://aloca.com.br/blog/?page_id=2, acesso em 21 de março de 2014).

estando inserida em uma cena urbana que permitiria outras formas de experimentação, como as drogas:

[A *Lôca*] é um espaço aberto, é um espaço em que você... você gay, você lésbica, você casal, você sem saber o que é, você isso ou aquilo, você está num lugar, compartilhando um lugar com amigos, com pessoas, e vivendo nesse lugar sem que ninguém esteja querendo rotular ou compartimentar você, e aceitando – pelo menos em termos de comportamento explícito – aquilo que você é [...] Os melhores ambientes hoje, pra mim, são esses [não-exclusivos], do que os estritamente gays, ou estritamente... bom, estritamente lésbicos eu acho que eu nunca fui, ou nunca frequentei tanto. Mas assim, os lugares abertos e reconhecidamente abertos, *friendly*, [são os] que eu tendo a gostar mais, pela diversidade de pessoas que circulam, do que os estritamente... e isso tem mudado na noite de São Paulo, tem acontecido, tem lugares mais desse jeito. As pessoas mais novas, principalmente, elas têm se relacionado mais dessa maneira, têm saído em grupos [...] Claro, a gente sabe que existe gente de direita, que existe *skinhead*, que existe gente agressiva em relação a gays, mas eu acho... em contrapartida a isso, existe uma vida noturna, pelo menos em São Paulo, bastante aberta, e bastante... eu diria até libertária mesmo; não é liberal não, é libertária. E a coisa não se restringe só à sexualidade, a coisa vai além disso. Que é a questão das drogas também, né? Então, existe uma certa cultura urbana aí que ela é meio geral, meio de grande cidade e tal, e São Paulo evidentemente tá dentro disso. (Wilson, 57 anos, novembro de 2012)

Ainda que Wilson aponte essa sociabilidade mista como uma tendência observável principalmente entre os mais jovens, é notável, entre os interlocutores da pesquisa, uma preferência gradativa por ambientes menos “guetificados”, o que parece se justificar, ao menos em parte, pelo processo de abertura a que Meccia (2011) se refere, oferecendo àqueles que antes precisavam se “esconder” uma maior possibilidade de interação em espaços mistos. Mesmo para os que deram início à sua sociabilidade noturna em uma São Paulo que já permitia esse contato – como é o caso de Felipe –, uma mudança importante é observada, tendo em vista a grande ampliação desse cenário em um curto espaço de tempo. Em associação com uma menor necessidade de ocultamento, outro fator que entra em jogo para explicar essa predileção diz respeito a uma questão etário-geracional que se desdobra, por sua vez, em diversas outras.

Em primeiro lugar, há no discurso de alguns um marcador de idade cronológica que os levaria a procurar ambientes mais tranquilos, algo difícil de encontrar no que normalmente é oferecido como lazer exclusivamente homossexual. Nesse sentido, é

comum que citeм como lugares de sociabilidade atual padarias, restaurantes e cafés reconhecidamente inclusivos, a exemplo do *Urbe* e do *Athenas*, ambos próximos à Avenida Paulista. Além de serem espaços onde é possível interagir com amigos e namorados de maneira mais livre, sua frequência é marcadamente mais madura, o que lhes conferiria, segundo os que lá vão, uma atmosfera mais apropriada a quem já ultrapassou ou está próximo dos 40 anos de idade. Em algumas falas, como na de Alcides, nota-se que o fator etário ganha importância sobre a orientação sexual, dando a entender que a homossexualidade exerce pouco ou nenhum peso sobre a escolha que fazem por ambientes mais sossegados:

Hoje, um restaurante que eu vou bastante, restaurante/bar, é o *Athenas*. Que o público é gay, na maior parte; você fica muito à vontade, casal hetero que vai lá sabe. Hoje se convive muito mais à vontade, né? Então, hoje o que eu mais faço? Eu vou a café, *Urbe* é um deles... mas aí pode ser a *Ofner*, pode ser a *Brunella*¹²⁵ ... lugares de café. *Urbe* é o mais ambiente gay que a gente conhece. E é gostoso, é o que eu mais vou. Mas eu vou bastante a café, antes ou depois do cinema, eu vou bastante a restaurantes, antes ou depois do cinema. E vou bastante ao cinema. São as três coisas que eu mais faço. Exposição, de vez em quando. Mas exposição não é um treco em que eu já tenha paquerado alguém. Nunca aconteceu. Mas vou com frequência. A última exposição que eu fui ver foi a da Tomie Ohtake agora na semana passada. Mas é um lugar mais tranquilo; eu acho que isso tem mais a ver com a minha idade, né, com os 40 e poucos, hoje, do que [a questão] com o mundo gay, com a comunidade gay. (Alcides, 43 anos, outubro de 2012)

Apesar dessa aparente tranquilidade com que o próprio envelhecimento é tratado – e aqui estendo a fala de Alcides à maioria dos discursos que encontrei em campo, justificando a frequência cada vez menor ao “ferro” como uma consequência natural e compartilhada da maturidade –, a idade cronológica não deixa de aparecer como algo que se materializa nos corpos, fazendo com que alguns se sintam pouco valorizados sexualmente na maior parte dos lugares gays de hoje. Embora essa seja, de acordo com os próprios interlocutores, uma dificuldade contornável com os encontros promovidos pelas novas tecnologias de comunicação – um deles chega inclusive a se dizer

¹²⁵ Sites oficiais: <http://www.athenasrestaurante.com.br/athenas-augusta/quemsomos.html>, <http://urbecafe.com.br/>, <http://www.ofner.com.br/index.php> e <http://www.brunella.com.br/> (Acesso em 07 de abril de 2014).

impressionado com a quantidade de jovens que procuram “coroas” em salas de bate-papo¹²⁶ –, percebe-se, em certas falas, um ressentimento atribuído à diminuição da atratividade corporal que o envelhecimento inevitavelmente imporia. Como no caso dos marcadores simbólicos que delimitam o público de determinados espaços, os efeitos negativos dos sinais físicos da idade não afetam somente homens gays, embora talvez se manifestem de maneira peculiar nesse grupo (HENNING, 2014). A esse respeito, Thomaz comenta:

[...] Hoje em dia [...], eu vou nos lugares gays e eu me sinto completamente um peixe fora d’água, eu sinto que não atraio, é como se eu não atraísse ninguém, eu realmente, assim... parece que não vai acontecer nada, e realmente nunca acontece nada. Assim, qualquer coisa, tipo boate, sauna, qualquer coisa. No cinemão de pegação, qualquer coisa que tenha, que seja gay, que seja assim... não rola nada, e quando rola... é, em geral a impressão que eu tenho hoje em dia é que não rola nada, então eu não vou, não tenho ido; eu falo: “Não vai rolar nada”. (Thomaz, 57 anos, janeiro de 2011)

Uma terceira razão que parece levar os interlocutores a preferirem os recintos não-exclusivos está ligada a um estranhamento que caminha na direção contrária ao fascínio sentido no início de suas perambulações pela noite, época em que se configurava, como sugerem os discursos de Thomaz e Antonio sobre suas primeiras incursões a boates, certo “desbravamento” de um mundo ainda pouco conhecido. Para Guilherme, com quem fui em uma ocasião ao *Igrejinha*¹²⁷, haveria um processo subjetivo de cansaço que o levou a evitar progressivamente os ambientes exclusivamente gays – caracterizados, sob seu ponto de vista, por um referencial cultural excessivamente homogêneo, o que se poderia perceber nas músicas tocadas

¹²⁶ Essa informação é corroborada pela recente pesquisa de Henning (2014), que investigou, dentre outras coisas, como os estereótipos do *daddy*, “paizão” ou “tiozão” – geralmente homens mais velhos com traços físicos que “denunciam” sua maturidade – podem ter valor erótico para rapazes bem mais jovens.

¹²⁷ Localizado na Rua Fernando de Albuquerque, a quatro quadras da Avenida Paulista, o *Igrejinha* é um misto de bar e boate. Decorado com motivos religiosos, foi inaugurado em 2012 e sua proposta consiste em “receber os amigos como se estivessem em casa”, reunindo pessoas “independente de crenças e ideologias” (Fonte: <http://www.igrejinhabar.com.br/igrejinha-bar.html>, acesso em 19 de março de 2014). Na ocasião em que encontrei Guilherme, conheci dois de seus amigos, que também iam ao local com alguma assiduidade. Um deles, com idade bem próxima a Guilherme, ficou interessado em meu tema de pesquisa e fez um longo retrospecto sobre a noite gay de São Paulo. Cheguei a pensar em pedir para entrevistá-lo, mas já me encontrava perto de encerrar o campo.

nesses lugares. Como na fala de Wilson, não deixa de ser curioso que a palavra *diversidade*, utilizada corriqueiramente como indicador de inclusão das orientações sexuais não-heteronormativas, apareça para distanciar o interlocutor da cena gay¹²⁸:

G: [...] Eu tô com uma viagem programada pra Nova York, agora em agosto, e aí um amigo que vai estar lá até me mandou um e-mail falando pra eu reservar um final de semana em uma ilha que se chama Fire Island, não sei se você já ouviu falar.

G[P]: Não.

G: Eu também não conhecia. Pra passar um final de semana lá. Aí eu perguntei pra ele: “O que que é isso?” Ele falou: “Dá uma *googlada* aí porque na verdade é uma ilha gay, onde só tem gay¹²⁹”. Eu falei: “Tô fora”, de cara (risos). Não vou pra esse tipo de lugar. É como... assim, se você quiser pensar numa tortura, por exemplo, poderia tentar me colocar nesses... como é que fala...?

G[P]: Esses cruzeiros?

G: Cruzeiros gays, certo? Eu acho que pra mim seria uma tortura estar num lugar desse, ainda mais que você não consegue escapar, não tem como fugir (risos).

G[P]: De vez em quando atraca, mas...

G: Não, aquele monte de gay cantando as mesmas músicas, as mesmas coisas tipicamente gays, não! Então é um pouco por aí. Então foi um processo, eu passei a me interessar mais pela diversidade mesmo, as pessoas, e tal. (Guilherme, 53 anos, junho de 2013)

Se é possível considerar que o desencantamento registrado na fala de Guilherme tem origem em uma fadiga compartilhada, faz-se mister ressaltar o *processo* que destaca: como dito logo acima, um deslumbre inicial com um mundo de “iguais” (GOFFMAN, 1988, p. 29) parece ser gradativamente substituído por um cansaço com

¹²⁸ Voltamos talvez à questão da “des-diferenciação”, já que uma maior diversificação de lugares pode acarretar, algumas vezes, em segregações internas e externas (resultando inclusive no surgimento de espaços onde heterossexuais *não* são bem-vindos, em uma inversão da proposta dos ambientes “GLS”). Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, ver França (2006; 2010).

¹²⁹ Localizada próxima a Long Island, onde se encontra parte da cidade de Nova York, a ilha é famosa pela presença gay desde pelo menos a década de 1960, quando o empresário americano John B. Whyte fundou uma espécie de *resort* destinado a esse público no local (Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Fire_Island. Acesso em 25 de setembro de 2014).

relação à “mesmice”. É preciso levar em conta, no entanto, que a cena observada pelos interlocutores hoje é bastante distinta da que descrevem ter existido ao longo das décadas passadas, o que pode indicar não somente uma mudança interna ocasionada pelo excesso de exposição a um certo estilo de vida, mas um incômodo com a maneira pela qual determinados grupos – especialmente os segmentos mais *mainstream* do “mundo gay” – vivenciam atualmente a experiência do lazer noturno.

Enquanto alguns interlocutores manifestam apenas um grau moderado de desconforto com o que a noite de hoje oferece e atribuem seu mal-estar ao simples fato de terem amadurecido ou não se perceberem como desejáveis em determinados ambientes, outros são mais enfáticos em reafirmar uma aversão cada vez mais acentuada com relação à cena gay atual. Se essa ausência de identificação diz alguma coisa sobre um conflito intergeracional, acredito que ele se manifeste de duas maneiras distintas: entre os pertencentes ao primeiro grupo, há uma visível valorização dos jovens gays, enquanto os membros do segundo tendem a expressar um desconforto generalizado com seu modo de operar. No próximo tópico, retomo a análise esboçada aqui para tornar essas diferenças – bem como suas nuances – mais claras.

Juventude e visibilidade (homos)sexual

No início de 2012, repetia-se em São Paulo um fato relativamente corriqueiro em estabelecimentos comerciais brasileiros: após trocar um beijo em uma lanchonete do Paraíso, bairro nobre da capital, um casal de rapazes foi repreendido pelo gerente, que os acusava de infringirem as normas do que seria um “ambiente familiar”. Revoltado com a atitude, um dos rapazes envolvidos registrou queixa na CADS¹³⁰ e convocou, para a semana seguinte, um beijaço no local¹³¹.

¹³⁰ Criada em 2005, a CADS (Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual) é parte da Secretaria de Participação e Parceria da Prefeitura de São Paulo e promove ações sociais de inclusão e proteção à comunidade LGBT paulistana (Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cads, acesso em 22 de fevereiro de 2014). Iniciativas similares estão presentes em outras cidades brasileiras, a exemplo da CEDS (Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual), no Rio de Janeiro.

¹³¹ Informações retiradas do site <http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/ambiente-familiar-apos-beijo-casal-gay-e-expulso-de-lanchonete-em-sao-paulo/2/14/15651> (Acesso em 22 de fevereiro de 2014). Quase dez anos antes, o shopping Frei Caneca, meca do público gay, foi palco de um acontecimento quase

Poucos dias depois do ocorrido, eu entrevistava Samuel pela primeira vez. Como exposto no capítulo anterior, já havíamos nos falado brevemente por telefone e ele adiantara alguns tópicos que iríamos desenvolver em nossa conversa presencial, como sua participação em uma ONG/AIDS, o alívio que a chegada do coquetel proporcionara para os doentes e a relativa facilidade com que os jovens gays de hoje poderiam vivenciar sua homossexualidade se comparado a duas ou três décadas atrás. Embora mais novo do que os ex-militantes que eu já havia entrevistado, Samuel parecia ter, como eles, um perfil que valorizava fortemente a visibilidade adquirida no decorrer desse espaço de tempo.

Em pouco mais de meia hora de conversa, minha primeira impressão se desfez: após discorrer sobre sua adolescência, período marcado pelas dificuldades decorrentes de uma relação turbulenta com a própria homossexualidade, Samuel lamentou que os jovens de hoje vivessem, em suas palavras, ‘sem conflito’, o que acarretaria, ainda de acordo com ele, uma ‘visibilidade da forma errada’. Ao lhe perguntar o que queria dizer com isso, Samuel forneceu como exemplo a ‘confusão’ que observava no Largo do Arouche aos domingos, quando adolescentes da periferia se entregariam, segundo descreve, a comportamentos “promíscuos” uns com os outros¹³². Citou, além disso, o caso do ataque com lâmpadas na Avenida Paulista, afirmando que os jovens agredidos teriam procurado seu destino, pois ‘já vinham loucos, bêbados e cheirados’. Logo depois, me perguntou se eu ouvira falar do recente episódio da lanchonete, criticando a dimensão exagerada que a ideia do que é *homofobia* haveria tomado. Em sua visão, o que ocorreu no local – bem como em situações similares – não configuraria uma situação discriminatória:

[...] Acho que tudo é uma questão de atitude, eu acho que falta um pouco de conteúdo nas pessoas, acho que a grande verdade é essa: a molecada ainda não se achou. Às vezes eu acho que eles precisam levar um susto. E tem um monte de gente oportunista aí aproveitando

idêntico. No site da Folha de São Paulo, é possível encontrar, ainda hoje, a notícia: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u79567.shtml> (Acesso em 22 de fevereiro de 2014).

¹³² Embora Samuel não utilize a categoria *promíscuo*, a descrição do que vê não deixa dúvidas quanto à sua acusação moral: “[...] Você vê o rapaz beijando a moça, que beija outra moça, que beija outro rapaz, todo mundo se beijando. Porra, mas que diabo que é isso?”. Dados etnográficos sobre esses encontros podem ser encontrados no trabalho de Calixto e Guimarães (2012).

a história da homofobia, né? Tudo é homofobia: se eu sentar e o cara não me der o ketchup porque eu tô com meu namorado, é homofobia [...]. Você quer fazer um carinho? Como será que foi o carinho? Eu consigo fazer carinho e ninguém percebe que eu tô fazendo carinho. Agora, se for num lugar... aí depois entrevistaram o cara que falou aquelas coisas todas, você vê que o cara não tem noção do que ele falou. Qual foi a parte da piada que ele perdeu? Ele perdeu uma parte da piada; tudo mudou, tudo pode. Ele perdeu essa parte da piada; ele tava vindo no meio da piada, pularam o meio e foram pro fim. Nem discriminaram os caras que fizeram isso. “Vamos fazer um beijaço!”. Ai, gente, pelo amor de Deus, menos... (Samuel, 41 anos, fevereiro de 2012)

Um dos aspectos que se destaca em sua fala é a percepção de que existiria, entre os jovens gays, uma autopermissividade irrefletida: ao dizer que uma parte da piada é perdida quando se crê que ‘tudo mudou, tudo pode’, entram em jogo certos ‘excessos’ cometidos por essa parcela da população, que tiraria proveito da disseminação de *homofobia* enquanto categoria acusatória para exigir mais do que lhe é legitimamente devido. Embora reconheça mudanças positivas que possibilitariam uma autoexposição mais despreocupada, Samuel insiste na ideia de uma ausência de bom senso, criticando a iniciativa – segundo ele, desnecessária – de beijar em público num local pouco apropriado para aquilo. É curioso notar, em seu discurso, dois deslocamentos temporais dos quais se utiliza como contraposição ao que ele chama de ‘a geração de agora’: no primeiro deles, sou abarcado – embora não sem alguma hesitação – como integrante de uma geração que teria, como a sua, ‘quebrado a cara’; no segundo, há uma referência a Richetti em que demonstra apreço pela luta que uma geração anterior à dele teria tido que enfrentar, diferente dos jovens pouco engajados de hoje. Vejamos o diálogo a seguir, continuação do que transcrevi logo acima:

G: Agora, apesar do que a gente poderia chamar talvez de um “excesso de liberdade”, que você aponta aí nessa juventude atual, você acha que houve transformações positivas também?

S: Sim, não... eu acho que eles utilizam as coisas da forma errada, mas o fato deles poderem fazer tudo, meu, é maravilhoso! Quando eu falo que eles precisam de um pouco de conflito, é pra eles poderem talvez utilizar da forma mais legal pra eles, poder, daqui a algum tempo, eles terem frutos. Hoje eles colhem frutos do que a minha geração fez lá atrás. A minha, talvez a sua... né, um pouco [do que] a sua fizeram [sic] ali atrás, porque a gente quebrou a cara, meu, a gente quebrou muito a cara. Com toda a certeza a gente quebrou a cara. Hoje eu acho

engraçado: antes você ia num bar gay, ou você ia numa balada gay, o lugar era discreto, que a pessoa chegava, a pessoa saía... hoje, bota – eu acho legal, tá? Não acho ruim não – uma bandeira, um monte de pisca-pisca, uma *drag queen* pulando na frente, o povo fica na fila horas, feliz e contente; eu falo assim: “Meu, é sinal dos tempos, é legal”. Eu não ficaria numa fila, porque eu detesto ficar em fila, por exemplo. Eu acho que perdeu um pouco do encanto, eu acho, assim, [que] a noite perdeu um pouco do encanto, sabe? Assim, a noite era muito mais legal. Eu tenho amigos hoje que, vinte anos depois, são amigos verdadeiros na minha vida. Que eu encontro e começo a dar risada, às vezes horas, a gente vai num lugar: “A gente não era assim, não era mesmo”. Por quê? Porque... talvez fosse o contexto histórico daquele momento, fim de uma ditadura, a gente não sabia o que podia e o que não podia também, né? A gente não sabia o que podia e o que não podia. Você via, o povo dos anos 70, vinha aquele delegado Richetti, descia a porrada e prendia todos os viados que tinham na frente [...] Eu acho que a geração de agora tem a chance de pegar o que tem lá atrás e fazer a verdadeira transformação. Mas eles tão mais preocupados em cometer todos os excessos que a vida permite pra eles; não percebem que essa talvez seria a grande contribuição deles, entendeu?

Desenvolvida em uma conversa posterior, a condenação aos ‘excessos’ aparece acompanhada de uma crítica a certa padronização que caracterizaria a cena gay atual, marcada pela repetitividade de ritmos, estilos e atitudes – pensamento semelhante ao de Guilherme quando reclama das ‘mesmas coisas tipicamente gays’. Entre os poucos que ainda se arriscam pelos ambientes da noite – apresentada, tal qual em outros discursos, como desprovida do encanto que teria marcado um passado glorioso –, é possível observar uma diminuição significativa em seu leque de opções, que se restringe basicamente aos arredores da Vieira de Carvalho, com o *Bailão* e a *Cantho*¹³³ em destaque. Ainda que citados, lugares como a *The Week*¹³⁴, a *Bubu Lounge*¹³⁵ e até

¹³³ Localizada na própria Vieira de Carvalho, muito próxima ao Arouche, a *Cantho* é bastante frequentada por camadas populares e gays mais velhos. Site oficial: <http://www.cantho.com.br/> (Acesso em 22 de março de 2014).

¹³⁴ A *The Week International*, um dos lugares em que França (2010) conduziu seu trabalho etnográfico, está no rol das boates mais valorizadas de São Paulo e possui filiais no Rio de Janeiro e em Florianópolis. Site oficial: <http://www.theweek.com.br/> (Acesso em 22 de março de 2014).

¹³⁵ Assim como a *The Week*, a *Bubu Lounge* é tida atualmente como o *crème de la crème* da noite gay paulistana. Site oficial: <http://www.bubulounge.com.br/a-casa/> (Acesso em 22 de março de 2014).

mesmo a *Tunnel*¹³⁶ não são vistos com bons olhos, considerados um reduto de quem só está preocupado, como acredita Samuel, em ‘fazer tipo’:

S: [...] Hoje, quando eu vejo a noite, aquela coisa, aquela música, eu acho que parece tudo uma repetição. Sabe quando você pega... deixa eu ver se eu lembro de algum filme [em] que a gente consiga pegar isso... tem um clipe que eu acho que é do Pink Floyd, que começa com os caras tudo andando reto...

G: É o... *Another Brick In The Wall*¹³⁷.

S: É, eu vejo os gays hoje e eu acho aquilo. Eles vão colocar a mesma roupa, a mesma cueca, aparecer no mesmo lugar, o mesmo cabelo daquele jeito, aí vão falar a mesma... a gíria nesse momento é essa, aquela lá já não serve mais. A música que vai tocar é essa, na hora [em] que a mulher der um grito na música, eles vão levantar a mão pro alto e gritar junto. Aí eu falo assim: “A gente tá fazendo parte de um exército. Parece que uniformizaram a gente, e a gente não consegue mais ser cada um de um jeito – todo mundo igual, mas cada um de um jeito”. Então é por isso que [n]as vezes quando eu saio, que eu vou no *Bailão*, eu dou risada e me divirto porque as pessoas ali são... elas são aquilo e acabou, elas não querem fazer tipo, você entendeu? [...] Agora, quando você vai, por exemplo, numa *The Week*, ou você vai, sei lá, pruma *Bubu* ou pruma *Tunnel*, é sempre aquela coisa repetida. (Samuel, 41 anos, outubro de 2012)

Para Eduardo, interlocutor que também demonstra saudosismo da noite gay de vinte anos atrás (época em que não havia ‘essa coisa de tirar a blusa e ser fortão, ou ficar com aquela calça abaixada e os pentelhos à vista’, crítica próxima à de Samuel em relação aos gays que só querem ‘fazer tipo’), viveríamos nos tempos atuais uma busca desenfreada pela intensidade, caracterizada por encontros voláteis e abuso de drogas estimulantes. De acordo com ele, o problema não seria exclusivo do meio gay, mas teria colaborado para despolitizar demandas relativas à homossexualidade entre os mais jovens. Para os gays mais velhos – segundo ele, categoria que abarcaria homossexuais a

¹³⁶ Consideravelmente mais antiga do que as duas primeiras, a *Tunnel* aparece em outras falas, mas sempre referida ao passado. No site oficial, a informação é de que a casa funciona há 20 anos, o que corresponde ao que dizem os interlocutores. Site oficial: <http://www.tunnel.com.br/> (Acesso em 22 de março de 2014).

¹³⁷ Clipe disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U> (Acesso em 22 de março de 2014).

partir dos 30 anos¹³⁸ –, as tentativas malsucedidas de acompanhar a fugacidade desse estilo de vida acabariam por gerar grande sofrimento psíquico, algo que Meccia (2011) observa principalmente na figura do *extrañado*. Parecendo valorizar, como Samuel vê nas pessoas do *Bailão*, uma *autenticidade* que teria se perdido, Eduardo tece uma dura crítica ao “enlatamento” promovido pela sociedade de consumo, rol no qual inclui uma homossexualidade vivida, conforme acredita, de maneira hedonista e não politizada:

E: [...] A forma como a gente se relaciona com o outro, eu acho que é um grande marco. É o que leva muita gente da minha idade – assim, minha idade, acho que até dos 35 em diante – para a terapia: tentar se adaptar. Porque como o público jovem se relaciona com o outro e com o ambiente de maneira diversa, específica, a sociedade de consumo e a nova cultura acabaram se adaptando a esse jovem. A gente estava falando da história do vinho no telhado¹³⁹, não sei o quê, é um bate-papo, é um encontrar pra fazer pão de queijo, isso é algo da minha idade, acho que pra alguns jovens isso é algo legal, mas não é uma possibilidade, algo que alguém faça: “Vamos fazer!”, “Vamos reunir!”. Eu acho que essa conotação, essa cultura do encontro mudou. Ela mudou. Eu acho que o grande encontro agora é sexual e a afetividade ficou em um outro plano, não importante. A gente se encontra para fazer uma atividade, por isso que eu falo da devoração: porque essa atividade, essa dinâmica, engoliu o encontro simples. Eu acho que as pessoas estão mais distantes afetivamente nas suas relações e mais intensas nas suas atividades. Então, hoje [se] bebe demais, hoje é sexo demais, hoje são loucuras demais. A pessoa quer se jogar de lugares mais altos: são os esportes radicais, são drogas que dão superpotências, são Viagras demais, Cialis¹⁴⁰ demais... essa busca da intensidade. É a grande devoração, você perde o momento do encontro, que tem tempo. Tem um tempo para esse encontro. E isso, esse tempo, já não se tem mais. Essa é a diferença do jovem. A gente tem um outro ritmo, o jovem já passou, acho que nem tá ligando para

¹³⁸ Destaco aqui o que dizem Gagnon & Simon (1973) sobre a experiência do envelhecimento entre homens homossexuais: como acreditam os autores, sentimentos de declínio podem ser percebidos já nessa faixa etária, o que se explicaria pela ênfase desse segmento na atratividade sexual e na ausência de apoio afetivo a partir de certa idade. Embora acredite haver nuances nessa ideia – especialmente porque hoje, diferente da época em que os autores escreviam, a solidão afetiva não parece mais ser uma característica tão presente em gays mais velhos – é interessante que um interlocutor se manifeste espontaneamente sobre esse incômodo.

¹³⁹ Eduardo se refere a uma viagem recente à Europa sobre a qual comentara pouco antes, onde teve a experiência de beber vinho no telhado com amigos.

¹⁴⁰ Viagra e Cialis são fármacos utilizados para tratar a impotência sexual. No trabalho de Azize (2002), há uma análise interessante sobre os significados atribuídos ao consumo do primeiro entre segmentos médios urbanos.

esse tempo, ele tem que *fazer*. E o pessoal da minha geração não acompanha. Então, tem muita gente da carência, tem muita gente da depressão, da angústia, das crises de ansiedade – acima dos 30 anos, inclusive. Acho que 30 anos seria o mínimo. 35 já começa a ter um pico e aí vai até os 40 anos, chegando no máximo... dos 45 em diante já sofria por alguma questão, enfim... estão até querendo resgatar essa intensidade do jovem. Então, você tem esse pico, depois você tem um pessoal mais velho querendo seguir esse pico, querendo voltar com Cialis, com Viagra, querendo voltar para as suas atividades, pro boné, pra bermuda, pra um outro ritmo de relação. Até com pouco vínculo, também como o jovem. Nessa terceira idade, essa relação da distância afetiva também perpetua.

G: Agora, quando a gente pensa, sei lá, por exemplo, na cultura *hippie*, final dos anos 60, anos 70, assim, tinha também muito isso, da coisa do sexo, de experimentar drogas e tal. O que você vê de diferente hoje?

E: A relação com o objeto, entendeu? Quando você tinha uma experiência sexual, aquilo, primeiro, era um contexto político, e hoje não é um contexto político. Hoje eu vejo como sendo uma busca por intensidade, uma busca por uma moda. É muito engraçado: às vezes as pessoas fazem sexo, [e] não sabem por que fazem sexo, estão fazendo sexo por um preenchimento de um vazio, mas muito naquela coisa da cultura: “É legal, vamos fazer!”; começou a onda das mulheres “Vamos ser lésbicas!”, “Poxa, você nunca experimentou nenhuma mulher? Como você é careta!”. Então, ela entrou em um outro contexto. Eu acho que existia na década de 70 um contexto de transgressão, um contexto político, o corpo era político, o sexo era uma liberação de... não só do corpo, mas de muitas atitudes, atitudes de pensamento, atitudes de autonomia [...] A homossexualidade também era uma pauta, principalmente da década de 70, desse amor livre. É mais um produto que virou enlatado. Hoje, quando as pessoas falam de homossexualidade, ela deixou de ser uma ação política. (Eduardo, 41 anos, julho de 2013)

Como Samuel e Eduardo, outros interlocutores se queixam de uma ausência de consciência política por parte dos mais jovens, enxergando na experiência do passado um modelo para o que deveria ser posto em prática nos dias atuais. Renan, que chegou a participar de um dos primeiros grupos gays afiliados a um partido político no Brasil, diz se sentir extremamente apartado dos mais jovens, referindo-se constantemente à inadequação de suas práticas sexuais. Ao contrário do que se poderia esperar de alguém que esteve imerso nas primeiras lutas, no entanto, suas posições acerca de conquistas e proposições judiciais e legislativas não são nada progressistas: além de se manifestar pouco favorável ao casamento igualitário, mostra-se significativamente preocupado com

a possível aprovação do PLC 122 – algo que provocaria, segundo ele, uma explosão ainda maior de comportamentos inapropriados. Mencionando a Parada do Orgulho LGBT, Renan cita o filme *Manderlay*¹⁴¹ como prenúncio do que poderia acontecer e assinala, de maneira muito semelhante a Samuel, uma utilização deturpada da categoria *homofobia*. Como esse último, destaca também o valor reduzido que os jovens de hoje dariam ao trabalho das gerações passadas, característica que Meccia (2011) aponta como uma das mais marcantes entre os *replegados*. Apesar de longo, acredito ser oportuno reproduzir o trecho de entrevista abaixo:

R: [...] É óbvio que homofobia não é bom, não é certo, ainda bem que você é uma pessoa esclarecida e não vai interpretar mal, errado, o que eu estou falando. Mas, porém, contudo, todavia, existem algumas pessoas que, por conta dessa postura revolucionária, na cabeça delas acham que... Tipo, olha, ainda não existe essa lei, como é que eu diria? Pronta, juramentada, sacramentada, em termos de código penal, e elas já fazem um auê. Imagine que essa lei tenha sido aprovada, sancionada, etc., hoje. Elas vão fazer sexo em plena Frei Caneca quando elas estiverem drogadas na frente da *Lôca*. Mesmo fora da época da Parada. E se alguém disser qualquer coisa, elas vão dizer: “Homofobia! Isso é homofobia!”. Porque elas não sabem administrar a própria cidadania, elas não sabem o que é ser cidadã[o]. Elas não sabem o que é uma pessoa, um ser homossexual exercer a sua própria cidadania. Elas não sabem o que é isso. Que é – talvez você tenha assistido, a gente pode fazer um gancho, imagino que você deva ter visto – aquele filme do Lars Von Trier; eu não sei se é *Manderlay*, como é que é o segundo?

G: Pera aí... o *Manderlay* é que foi continuação do *Dogville*?

R: É. *Dogville* foi o primeiro e *Manderlay* é o segundo.

G: Eu acho que eu não vi *Manderlay*, vi *Dogville* só.

R: *Manderlay* é que é o melhor. Que é justamente isso que ele falava no *Manderlay*, que o pessoal fala: “É racista, não sei o que...”, que [n]o terceiro falava que... *Melancolia*, [o pessoal] falava que era antissemita¹⁴².

¹⁴¹ Ver <http://www.imdb.com/title/tt0342735/> para mais informações (Acesso em 26 de fevereiro de 2014).

¹⁴² Parece-me que aqui Renan confunde o autor com a obra: na verdade, a acusação de antissemitismo surgiu em virtude de um comentário feito por Lars Von Trier durante uma entrevista coletiva em Cannes (Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,festival-de-cannes-declara-lars-von-trier-persona-non-grata,721370,0.htm>, acesso em 26 de setembro de 2014). Na ocasião do encontro, não achei necessário desenvolver o assunto.

G: É, foi...

R: Então, o *Manderlay* discute exatamente essa questão, é sobre a libertação dos escravos nos Estados Unidos. E chega uma hora [em] que os escravos não querem mais ser libertos, porque eles não sabem lidar com a liberdade deles. “Como é que eu vou administrar a minha liberdade? Eu não sei ser livre, eu vou ter que aprender a ser livre”. A sinopse do filme é essa, é mais ou menos por aí, por isso que é uma pancada, muito maior ainda do que o *Dogville*. Escuro, denso, pesado. Pegue em DVD e veja, porque é um espetáculo. Então, é mais ou menos a mesma coisa essa história da homofobia. É uma lei extremamente necessária, tá? Concordo em gênero, número, grau e circunstância. Só que vai levar um tempo enorme, talvez uns dez ou quinze anos depois que essa lei for aprovada, para elas aprenderem a lidar com a própria liberdade e condição de serem livres para não serem discriminadas, porque no começo elas vão abusar.

G: Mas isso já poderia ter a ver com o que você me falou antes de um certo excesso de liberdade que, por exemplo, leva algumas a isso, a fazer sexo durante a Parada Gay...

R: Pois é, é a Parada. É a Parada. Que quando elas se sentem maioria, elas dizem: “Olha, o que eu vou fazer aqui já que eu sou maioria? Então eu vou chutar o pau da barraca. Porque eu não posso ser maioria quieta. Como é que eu vou ser maioria quieta se eu sou discriminado na escola, se eu sou discriminado na minha família, se eu sou discriminado no meu trabalho, se eu sou discriminado na rua, se as pessoas olham para mim porque eu sou afeminado, porque eu faço a sobrelha, porque eu me visto como uma gazela, como uma libélula? Então, agora que eu estou aqui no dia 02 de junho de 2013, eu vou fazer sexo no meio da rua, no meio da Avenida Paulista, só para chocar a cabeça de todas essas pessoas”. E não é dessa forma que você conquista, como é que chama, cidadania. Conquista-se cidadania de outra maneira. Conquista-se cidadania como o Jean Wyllys faz, conversando lá no Congresso, dizendo no Congresso o que a gente quer, explicando, fazendo uma marcha civilizada, discutindo essas questões de outras maneiras, em outros fóruns, indo na Assembleia Legislativa aqui de São Paulo – que parece que tem uma frente LGBT –, indo na Câmara Municipal e procurando um vereador que queira, que aceite fazer alguma discussão sobre essa questão do homossexual nas questões do município. Quer dizer, é assim que se consegue cidadania, não é fazendo sexo explícito na rua. Então, elas não sabem lidar nem com a própria liberdade. Por conta da questão intelectual também, porque tudo vai passando pela questão intelectual.

G: Aí você acha mesmo que seria um problema dos mais jovens?

R: Sim, certamente. Isso não quer dizer que não tenha velho trepando. Tem velho trepando também, até porque os jovens cutucam os velhos. Eu é que não sou um velho que vai trepar na avenida Paulista, na

Consolação, que eu ainda não surtei de vez, eu estou por enquanto *borderline* (risos) [...] Mas a maioria que faz aquilo é de 30 anos pra baixo, você não vai ver uma pessoa com 50, com 60, botando o pinto pra fora e se masturbando na Paulista ou na Consolação ou na República, quando a Parada termina por ali. Então, eu acho que isso é uma coisa das pessoas mais jovens, justamente porque elas não sabem que apito elas tocam. É aquela historia que se fala no Nordeste: “Ouviru o galo cantar, mas não sabe onde”, não sabe onde o galo estava cantando. Aí o que acontece? Tudo o que a gente está construindo há 30 anos – eu digo “a gente” porque eu me sinto parte integrante desse movimento, talvez uma formiguinha, mas fiz parte disso. Quer dizer, tudo o que a gente tentou construir, com um super de um trabalho, uma dificuldade enorme pra esclarecer aquelas cabeças miúdas, quer dizer, tudo vai por água abaixo. Porque aí, qual é a credencial que eu tenho para chegar, por exemplo, lá na Praça Roosevelt, conversar com os meus amigos heterossexuais e dizer: “Gente, a gente quer a lei anti-homofobia para que não aconteçam os crimes na Paulista”? Aí eles dizem: “É, mas no dia da Parada vocês fazem sexo explícito na Consolação”. (Renan, 55 anos, março de 2013)

Em associação com uma questão de ordem geracional, tida como condição *sine qua non* para explicar seu desconforto com relação às atitudes dos mais jovens, Renan fala de um problema vinculado à classe que chama de ‘questão intelectual’, supostamente resultado do baixo nível socioeconômico de algumas camadas da população. Para ele, faltaria às pessoas com essa origem um capital cultural que propiciasse posicionamentos menos radicais, além de uma visão menos ‘mediocre’ da vida que as fizesse enxergar além do hedonismo que Eduardo também critica. No trecho abaixo, Renan enfatiza seu descontentamento com o meio gay e destaca lugares que prefere evitar – rol no qual inclui até mesmo o *Bailão* –, além de lamentar sua dificuldade em encontrar alguém que o deseje ao mesmo tempo em que atenda minimamente a seus critérios de seleção afetiva. Assim como Eduardo – e de maneira bem distinta ao que faz Wilson quando exalta o caráter libertário da cena urbana paulistana –, traz à tona a questão das drogas:

R: [...] É claro que a falta de literatura, a falta de livro, a falta de instrução é grave na sociedade como um todo, mas ela fica mais gritante e mais, como é que eu diria? Resvalando pra patologia na comunidade homossexual, porque é a maneira libertária e revolucionária que elas escolhem ter. Exatamente pela falta de instrução, porque se elas tivessem instrução, elas não iam fazer aquelas atrocidades que elas fazem na rua. Elas iam dizer: “Ah, mas

eu não vou ganhar nada com isso”. Quem é que ganhou alguma coisa com isso, que esse pessoal faz nas ruas? Ninguém. Será que isso vai me fazer crescer? Entendeu? Então acho que, assim, eu me sinto completamente descontextualizado dentro desse meio, que é onde eu volto àquela frase que eu tinha te falado no início da conversa: eu não sou uma pessoa que nasceu pra viver em sociedade por causa disso, porque eu sou tão estranho, eu sou tão diferente dessas pessoas [...] Aí assim, você fica... eu sou um estranho no ninho, né? Uma mosca branca, uma ave em extinção, uma arara azul. Mas eu não estou assim, desconfortável nessa posição, não. Eu estou muito bem. Só que quando você fala: “Ah, cadê o parceirão?”, não tem parceirão nenhum. Não tem parceirão nenhum. Já tive. Hoje, não tenho, não. Porque os parceirões que aparecem querem minha carteira aqui, que é uma coisa que na realidade eu não tenho. E um velho, que seria o ideal pra eu me apaixonar, os velhos não querem os velhos. Também tem essa outra questão: velho não transa com velho. Então, o que é que me resta? Só me restam os jovens descerebrados. Porque pra você encontrar um jovem com a informação que você tem, que o Michel¹⁴³ tem, você há de convir que não é simples, não é fácil. Ninguém da idade de vocês, 25, 30, 35 anos, tem esse grau de informação e de cultura. Só se você for ficar dando plantão lá dentro da USP: “Oh, por favor, apareça alguém aqui!”, né?

G: É, lá talvez (risos)...

R: Que eu possa falar e que entenda o meu discurso, que responda, que compartilhe, que goste de alguma coisa que eu gosto... porque ali na Vieira de Carvalho não tem. No *Bailão*, tampouco. Na *The Week*, meu Deus, menos ainda, né? A *The Week* é abaixo da crítica, porque elas só estão preocupadas com o bíceps, tríceps, quadríceps e as drogas, que elas vivem drogadas. Porque a droga é até um método de anestesiá-la loucura, porque, tipo assim: “Olha, eu me drogo, aí eu não percebo que a minha vida é uma merda, porque se eu perceber que a minha vida é essa merda que é, eu me mato!”.

Caminhando em uma direção próxima a Renan, Felipe chama a atenção para o que seria uma impositividade característica de uma parcela dos homossexuais, mais preocupada em escandalizar quem não compartilha de seus ideais do que promover uma discussão efetiva sobre as mudanças que deseja – em suas palavras, usando o ‘choque’ em lugar da ‘argumentação lógica’. Ainda que sua crítica não se limite ao movimento LGBT, são às ações da ‘militância’ que Felipe dirige sua maior insatisfação: delineando uma oposição entre o que seriam atitudes ‘gratuitas’ e um ‘estranhamento’ que propiciasse o debate, evoca referências vanguardistas nas quais acredita que as

¹⁴³ Michel (pseudônimo) é um amigo com quem encontrei ao final da primeira marcha contra Marco Feliciano, ocasião em que fui apresentado a Renan através de Samuel.

lideranças LGBT deveriam se inspirar. Como na fala de Eduardo, os movimentos de contracultura são retratados de maneira muito distinta da liberalização que se observaria hoje – o que lembra, por sua vez, a contraposição que Samuel faz entre seu anseio pela ‘verdadeira transformação’ e os ‘excessos’ dos quais se diz testemunha:

[...] Tem uma coisa muito ruim, mas muito ruim, do meio gay, que é esse desprezo com aquele que não o aceita. Que eu não acho que é o caminho pro entendimento. Eu acho que a expressão que cristaliza isso, no meu entendimento – posso estar errado –, é aquela coisa bem chula que os gays inventaram: “Meu cu”. “Não tô nem aí”. Mas não é “Tô nem aí”. [É] “meu cu”. Você quer uma coisa mais...? “Olha, você que é diferente de mim, que não me aceita, vai se foder”. Né? Só que por outro lado, quem tá na militância, acha que você tem que aceitar todas essas manifestações. E eu não aceito. Eu, Felipe, não aceito. [...] Não é você entrando em choque que você vai conquistar respeito. Ao invés de você chegar e usar uma argumentação lógica, você usa o choque. E o choque... óbvio, que choca. A gente aprende isso na semiótica, né, assim... todo signo que é deslocado do seu contexto habitual, causa estranhamento, tem um estranhamento. Agora, existem alguns estranhamentos que são ótimos pra suscitar a discussão, a reflexão. O que seria da arte moderna se não tivesse acontecido a semana de 22? O que seria do... enfim, de como os artistas pensam a arte hoje se não fosse o Duschamps, se não fosse o Picasso, o Kandinsky? Quer dizer, isso foi um choque, né? A poesia concreta... isso foi um choque. Os movimentos de contracultura... mas isso tem um pensamento maior que é fazer a sociedade refletir sobre uma série de valores e comportamentos. Agora, quando isso, no meu entendimento, parece gratuito, “Olha, não aceito, e ponto. Eu sou assim, não vou mudar”... quer dizer, mudar a gente não muda ninguém, mas “Não vou me adaptar. E o que que eu faço? Ofereço pra você o meu cu, ofereço pra você um buraco da onde sai merda. É isso que eu ofereço pra você”. Quer dizer, é a minha interpretação: “Eu não vou me adaptar ao seu ambiente, você [que] se adapte ao meu”. (Felipe, 39 anos, abril de 2012)

Em um segundo trecho que copio, extraído da entrevista de retorno, Felipe elucubra a respeito da experiência de convívio com pessoas mais novas na segunda faculdade que cursou, além de falar sobre o que percebe em suas incursões a ambientes gays. Embora aponte, como Eduardo, transformações sociais que afetariam negativamente o comportamento de todos – inclusive heterossexuais que se excederiam em suas demonstrações públicas de afeto –, ele destaca, de modo similar a Renan, certas particularidades desse meio. Semelhantemente a esse último quando critica, de maneira irônica, a feminilização dos que se vestem como ‘gazelas’ ou ‘libélulas’, Felipe reprova

as atitudes “extremadas” que observa, ressaltando o ‘despropósito’ dos trejeitos entre os mais jovens:

[...] Quando eu fui fazer esse outro curso, peguei muita gente com 18, 19 etc. E assim, olha... um ou outro gay, porque era uma faculdade de administração, o povo é... e você percebia no trejeito de longe. De longe! E a minha experiência, das poucas saídas que eu tenho feito, se eu vejo essa molecada e tal, é tudo muito escancarado. “Então, se é pra ter trejeito, vamos dobrar a mão, o punho, até o pé. Assim, até o pé. Se não conseguir até o pé, pede pro amigo que o amigo ajuda”. O que pra mim parece um despropósito, assim, você não tá se autoafirmando. Eu acho, na minha opinião, não sei... pra que que você tá fazendo isso? Da mesma forma que eu fico desconfortável... essa semana, ou semana passada mesmo, no ônibus, tinha um casal hetero se beijando intensamente no ônibus. Assim, só faltava se comer lá dentro. Pra mim, isso é um desconforto. É um desconforto por causa da maneira como eu fui educado, não tô dizendo que eles tão certos ou tão errados. Simplesmente a gente não tá acostumado a ver demonstrações de afeto em público. Principalmente as mais *calientes*. Mas a mim incomodou. Eu fico longe, não quero ver aquilo. Me incomoda. Enfim, acho que é isso. Essa demonstração do privado, muito intensa, me incomoda. (idem, novembro de 2012)

Em contraste com a visão mais “pessimista” de alguns, certos interlocutores se posicionam favoravelmente às expressões de visibilidade por parte dos mais jovens, mostrando-se pouco saudosos com relação à maneira como a homossexualidade era vivida décadas atrás. Entre as ideias que aparecem nesses discursos, a maior possibilidade de inserção desses jovens em círculos não-homossexuais é recorrente, com destaque para a importância cada vez menor que se daria a determinadas verbalizações e atitudes tidas em seu passado como “infratoras” – em certos grupos, homossexuais que antes seriam vistos como “desviantes puros” (BECKER, 2009, p. 31) adquiririam um *status* de normalidade com a convivência de seus pares heterossexuais. Comparando o panorama atual com seu tempo de juventude, Ronaldo fala do que percebe em turmas de graduação para as quais dá aula, onde a orientação sexual dos alunos não costuma ser alvo de grande problematização. Como consequência, a liberdade para circular entre diferentes contextos de sociabilidade parece ser uma realidade muito mais presente:

Olha, até hoje eu me emociono quando eu vejo um jovem gay com turma. Na minha época, o jovem gay era aquele que ficava sozinho.

Ou era aquele que era execrado pelos outros, e até por isso ficava sozinho. E aí eu vejo na faculdade, assim, [um] jovem visivelmente gay, e faz trabalho de grupo, e conversa com as pessoas – inclusive de namorado –, com uma turma de gente hetero, todo mundo convivendo; eu fico emocionado. Até hoje, eu vejo, eu fico: “Nossa, que diferente, isso jamais poderia acontecer na minha época”. Pra você ser da turma, você era outra pessoa, não levava sua homossexualidade pra essa turma, porque isso era uma coisa totalmente proibida, não podia de jeito nenhum ser mostrada, porque era discriminado, você seria rejeitado. Hoje não, você vai e pode ser gay, você pode ser gay em qualquer lugar. Eu tive alunos gays que eram gays como aluno[s] e eram gays no trabalho. No trabalho, as pessoas sabem, eu sou amigo deles no Facebook e as pessoas conversam sobre namorado, e tal, é totalmente público. É muito legal isso: heteros convivendo, heteros que vão com a noiva, com a namorada, na balada gay, e convivendo. Dois homens se beijando lá, se pegando, e isso não é uma coisa que agrida, que ofenda. Isso é a mudança que realmente a gente percebe. (Ronaldo, 47 anos, maio de 2011)

Tomando como exemplo um ex-colega de trabalho, Alfredo também discorre sobre a maior integração dos jovens gays, destacando a família como um dos nichos mais impactados pelas transformações das últimas décadas. Ainda que demonstre, como Eduardo e Felipe, um sentimento de impacto no que concerne a uma liberalização mais ampla dos costumes, sua percepção sobre essas mudanças é invariavelmente positiva – tal qual o *incorporado* de Meccia, não vê com qualquer saudosismo o tempo “pré-histórico, inumano e terrível”¹⁴⁴ (MECCIA, 2011, p. 59) da invisibilidade. Como Ronaldo, Alfredo menciona a publicização da intimidade proporcionada pelo Facebook, fenômeno que facilitaria – ou revelaria – uma interação despreocupada com familiares próximos:

Ele tá no Facebook, sempre fazendo uns comentários, tem o blog dele e, às vezes, faz piadinhas, assim, de caráter sexual, e... pode falar de bunda, pode falar de “minha” bunda, pode falar de porra. Enfim, coisas em que ele também se inclui de alguma maneira, né? Ele é muito bem humorado, acho ele muito divertido, conta histórias deliciosas, mas no Facebook às vezes ele tem coisas gostosas também. Um belo dia eu descubro que... “Ah, você é o melhor irmão do mundo”, é a irmã dele falando. Quer dizer, então ele não tá se escondendo [...] Mas eu achei legal que não é só a irmã, eu acho que tem, não consigo lembrar se é uma tia ou se é a própria mãe que

¹⁴⁴ “Prehistórico, inhumano y terrible” (tradução livre).

também tá no Facebook dele, e ele falando essas coisas, né? Então me chamou a atenção, interessante isso. Porque não é nenhuma depravação, nada disso, ele tá brincando com coisas que você poderia fazer. Mas lógico que fica muito evidente a preferência sexual e também a preferência na cama. É uma brincadeira, mas enfim... então, me chama a atenção isso. (Alfredo, 57 anos, novembro de 2011)

Igualmente focado na família, Wilson fala do número cada vez maior de adolescentes que poderiam se assumir para os parentes sem precisar abandonar seus lares, tendência que se contrapõe ao que Weston (1991), mencionada no primeiro capítulo, identificava nos Estados Unidos dos anos 80, contexto no qual era recorrente que jovens homossexuais saíssem da casa dos pais e elaborassem novos arranjos familiares entre si. Certamente, há diferenças importantes entre o cenário brasileiro e o norte-americano, mas a concordância sobre o fato de que jovens assumidamente gays podem, em geral, conviver de maneira muito mais harmoniosa com a família de origem parece ser unânime. Ao indagá-lo sobre quais considerava serem as conquistas mais importantes no que concerne à visibilidade homossexual, Wilson imediatamente ressaltou a redução dos conflitos familiares, comparando a situação de pessoas da sua faixa etária com aquela vivida por pessoas mais jovens:

W: [...] Hoje um garoto ou uma garota que tenha entre 14 e 17 anos – 13, 14, 17 anos – e que vai se descobrindo gay, esse adolescente, esse menino, essa menina, ele tem mais condições de se mostrar, de ser mais visível dentro da casa dele, e de ser mais... ser um pouco mais aceito do jeito que ele é.

G: Já dentro de casa, né?

W: Já dentro de casa. Isso pra mim é o mais importante.

G: É o que algumas pessoas [com] que[m] eu conversei me falaram, assim... pessoas que viveram os anos 70, os anos 80, comentam coisas do tipo: “Ah, eu acho que uma grande diferença é você ver gay com família”, porque era muito mais comum que as pessoas se separassem da família e que mantivessem uma relação distante. Hoje isso não é tão mais a regra, né?

W: Isso, e é a família mesmo, quer dizer, não é só mãe. Porque também tem uma coisa assim (risos)... às vezes, é até engraçado como gays da minha geração, até mais velhos, moram com a mãe e tudo, sempre tiveram uma ligação muito forte com a mãe, mas é a mãe que já não tem marido, que já tá sozinha, que já tem filho grande e tal. Agora, você ter um esquema familiar, às vezes mais próximo, ou até

as novas composições... mas eu penso num esquema mais tranquilo, você tem um menino gay, quer dizer, com um irmão não-gay e com um pai, com uma mãe, morando juntos, né? E aí eu acho, eu acho que hoje em dia... posso estar errado, mas é uma sensação que eu tenho, eu acho que esse menino, essa menina, eles vão viver com menos conflito por exclusão do que no meu tempo. (Wilson, 56 anos, outubro de 2011)

Com relação às manifestações públicas de afeto, encaradas com alguma reserva pelos interlocutores mais críticos, é possível observar, no segundo grupo, uma visão mais complacente ou até mesmo exultante. Embora nem todos digam se sentem à vontade para andar de mãos dadas ou beijar seus namorados na rua, comumente se referem ao que percebem pelas ruas de São Paulo como uma conquista a ser celebrada. É o caso, por exemplo, de Antonio, que, como muitos outros entrevistados, aponta a Avenida Paulista como espaço icônico dessa abertura. Em sua fala, ele faz duas comparações: na primeira, de cunho temporal, retoma a adolescência e o início da idade adulta; na segunda, há um confronto espacial que reforça a ideia da permanência de “regiões morais” a despeito de um aumento generalizado da visibilidade homossexual, contrapondo os lugares mais centrais da capital com o ABC Paulista, região onde trabalha. Mais uma vez, as transformações sociais de caráter mais geral – incluindo o advento da internet – são percebidas como as principais responsáveis por essa maior liberdade:

A: Essa coisa que tem hoje na Avenida Paulista, que se vê em qualquer dia da semana, mas especialmente em fins de semana, de rapazes de mãos dadas, de moças de mãos dadas, isso é de 95, de 96, pra cá. Era impensável nos anos 70, 80, mas hoje é normal. Ainda hoje provoca uma certa surpresa, mas é comum isso, é livre, sem maiores traumas. Ou seja, há um alargamento constante do espaço; agora já tem até o Supremo dizendo que a união civil é possível, não é inconstitucional, [há] um ambiente cada vez mais amplo, o espaço é cada vez mais aberto. A internet ajuda muito, o fluxo de informações é cada vez mais intenso. Acho que faz parte da liberação da cultura e dos costumes de forma geral.

G: Em termos da sua vivência pessoal, do que você experimentou... você me falou, por exemplo, que naquela época, anos 80, final dos anos 70, início dos anos 80, essa coisa, por exemplo, de namorar na Praça da República era uma coisa que se restringia basicamente a uma conversa, não havia nenhuma possibilidade de nada mais explícito, né? E você viveu isso. Na sua experiência pessoal, o que você acha que mudou?

A: Bom, hoje é mais livre, hoje tem beijo. Pelo menos aqui na Avenida Paulista tem beijos, assim, ainda não tão... mas é a coisa mais comum, eu caminho todos os dias aqui pela Paulista, faço uma caminhada diária quando chego do trabalho. Mas especialmente no fim de semana, é a coisa mais comum de ver, rapazes abraçados, ou até beijando, encostados em postes, pontos de ônibus etc., ninguém presta muita atenção nisso. Ainda não é aquela coisa daquele beijo de novela, de cinema, mas já é... é a coisa mais normal; a coisa mais comum é dois rapazes namorarem na rua, começarem a conversar, paquerarem, é normal.

G: Aqui no caso de São Paulo, você acha que é mais restrito a determinados locais, por exemplo, a Avenida Paulista? Ou tá uma coisa já mais disseminada?

A: Eu vou pouco a outros lugares da cidade. Por exemplo, onde eu trabalho, isso não é possível ainda. No ABC, na região do ABC, não é possível. Eles vêm pra cá, porque aqui... não sei se porque aqui é o centro, ou se porque aqui tem a Parada Gay, ou se porque aqui já está caracterizado como um espaço da liberdade total – mas nem tanto, tanto que no sábado tentou-se uma Marcha da Maconha¹⁴⁵ e a polícia reprimiu violentamente –, mas assim, pelo menos pra isso, pra gay é bem normal, comum. Lá no ABC, onde eu trabalho, por exemplo, apesar de ser extremamente urbanizado, uma região de classe média bem classe média mesmo, lá não é possível imaginar uma cena dessa, dois rapazes de mão dada. Lá ainda não, e se quiserem, têm que vir pra cá.

G: E por que você acha que talvez tenha essa diferença?

A: Porque eu acho que a liberação começa do centro mesmo, para a periferia, do centro para fora, para as bordas, com certeza. Não consigo ainda imaginar dois rapazes de mãos dadas na Avenida Goiás, que é a principal avenida de São Caetano do Sul, que é o município mais rico da Grande São Paulo – mais rico do Brasil, que todo mundo é de classe média, mas não dá ainda pra ter dois garotos de mãos dadas, não dá. Eles com certeza seriam reprimidos de alguma forma, então eles vêm pra região central da cidade. (Antonio, 50 anos, maio de 2011)

Diferente de Antonio – que, apesar de enxergar positivamente a liberdade desfrutada pelos jovens, afirma se sentir ‘antiquado’ com relação ao nível de exposição a que estaria disposto a se submeter –, Alcides diz não ter problemas em trocar carícias

¹⁴⁵ Proibida na véspera por uma liminar judicial, a marcha a que Antonio se refere ocorreu no dia 21 de maio de 2011 e foi violentamente reprimida pela polícia, ação da qual fui testemunha. Uma notícia da época pode ser lida em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/919065-pm-usa-bombas-de-gas-para-dispersar-manifestacao-na-paulista.shtml> (Acesso em 06 de março de 2014).

com o namorado em ambientes públicos, mas enaltece, como ele, o que observa entre os mais jovens no seu dia-a-dia. Um ponto interessante diz respeito ao modo como interpreta a liberdade da qual esses últimos usufruem: ao mesmo tempo em que discorda daqueles que reprovam um suposto “exagero” nas demonstrações erótico-afetivas juvenis, seu discurso encontra algum respaldo no pensamento de Samuel. De maneira quase idêntica a esse último, Alcides fala do “colher dos frutos” e se diz triste quando o trabalho de gerações predecessoras não é devidamente reconhecido, ainda que aqui não estejam em jogo suas atitudes “excessivas”, mas certa imagem de um protagonismo juvenil que desprezaria o esforço dos que vieram antes. Mencionados por Samuel, os adolescentes do Arouche entram novamente em cena:

A: [...] Eu acho que a gente tá nesse momento, já passou aquele momento pior, da briga sobre o tema. Hoje as pessoas falam com mais tranquilidade. Hoje, eu já vi aquele... aquelas personagens do *Zorra Total*¹⁴⁶ na TV. Não dei muita atenção, achei que aquilo tinha uma cara de mais um[a] entre as muitas coisas que têm na mídia, mas eu vejo velhinhas e velhinhos contando que assistem, gargalham, e adoram. Puxa, se eles tão me contando isso pra dizer “Eu aceito a sua sexualidade”, ok, recebi o recado, concordo, rio, aproveito disso... e não digo pra eles: “Ah, aquilo é caricato, não, vocês estão errados”, não, eles tão bem, eles tão acomodados com aquela situação. Então, esses jovens que tão no Arouche, eles tão colhendo os frutos da luta de um monte de gente que veio há muito tempo. Eu me lembro que saiu uma revista há cerca de um ano, dois anos atrás, que dizia que os jovens conquistaram o espaço. Eu me senti um pouco agredido com aquilo no momento.

G: Eu acho que foi na *Veja*, né?

A: Pode ser. Pode ser. Na minha cabeça veio a *Época*, porque a *Época* já fez várias reportagens, mas eu acho que pode ser a *Veja*, sim.

G: Se eu não me engano, acho que foi 2010 isso...

A: Ah, então. Dois anos, vai pro... dois anos, e foi a *Veja*¹⁴⁷. Tinha lá os jovens, eu li a matéria, achei engraçado alguém escrever que os

¹⁴⁶ Imagino que Alcides se refira a Valéria e Janete, dupla cômica que fazia muito sucesso no período da entrevista. A primeira, interpretada pelo ator Rodrigo Sant’Anna, é uma travesti que tira sarro da inteligência limitada da amiga. Um dos esquetes pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=HOkpnk9iKzk> (Acesso em 30 de setembro de 2014).

¹⁴⁷ A matéria completa encontra-se disponível em <http://veja.abril.com.br/120510/geracao-tolerancia-p-106.shtml> (Acesso em 07 de março de 2014).

jovens tinham conquistado. Claro, eles deram sua parcela de responsabilidade, eles botaram sua cara, eles beijaram em público. Eles têm, sim, uma parcela de responsa [sic], de conquista nisso. Mas por trás deles tem gente lá em 1910 que tava fazendo alguma coisa em prol de uma vida mais cidadã, né? Em particular na questão gay. Então acho que é um acúmulo histórico de conquistas que agora tá se tendo direito de usufruir mais. (Alcides, 43 anos, janeiro de 2012)

Antes de prosseguir, algumas considerações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, é importante reforçar que as disparidades encontradas entre os interlocutores não representam, necessariamente, uma oposição inflexível entre a exaltação e a condenação de uma visibilidade homossexual – manifesta, dentre outras formas, na maior liberdade que os mais jovens têm para expressar abertamente sua sexualidade. Embora alguns sejam mais incisivos do que outros no que diz respeito aos seus posicionamentos e as entrevistas captem essas tendências, há nuances que não devem passar despercebidas: ao mesmo tempo em que reprovam comportamentos tidos como “exagerados”, interlocutores mais críticos não deixam de reconhecer conquistas positivas, como Samuel quando diz achar ‘maravilhoso’ o fato de os mais jovens ‘poderem fazer tudo’. Do outro lado, há o lamento de Alcides ao perceber que o trabalho de luta dos mais velhos nem sempre é devidamente valorizado.

Como afirma Meccia (2011) ao justificar a elaboração de seus tipos ideais, as “reconfigurações subjetivas” que surgem como reação a esse processo de visibilidade não devem ser entendidas como estados fixos e imóveis, mas como percepções transitórias que podem levar de uma reconfiguração a outra, ainda que as biografias que analisa tendam a se ancorar em apenas uma das reconfigurações. Guardadas as devidas diferenças, creio que um processo similar pode ser observado nos discursos de meus interlocutores: por mais resistente que seja em caracterizá-los a partir de tipos sociológicos que encerrem visões de mundo totalizantes, não há como deixar de constatar que muitos deles se mostram propensos a adotar posições mais ou menos demarcadas.

Se existe um aspecto que atravessa todas as entrevistas, este diz respeito, como coloca Antonio, a ‘um alargamento constante do espaço’: acompanhando as mudanças dos costumes, homossexuais poderiam ocupar cada vez mais a cidade, tanto em ambientes destinados exclusiva ou predominantemente a eles quanto em lugares –

públicos ou privados – que fazem parte das “regiões morais” progressivamente ampliadas ao longo dos anos. Como demonstram algumas falas, um dos grandes ícones dessa ampliação é a Avenida Paulista que, principalmente durante a realização da Parada do Orgulho LGBT, torna-se um espaço singular de visibilização de demandas e manifestações públicas de afeto – algumas delas depreciadas por interlocutores como Renan. No próximo tópico, me deterei sobre esse marco, que parece acirrar e dividir ainda mais as opiniões.

Um ponto sensível: a Parada do Orgulho LGBT

Era um domingo chuvoso de junho e dias antes eu convidara Alcides para irmos juntos à 17ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, que naquele ano contaria com a presença do recém-empossado prefeito Fernando Haddad e da cantora Daniela Mercury¹⁴⁸. Pela manhã, nos falamos por telefone e Alcides se queixou do mau tempo, mas disse a ele que se a chuva engrossasse, poderíamos permanecer no *Urbe*, onde havíamos combinado de nos encontrar para um “esquenta” no início da tarde. A despeito de uma leve hesitação, Alcides concordou com minha proposta e mantivemos nossa programação original. Meu namorado, que já havia saído conosco em ocasiões anteriores, nos acompanharia.

Como de costume, o trajeto de metrô até a Paulista foi uma diversão à parte: pessoas travestidas, jovens que supus serem da periferia cantando alto com os amigos e alguns (poucos) desavisados espantados com o que viam. Na estação República, tradicional ponto de concentração de gays e lésbicas mesmo fora da época da Parada, um grupo de homens vestindo roupas militares me chamou a atenção: seriam eles integrantes do “Exército contra Feliciano”, bloco sobre o qual lera a respeito na semana anterior?

¹⁴⁸ Dois meses antes, a artista assumira um relacionamento com a jornalista Malu Verçosa e se manifestava frequentemente contra a presença do deputado Marco Feliciano na presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, algo que reiterou na ocasião do evento. Informações sobre sua participação podem ser encontradas em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1288670-trio-eletrico-de-daniela-mercury-e-o-mais-animado-da-parada-gay.shtml> (Acesso em 15 de fevereiro de 2014).

Chegando ao *Urbe*, Alcides ainda não se encontrava no local e pedimos algo para comer. Comumente frequentado por um público homossexual de classe média, o café se encontrava vazio, o que talvez se explicasse pela chuva ou pelo fato de ainda ser um pouco cedo. Não pude, no entanto, deixar de me lembrar das recorrentes críticas de conhecidos a uma suposta “popularização” da Parada e especulei que grande parte das pessoas que normalmente estariam ali em um domingo não tinha mais o menor interesse em comparecer ao evento, procurando se manter, naquele dia, o mais longe possível de seus arredores.

Passada cerca de uma hora após nossa chegada, Alcides apareceu no café e ficamos algum tempo conversando trivialidades. Por volta das 3 da tarde, a chuva finalmente deu uma trégua e decidimos nos arriscar em uma caminhada até a Avenida Paulista. Ainda que não fosse um frequentador assíduo (possuindo, talvez, poucas ferramentas para uma avaliação justa), a Parada não me parecia muito diferente das outras duas em que já havia estado, com seus trios elétricos, fantasias exuberantes e ambulantes aproveitando a oportunidade para vender alimentos e bebidas aos transeuntes. Infelizmente, Daniela Mercury já havia se apresentado e só mais tarde viria a saber sobre o discurso que fez.

Andamos algumas quadras no sentido oposto ao percurso dos trios e chegamos até a altura do MASP, próximo de onde o camarote da prefeitura se encontrava instalado. Vestido como “ditador gayzista”¹⁴⁹, avistei ao longe o vlogueiro carioca Rafucko¹⁵⁰ e logo depois encontrei duas amigas que já imaginava estarem por lá. Sendo uma pessoa extremamente sociável, Alcides também encontrou conhecidos, aos quais

¹⁴⁹ A expressão “ditadura gay” ou “ditadura gayzista” vem sendo utilizada nos últimos anos como uma contrarreação às conquistas do movimento LGBT no Brasil e aparece frequentemente acompanhada da expressão “feminazi”, numa referência clara ao nazismo alemão do século XX. Para ironizar esse tipo de analogia, muitos militantes LGBT e feministas têm se apropriado dos termos e se autointitulado “gayzistas” e/ou “feminazis”. Um artigo que trata do assunto pode ser encontrado no blog da Liga Humanista Secular do Brasil (<http://www.bulevoador.com.br/2014/04/o-uso-das-expressoes-feminazi-e-gayzistagayzismo-concorda-infinitamente-mais-com-o-nazismo-que-os-alvos-delas/>, acesso em 02 de outubro de 2014).

¹⁵⁰ Muito famoso por seus esquetes provocativos, Rafucko se tornou, nos últimos anos, um militante independente em prol de várias causas, inclusive a LGBT. Em seu site oficial, é possível encontrar fotos de sua participação em manifestações, além de vídeos e textos de sua autoria (<http://rafucko.com/>, acesso em 10 de abril de 2014).

fui devidamente apresentado. Entre um e outro esbarrão, íamos registrando e compartilhando nossas impressões acerca do que observávamos naquela tarde.

Apesar de já ter tido, a essa altura, a oportunidade de entrevistar Alcides duas vezes, ter sua companhia nesse dia permitiu que nos alongássemos sobre um tema que dividiu opiniões ao longo da pesquisa de campo: o significado social da Parada. Enquanto alguns reforçavam, como Alcides, o papel central do evento na legitimação de uma visibilidade homossexual positiva (além de funcionar, segundo ele, como uma válvula de escape para as vítimas de preconceito cotidiano, que pelo menos uma vez por ano poderiam experimentar uma sensação de liberdade plena), um número significativo de interlocutores lamentava seu caráter excessivamente festivo, que teria desvirtuado o foco político original. Escrevendo em meados da década passada, França já chamava a atenção para os constantes embates envolvendo os limites entre “festa” e “política” nas Paradas, inclusive dentro do próprio movimento. De um lado, estavam os que as associavam a um “carnaval fora de época”, certos de que a maior parte das pessoas que as frequentava não estava consciente de seu viés político – e que o evento, portanto, não teria efeitos de longo prazo. De outro, militantes exaltados que defendiam a todo custo sua importância para mostrar à sociedade a existência de uma minoria discriminada, ainda que fugisse dos moldes convencionais de manifestação (FRANÇA, 2006).

Samuel e Renan, de quem me encontrava relativamente próximo na época da 17ª Parada, pertenciam ao grupo dos críticos. Mesmo sabendo que provavelmente recusariam – tendo em vista meus conhecimentos prévios acerca de suas opiniões –, os convidei, como Alcides, a me acompanharem naquele domingo, o que só fez reforçar minhas suspeitas: em mensagens trocadas via Facebook, Samuel se mostrou pouco propenso a comparecer apesar da minha insistência, dizendo não se sentir ‘dentro do contexto’ do evento em seu formato atual. Renan, que já havia se mostrado na entrevista profundamente deslocado do público frequentador ao caracterizá-lo como ‘descerebrados que não têm nem o ensino fundamental completo’, foi ainda mais enfático e afirmou: ‘Não, não devo ir à Parada. Este tipo de manifestação não tem mais sentido para mim. Quando der, a gente combina um outro encontro’.

De maneira similar a esses dois, outros interlocutores são bastante contundentes em demonstrar sua insatisfação com o modelo atual da Parada, ressaltando, como os primeiros, uma espécie de “mito de origem” que evoca um passado em que, além de

mais politizado, o evento era menor e ainda passível de ser frequentado. Embora referências explícitas ao fator classe – como Renan faz frequentemente – sejam raras, seu crescimento é associado muitas vezes a um desregramento moral que envolve, como no caso de algumas críticas aos espaços gays de hoje, o uso de drogas e promiscuidade, principalmente entre os mais jovens. Felipe, que esteve presente em uma das primeiras edições, comenta a esse respeito:

Eu já participei da Parada. Fui na segunda Parada, que era muito pequena ainda. Há muito tempo. Depois, fiquei anos sem ir. Aí teve um ano [em] que eu fui, já tinha tomado uma dimensão muito grande [...] Depois, no ano seguinte, ou dois anos depois, eu fui, fiquei uma meia hora e saí fora. Do pouco que eu acompanhei, pra mim virou um oba-oba. Todo mundo pegando todo mundo, um virando, beijando, não sabe nem quem tá beijando. Da última vez mesmo que eu fui, que deve fazer uns quatro ou cinco anos... olha, eu nunca vi tanta gente bêbada caída (risos) no chão, assim, de uma vez só. Eu não sei, realmente não sei como que as pessoas poderiam se manifestar de uma forma diferente, não sei. Eu só acho que dessa maneira, do jeito como está, degradingolou. (Felipe, 39 anos, novembro de 2012)

Em uma conversa anterior, que acontecera sete meses antes, Felipe já havia feito críticas ao evento, mas naquela ocasião apontava alternativas aos grandes atos públicos, sugerindo mais investimentos na área da educação. Para ele, o combate ao preconceito por orientação sexual deveria começar nas escolas, embora não bastasse, para isso, a implantação de cartilhas como o kit anti-homofobia¹⁵¹, mas uma formação extensiva dos professores aliada a bons salários. É interessante notar, em sua fala, uma condenação embutida ao movimento LGBT como um todo, cujas ações teriam tomado, em suas palavras, um rumo ‘absolutamente equivocado’. Em outras entrevistas, há formulações parecidas, que evocam um suposto apartamento dos brasileiros em relação ao que vem sendo empreendido e criticam a política do ‘circo’. Vejamos, por exemplo, as duas falas a seguir:

¹⁵¹ Vetado em 2011 pelo Governo Federal, o kit anti-homofobia (ou “kit gay”, como ficou popularmente conhecido), continha material educativo a ser distribuído em seis mil escolas do ensino médio e foi motivo de grande histeria por parte de setores políticos conservadores, que o acusavam de fazer apologia à homossexualidade. Uma notícia de 2013 anunciava que o kit ainda era analisado pelo Ministério da Educação: <http://noticias.terra.com.br/educacao/dois-anos-apos-veto-mec-diz-que-ainda-analisa-kit-anti-homofobia.62a3a67b302be310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html> (Acesso em 18 de fevereiro de 2014).

Essa pseudoliberalidade, esse tema [a homofobia] foi colocado um pouco embaixo do tapete, pelo menos é assim que eu vejo. Um exemplo que eu vou dar: na década de 90, por exemplo, tinha abaixo-assinado de Marta Suplicy¹⁵². Você pode ver, isso desde a década de 90 [...] [Hoje] tanta coisa entra na frente, isso fica de lado. “Então, vamos! Eles gostam de diversão? Vamos dar diversão! A gente dá circo e o pão a gente deixa de lado. Não precisa do pão. Tendo circo tá bom, porque gay não é festivo, gay não é não sei o quê?”. Então, a gente vai colocando as coisas embaixo do tapete. Houve um amortecimento na questão política, na questão de políticas pensando nos homossexuais. (Roberto, 47 anos, novembro de 2012)

Tem uma camada homossexual, que ela fica afastada desse meio, desse estardalhaço, porque acha tudo muito agressivo. E a história da Parada tem aquela dualidade: “Bom, vamos mostrar, vamos mostrar!”, “Mas vamos mostrar assim?” “Bom, antes assim do que nada, né?”; virou um grande evento [...] É algo que lota todos os hotéis da região, virou um grande negócio, onde muita gente abre empresas para cruzeiros frenéticos de homens, com aquele fundinho de sexo total, desenfreado, aqueles cruzeiros com gente maravilhosa e linda, ou selecionada, né? [...] Muito engraçado, que uma forma de você matar uma ação política é a gente banalizar e trazer o circo, né? [...] Há uma visibilidade, existe, eu vou falar: “Vamos tirar”? Não, não tira não... é bacana, circula, é divertido, é legal, tem um conceito, mobiliza, torna conhecido uma face do desconhecido, mobiliza muita gente, muita gente vem de outros lugares. É uma ação, mas é muito pouco, né? Muito pouco, muito bem pontual e eu não posso falar que é a face... que o mais importante está lá na Parada, registrado. Eu acho que o mais importante do mundo gay não está registrado na Parada como um destaque. Pode estar lá meio diluído, mas não está como carro chefe. (Eduardo, 41 anos, fevereiro de 2013)

Ainda que Eduardo seja um pouco menos incisivo do que Roberto e não reprove por completo a manutenção do evento, ambos se aproximam do discurso do *desafiliado* – para voltar rapidamente às “reconfigurações subjetivas” de Meccia (2011) – ao lançarem um olhar suspeito sobre o que segundo chama de ‘pseudoliberalidade’, pondo em xeque a concretude de determinados avanços políticos. Enquanto Roberto se mostra

¹⁵² Roberto se refere, provavelmente, à petição para a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo a partir de um projeto de lei (PL 1151/1995) formulado pela então deputada Marta Suplicy. Após longa tramitação, teve um substitutivo (PL 5252/2001) apresentado por Roberto Jefferson, sendo arquivado em 2008. Seu histórico pode ser encontrado em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=16329> e <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=32823> (Acesso em 19 de novembro de 2014).

nostálgico com relação a ações promovidas no passado, na fala de Eduardo é possível perceber um desagrado com o que chama de ‘estardalhaço’, ‘um grande negócio’ que atrelaria a visibilidade a um interesse primordialmente comercial. Além disso, menciona a ausência, na Parada, do que considera ‘o mais importante do mundo gay’ – embora não o tenha perguntado diretamente, me pareceu evidente, pelo que aponta mais à frente, que o interlocutor se referia a ações de cunho mais dialógico, como apoio a quem está “saindo do armário” e a distribuição de folhetos que explorassem ‘a questão do afeto, do respeito, da relação, da comunhão’, o que me remeteu imediatamente a uma fala de Felipe: ao afirmar que a Parada só aprofundava estereótipos negativos, apontava para a necessidade de se promover um espaço de convivência onde fosse possível refletir de maneira mais cuidadosa sobre questões envolvendo o universo homossexual, citando a si próprio e a mim como exemplos de pessoas engajadas nesse objetivo. Para ele, seria preciso desconstruir uma imagem preconceituosa de que gays e lésbicas não podem ser cidadãos “comuns”:

[...] Onde que tá a discussão? O que é essa movimentação que é gerada? Tá num bando de gente pelada? Pelada eu não digo, mas seminua. Tá num bando de *drag queen* ali? Não sei. Isso vai gerar discussão? Sobre sei lá, o papel do gay no ensino, sei lá, o caralho a quatro. Pra mim, isso não gera discussão. Pra mim, isso só faz aprofundar os estereótipos que as pessoas já têm. Você não precisa mostrar pras pessoas o que elas já conhecem. Você precisa mostrar o que elas não conhecem. O que elas não conhecem? Elas não conhecem, ou conhecem muito pouco, eu, você, né? Pessoas que trabalham, que pagam imposto, que ralam, que estudam, né? Que tentam entender, enfim, as dinâmicas sociais aí, as dinâmicas de trabalho, tentam se inserir nos meios... pra satisfação profissional, pra satisfação pessoal, né? Que tentam trazer essa reflexão pras outras pessoas, que eu acho que tem uma razoabilidade aí. (Felipe, 39 anos, abril de 2012)

Se uma desaprovação à maneira como a visibilidade trazida e/ou retratada pela Parada vem sendo administrada é compartilhada por uma fatia importante dos interlocutores, ela concorre com visões menos críticas que tendem a enxergá-la como uma manifestação legítima que continua a trazer benefícios para o combate à discriminação sexual. Entre os que não veem problemas no formato despojado do evento, é comum que destaquem sua relevância histórica, importando pouco se está hoje mais próximo da “festa” do que de um ato estritamente político. Alcides, que no dia em

que fomos juntos, disse considerar os algozes da Parada pessoas ‘de uma ingenuidade atroz’, traça um retrospecto de sua participação desde a primeira edição, lembrando até mesmo alguns encontros com James Green. Diferente do que colocam alguns dos detratores mais ferrenhos, a presença de pessoas com menor grau de instrução é encarada por ele como um aspecto que contribuiria para a celebração da diversidade. Reproduzo abaixo um trecho de nossa primeira entrevista:

A: [...] Eu tive a sorte de estar presente nesse momento histórico, eu fui pra primeira Parada [...] Quando eu vi, eu tava lá gritando: “Ei, ei, ei, o MASP também é gay” do lado de uma travesti. E que... paraibana, né, com certeza, muito provavelmente, ou uma cearense... enfim, o povo que tava ali dizendo “Olha, eu tenho orgulho, eu tô aqui, eu sou gay e daí?”; tinha uma cara de pessoas que não eram de São Paulo, assim como eu, porque não sou nato, né? [...] Mas eu tinha a sensação de que os meus pares de todo o estado, de... fora do estado, todo o Brasil, tava[m] ali, gritando isso. No segundo ano, algumas pessoas foram pra Parada, que eu conhecia; eu não chamei mais. No terceiro ano, foi muito interessante, porque as pessoas me ligaram: “Olha, você vai? Você foi na primeira, você foi na segunda? Você vai nessa?”, “Claro!”, “Então vamos juntos, vamos nos encontrar”. Então, eu diria, de tudo o que eu já vi sobre o movimento gay, a coisa mais significativa que o movimento já produziu foi a Parada Gay. E é claro que ela não nasceu de uma ideia assim: “Ah, amanhã alguém resolveu ir, ela aconteceu”. Tem fatos que eu desconheço e fatos que eu conheço pra ela acontecer. É resultado do trabalho de outras pessoas, né? Nossa, com certeza. Eu tive a oportunidade de conversar com o James Green mais de uma vez, uma figura que eu respeito muito. Você conhece? É excelente. E, assim, eu o encontrei alguns anos na Parada. E todos os anos [em] que a gente se encontrou, ele parou, veio cumprimentar, sabe, com a mesma proximidade que eu sentia que ele tinha com qualquer doutor de qualquer universidade do mundo. Então, esse respeito profundo, isso fazia muita diferença. Poder estar ali com um[a] travesti que não tinha nenhum grau de instrução, por todos os problemas que tem isso, e estar ali com um estudioso, professor, um acadêmico... pra mim aquilo era o maior símbolo da diversidade. Né, cultural, da aceitação. Enfim, todo mundo convivendo ali. Isso... então eu percebo que a Parada, ela trouxe essa visibilidade. E durante muito tempo. E hoje, vejo muita gente condenando a Parada.

G: Eu ia te perguntar exatamente isso (risos). Porque é muito comum mesmo escutar isso, já escutei isso, assim, muito...

A: Olha, eu vejo que tem alguns tipos de pessoas, e é claro que a gente classificar as coisas... e com pessoas, é a coisa mais difícil que tem, e a gente corre um risco muito grande de ser injusto. Mas parece que tem um grupo de pessoas, e ela é uma... em grande parte, de gente que se acha no direito de criticar. Todo mundo tem o direito de criticar.

Mas tem gente que se acha na obrigação de criticar, mesmo sem conhecimento, aquilo [em] que a pessoa acredita. Ainda bem que ela faz isso porque é a chance de ela conhecer alguma coisa nova. Mas às vezes eu acho que as pessoas têm muita força pra falar mal do que elas não conhecem. Então tem um monte de gente que desce a lenha na Parada, e fala que aquilo é só comércio, que aquilo é um carnaval fora de época, que aquilo... usa os termos mais escabrosos que você possa imaginar. Eu olho... quando eu sinto que tem oportunidade, eu sento com a pessoa, falo o meu ponto de vista. Serviu, ótimo, não serviu, ok, dispensa. Mas eu acho que tem muita gente enganada. A Parada já cumpriu o seu principal papel, que era trazer visibilidade [...] Eu acho que a Parada fez esse trabalho, deu oportunidade pra diversos jornalistas e outros artistas que queriam dar a sua contribuição, mas que ainda não tinham encontrado esse canal, e foi criando uma massa, uma massa crítica que foi podendo se expor, e isso foi crescendo. (Alcides, 43 anos, janeiro de 2012)

Um fator que parece contribuir para uma percepção mais positiva da Parada está relacionado a uma participação prévia em movimentos ligados à causa LGBT, algo no qual grande parte dos interlocutores se encontra incluído. Certamente, isso não constitui uma regra (tendo em vista, por exemplo, os casos de Samuel e Renan, que atuaram muito tempo neles), mas seu peso não é de todo desprezível. Como na fala de Alcides, o discurso de Alfredo, ex-membro do *Somos* e de uma ONG/AIDS, é visivelmente permeado por um sentimento de “comunhão” e cidadania plena proporcionado pela Parada, possivelmente mais intenso para quem talvez jamais imaginasse que um dia a Avenida Paulista seria palco de uma ocupação dessa magnitude¹⁵³. Apesar de não mais frequentá-la, também estive em sua edição inaugural e destaca, no trecho a seguir, a carga de emoção que o acompanhava durante os primeiros anos:

A: [...] A primeira de todas acho que era pra ser um movimento, um encontro, um piquenique no Ibirapuera. No ano seguinte, foi na Paulista, em frente ao *Objetivo*¹⁵⁴. As primeiras Paradas Gays, elas, pra mim, tinham um significado muito grande, era uma coisa muito emocionante, de chegar, de chorar, de achar lindo, maravilhoso. Até hoje, que eu já nem vou mais, né? Falo: “Ai, que bom que tem”, mas

¹⁵³ Em recente documentário dirigido por Stephen Fry sobre a homofobia em diversas regiões do mundo, há uma cena em que o ator e cineasta sobe em um dos trios da Parada LGBT de São Paulo junto ao ativista João Silvério Trevisan e os dois trocam impressões que remetem exatamente a essa percepção de deslumbramento. Uma entrevista sobre as filmagens do longa pode ser encontrada em <http://www.bbc.co.uk/programmes/p01jmrps> (Acesso em 03 de outubro de 2014).

¹⁵⁴ Famoso curso pré-vestibular.

também não tenho paciência, não tenho nenhum engajamento. Mas não acho que ela virou depravada, só acho que ela já tem a sua força, então eu ir ou não ir não faz diferença nenhuma.

G: É, essa é uma opinião até... que eu escuto, assim, com uma certa recorrência, né? Que a Parada teria se tornado uma mega festa, um mega carnaval.

A: Que bom! Eu não vejo problema. Eu acho que... ah, tem gente que resolve ir à Parada pra depois ficar, bebe todas, depois fica se pegando no metrô, na rua... bom, um carnaval é isso também, eu não acho, não vejo um problema nisso, né? [...] Eu não vou porque é muita gente, é uma mão-de-obra, é pegar o metrô porque você não pode ir de carro, a cidade para, então... mas eu já fui em muitas, e era assim... chegava na Parada, primeiro desmontava, chorava, soluçava, porque eu achava realmente... essa coisa de se sentir inteiro, assim, de se sentir cidadão pleno. E lógico que você começa a dançar, porque você tá feliz, você bebe, fica feliz, e é um dia de festa. (Alfredo, 57 anos, novembro de 2011)

Para Guilherme que, como Alfredo, exalta o lado alegre da Parada, é interessante que São Paulo – tradicionalmente uma cidade sem grandes festas populares – tenha passado a sediar um evento nesses moldes, oferecendo aos paulistanos uma oportunidade de congregação sem precedentes. Embora demonstre, de modo semelhante a Felipe, certa tristeza com alguns “desvirtuamentos” mais recentes como o consumo exagerado de álcool e outras drogas, acredita que isso não é exclusividade da Parada, mas um efeito colateral inescapável presente em qualquer celebração desse porte. Assinalando, como Alcides, seu caráter socialmente inclusivo, Guilherme aponta um saldo positivo na Parada brasileira quando comparada, por exemplo, ao segregacionismo que observa nas Paradas norte-americanas:

[...] Eu nunca me importei, por exemplo, que a Parada Gay nunca tenha sido uma Parada Gay politizada [...] Eu acho que ela funcionou, digamos a Caetano Veloso, mais como uma exposição em si do que se você fizesse uma passeata política. Por que o que aconteceu com a Parada? Cada vez mais as pessoas iam ver a Parada – e eu sempre digo assim, que, por exemplo, quando eu fui a primeira vez a Salvador, em uma festa popular, aqui em São Paulo não existia, que eu via a lavagem do Bonfim, por exemplo, eu fiquei fascinado com aquilo, a cidade inteira na rua festejando. E eu fiquei na verdade fascinado e um pouco com inveja daquilo. Falava: “Putá, São Paulo não tem nada, nada parecido”. Existe, assim, uma festinha de bairro aqui, um[a] ali, mas uma coisa que aglutina a cidade toda não tem, como existe em Salvador, como existe no Rio, em outras cidades

brasileiras. São Paulo não, São Paulo é uma cidade mais fria nesse sentido. Ela sempre foi uma cidade de vanguarda, mas nunca uma cidade... essa vanguarda, ela vai para o país inteiro depois, mas aqui mesmo não existe uma homogeneização [...] Então o que eu achei mais interessante é a Parada nesse sentido, de juntar pessoas. E que de repente a Parada começou a crescer e começou a existir em plena Paulista, e deu uma visibilidade muito grande, o que aconteceu? Ao longo dos anos, cada vez mais a população vai vindo, e aí virou o quê? O que eu sempre digo, a Parada é a grande festa popular de São Paulo. Ela não é mais uma Parada Gay, ela é uma grande festa [...] E aí você vê o seguinte: as últimas que eu fui, você vê claramente que não são gays que estão na rua, é gays e todo mundo. E ela se perdeu até, porque começou a ficar violenta, porque aí começou a vir todo tipo de gente, beber, se drogar; na verdade, como toda grande festa popular. Então, ela passou a ter essa característica. Então, o grande presente que a Parada deu para São Paulo foi isso, eu acho, criou uma grande festa popular, nesse sentido. E aí, é óbvio, que na questão da expressão da homossexualidade ajudou, é importante. E assim, se ela fosse uma Parada como a de Nova York, por exemplo, não teria nunca acontecido isso. Aquela coisa de desfile: “Agora, as mães das lésbicas pretas” (risos)... é aquela coisa de pelotão, é a Parada Militar mesmo.” (Guilherme, 53 anos, novembro de 2012)

Tomadas em conjunto, acredito que as falas deixem claro que não há, entre os interlocutores, um consenso quanto à importância atual da Parada. Conforme procurei demonstrar, parece existir uma forte oposição entre aqueles que a veem como uma grande manifestação hedonista que deixa de lado questões verdadeiramente importantes e aqueles que a consideram legítima, disputando não só a permanência de sua validade enquanto ação visibilizadora, mas a própria ideia de um “formato original” mais politizado. Em ambos os casos, categorias morais – ‘oba-oba’, ‘diversão’ e ‘agressivo’ de um lado; ‘significativa’, ‘maravilhoso’ e ‘presente’, de outro – são acionadas para condená-la ou defendê-la, revelando um embate simbólico que perpassa discussões contemporâneas sobre movimento LGBT, engajamento social e representações “respeitáveis” da homossexualidade (SEIDMAN, 2002, MECCIA, 2011, OLIVEIRA, 2013). Se, no início de sua aparição, uma expectativa coletiva talvez fizesse com que a Parada fosse abraçada por um número maior de pessoas, com o decorrer dos anos parece haver um esvaziamento significativo do público que a prestigiava em suas primeiras edições, caso de vários dos interlocutores que aparecem retratados aqui. Em que pesem as limitações desta investigação, arrisco dizer que os contrastes observados

nas entrevistas talvez se estendam para além do grupo pesquisado, representando uma linha divisória observável em outros contextos.

Ainda que as opiniões divergentes não encerrem, em si mesmas, dois “tipos” distintos, chama a atenção o fato de que coincidem, na maioria das vezes, com o posicionamento frente à “juventude gay” dos tempos atuais: os que não veem com bons olhos a Parada tendem a ser mais críticos a comportamentos considerados “exagerados”, enquanto aqueles que a aprovam geralmente se mostram mais receptivos à maneira como os jovens vêm vivendo sua homossexualidade no espaço público. Isso não significa que uma convivência intergeracional inexistia no primeiro caso mas, como já observado, costuma vir acompanhada de desconfianças e censuras com relação a determinadas atitudes dos mais novos. Nessa disputa, também parecem entrar em jogo marcadores como classe e *status* social, perceptíveis, por exemplo, nos discursos de Renan e Felipe.

Com o alargamento das possibilidades de exposição pública da homossexualidade em um espaço de tempo relativamente curto – advindo de todas as transformações enumeradas ao longo deste trabalho –, não chega a ser espantoso que nem todos reajam positivamente a algumas delas, tendo em vista, como vimos a partir da análise das “reconfigurações subjetivas” propostas por Meccia (2011), a dificuldade de um certo número daqueles que experimentaram um período de visibilidade muito mais restrita em lidar com determinadas disposições oferecidas pelo presente. Muito embora desfrutem, como os mais jovens, de liberdades impensáveis até poucas décadas atrás, faltam-lhes, talvez, elementos subjetivos que possibilitem uma apreensão plena de conquistas territoriais e políticas pela população LGBT. Mais uma vez, insisto para que esse tipo de rechaço não seja visto apenas como consequência de diferenças etário-generacionais, ainda que seja necessário, em virtude de tudo o que apresentei até aqui, levá-las em consideração para compreender certos posicionamentos.

Considerações finais

Em junho de 1978, na edição número 2 do então recém-lançado *Lampião da Esquina*, o artista e ativista Darcy Penteado publicava na coluna “Opinião” um artigo intitulado “Homossexualismo¹⁵⁵: que coisa é essa?”, no qual traça uma breve retrospectiva histórica sobre tratamentos utilizados a fim de “curar” o comportamento homossexual, invalidando, sob a ótica da ciência contemporânea, sua eficácia. Diante da impossibilidade de “conversão”, os psiquiatras modernos estariam tentando, de acordo com ele,

“ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerado [sic] as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual a viver em mutismo a sua verdade [e] o circunscreveu aos limites do ‘gueto’ da **tolerância coletiva** (grifo meu)” (PENTEADO, 1978, p. 2).

Um pouco mais à frente, Penteado aborda as implicações sociológicas do reconhecimento científico da homossexualidade como uma variação normal da sexualidade humana: mesmo fugindo a certa “ideologia média” que ainda veria a heterossexualidade como regra, comportamentos homossexuais não poderiam mais ser encarados como anormalidade, uma vez que as justificativas evocadas no passado pela sociedade para tal estariam “podres e desmoronando desde que a medicina e a psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação” (idem). Ao final, o autor defende a existência de uma homossexualidade que não tenha vergonha de se mostrar e reitera sua crítica à *tolerância* a que ainda estaria restrita:

“Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu lugar atuante numa sociedade com o direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque **só a**

¹⁵⁵ Apesar de ser malvista em decorrência do sufixo *-ismo*, que pode ser interpretado como indicador de patologia, a palavra “homossexualismo” era largamente utilizada sem conotação pejorativa na época em que o artigo foi escrito. Mesmo hoje, esse uso ainda é comum: em minhas próprias entrevistas, foi acionado por alguns interlocutores.

tolerância, como foi dada até agora, não obrigado! É muito pouco.”
(idem, grifo meu)

Mais de 30 anos depois, uma campanha elaborada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) começava a ser veiculada na Rede Globo de Televisão¹⁵⁶. Estrelada pelos atores Marcos Damigo e Rodrigo Andrade, tinha como mote o combate à homofobia a partir da divulgação do Disque 100, serviço telefônico criado pelo Governo Federal com o intuito de receber denúncias de violação dos direitos humanos. Mostrando cenas da novela *Insensato Coração*, na qual a dupla de atores fazia par romântico¹⁵⁷, iniciava-se com a seguinte mensagem: “Parece incrível, mas em pleno século 21 ainda tem gente que não **aceita** o direito de cada um ter sua orientação sexual”. Na sequência, há uma breve apresentação do serviço e o vídeo é encerrado com um dos atores dizendo: “E não se esqueça: o fim da **intolerância** começa em casa”. Naquele mesmo ano, outra campanha desenvolvida pela SDH ia ao ar: focada na ideia do *respeito*, dava voz a vários personagens potencialmente afetados pela discriminação social, como negros, idosos, pessoas com deficiência e LGBTs – esses últimos representados por duas mulheres que se supunha formarem um casal lésbico. Numa das cenas em que aparecem, uma delas diz: “Respeitar os direitos humanos é respeitar 100% a diversidade e a paz”¹⁵⁸.

Antes mesmo de ter contato com o texto de Penteado e de as campanhas citadas irem ao ar, já me chamava a atenção a recorrência com que categorias como *(in)tolerância*, *respeito* e *aceitação* eram evocadas em diferentes contextos para falar sobre atitudes de acolhimento ou rechaço diante de grupos sociais marginalizados. Ainda que de forma incipiente, essa questão me acompanhou durante a realização de minha pesquisa de mestrado (SAGGESE, 2009) e continuei a refletir sobre ela no

¹⁵⁶ O vídeo da campanha, que teve sua divulgação iniciada em novembro de 2011, está disponível em canal do YouTube e pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=Gu3BaHyJ-Hk> (Acesso em 20 de agosto de 2014).

¹⁵⁷ Exibida entre janeiro e agosto de 2011, a novela contava com vários personagens homossexuais e causou comoção ao mostrar uma cena de assassinato motivado por homofobia. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Insensato_Cora%C3%A7%C3%A3o (Acesso em 20 de agosto de 2014).

¹⁵⁸ As outras falas, que também se iniciam com a frase “Respeitar os direitos humanos é respeitar 100%...”, fazem menção à liberdade, à cidadania, à dignidade e à democracia. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RunNYY47Xc0> (Acesso em 20 de agosto de 2014).

percurso do doutorado. Parecia-me importante que não perdesse de vista o peso que poderiam denotar na estruturação de determinados discursos.

Ora usadas de maneira aparentemente intercambiável, ora dotadas de sentidos distintos, essas categorias parecem falar de um anseio pelo *reconhecimento* da diferença, algo que atravessa uma miríade de questões envolvendo justiça, diversidade cultural e processos de inclusão e exclusão social. Uma vez inseridos em uma sociedade cada vez mais confrontada com formas diversificadas (e possíveis) de existir, estamos todos sujeitos, em algum momento, a ter que lidar com esses problemas. Como observa Hall (2003), no entanto, existem múltiplas possibilidades de encarar e apreender a diferença, mesmo que partamos do princípio de que vivemos em um mundo marcado pelo multiculturalismo. Sobre essa noção, examinada por outros pensadores pós-colonialistas como Taylor (1994) e Said (1993; 2002) e bastante difundida no ocidente para defender a coexistência entre diferentes grupos étnicos, religiosos e/ou raciais, o autor diz:

“[...] o ‘multiculturalismo’ não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados. Assim como há distintas sociedades multiculturais, assim também há ‘multiculturalismos’ bastante diversos.” (HALL, 2003, pp. 52-53)

Embora o debate em torno do multiculturalismo seja complexo e não caiba aqui esmiuçá-lo, acredito que trazê-lo à baila pode ser interessante para pensar o que está em jogo quando se fala em *tolerar*, *respeitar* ou *aceitar* determinada pessoa ou segmento. No caso dos LGBT que, diferente de outros grupos minoritários, possui pouca coesão interna (FACCHINI & FRANÇA, 2009) e só muito recentemente vêm adquirindo visibilidade suficiente para reclamar sua parcela de direitos, o espaço que podem ocupar em diferentes instâncias sociais é uma disputa ainda longe de consenso. Se por um lado já existe, como mostram as campanhas mencionadas, uma percepção relativamente consolidada por parte do Estado brasileiro de que lésbicas, gays, bissexuais e travestis/transsexuais devem ser reconhecidos em suas singularidades, ainda restam muitas dúvidas, como assinalei nos capítulos anteriores, acerca da legitimidade de seus

desejos e demandas. O problema se estende, creio eu, a uma esfera mais micropolítica: o que significa, exatamente, ser *tolerado*, *respeitado* e/ou *aceito* nas relações cotidianas? Haveria uma hierarquia através da qual esses termos operam? Que possibilidades representariam para o reconhecimento dos LGBT – e, mais especificamente, dos homens gays – em diferentes circuitos de sociabilidade? São a partir destas questões que recapitulo o que foi discutido ao longo da tese.

Se retomarmos a discussão empreendida por Seidman (2002) com a qual procurei dialogar no capítulo 1, encontraremos algumas pistas que podem nos ajudar a responder a essas perguntas. Como coloca o autor, na passagem do século XX para o XXI, observaríamos, nos Estados Unidos, um movimento de integração que permitiria gradativamente a gays e lésbicas se tornarem parte da sociedade maior, resultado direto das lutas que se sucederam a Stonewall nas três décadas anteriores. Embora se perdesse, em alguma medida, o caráter contestatório do liberacionismo radical que teria caracterizado as primeiras iniciativas de questionamento da heteronormatividade, a antiga reivindicação pela *tolerância* daria lugar, cada vez mais, à demanda por direitos civis como o casamento e a criminalização da homofobia, associados à ideia de um *respeito* que justificaria a equiparação de homossexuais aos demais cidadãos. É a partir dessa premissa, também, que Meccia (2011) vai analisar o processo transformativo que teve lugar em Buenos Aires: ainda que não trabalhe com as categorias *tolerância* e *respeito* como duas pontas de um percurso reivindicativo no que concerne à igualdade sexual, elabora uma linha do tempo que vai desde um período marcado pelo silêncio até a requisição de direitos equiparatórios, passando por uma fase intermediária em que a linguagem da não-discriminação – talvez próxima à ideia de *tolerância* presente no pós-Stonewall norte-americano – acompanhava a denúncia de que a homofobia constituía um problema a ser enfrentado na Argentina. Em ambos os casos, fica patente a progressiva especificação do que passou a ser demandado pelo que viria a se transformar no movimento LGBT, algo que se deu de maneira semelhante no Brasil.

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, foi possível notar, como já vinha observando em outros cenários, um uso constante dessas categorias de reconhecimento para descrever uma infinidade de situações em que a questão da homossexualidade – fosse a própria, a de outrem ou referida de maneira abstrata – era levantada enquanto desejo e/ou prática (i)legítima. Com frequência, apareciam associados a momentos-

chave das narrativas, como a rememoração de uma situação de *coming out* ou uma cena de discriminação vivida ou testemunhada. No capítulo 2, onde problematizei transformações que meus interlocutores experimentaram no plano dos afetos, é a categoria *aceitação* que emerge com força quando falam dos caminhos que os conduziram até uma convivência mais harmoniosa com a família de origem (ou com a família que construíram, nos casos de Wilson e Ronaldo), além de ser acionada, sob certas circunstâncias, para caracterizar o processo de reconhecimento da própria homossexualidade – a *autoaceitação*. Mais uma vez, recupero o debate promovido por Seidman (2002) ao discorrer sobre os efeitos da luta de gays e lésbicas por uma inserção mais incisiva na sociedade: no âmbito familiar, marcado no passado por rupturas que os levavam a se afastar temporária ou permanentemente de seus parentes, a tendência atual seria uma negociação prolongada da *aceitação*, manifesta no manejo de certos limites (SAGGESE, 2009) que permitiria, pouco a pouco, a diluição de entraves previamente impostos. No trabalho de Oliveira (2013), citado algumas vezes aqui, essa negociação familiar também aparece associada à categoria *aceitação* que, de modo semelhante ao que coloca Seidman, não parece estar pautada em uma oposição *tolerância versus homofobia*, mas por “tensões e articulações entre compromissos morais, vínculos afetivos e trocas materiais” (OLIVEIRA, 2013, p. 104). De acordo com o autor,

“A *aceitação* parece envolver, frequentemente, um jogo complexo de negociações implicando expectativas de expressão emocional no cultivo e gestão de relações sociais. A análise destes usos da linguagem e das dinâmicas de interação correlatas revela-se, deste modo, crucial para se compreender as formas pelas quais pessoas que vivenciam formas da diversidade sexual conferem sentido às relações em que tomam parte e orientam suas condutas na vida social.” (OLIVEIRA, 2013, pp. 104-105)

Enquanto a *aceitação* é evocada, principalmente, em contextos permeados pelas relações de caráter mais íntimo, a categoria *respeito* parece desempenhar papel crucial na maneira pela qual alguns interlocutores enxergam as possibilidades de circulação em espaços externos ao ambiente familiar, algo particularmente notável nos discursos daqueles que possuem dificuldades em se adaptar ao que consideram “exageros” cometidos pelos gays mais jovens e por determinados setores dos movimentos sociais (SAGGESE, 2013). No capítulo 3, onde essa questão foi elaborada de modo a entender

as perspectivas dos entrevistados com relação à expansão da visibilidade da qual eles próprios, como os mais novos, poderiam usufruir, a ideia de *respeito* se articula tanto à preservação de uma “normalidade” que estaria nas mãos dos próprios homossexuais – o “dar-se ao respeito para ser respeitado”, como no ditado popular – quanto à coexistência entre variados grupos sociais a partir de um abrandamento, mesmo que localizado, de diferenças que poderiam acarretar situações de discriminação – algo que aparece, por exemplo, quando Alcides fala de sua experiência nas Paradas do Orgulho LGBT. No que concerne ao primeiro caso, acredito que nos veríamos diante de algo próximo do que Facchini (2008) constata entre suas interlocutoras homossexuais que, para poderem circular de maneira relativamente tranquila em seus bairros de moradia, adotam determinadas estratégias corporais e comportamentais para manterem o que elas mesmas denominam *respeito*. Indo um pouco mais além, arriscaria fazer um paralelo com o que Weber (2000) descreveria, na política, como um conflito entre a *ética da convicção* – agir de acordo com os próprios valores, sem se preocupar com o julgamento alheio – e a *ética da responsabilidade* – no lugar de onde falam meus interlocutores, significando a evitação de determinados comportamentos com fins de conquistar o *respeito* alheio.

Embora possuam, como procuro demonstrar, diferentes prevalências de utilização dependendo do contexto com qual estamos lidando, tais categorias são polissêmicas e só podem ser inteiramente compreendidas se devidamente localizadas nos discursos. *Aceitação* e *respeito*, que costumam aparecer, respectivamente, em situações envolvendo esferas da intimidade e ambientes de circulação pública (incluindo-se, como colocam alguns interlocutores, o espaço de trabalho), também podem ser acionadas em conjunto: em certas ocasiões, há indicativos de que é preciso, além de *aceitar* a homossexualidade de alguém, *respeitá-la* em sua integridade, alimentando o senso de *cuidado* e *pertencimento* – para retornar novamente a Seidman (2002) – que tão arduamente vem sendo construído por gays e lésbicas. A categoria *tolerância*, por sua vez, aparece reiteradamente criticada por esse autor como resquício de um tempo em que a legitimidade de uma vida fora de padrões heteronormativos era facilmente questionada e também é percebida, entre meus interlocutores, de modo bastante desconfiado: utilizada muitas vezes, como no comercial da SDH, em seu antônimo, era geralmente mencionada para evocar situações-limite, como a *intolerância*

que ocorreria nos casos de agressão motivados por homofobia. Em sua grafia original, costumava aparecer remetida à ideia de uma complacência que faria muito pouco pelo reconhecimento pleno das demandas LGBT, tanto no que se refere a uma esfera macropolítica quanto no plano das relações pessoais. Como antecipava Darcy Penteado no final da década de 1970, “é muito pouco”.

Espero que essa forma de concluir a tese não pareça ao leitor um despropósito. Conforme propus ao apresentar como conduziria a recapitulação do que foi exposto neste trabalho, julguei ser interessante retomar uma discussão que já vinha se delineando desde os tempos do mestrado para repensar como as temáticas exploradas ao longo dos três capítulos – transformações sociais, subjetividades homossexuais, políticas pessoais de reconhecimento e a ocupação do espaço público – se articulam a determinadas moralidades. Nesse sentido, procurei desenhar os contornos de uma parte da história das maneiras pelas quais se constituem “sujeitos de conduta moral” (FOUCAULT, 2003, p. 29) no que diz respeito à reflexão e à transformação de determinadas vivências da homossexualidade. Certamente, deixei de contemplar muitos aspectos desta complexa etnografia que me abriu uma infinidade de possibilidades investigativas, mas considero, pelo menos por ora, que os resultados apresentados aqui podem ter sua parcela de contribuição no entendimento de um processo de mudança ainda em curso.

Pós-escrito: breves apontamentos sobre as eleições de 2014

Domingo, 26 de outubro de 2014. Ciente de que me aproximo cada vez mais do prazo para o depósito da tese, acordo cedo e tento escrever. O nervosismo acumulado, no entanto, não permite que a manhã seja muito produtiva. Abro os sites de notícias e não há nada especialmente relevante: presidenciáveis vão até suas seções cumprir o dever cívico, eleitores são presos por fazer boca de urna e uma ex-atriz global chora ao avaliar que não há nenhum candidato digno de seu voto. Fecho o notebook, troco de roupa e sigo até a padaria para almoçar. Quero muito colar o adesivo na camisa, mas antes disso julgo prudente avaliar o grau de animosidade nas ruas – estou em São Paulo e o candidato da oposição é muito mais bem quisto do que a minha. Além disso, meu adesivo tem o fundo com as cores do arco-íris e a última coisa que preciso é sofrer um ataque homofóbico em um dia já bastante tenso.

No caminho até a padaria, localizada a algumas quadras do meu prédio, não vejo ninguém ostentando broches, adesivos ou bandeiras. As pessoas parecem tranquilas e não há qualquer indício de conflito. Ao sentar para comer, finalmente vejo um senhor com um adesivo de Aécio na blusa: “Pronto, está aí o primeiro. Certamente haverá muitos pelas ruas nas próximas horas”, penso. Minutos depois, outro senhor caminha por entre as mesas com um adesivo de Dilma, bem vermelho e com o 13 em destaque. Termino meu almoço, pago a conta e crio coragem: lá vou eu subir a Avenida Angélica até o Sion – onde justificaria meu voto – com o “Presidenta 13” no peito. Para minha surpresa, vejo uma quantidade não desprezível de eleitores de Dilma, incluindo um carro ornado com enormes bandeiras passando próximo à Rua Baronesa de Itu. Os eleitores de Aécio, ainda que em número visivelmente maior, não me hostilizam em nenhum momento – no máximo, observo uma ou outra cara feia. Ao sair da zona eleitoral, atravesso a Avenida Higienópolis e encontro um professor da USP usando um adesivo exatamente igual ao meu. Cumprimentamos-nos rapidamente e sigo em direção à minha rua, mais ansioso do que nunca pela apuração. Ainda são 3 da tarde e o resultado final só será conhecido às 20 horas.

Vou encontrar uma amiga que não via há algum tempo no *Urbe* que, diferente do domingo da Parada do Orgulho LGBT do ano anterior, se encontrava praticamente lotado. Não há televisões no local e ninguém parece aflito com a proximidade da

divulgação do resultado. À exceção de um rapaz que vejo passar do lado de fora com o mesmo adesivo do arco-íris, não há nenhuma manifestação de apoio a qualquer um dos candidatos. Após um breve passeio pelos arredores da Avenida Paulista, nos despedimos e caminho de volta para o metrô, ainda em tempo de avistar um carro com um adesivo de Dilma cobrindo todo o vidro traseiro descendo a Rua da Consolação. Minha pequena campanha, já começando a descolar da camiseta, continua estampada do lado esquerdo.

Já são quase 7 da noite e me apresso em ligar na Globo News para acompanhar a apuração, ao mesmo tempo em que conecto ao Facebook e vou conversando com alguns amigos via Whatsapp. Ainda não há resultado parcial para as eleições presidenciais, o que só aumenta minha angústia. No Rio de Janeiro, onde houve segundo turno para governador, é anunciada a vitória de Luiz Fernando Pezão sobre Marcelo Crivella, o que me deixa vergonhosamente aliviado. Pouco depois das 8 horas, com cerca de 95% das urnas apuradas, Dilma aparece à frente de Aécio com uma vantagem de dois pontos percentuais. Não há como ter certeza, mas considerando que as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste estão próximas de finalizar sua contagem de votos, a comemoração é iminente. Com o avanço da apuração no Norte e no Nordeste, sua vantagem sobe discretamente e os jornalistas anunciam a confirmação: Dilma está reeleita. Ouço alguns fogos e me debruço na janela para gritar. Tenho a absoluta convicção de que meus vizinhos estão me odiando nesse momento.

Significativamente enviesada, minha linha do tempo no Facebook é praticamente só alegrias – alguns poucos eleitores de Aécio demonstram perplexidade e escrevem posts se dizendo revoltados com a estupidez do povo brasileiro que, mesmo ciente de tantos escândalos de corrupção envolvendo o PT, teriam insistido em reeleger a ex-guerrilheira. Meu Whatsapp apita e recebo mensagens de amigos me convidando para a comemoração da vitória na Paulista. Sem comer nada desde o almoço, pego as sobras do dia anterior na geladeira e decido ficar em casa acompanhando a festa à distância. Assisto ao discurso de Aécio, que, de um hotel em Belo Horizonte, reconhece a derrota e encerra sua fala citando o apóstolo São Paulo. Não muito tempo depois, Dilma sobe ao palanque em Brasília e faz seu primeiro pronunciamento como presidenta reeleita. Pede desculpas pela voz falha, se diz aberta ao diálogo e promete ser melhor do que em seu primeiro mandato, reafirmando seu compromisso com mulheres,

negros e jovens. Quase que instantaneamente, meu Facebook pipoca com críticas à ausência em sua fala de um setor que ela havia prometido, ao longo da campanha, defender: os LGBTs. Teria sido uma lacuna proposital ou um simples esquecimento ocasionado pela exaustão?

Ainda que de forma tímida se comparada à minha escolha no primeiro turno – a candidata Luciana Genro, do PSOL –, Dilma se mostrou, muito mais do que em 2010, disposta a abraçar a causa LGBT em seu segundo mandato, propondo-se, inclusive, a fazer tudo que estivesse ao seu alcance para que a homofobia fosse finalmente criminalizada. A menos de uma semana das eleições, chegou a lançar um adendo em seu programa de governo que intitulou “13 compromissos para garantir os direitos LGBT”, onde incluía, além da luta pela criminalização da homofobia, a defesa do Estado Laico, o reconhecimento da identidade de gênero, orientação sexual e nome social nos programas federais e o investimento em segurança pública visando a prevenção e o enfrentamento da violência homofóbica¹⁵⁹. Talvez por isso o entusiasmo de casais gays durante a comemoração de sua vitória na Avenida Paulista fosse tão visível: como um amigo que testemunhou o evento descreveu, muitos deles trocavam carícias e exibiam orgulhosamente seus adesivos. Eu mesmo, que horas antes circulava pela cidade com as cores do arco-íris associadas à sua candidatura, estava esperançoso de que seu novo mandato seria mais progressista.

Nos dias seguintes às eleições, quando o clima de alegria começava a dar lugar a uma satisfação menos contaminada pela empolgação, vejo mais postagens fazendo referência ao apagamento da pauta LGBT no discurso de vitória de Dilma. Por alguns instantes, me vem à memória sua fala de três anos atrás quando da suspensão do kit anti-homofobia: “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”¹⁶⁰. Felizmente, uma mensagem divulgada em sua página oficial no Facebook após uma entrevista dada ao jornalista Kennedy Alencar parecia reforçar seu comprometimento com aquilo que havia divulgado em sua campanha: criminalizar a homofobia, classificada por ela como “barbárie”, seria “uma medida civilizatória”

¹⁵⁹ Programa disponível em <http://www.dilma.com.br/propostas/pdf/folheto-9-LGBT.pdf> (Acesso em 21 de novembro de 2014).

¹⁶⁰ Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ex_pZov3HfY (Acesso em 21 de novembro de 2014).

equiparável ao combate à violência contra mulheres e negros. De maneira menos taxativa, falou também sobre o casamento civil igualitário: embora respeitasse a liberdade de cada igreja em decidir se aceitaria celebrar esse tipo de união, foi firme ao afirmar que a decisão do Conselho Nacional de Justiça por seu reconhecimento deveria ser mantida¹⁶¹.

Como nem só do Executivo vive o Brasil, a calma que se seguiu ao arrebatamento inicial forçava-nos a lembrar do resultado do primeiro turno, marcado pela eleição de um dos Congressos mais conservadores das últimas décadas. Nomes como Jair Bolsonaro, Clarissa Garotinho e Eduardo Cunha figuravam entre os deputados federais mais votados no Rio de Janeiro. Em São Paulo, o cenário não era muito melhor: Celso Russomano, Marco Feliciano e Eduardo Bolsonaro (filho mais velho e herdeiro direto das ideias reacionárias de Jair) encabeçavam a lista. Para piorar o quadro, a composição das Assembleias Legislativas em ambos os estados contaria com Flavio Bolsonaro (o outro ovo da serpente), no Rio de Janeiro, e Coronel Telhada (um dos principais integrantes da “Bancada da bala”), em São Paulo. Não podíamos esquecer, ainda, da continuidade do apoio de setores ligados a igrejas neopetencostais à candidatura da presidenta – apoio esse que certamente seria cobrado ao longo dos próximos quatro anos. Um consolo à tragédia que parecia se abater sobre o Legislativo brasileiro era a vitória de deputados, tanto estaduais quanto federais, historicamente comprometidos com os direitos humanos: Jean Wyllys, Marcelo Freixo, Chico Alencar, Leci Brandão e Carlos Gianazzi, dentre outros. Apoiando ou não Dilma no segundo turno, prometiam cobrar dela posições mais incisivas com relação à defesa dos direitos LGBT no país.

Ainda ligado nas notícias que, celebrando ou lamentando a reeleição, não cessam de serem compartilhadas em meu *feed*, uma delas me chama a atenção: os ex-ministros Maria do Rosário e Patrus Ananias – agora eleitos deputados federais – defendem abertamente uma “guinada à esquerda” do PT e afirmam que o partido não pode prescindir de uma conversa aberta com os movimentos sociais, fundamentais para que a presidenta continuasse no poder. Ambos ressaltam a necessidade de ampliação do

¹⁶¹ Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-defende-criminalizacao-da-homofobia-em-entrevista-7680.html> (Acesso em 21 de novembro de 2014).

bem-estar social e mencionam explicitamente a pauta LGBT como uma das que mais precisa de atenção¹⁶². Lamentavelmente, no mesmo dia em que essas falas vêm a público, uma triste notícia é divulgada: em sessão extraordinária, o decreto elaborado pela presidenta após as manifestações de junho de 2013 visando ampliar a participação de conselhos populares é rejeitado pela oposição na Câmara de Deputados¹⁶³. No dia seguinte, Renan Calheiros anuncia que o decreto terá o mesmo destino no Senado¹⁶⁴.

Mesmo longe da certeza de que meus interlocutores partilhariam dos sentimentos ambivalentes que me acometem ao visualizar nosso cenário político futuro, só consigo pensar nas muitas vezes em que testemunhei, ao longo de dois anos e meio de trabalho de campo, seus relatos sobre um tempo em que a agenda dos direitos sexuais sequer era levada à discussão na esfera política federal. Considerando termos tido, pela segunda vez em eleições presidenciais, uma disputa em que essa pauta foi trazida à tona de modo tão patente – e agora, com a promessa clara de que seria abraçada pela candidata eleita –, talvez tivesse mais motivos para festejar do que me deixar tragar pela perspectiva de um retrocesso. Por outro lado, estou convicto de que a história não se constrói a partir de uma sequência progressiva e linear de acontecimentos, dando margem para que conquistas obtidas a duras penas possam ser revogadas. Se, para citar mais uma epifania foucaultiana, “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 2005, p. 91), me apego à teimosia que me é própria para continuar acreditando na luta por transformações positivas.

¹⁶² Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/eleicoes-2014/ex-ministros-petistas-defendem-guinada-a-esquerda-e-dialogo-com-movimentos-sociais-1559.html> (Acesso em 21 de novembro de 2014).

¹⁶³ Fonte: <http://oglobo.globo.com/brasil/camara-derruba-decreto-de-dilma-que-regulamenta-os-conselhos-populares-14390651> (Acesso em 21 de novembro de 2014).

¹⁶⁴ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1540281-renan-diz-que-senado-tambem-vai-derrubar-decreto-de-dilma.shtml> (Acesso em 21 de novembro de 2014).

Referências bibliográficas:

ALTMAN, Dennis. *Coming out in the seventies*. Boston: Alyson, 1981.

AMARAL, Rita. “Antropologia e internet: pesquisa e campo no meio virtual”. *Trabalhos de antropologia e etnologia: revista inter e transdisciplinar de ciências sociais e humanas*, v. 41, n. 3-4, pp. 31-44, 2001.

ARRUDA, Roldão. *Dias de ira: uma história verídica de assassinatos autorizados*. São Paulo: Ed. Globo, 2001.

AZIZE, Rogério Lopes. *A química da qualidade de vida: uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas brasileiras* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

BARBOSA DA SILVA, José Fábio. “Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo”. In: GREEN, James & TRINDADE, RONALDO (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005, pp. 215-240.

BASTOS, Cristiana. “A política da produção do conhecimento: o activismo de SIDA como novo movimento social”. In: _____. *Ciência, poder, acção: as respostas à Sida*. Lisboa: ICS, 2002, pp. 39-73.

BECKER, Howard. “Biographie et mosaïque scientifique”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 62-63, pp. 105-110, 1986.

_____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BELELI, Iara. “Eles parecem normais: visibilidade de gays e lésbicas na mídia”. *Bagoas*, n. 4, 2009, pp. 113-130.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. “A ilusão biográfica”. In: PEREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 183-191.

_____. “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, pp. 82-121.

_____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRAGA, Gibran Teixeira. “*Não sou nem curto*”: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual [Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia]. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu*, n. 26, pp. 329-376, 2006.

BRAZ, Camilo. *À meia-luz... uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Ed. da UFG, 2012.

BUTLER, Judith. “O parentesco é sempre tido como heterossexual?” *Cadernos Pagu*, n. 21, pp. 219-260, 2003.

CALIXTO, Maria Eugênia Perez & GUIMARÃES, Eros Sester Prado. “O que compra alguém no Largo?: identidades e homosociabilidades no Largo do Arouche domingo à noite”. Anais do VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Salvador, 2012. Disponível em http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=172:ee017pdf&id=1:anais-abeh-2012&Itemid=87&start=60

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.”. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo 15/UNESP, 2000, pp. 17-35.

CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio Assis. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos Pagu*, n. 28, pp. 65-99, 2007.

CHAUNCEY, George. *Why marriage?: the history shaping today’s debate over gay equality*. New York/Cambridge: Basic Books, 2004.

CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: _____. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, pp. 17-58.

COHEN, Stanley. *Folk devils and moral panics*. New York & London: Routledge, 1972.

COLLING, Leandro. “Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a cultura”. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf>

D'EMILIO, John. *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970*. London: University of Chicago Press, 1998.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. In: CARDOSO, Ruth (org). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986, pp. 141-156.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. [Tese de doutorado em Ciências Sociais]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

_____. “*Sopa de letrinhas?*”: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina & FRANÇA, Isadora Lins. “De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 1, pp. 33-53, 2009.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s carioc@s: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UFMG/IUERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

_____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 2003.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: movimento GLBT e mercado GLS na cidade de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2010.

FRÚGOLI Jr., Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

FRÚGOLI Jr., Heitor & SPAGGIARI, Enrico. “Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz”. *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. n. 6, 2010. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz>

FRY, Peter. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: _____. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982. pp. 87-115.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAGNON, John & SIMON, William. *Sexual conduct: the social source of human sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.

GARFINKEL, Harold. “Passing and the managed achievement of sex status in an ‘intersexed’ person”. In: _____. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1984.

GASTRON, Liliana & ODDONE, María Julieta. “Reflexiones en torno al tiempo y el paradigma del curso de vida”. *Perspectivas en Psicología: revista de psicología y ciencias afines*, v. 2, n. 1, 2008, pp. 1-9.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GLUCKMAN, Max. “Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna” In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Complexas*. São Paulo: Ed. Global, 1986.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GORMAN, E. Michael & NELSON, Keith. “From a far place: social and cultural considerations about HIV among midlife and older gay men”. In: HERDT, Gilbert & DE VRIES, Brian (Ed.) *Gay and lesbian aging: research and future directions*. New York: Springer Publishing Company, 2004, pp. 73-93.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GUZIK, Alberto. *Risco de vida*. São Paulo: Ed. Globo, 1995.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Timothy McCajor. "Stories from the second world: narratives of sexual identity in the Czech Republic across three generations of men who have sex with men". In: HAMMACK, Phillip L. & COHLER, Bertram J. *The story of sexual identity: narrative perspectives on the gay and lesbian life course*. New York: Oxford University Press, 2009, pp. 51-77.

HEATH, Kay. *Aging by the book: the emergence of midlife in Victorian Britain*. Albany: State University of New York Press, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. [Tese de Doutorado em Antropologia Social]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2014.

HERDT, Gilbert H. "Semen transactions in Sambia culture". In: _____. *Ritualized homosexuality in Melanesia*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1993, pp. 167-210.

LA DEHESA, Rafael de. *Queering the public sphere in Mexico and Brazil: sexual rights movements in emerging democracies*. Durham: Duke University Press, 2010.

LACOMBE, Andrea. *Para hombre ya estoy yo: masculinidades y socialización lésbica en un bar del centro de Río de Janeiro*. Buenos Aires: Ides/Centro de Antropología Social, 2006.

LE BRETON, David. *En souffrance: adolescence et entrée dans la vie*. Paris: Métailié, 2007.

LOBERT, Rosemary. *A palavra mágica: a vida cotidiana dos Dzi Croquettes*. Ed. Unicamp, 2010.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. "Em defesa do gueto". *Estudos Cebrap*, v. 2, n.1, pp. 53-60, 1983.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "A antropologia urbana e os desafios da metrópole". *Tempo Social*, n. 15, pp. 81-95, 2003.

_____. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. (org.) *Karl Mannheim*: Sociologia. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*: sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MELLO, Luiz. *Novas famílias*: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual*: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Booklink/NECVU/IFCS/UFRJ; LeMetro/IFCS/UFRJ, 2007.

MOTA, Murilo Peixoto da. “A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos”. *Bagoas*, n. 7, pp. 199-222, 2012.

MOTT, Luiz. *A cena gay em Salvador em tempos de AIDS*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000.

MURRAY, Douglas. *Bosie*: a biography of Lord Alfred Douglas. New York: Miramax Books, 2000.

NATIVIDADE, Marcelo. “Homossexualidade, gênero e *cura* em perspectivas pastorais evangélicas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 16, pp. 115-132, junho de 2006.

NEWTON, Esther. *Mother camp*: female impersonators in America. London: University of Chicago Press, 1972.

OLIVEIRA, Leandro. *Gestos que pesam*: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares [Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva]. Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

_____. *Os sentidos da aceitação*: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo. [Tese de doutorado em Antropologia Social]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

PALOMINO, Erika. *Babado forte*: moda, música e noite na virada do século 21. São Paulo: Mandarim, 1999.

PARK, Robert. “A cidade: sugestões para investigação social no meio urbano”. In: VELHO, Otávio G. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp. 25-66.

PARKER, Richard. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. “Velhice, homossexualidades e memória: notas de campo no Pantanal sul-matogrossense”. In: _____. *(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual – Cursos da vida e gerações*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013, pp. 121-138.

PENTEADO, Darcy. “Homossexualismo: que coisa é essa?” *Lampião da Esquina*, p. 2, junho de 1978.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. “Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial”. *Análise e conjuntura*, v. 6, n. 3, pp. 109-127, 1991.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. *O que é AIDS*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na rua gay de São Paulo* [Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais]. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2013.

PLUMMER, Kenneth. *Sexual stigma: an interactionist account*. London: Routledge, 1975.

REIS, Ramon Pereira dos. *Encontros e desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém* [Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2012.

_____. “Fluxos e Contrafluxos: descentralizando sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo”. In: Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura: Práticas, pedagogas e políticas públicas, 2014. pp. 1-14.

RICH, Adrienne. “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”. *Bagoas*, n. 5, pp. 17-44, 2010.

RUBIN, Gayle. “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”. In: ABELOVE, Henry, BARALE, Michèle A. & HALPERIN, David M. (orgs.). *The lesbian and gay studies reader*. London & New York: Routledge, 1993, pp. 3-44.

SAGGESE, Gustavo. “Homossexualidade masculina e discriminação homofóbica: considerações sobre dois campos de pesquisa”. In: PASSAMANI, Guilherme R. *(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual – O combate à homofobia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012, pp. 105-116.

_____. “Homossexualidade masculina, mudança social e geração: observações de um campo em curso”. In: PASSAMANI, Guilherme R. *(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual – Cursos da vida e gerações*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013, pp. 107-119.

_____. *Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais* [Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva]. Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Vintage Books, 1993.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

SCOTT, Joan. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, pp. 21-55

SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A epistemologia do armário”. *Cadernos Pagu*, n. 28, pp. 19-54, 2007.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life*. London & New York: Routledge, 2002.

SILVA, Carolina Parreiras. *Sexualidades no pontocom: espaços e sociabilidades a partir de uma comunidade on-line* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SILVA, Marco Aurélio. *Se manque!:* uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

SIMMEL, Georg. “A carta: por uma sociologia do segredo”. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 1, n. 3, pp. 425-429, dezembro de 2002.

_____. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *George Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1983, pp. 165-181.

SIMÕES, Julio Assis. “Corpo e sexualidade nas experiências de homens gays em São Paulo”. In: TRENCH, Belkis & ROSA, Teresa E. Costa. (orgs.): *Nós e o outro:*

envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011, pp. 119-138.

_____. “Gerações e identidades homossexuais entre homens: narrativa, tempo, diferença”. In: Anais do X Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2013.

_____. “Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447.

SIMÕES, Julio Assis & FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Julio & FRANÇA, Isadora Lins. “Do gueto ao mercado”. In: GREEN, James & TRINDADE, RONALDO (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005, pp. 309-336.

SIMÕES, Julio, FRANÇA, Isadora Lins & MACEDO, Marcio. “Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo”. *Cadernos Pagu*, n. 35, pp. 37-78, 2010.

SONTAG, Susan. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TRILLING, Lionel. *Sincerity and authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

TURNER, Victor W. *The ritual process: structure and anti-structure*. Harmondsworth/Ringwood: Penguin Books, 1974.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. “Observando o familiar”. In: _____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, pp. 123-132.

VELHO, Gilberto & MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. “Organização social do meio urbano”. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). *Anuário Antropológico 76*. Rio de Janeiro: Tempo Social, 1977, pp. 71-82.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo”. *Mana*, v. 8, n. 1, pp. 113-148, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. “A política como vocação”. In: _____. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2000, pp. 55-124.

WEEKS, Jeffrey. “The meaning of diversity”. In: _____. *Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities*. London: Routledge, 1985, pp. 210-245.

WESTON, Kath. *Families we choose: lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press, 1991.

WHITAM, Frederick L. “Os entendidos: gay life in São Paulo in the late 1970s”. In: MURRAY, Stephen O. *Latin american male homosexualities*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995, pp. 231-240.

YOSHINO, Kenji. *Covering: the hidden assault on our civil rights*. New York: Random House, 2006.

ZAMBONI, Márcio Bressiani. *Herança, distinção e desejo: homossexualidades em camadas altas na cidade de São Paulo* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria*. [Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva]. Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

APÊNDICE – PERFIL DOS INTERLOCUTORES

Nome	Local de nascimento	Idade à primeira entrevista	Profissão	Escolaridade	Cor/raça autoatribuída	Data da entrevista
Thomaz	São Paulo (interior)	58	Professor de Português aposentado	Superior completo	Branco	24/01/2011 e 01/12/2011
Ronaldo	São Paulo (capital)	47	Advogado	Superior completo	Branco	19/05/2011 e 27/10/2011
Antônio	São Paulo (capital)	51	Administrador de empresas	Superior completo	Branco	23/05/2011 e 07/01/2012
Wilson	Sudeste (capital)	57	Editor	Superior completo	Misturado	31/10/2011 e 09/11/2012
Alfredo	São Paulo (interior)	58	Jornalista	Superior completo	Branco	02/11/2011 e 12/11/2012
Roberto	São Paulo (interior)	46	Editor	Superior completo	Branco	07/01/2012 e 11/11/2012
Fernando	São Paulo (interior)	47	Professor de matemática e religião	Superior completo	Pardo	10/01/2012
Alcides	São Paulo (interior)	43	Coordenador de projetos	Superior completo	Não respondeu	18/01/2012 e 18/10/2012
Leandro	São Paulo (capital)	40	Biólogo	Superior completo	Branco	20/01/2012
João Pedro	Sudeste (interior)	50	Técnico em contabilidade	Técnico	Branco	26/01/2012
Samuel	São Paulo (capital)	41	Produtor de eventos	Superior incompleto	Branco	07/02/2012 e 22/10/2012
Felipe	São Paulo (interior)	39	Publicitário	Superior completo	Branco	03/04/2012 e 02/11/2012
Rodrigo	São Paulo (interior)	46	Médico	Superior completo	Branco	15/11/2012 e 26/04/2013
Cláudio	Grande São Paulo	48	Agente de viagens	Técnico	Branco	20/11/2012 e

						23/04/2013
Carlos Alberto	São Paulo (capital)	39	Jornalista	Superior completo	Branco	24/11/2012
Giuliano	São Paulo (capital)	40	Designer de interiores	Superior completo	Negro	24/11/2012
Guilherme	São Paulo (interior)	53	Geólogo	Superior completo	Branco	29/11/2012 e 12/06/2013
Eduardo	São Paulo (capital)	41	Terapeuta corporal	Superior completo	Branco	18/02/2013 e 23/07/2013
Henrique	São Paulo (interior)	51	Coordenador de projetos	Superior completo	Branco	08/03/2013 e 05/06/2013
Renan	Nordeste (capital)	55	Médico	Superior completo	Branco	15/03/2013